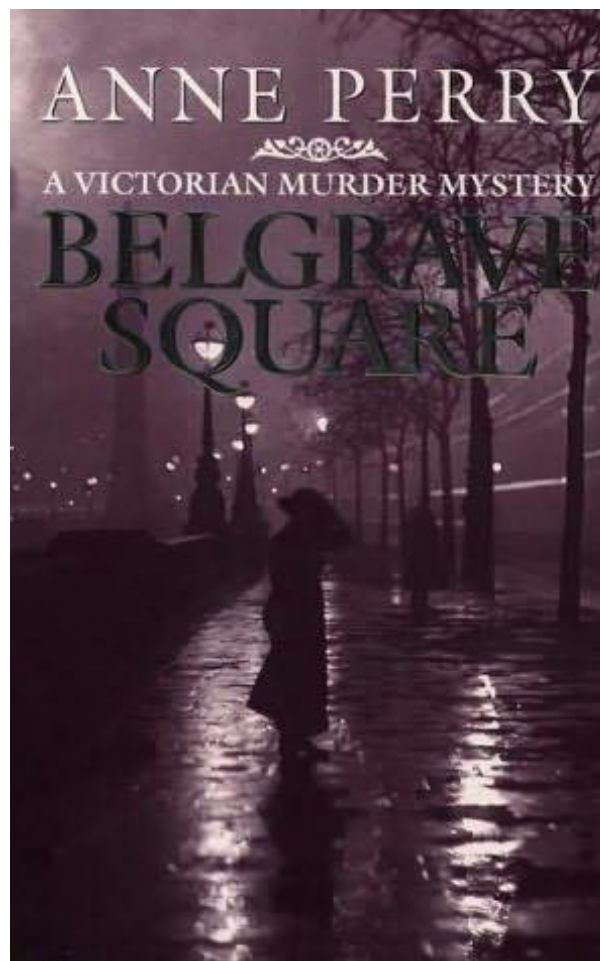




## Projeto Revisoras Traduções PRT



Anne Perry  
Série Thomas Pitt, Livro 12  
**Os Crimes de Cater Street**

## Informações

---

Autor(a): Anne Perry

Título da Série: Thomas Pitt

Título da Série Traduzido: Thomas Pitt

Livro, Título Traduzido: Livro 12, Chantagem em Belgrave Square

Título Original: Belgrave Square

Ano: 1992

## Sinopse

---

Quando William Weems, um sombrio prestamista, aparece assassinado não há lágrimas por sua morte, mas uma discreta alegria entre aqueles cujos escassos ganhos exauria sem piedade. Mas quando o inspetor Pitt encontra no escritório da vítima uma lista onde figuram alguns cavalheiros distintos de Londres, começa a compreender a magnitude do caso: Weems não só era um agiota mas também um perverso chantagista. Charlotte, a perspicaz esposa de Pitt, será a encarregada de esclarecer na alta sociedade londrina um vigamento de turvas paixões e vil avareza.

## Créditos

---

Disponibilização: PRT

Revisão Inicial: Edith Suli

Revisão Final: PDL

Formatação: PDL

Logo / Arte: Projeto Revisoras Traduções e PDL

## Sobre a Autora

---

**Anne Perry** nasceu em Blackheath, Inglaterra, em 1938. Sua escolarização foi interrompida em várias ocasiões pelas freqüentes mudanças de domicílio e sucessivas enfermidades, que ajudaram-na a dedicar-se à leitura apaixonadamente. Seu pai trabalhou como astrônomo, matemático e físico nuclear. Ele foi quem a animou a dedicar-se à escrever. Demorou vinte anos a publicar seu primeiro livro. Durante todo este tempo teve diferentes trabalhos para poder viver e dedicar-se ao que realmente era sua paixão: escrever. Sua primeira novela sobre a série do inspetor Pitt, editada em 1979, foi Crimes do Cater Street, publicada também nesta coleção. Anne Perry se consagrou como consumada especialista na recreação dos contrastes e ambigüidades da sociedade vitoriana. Sua série de novelas protagonizadas pelo inspetor Pitt e sua perspicaz esposa Charlotte é seguida por milhões de leitores em todo mundo.

## Capítulo 1

---

De pé sobre os degraus do rio, Pitt observava as esteiras de água que as barcas procedentes do porto de Londres deixavam atrás de si em sua viagem corrente acima. Era a hora do almoço. Em uma mão segurava uma caixa de enguias com geléia comprada no estabelecimento próximo à ponte do Westminster e na outra uma grossa fatia de pão. O sol de verão lhe esquentava o rosto e o ar era salgado e ligeiramente cortante. A suas costas, sobre no Aterro, ouvia o trote das carretas e as carruagens que trasladavam os cavalheiros ao distrito financeiro ou a seus clubes privados, e às senhoras a suas reuniões vespertinas para trocar cartões e fofocas e fazer acordos para o interminável torvelinho social da temporada.

O sentimento de horror e indignação pelos assassinatos do Whitechapel tinha amainado, embora as pessoas ainda falassem da incapacidade da polícia para apanhar ao pior assassino da história de Londres, a quem os jornais chamavam "Jack o Estripador". Naturalmente, o chefe de polícia tinha sido demitido. A rainha, enquanto isso, guardava luto em Windsor, como estava fazendo desde os últimos vinte e oito anos, mas a situação em geral ia a melhor. Pessoalmente Pitt nunca tinha sido tão feliz. Tinha uma esposa que amava e cuja amizade valorizava, e dois filhos sadios que dava gosto ver crescer. Era bom em seu trabalho, o qual lhe proporcionava ganhos suficientes para desfrutar de uma casa agradável e permitir-se algum ou outro luxo.

-Inspetor! -A voz soou alarmada e ofegante -. Inspetor Pitt, senhor! –O agente desceu pelos degraus ruidosos -. O senhor Drummond me enviou. Ele precisa vê-lo agora mesmo. É importante.

Pitt se voltou a contra gosto para o jovem e contemplou o rosto suarento e corado por cima da jaqueta de lustrosos botões. Temeroso de não ter completado a ordem com a rapidez devida, o olhar do agente refletia preocupação. Micah Drummond era o chefe da delegacia de polícia do Bow Street e um cavalheiro, e Pitt um inspetor que por fim começava a receber o reconhecimento que merecia.

Depois de comer as enguias, guardou-se a caixa de papelão no bolso e jogou a casca do pão na água para que fosse comida pelos pássaros. Imediatamente, com um forte bater de asas, jogou-se sobre ela um bando.

Obrigado, agente. Está em seu escritório?

-Sim, senhor. -O jovem se dispunha a acrescentar algo, mas mudou de Opinião -. Sim, senhor - repetiu enquanto seguia Pitt para o Aterro.

-Muito bem, pode voltar para seu posto- lhe ordenou Pitt, e a grandes passos pôs-se a andar para o Bow Street.

O sargento ficou aliviado ao vê-lo ir. Pitt foi direito ao escritório do Drummond e bateu na porta.

-Sim? -perguntou uma voz afiada por causa da espera.

Pitt entrou e fechou a porta. Drummond estava em pé, de frente para janela, vestido, como sempre, de forma impecável e com essa naturalidade dos nascidos com bom gosto e sem ostentação. Seu rosto longo e magro, não obstante, estava tenso, e a rigidez dos ombros denotava preocupação.

-Ah, Pitt, me alegro de vê-lo-. A calidez de seu sorriso se permutou em inquietação-. Disse ao Parfitt que lhe substitua no caso da fraude. Tenho algo mais importante para você. Um assunto delicado.

Ele hesitou um instante, como se estivesse pensando algo, o que era impróprio dele. Pitt lhe tinha por um homem franco que não gostava de bajulação ou evasivas. O fato de que lhe custasse encontrar as palavras adequadas indicava que se achava sob uma forte pressão.

Pitt esperou em silêncio.

Finalmente, Drummond falou.

-Há um caso de que quero que se encarregue-. Tinham trabalhado juntos com mútuo respeito e companheirismo, e Drummond deixou que isso guiasse agora seu discurso. -Um homem muito importante acaba de me telefonar, em nome de... da amizade que nos une.

Drummond vacilou levemente antes de pronunciar a palavra "amizade", mas Pitt o notou e agora percebia um ligeiro rubor em suas faces. Drummond se afastou da janela e ficou de frente à enorme escrivaninha forrada de couro.

-Ela me pediu que me encarregasse pessoalmente da investigação do caso - prosseguiu-, me adiantando assim à polícia e provavelmente aos jornais. Você é a pessoa ideal para liderar esse caso. De fato, tinha pensado em promovê-lo a casos políticos, e com possibilidades de converterem em políticos. Sei que recusou uma promoção anteriormente porque não queria trabalhar atrás de uma escrivaninha. -Sua voz se apagou.

Pitt queria ajudá-lo, mas ignorava tudo sobre o caso e não entendia por que Drummond mostrava um nervosismo tão impróprio dele.

-Contarei pelo caminho- disse Drummond dando de ombros.

Pegou seu chapéu e abriu a porta. Pitt assentiu com a cabeça e seguiu-o.

Uma vez na rua param um táxi, e logo depois de dar o endereço ao motorista Drummond começou a falar olhando para frente e o chapéu pendurado no joelho.

-Hoje recebi a chamada de lorde Sholto Byam, homem ao que conheço muito pouco, mas temos amigos comuns. Estava um pouco alterado porque acabava de descobrir que tinham assassinado a um tipo indesejável que ele conhecia-. Drummond respirou lentamente, o olhar ainda à frente-. Por motivos que logo nos explicará, teme que a polícia suspeite dele.

A mente do Pitt se encheu de perguntas. Como tinha descoberto lorde Byam sobre o assassinato? Era impossível que a imprensa já o tivesse publicado. Como chegou a conhecer um homem dessa índole? E por que ia a polícia suspeitar dele? Mas mais o surpreendia esse nervosismo de Drummond que raiava ao sobressalto. A brevidade com que falava delatava um discurso preparado de antemão, e o tinha soltado sem desviar do tema nem olhar uma só vez ao Pitt para ver sua reação.

-Quem é a vítima, senhor? -perguntou por fim.

-William Weems, um agiota de pouca expressão que vivia no Clerkenwell.

-Onde o acharam?

-Em sua casa da rua Cyrus, com um tiro na cabeça.

Drummond fez uma careta. Pitt sabia que ele detestava armas de fogo.

-Dirigimo-nos ao oeste- observou. Clerkenwell esta para o leste.

-Vamos a Belgravia, a casa de lorde Byam- explicou Drummond. -Quero que conheça tudo o possível sobre o caso antes de ir a Clerkenwell. Já é bastante difícil tirar a investigação da outra delegacia de polícia para que por cima você vá desinformado.

-Quem é lorde Sholto Byam, senhor?

Os Byam são uma família muito distinta que leva várias gerações ao serviço da Câmara de comércio e do Ministério de Assuntos Exteriores. Muito dinheiro, como pode imaginar. O atual lorde Byam tem um cargo no Ministério da Fazenda, concretamente no departamento de créditos estrangeiros e alianças comerciais. É um homem brilhante.

-Como é possível que conhecesse um agiota de pouca expressão?-perguntou Pitt com todo o tato de que foi capaz.

-Drummond esboçou um débil sorriso.

-Ignoro-o. Para isso vamos a Belgravia, para averiguá-lo.

Pitt guardou silêncio. A mente lhe fervia de perguntas e dúvidas. Com trote enérgico, a carruagem deixou atrás a Rua Eccleston, cruzou a Praça Eaton, e seguiu pela Belgravia

Place, landeando duas carruagens com brasões sobre as portas. Era o início da temporada social e toda a gente importante saía a passear.

-Publicaram nos jornais?- perguntou Pitt por fim.

Drummond sorriu com ironia, pois sabia aonde ele queria ir.

-Não, e duvido que o façam. Que importância tem um agiota mais ou menos?

Não se trata de um assassinato espetacular, mas sim de um simples tiroteio em um escritório do Clerkenwell perpetrado por uma pessoa ou pessoas desconhecidas-. Drummond mudou ligeiramente de postura. -Suponho que o uso de uma arma de fogo lhe dá um caráter incomum. Pouca gente possui uma arma de fogo. Mas é a única coisa que vale a pena ser mencionada.

-Nesse caso, como é possível que lorde Byam se inteirasse do assunto tão rapidamente?

Drummond olhou de novo à frente.

-Tem amigos na polícia...

-Entendo que tenha amigos na Belgravia, mas no Clerkenwell?

-Isso parece.

-E por que a polícia do Clerkenwell acredita que lorde Byam podia estar interessado no assassinato de um agiota?

-Não sei- respondeu Drummond com gravidade-. Só me ocorre que alguém conhecesse a relação do Byam com esse homem e decidisse avisá-lo.

Pitt optou por deixar o assunto para mais tarde, e fez o resto do trajeto em silêncio. Finalmente a carruagem se deteve na ensolarada e frondosa Praça Belgrave, e desceram. As casas, de pedra clara e estilo georgiano, eram enormes, com portais flanqueados por colunas dóricas, corrimões de ferro forjado e balcões transbordantes de plantas.

Drummond subiu lentamente a escadaria do número 21 com o queixo alto e as costas retas. Pitt seguia a dois passos de distância, desajeitado, os bolsos repletos, a gravata muito frouxa e o chapéu torto. Só as botas, presente de sua cunhada, apareciam impecáveis e formosas.

Abriu a porta um lacaios possuidor da arrogância previsível em um bairro como esse. Ao ver Drummond formou sua opinião, tal como exigia seu ofício.

E ao ver Pitt trocou de parecer, e sua intenção de fazer uma reverência se esfumou.

-Que deseja senhor?- perguntou desconfiado.

-Sou Micah Drummond. Lorde Byam me espera.

-E o outro cavalheiro?- O lacaios mal arqueou as sobrancelhas, mas seu semblante

era uma deliciosa mescla de aversão e forçada cortesia.

-Você mesmo o disse- respondeu Drummond com frieza. -É um cavalheiro e me acompanha. Asseguro-lhe que para lorde Byam bastará isso. E agora, rogo-lhe que informe de nossa chegada.

-Sim, senhor.

O laçao cedeu e convidou-os a entrar. O espaçoso vestíbulo mostrava uma decoração antiquada, essa simplicidade característica do último período georgiano que nada tinha que ver com a atual moda recarregada. As paredes eram escuras e simples e a madeira branca. Sobre a mesa de mogno, de estilo Adam, descansava

um grande vaso cheio de rosas cujos tons avermelhados e dourados se refletiam na rica madeira. A opinião do Pitt com respeito à lorde Byam melhorou imediatamente.

Ou era obra de lady Byam?

O laçao convidou-os a passar à sala de visitas e se ausentou para informar ao senhor de sua chegada. Em pouco tempo voltou e os conduziu à biblioteca, onde lorde e lady Byam os esperavam envolvidos pela cascata de sol que entrava pela janela. Ele se achava de pé no meio da sala. Era magro, um pouco acima da estatura média, moreno, com as têmporas encanecidas e um rosto sensível, quase sonhador, iluminado por uns magníficos olhos negros. era preciso uma segunda olhada para reparar em sua determinação, em sua dura mandíbula e o brilho de sua pele. Estava visivelmente nervoso. Esfregava as mãos e tinha o pescoço tenso.

Lady Byam, também morena, estava a sua direita e quase lhe igualava em estatura, mas o equilíbrio de suas feições era menos vivo, menos apaixonado, menos reflexivo, ou pode ser que simplesmente o ocultasse.

-Ah, Drummond!

O rosto do Byam se relaxou, como se só a presença do Micah Drummond bastasse para aliviá-lo. Depois olhou ao Pitt com expressão interrogativa.

-Boa tarde, lorde e lady Byam- disse Drummond, dando prioridade à saudação. Era um costume tão arraigado nele que o fazia sem pensar. -Trouxe o inspetor Pitt para nos economizar uma segunda visita. Além disso, é preferível que ouça o relato de primeira mão e faça as perguntas que considere necessárias. É meu melhor homem para uma investigação tão delicada.

Byam contemplou suspicazmente Pitt, que, enquanto isso, observava-o com interesse. Talvez o nervosismo de Drummond e a situação lhe tinham inclinado para o pré-julgamento, mas o homem que tinha diante não era como o tinha imaginado. Seu rosto



denotava imaginação, sutileza e uma inteligência aguda, e possivelmente até um considerável senso de humor.

Drummond se negou a dar mais explicações sobre a presença de Pitt. Não era nenhum produto à venda. Havia dito suficiente e Byam podia aceitá-lo ou procurar ajuda em outra parte. O homem aceitou o gesto sem pigarrear.

-Nesse caso, agradeço-lhe que tenha vindo- disse ao Pitt, e se voltou para sua mulher. -Eleanor, querida, não há necessidade de que se torture escutando tudo outra vez. Obrigado por ter esperado comigo a chegada do Drummond.

Eleanor sorriu compreensivamente e aceitou sua despedida. Talvez fosse certo que conhecia a história e que podia angustia-la o escutá-la de novo.

Drummond fez uma leve reverência. Lady Byam inclinou a cabeça, saiu com passo elegante e fechou a porta atrás de si.

Byam convidou-os a sentar-se, coisa que Pitt e Drummond aceitaram por educação, embora ele parecece incapaz de acalmar-se. Caminhou pelo tapete Chinês, e sem esperar ser perguntado, começou a explicar por que os tinha feito vir.

-Esta manhã um amigo da delegacia de polícia do Clerkenwell... - Lorde Byam cravou o olhar no chão para ocultar seu rosto. Tinha os dedos cruzados sobre as costas. - Um homem a quem fiz um pequeno favor- deu meia volta e continuou andando com a cabeça encurvada- me contou que o corpo de um tal William Weems tinha aparecido sem vida em sua casa da rua Cyrus, por causa de um tiro. Ainda ignoram de que tipo de arma de fogo se trata, só que tinha o calibre grande e que o disparo se produziu de uma distância muito curta. Talvez se trate de uma escopeta de caça.

Drummond abriu a boca, possivelmente para perguntar por que supunha alguém que Byam podia estar interessado na morte do Weems, ou possivelmente para sugerir que deixasse a um lado os detalhes legistas -os quais lhes seriam melhor expostos na delegacia de polícia Clerkenwell- e se detivesse a sua conexão com o caso. Byam se achava de perfil, com o olhar fixo nos livros de couro estampados em ouro da biblioteca, e finalmente Drummond calou.

-Em qualquer outro caso teria sido um crime sórdido e teria limitado a lamentar-me- prosseguiu Byam com visível esforço, virando de novo sobre os calcanhares e pondo-se a andar para a mesa do fundo-. Mas resulta que conheço o Weems.

Conheci-o sob circunstâncias extremamente desagradáveis e através de uma criada com a que ele tinha certa relação. -deteve-se e endireitou um adorno. -Weems conhecia minha lamentável participação em um trágico acontecimento e me estava chantageando-.

De costas a eles, deteve-se. Estava rígido e o sol brilhava sobre seu cabelo e sua jaqueta, lhe dando um ar poeirento.

Acomodado no sofá de couro verde, Drummond tinha expressão de estupor. Pitt supôs que tinha imaginado algo relacionado com uma briga ou, quando muito, com uma dívida.

-Em troca de dinheiro? -perguntou com calma.

-Evidentemente -respondeu Byam. -Sinto muito. Sim, em troca de dinheiro. Por fortuna, não queria favores de outro tipo.

Fez-se silêncio e nem Pitt nem Drummond tentaram rompê-lo. Byam continuava de costas a eles.

-Suponho que agora me perguntarão que assunto era esse pelo que estava disposto a pagar a um homem como Weems para comprar seu silêncio. Têm direito, a saber, se forem me ajudar-. Respirou profundamente. -Vinte anos atrás, quando ainda estava solteiro, passei uma temporada na casa de campo de lorde Frederick Anstiss e Laura, sua esposa-. A voz, formosa e bem modulada, soava

Rouca. -Anstiss e eu éramos bons amigos e posso dizer que ainda o somos-. Engoliu em seco. -Mas naquela época éramos como irmãos. Tínhamos muitos interesses em comum, de índole intelectual e também mundana, como a caça, os cães e a criação de cavalos.

O relógio situado sobre a lareira anunciou a meia hora e Pitt se sobressaltou.

-Lady Laura Anstiss era a mulher mais formosa que tinha visto em minha vida - continuou Byam. -Tinha a tez tão branca como o lírio. De fato, um artista que pintou seu retrato o intitulou A margarida. Jamais conheci uma dama de gestos tão elegantes. - Titubeou. Custava-lhe achar as palavras com que reabrir uma ferida tão velha e íntima. - Fui um inconsciente. Anstiss era meu amigo e meu anfitrião e eu o traí. Só de palavra, não me interpretem mal. Nunca de fato!-Seu tom soou premente, como se fosse vital para ele que lhe acreditassem, e houve um timbre de franqueza que se destacou por cima de seu nervosismo.

Drummond murmurou algo inaudível.

-Suponho que pode dizer-se que lhe fiz a corte- prosseguiu Byam, contemplando os rododendros do outro lado da janela. -Agora mal o recordo, mas provavelmente passei com ela mais tempo do que o conveniente, e certamente lhe disse que era formosa. Porque o era, e muito. Só quando já era muito tarde me dei conta de que lady Anstiss me correspondia com uma paixão que ia muito além da que eu tinha fomentado.

Lorde Byam acelerou o ritmo de seu relato.

-Tinha-me comportado como um insensato e, o que é pior, havia traído a meu amigo e anfitrião. Minha irrefletida conduta me horrorizou. Tinha-me adulado o fato de que Laura se sentisse atraída por mim. Que homem nessa idade não teria sentido o mesmo. Tinha permitido que ela acreditasse que minhas atações significavam algo mais que um capricho, uma fantasia absurda. Apaixonou-se por mim e esperava um desenlace drástico-. Byam seguia de costas, -disse-lhe que o nós não tínhamos futuro e que moralmente era inaceitável. Achei que a tinha convencido, possivelmente porque eu estava convencido disso.

Deteve-se de novo, sua angústia era evidente.

-Mas lady Anstiss não podia aceitar- prosseguiu, desta vez com voz muito baixa. - Ninguém a tinha rechaçado antes. Até esse momento todos os homens que lhe tinham interessado, e muitos que lhe traziam sem cuidado, tinham sucumbido a seus encantos. Não posso dizer com certeza, mas acredito que meu rechaço desmoronou a imagem que tinha de si mesma-. Byam encurvou os ombros ainda

mais, como se procurasse um lugar quente e seguro. -Duvido que me quisesse tanto como dizia. Não fiz nada para provocar isso. Não foi mais que um flerte. Não houve grandes declarações de amor nem promessas. Simplesmente...- suspirou -eu gostava de sua companhia, e sua incrível beleza me tinha encantado, como teria ocorrido a qualquer homem.

Desta vez o silêncio se prolongou tanto que conseguiram ouvir as pisadas do vestíbulo e a voz do mordomo falando com uma criada. Finalmente, Drummond perguntou:

-O que ocorreu?

-Pulou de uma sacada- sussurrou Byam. -Morreu imediatamente-. cobriu o rosto com as mãos.

-Sinto-o- disse Drummond com voz rouca. -Sinceramente, sinto muito.

Byam levantou lentamente a cabeça, mas seu rosto continuava oculto.

-Obrigado-. A palavra lhe engasgou. -Foi espantoso. O lógico teria sido que Anstiss me tivesse expulso de sua casa e não tivesse me perdoado nunca-. Endireitou as costas e serenou. -Eu lhe tinha traído do pior modo. Devido a minha cegueira e estupidez, embora não intencionadas, Laura tinha morrido, e nem a inocência nem o remorso podiam mudar isso. -Inspirou profundamente e exalou com

um suspiro inaudível. Depois prosseguiu com tom menos emotivo. -Mas Anstiss fez o maior esforço que um homem pode fazer e me perdoou. Deixou que a dor que lhe causava

a perda de sua mulher fosse doce em lugar de permitir que o poluíssem a raiva ou o ódio. Decidiu considerar sua morte como um acidente, uma simples tragédia. Fez acreditar que sua mulher tinha saído de noite a sacada e que, em meio da escuridão, tinha escorregado e caído. Ninguém o pôs em dúvida. A morte da Laura Anstiss tinha sido um acidente. Enterraram-na, na cripta familiar.

-E William Weems? -perguntou Drummond. Não havia forma de ser diplomático.

Byam se voltou por fim. Tinha a expressão triste e um leve sorriso nos lábios.

-Veio ver-me faz dois anos e me disse que estava se relacionando com alguém que tinha servido na casa de lorde Anstiss, alguém que sabia que lady Anstiss e eu tínhamos sido amantes, e que ela tirou sua vida quando eu quis romper o idílio-. Aproximou-se do sofá. -Me surpreendeu que alguém soubesse que lady Anstiss tinha morrido em circunstâncias trágicas-. Deu ligeiramente de ombros. -Suponho que minha cara refletia o sentimento de culpa que ainda me embarga.

Finalmente tomou assento.

-Como é natural, neguei que fôssemos amantes. Talvez Weems me acreditasse, mas aparentou que não. -Seu sorriso se fez mais amplo e amargo. -Sem dúvida para me mostrar as poucas probabilidades que tinha de que a sociedade também me acreditasse. As pessoas pensariam que uma mulher tão bela e encantadora como Laura Anstiss não podia haver-se tirado a vida por algo tão corriqueiro como a ruptura de um flerte-. Cruzou as pernas. -Se estava tão afetada, tinha que tratar-se de uma grande paixão. Mas lhes asseguro que não o era. Estava tão longe de sê-lo que até soa ridículo. Mas quem o teria acreditado agora?— Byam olhou ao Drummond. -Teria sido minha ruína, e não quero nem pensar no que teria representado para minha mulher: olhares compassivos, cochichos, risinhos e portas fechando-se discretamente. Como é natural, cedo ou tarde me teriam destituido de meu cargo, sem explicação alguma, só com um simples murmúrio e a segurança de que o entendia.

-Tivesse sido a palavra do Weems contra a sua- indicou Drummond. -Quem ia acreditar ou inclusive escutar um homem como ele?

Byam estava muito pálido.

-Weems tinha uma carta, ou parte de uma carta para ser exatos. Eu não a tinha visto antes, mas era de Laura e ia dirigida a mim. Era uma carta muito clara.

Ruborizou-se e desviou o olhar.

-De modo que lhe pagou- disse Drummond.

-Sim. Não pedia muito, só vinte libras ao mês.

Pitt afogou um sorriso. Vinte libras ao mês superavam muito seu salário e o de qualquer outro policial, salvo aqueles como Drummond que dispunham de ganhos privados. Gostaria saber a opinião de Drummond sobre a enorme diferença que existia entre o mundo de Byam e o da maioria dos homens, e se, de fato, era consciente dela.

-Acredita que Weems conservava essa carta e os recibos dos pagamentos para poder relacioná-los com você?- perguntou Drummond com certa perplexidade.

Byam mordeu o lábio.

-Não só acredito, sei. Pôs especial cuidado em fazer-me saber para proteger-se. Disse que guardava recibos de todas as quantias que lhe tinha entregue, e ninguém teria acreditado que se tratava dos interesses de um empréstimo. Minha posição não me obriga a recorrer a um agiota. Deseja-se um empréstimo, não tenho mais do que ir ao banco, como qualquer outro cavalheiro. Não me dedico ao jogo e tenho meios mais que suficientes para viver de acordo com meus gostos. Não... - Olhou ao Pitt pela primeira vez. -Weems me deixou muito claro que guardava um recibo de cada pagamento, a carta, com todos os detalhes que conhecia sobre a morte de Laura Anstiss e o que ele chamava de minha implicação no caso. Por isso recorri a vocês em busca de ajuda. Eu não matei o Weems. De fato, jamais lhe fiz nada, nem sequer ameacei-o. Não obstante, estou seguro de que a polícia se veria obrigada a me investigar, e não posso demonstrar que estava em outro lugar nesse momento. Ignoro exatamente à hora em que Weems foi assassinado, mas ontem à noite passei pelo menos noventa minutos em minha biblioteca totalmente só, sem que ninguém me incomodasse. Não entrou um só criado-. Lançou uma olhada à janela. -E, como terão observado, é muito fácil saltar ao jardim e daí à rua para pegar uma carruagem.

-Certo- concordou Drummond.

Era perfeitamente possível. As janelas, longas e altas, e achavam-se a menos de um metro do chão. Um homem medianamente ágil, e inclusive uma mulher, poderia sair e entrar sem dificuldade e sem chamar a atenção. Bastava pôr a cabeça para assegurar-se de que ninguém passava nesse momento e depois entrar em questão de segundos.

Byam observava-os.

-Como verá Drummond, acho-me em um apuro. Em nome do companheirismo- disse, pondo ênfase nessa palavra -peço-lhe para mediar em favor de minha causa.

Diria-se que estava utilizando uma fórmula já estabelecida.

-Eu vou ... Eu vou fazer o meu melhor-, disse Drummond. -Pitt substituirá à polícia de Clerkenwell na investigação do caso. Tenho certeza de que pode ser feito.

Byam levantou a cabeça.

-Sabe a quem dirigir-se?

-Claro que sim- respondeu Drummond com certa irritação, e Pitt teve a sensação de que existia entre eles um entendimento tácito de que tinha sido excluído, como se as palavras ocultassem um significado que ele não podia compreender.

-Estou grato a você-. Byam voltou a olhar ao Pitt. -Se puder ajudá-lo em algo, inspetor, não duvide em me procurar. Mas se tiver que fazê-lo em meu escritório no ministério, agradeceria-lhe que atuasse com discrição.

-Não se preocupe- respondeu Pitt. -Me limitarei a deixar meu nome. Importaria-se em responder a umas perguntas agora, senhor? Desse modo me economizaria ter que incomodá-lo de novo.

Byam parecia desconcertado, mas não se negou.

-Se esse for seu desejo.

Pitt se inclinou para diante.

-Pagava ao Weems de forma regular ou quando ele o pedia?

-De forma regular. Por que?

Drummond mudou de postura e se reclinou sobre as almofadas.

-Se Weems era um chantagista, é provável que você não seja sua única vítima- observou Pitt. -Pode ser que utilizasse o mesmo método com outras pessoas.

Consciente de sua própria estupidez, Byam mostrou uma ligeira críspação.

-Compreendo. Sim, pagava-lhe o primeiro dia de cada mês com moedas de ouro.

-Como?

-Como?- repetiu Byam franzindo o sobrecenho. -Já odisse, com moedas de ouro.

-Em pessoa ou através de um mensageiro?- esclareceu Pitt.

-Em pessoa, é claro. Não era meu desejo despertar a curiosidade de meus criados enviando-os a um agiota com uma bolsa cheia de ouro.

-No Clerkenwell?

-Sim. Em sua casa da Rua Cyrus.

-Muito interessante.

-Seriamente? Não entendo por que.

-Isso significa que Weems não o temia, do contrário não teria permitido que conhecesse seu nome e endereço - explicou Pitt. -Não lhe teria custado nada agir através de um intermediário. Os chantagistas não costumam ser tão diretos.

A irritação do Byam aumentou.

-Sim, suponho que o proceder do Weems era incomum-concordou. -Não tinha pensado nisso. Parece uma imprudência desnecessária. Possivelmente houve uma vítima menos comedida que eu- disse com tom esperançado, olhando Pitt quase com agradecimento.

-Eram os dias de pagamento as únicas ocasiões em que visitava a Rua Cyrus, senhor? -perguntou Pitt.

Drummond abriu a boca, mas mudou de parecer e calou-se

-Certamente- respondeu secamente Byam. -Não tinha o menor desejo de ver esse homem a menos que estivesse obrigado a isso.

-Teve alguma conversa com ele que ainda recorde?- prosseguiu Pitt sem dar importância ao tom de seu interlocutor. -Disse-lhe algo que pudesse ter relação com sua fonte de informação ou com outra pessoa? Mencionou a outra pessoa importante que tivesse podido ter se relacionado com ele?

-Temo que não. Assim que lhe dava o dinheiro, partia. Esse homem era um sanguessuga desprezível. Não merecia que lhe desse conversa-. O rosto do Byam refletiu desprezo. Pitt deduziu que não só pelo Weems, mas sim por si mesmo. -Agora me dou conta de que devia fazê-lo. Lamento lhe ser de tão pouca utilidade.

Pitt se levantou.

-Não podia saber- respondeu com igual ironia. -Obrigado, senhor.

-O que pensa fazer?- Byam torceu o gesto, mas era muito tarde para retirar a pergunta. Sua fragilidade era evidente.

-Ir à delegacia de polícia de Clerkenwell- disse Pitt sem olhar ao Drummond, que se levantou lentamente.

Este e Byam se olharam em silêncio. Ambos pareciam querer dizer algo, mas nenhum o fez. Possivelmente existia entre eles um entendimento mútuo que não necessitava de palavras. Finalmente Byam lhe agradeceu e lhe estreitou a mão.

Depois deu ao Pitt o reconhecimento mínimo que exigiam as normas de cortesia.

Conduziu-os até a saída o mesmo lacaios, mas desta vez com uma atitude muito mais resseiosa.

Uma vez no cabriolé, se afastaram das tranquilas avenidas da Belgravia para emergir nas buliçosas ruas do Clerkenwell, Pitt procurou as respostas que necessitava para obter resultados satisfatórios.

-Senhor, a quem conhece para poder fazer-se com um caso da delegacia de polícia do Clerkenwell sem criar polêmica?

Drummond parecia desconfortável.

-Há perguntas que não posso responder Pitt- disse com o olhar à frente. -Terá que aceitar sem mais minha promessa de que pode fazer-se.

Trata-se da mesma pessoa que informou a lorde Byam da morte do Weems?

Drummond vacilou.

-Não, mas uma pessoa com os mesmos interesses, os quais he asseguro, são benéficos.

-A quem devo apresentar os informes?

-A mim.

-É possível que esse agiota fizesse chantagem a outros homens importantes.

Drummond ficou tenso. Parecia que não tinha pensado nisso.

-Suponho que sim- se apressou a dizer. -Rogo-lhe, Pitt, seja discreto!

Pitt sorriu.

-Não há trabalho mais discreto que varrer as indiscrições de suas senhorias, não lhe parece?

-Está sendo injusto, Pitt- disse Drummond com calma. -O homem foi uma vítima das circunstâncias. Elogiou a uma mulher formosa e esta se apaixonou por ele. Provavelmente a pobre criatura era de natureza frágil e melancólica e não pôde fazer frente ao rechaço. Compreende-se que lorde Byam deseje manter o assunto em segredo, não só por ele mas também pelo bem de lorde Anstiss. Não beneficiaria a ninguém voltar a remexer a tragédia depois de vinte anos.

Pitt não discutiu. Sentia lástima pelo Byam, mas lhe inquietava a segurança com que tinha recorrido ao Drummond e o modo em que lhe tinha manipulado para que se fizesse encarregado pelo caso. Mal tinham passado umas horas do achado do cadáver e Drummond já tinha retirado Pitt para assunto que tinha entre mãos e visitado o Byam. E agora iam a caminho do Clerkenwell para arrebatar o caso da polícia local.

Fizeram o resto do trajeto em silêncio. Ao Pitt não lhe ocorria nada interessante que dizer. Iniciar uma conversa por cortesia seria um insulto ao respeito que se professavam e Drummond, de todos os modos, parecia absorto em seus pensamentos, os quais, a julgar por seu rosto, estavam longe de serem tranquilizadores.

Na delegacia de polícia do Clerkenwell, Drummond, adiantando-se ao Pitt, apresentou-se e solicitou ver o delegado. Acompanharam-lhe ao primeiro piso enquanto Pitt esperava na recepção. Dez ou doze minutos mais tarde, Drummond retornou com a expressão carrancuda, mas mais serena. Olhou ao Pitt.



-Tudo arrumado. O caso é seu. O sargento Innes trabalhará com você. Mostrará-lhe o que averiguaram até agora e levará a cabo as pesquisas que você lhe ordenar. Me informe de seus progressos pessoalmente.

Pitt compreendeu perfeitamente. Também conhecia Drummond o suficiente para não duvidar de sua integridade. Se, se demonstrava que Byam tinha matado a seu chantagista, Drummond se sentiria aflito e envergonhado, mas não o defenderia nem tentaria ocultá-lo.

-Muito bem senhor- disse Pitt com um leve sorriso. -O sargento Innes já sabe que estará sob minhas ordens?

-Saberá nos próximos cinco minutos- respondeu Drummond com um brilho de humor nos olhos. -Se esperar aqui, não demora-rá para reunir-se com você. Por sorte se achava na delegacia de polícia ou possivelmente não fosse uma questão de sorte...- Drummond deixou a frase inacabada.

Essas coisas eram agora possíveis graças à invenção do telefone, um instrumento magnífico e algo inconstante que permitia a comunicação imediata entre as pessoas que o possuíam, como era o caso do Byam e, presumivelmente, de alguém da delegacia de polícia do Clerkenwell.

Drummond retornou ao Bow Street e Pitt aguardou na velha recepção pelo sargento Innes, que apareceu pouco depois dos cinco minutos prometidos. Pequeno e robusto, tinha um nariz enorme e um sorriso súbito que mostrava uma dentadura branca e torta. Pitt gostou dele desde o começo, e em seguida se deu conta da incômoda situação em que lhe tinham posto.

-Sou o sargento Innes -disse o homem com certa rigidez, não sabendo ainda o que pensar de Pitt, mas percebendo, por seu status, que não era a pessoa que tinha tramado que lhe tirassem repentinamente o caso.

-Pitt- respondeu este, lhe estendendo uma mão. -Lamento o ocorrido. Os poderes...

Não acabou a frase. Não se sentia autorizado para revelar mais detalhe ao Innes. Essa era, presumivelmente, a razão pela qual a delegacia de polícia do Clerkenwell não o tinha permitido levar sozinho o caso.

-Não se preocupe- disse o sargento. -Mas não entendo por que. É um dos casos mais comuns... por hora. Um agiota desprezível assassinado em sua casa-. fez expressão de asco. -Provavelmente quem o matou foi um pobre mendigo a quem estava espremendo, e que não pôde mais. Que ofício tão imundo. São uns vampiros!

Pitt estava de acordo com ele e se alegrou de faz-lo saber.

-O que averiguou? -perguntou.

-Não muito. Não houve testemunhas, mas claro, isso seria pedir muito.- Innes esboçou um afável sorriso. -Além disso, a usura é um negócio bastante clandestino. Quem quer que o mundo se inteire de que um porco como esse lhe está emprestando dinheiro? Terá que estar muito desesperado para ir a um agiota.- Pôs-se a andar para a porta e Pitt seguiu-o. – Será melhor que veja primeiro o corpo. Está no necrotério do final da rua. Depois podemos ir à rua Cyrus, onde ele vivia. Ainda não tive tempo para lhe dar uma boa revisão. Acabávamos de pôr mãos à obra quando um agente entrou a toda pressa na casa e nos disse que deixássemos tudo e voltássemos para a delegacia de polícia. Fechamos o edifício e deixamos um homem de guarda.

Pitt desceu a escadaria até a rua. O ar, ainda quente e pesado, desprendia um intenso aroma de excremento de cavalo. Pitt e Innes caminhavam cotovelo com cotovelo, o primeiro com suas passadas longas e tranquilas, o segundo com passo curto e vigoroso.

-Comecei a interrogar às pessoas do lugar- prosseguiu Innes, -e ninguém sabe nada, claro.

-Claro- concordou Pitt secamente. -Suponho que ninguém lamenta vê-lo morto.

Innes sorriu e olhou ao inspetor de soslaio.

-Nem sequer se incomodaram em fingi-lo. Muitas dívidas há aí que já não terão que pagar.

-Não tem herdeiros? -perguntou Pitt surpreso.

-Ninguém se declarou ainda como tal.

O semblante do Innes nublou. Seus sentimentos com respeito ao caso eram evidentes. Pitt não estranharia que os resguardos de alguns empréstimos permanecessem em mãos da polícia como prova importante do caso mais tempo do que o necessário. Em sua opinião, não lhe preocuparia que acabassem extraviando-se. Recordava a fome e o frio sofridos durante sua infância e compreendia perfeitamente o desespero que provocavam as dívidas. Era algo que não desejava a ninguém.

A rua fervia de mulheres carregadas com fardos de roupa e cestas de pão e verduras. Os vendedores ambulantes empurravam seus carrinhos de mão pela pavimentação, junto ao meio-fio das calçadas, anunciando suas mercadorias. Os camelôs, instalados nas esquinas, ofereciam fósforos, cordões, brinquedos de corda e outras quinquilharias. Um homem oferecia desde sua carreta memora fria para beber e se estava fazendo de ouro. Com versos vulgares, a voz cantarina de um pregoreiro recitava o último escândalo.

O necrotério era um lugar macabro. Antes de alcançar a porta já lhes assaltou um

intenso aroma de ácido carbólico. O zelador reconheceu ao Innes imediatamente, mas olhou ao Pitt com receio.

O sargento fez as apresentações e explicou a presença do inspetor.

-Suponho que quererão ver o Weems- disse o zelador com uma careta enquanto penteava o cabelo. -Desagradável- acrescentou, -muito desagradável. Me sigam, cavalheiros.

Voltou-se e conduziu-os até uma sala situada ao final do edifício. O chão era de pedra e as paredes de ladrilho, e havia duas enormes pias. No centro descansava uma mesa de pedra com uma canaleta conectada ao deságüe.

Nas paredes havia chamas de gás e do centro do teto pendia um lampião. Sobre a mesa, coberto com um lençol, apreciava-se a silhueta de um corpo.

Innes sentiu um calafrio, mas se manteve estoicamente imperturbável.

-Aqui está- disse o zelador animadamente-, o finado William Weems. De todos os cidadãos do Clerkenwell será o que menos terão saudades-. Aspirou. -Lamento cavalheiros, sei que não é de bom tom falar mal dos mortos. -Voltou a fumar.

Pitt notou o aroma da morte, a pedra úmida, o ácido carbólico e o aroma adocicado do sangue. Queria acabar com isso o quanto antes.

Levantou o lençol e contemplou o que restava de William Weems. Era um homem corpulento, e flácido agora que a rigidez tinha cedido. Os músculos do abdômen e as extremidades estavam relaxados, mas Pitt supôs que em vida deveriam ser bastante imponentes.

Era impossível escapar à causa da morte. Uma arma de calibre muito grande, carregada com balas soltas ou inclusive sucata, tinha-lhe tirado a metade esquerda da cabeça a queima roupa. Não ficava nada que desse uma idéia de seu antigo aspecto, nem orelha, nem face, nem olho nem entrada capilar. Pitt tinha visto muitos agentes enjoar e inclusive desmaiar por menos. Experimentou um nó no estômago e percebeu que Innes respirava fundo, mas se obrigou a recordar que, provavelmente, a morte tinha sido instantânea e que sobre a mesa só jazia a argila de um homem sem vida. Nem a dor nem o medo o habitavam agora.

Observou a metade direita da cabeça. As feições desse lado estavam intactas. Era possível fazer uma idéia de seu nariz largo e sua ampla boca. O olho verde-azulado de pesada pálpebra continuava aberto, mas seu aspecto era agora desumano. Pitt não tinha a impressão de que tivesse sido um rosto agradável, embora sabia que

era injusto julgar algo assim depois de uma morte, e mais ainda desta índole.

Envergonhou-se de si mesmo por sentir apenas lástima.

-Uma escopeta- disse Innes com uma careta. -Ou um desses aparelhos antigos que se carregam pela boca com toda classe de coisas, como partes de sucata. Horrível.

Pitt se voltou para ele.

-Está-me dizendo que não acharam a arma?

-Não, senhor. Ou pelo menos, isso acredito. Há uma velha espingarda na parede. Suponho que o assassino pôde utilizá-la e devolvê-la logo a seu lugar.

-Isso significaria que não levava a arma consigo- disse pouco convencido Pitt. -O que diz o médico?

-Não muito. Weems morreu ontem à noite, acredita que entre as oito e as doze. Provavelmente a morte foi instantânea. É difícil andar por aí com semelhante ferida. Ainda não sabemos a que distância lhe dispararam, mas a habitação não é grande.

-Imagino que ninguém ouviu nada- disse Pitt.

-Ninguém. -Innes esboçou um indício de sorriso-. Duvido que a gente do bairro se preste a nos ajudar. Não era um homem apreciado.

-Não sei de nenhum agiota que o seja. -Pitt lançou uma última olhada ao rosto pálido do finado e deixou que o zelador o cobrisse de novo com o lençol. -Suponho que lhe farão a autópsia, não?

-Sim, embora não sei para que-. Innes torceu o gesto. -Está claro como morreu.

-Quem o achou?

-Um tipo que se fazia de mensageiro e secretário. -O sargento enrugou o nariz por causa do mau aroma. -Se tiver terminado aqui, o que lhe parece se formos à rua Cyrus?

-Muito bem. -Pitt se afastou da pedra úmida, o ácido carbólico e da morte com uma profunda sensação de alívio. Agradeceram ao zelador e saíram ao calor, o pó, o ruído, os deságües e o esterco equino da rua. -Não tinha criada?

-Uma mulher que limpava e fazia o café pela manhã. -Innes

caminhava energicamente ao lado de Pitt-. Ao que parece viu luz no escritório e pensou que Weems estava acordado, assim, lhe preparou o prato e o deixou sobre a mesa. Depois gritou que o café da manhã estava preparado e não estranhou ao não receber resposta. Pelo visto Weems não era muito dado a agradecer-. O sargento afundou as mãos nos bolsos e alargou o passo para evitar uma monte de lixo. O sol ainda apertava. -Como é natural, quando lhe dissemos que tinha preparado o café da manhã a um homem morto, e que estava a uns metros de seu cadáver, quase que desmaia. Tivemos que lhe dar dois copos de gin para reanimá-la.

Pitt sorriu.

-Tinha algo interessante que dizer sobre o finado?

-Está claro que não era santo de sua devoção. Por outro lado, tampouco lhe guardava rancor nem havia discussões entre eles. Claro que, se tivesse havido, duvido que nos tivesse contado.

-Alguma visita interessante?

Pitt se esquivou de uma mulher bojuda que arrastava dois meninos.

-Quem sabe- respondeu Innes. -A gente não vai por aí anunciando aos quatro ventos sua visita ao agiota. Geralmente entram e saem pela porta de trás.

A casa do Weems estava desenhado para ser discreta, como correspondia a seu ofício. Pitt franziu o sobrecenho.

-É lógico. Teria espantado a muitos clientes se seu negócio tivesse sido muito claro, mas por essa mesma razão teria esperado algum tipo de amparo-, detiveram-se no meio-fio, aguardaram a que se fizesse um espaço no tráfico e cruzaram a rua. -depois de tudo, devia ter muitos clientes descontentes. De fato, pode ser que muitos estivessem desesperados. A quem recebia pelas noites, quando estava só?

Innes lhe proporcionou a resposta óbvia.

-Gente a quem não temia. A questão é, por que não tinha medo? Porque supunha que estava protegido? Porque pensava que a pessoa não era perigosa?- O sargento fungou. -Acaso estava esperando uma pessoa diferente? Tinha alguém jurado? Quantas mais voltas lhe damos, mais interessante fica.

Pitt teria gostado de estar de acordo, mas sua mente ainda retinha a elegante figura de lorde Byam. Podia esperar Weems que um alto cargo do Ministério da Fazenda cometesse um assassinato por vinte libras ao mês? Dificilmente. E se pensava fazê-lo, teria feito isso a princípio, não dois anos depois.

Esta certo- disse. -E o mensageiro que faz as vezes de secretário? Que classe de homem é?

-Vulgar e comum-. Innes sacudiu a cabeça-. Um homenzinho grisalho que sempre anda entrando e saindo dos becos ou correndo pelos meio-fios das calçadas de todo Clerkenwell. É essa classe de tipo de quem nunca se lembra embora se tente. Nunca sabe se, se trata de quem se está procurando ou de outro como ele. Seu nome é Miller, mas lhe chamam Camundongo, não sei por que, talvez porque é um covarde-. Torceu o gesto. - Mas me parece um homem ardiloso, desses que evitam brigas que sabem perdas de antemão.

-Em Londres há meio milhão de homenzinhos que se encaixam nessa descrição- observou Pitt enquanto passavam junto a um grupo de mulheres que discutiam a gritos por uma cesta de peixe.

A carruagem de um cervejeiro avançava magestosamente puxada por cavalos resplandecentes de rédeas lustrosas, o homem impecável e imensamente orgulhoso. Um mascate com avental de listas e chapéu negro e plano apregoava suas mercadorias sem mal deter-se para tomar ar.

Viraram na Rua Compton e entraram na Rua Cyrus. A poucos metros Innes se deteve para falar com um agente de guarda na calçada. O homem ficou firme e olhou à frente. Levava o uniforme impecável, os botões brilhantes, e o capacete descansava muito direito sobre sua cabeça.

Innes fez as apresentações.

-Senhor!- disse o agente. -Ninguém entrou nem saiu do edifício desde que estou aqui. Ninguém perguntou pelo senhor Weems. Suponho que correu o rumor, e as pessoas fazem ver que não o conheciam.

-Não estanho-disse secamente Pitt. -Os homens assassinados costumam ser pouco apreciados, salvo por quem quer dar-se a conhecer. Não obstante, duvido que a gente daqui deseje essa classe de atenção, e ainda menos as pessoas que realmente não o conheciam. Os amigos do Weems não quererão agora ter a um homem como ele entre seus conhecidos, e seus inimigos tentarão tornar-se invisíveis. Como bem diz, a notícia já teria corrido. Será melhor que entremos e lancemos um olhar ao aposento onde se produziu o assassinato.

-Muito bem, senhor- disse Innes, indicando o caminho.

A zona frontal da casa parecia a loja de um farmacêutico, mas além das fileiras de frascos e garrafas poeirentas havia uma porta muito sólida para um negócio desse tipo. Estava aberta e virou suavemente sobre suas dobradiças, mas uma vez no corredor Pitt se voltou e reparou nos sólidos ferrolhos que a cobriam. Seriam precisos

vários homens e um aríete para derrubar essa porta. Williams Weems vivia bem protegido. Assim, quem tinha ganho confiança suficiente para entrar quando estava só?

O escritório se achava no primeiro piso e dispunha de uma agradável janela que dava à rua Cyrus. O cômodo, de três metros por quatro aproximadamente, tinha uma escrivaninha de carvalho com várias gavetas, uma poltrona, três armários e uma cadeira para as visitas. A porta do fundo provavelmente conduzia à cozinha e ao resto das habitações.

Ao que parecia, Weems se achava sentado na poltrona, frente à escrivaninha, quando recebeu o tiro. Havia sangue esparramado por toda parte, o qual, devido ao calor, contava já com a companhia de várias moscas.

Nas paredes pendiam três gravuras com motivos esportivos de valor desconhecido, um belo aquecedor feito de cobre e a espingarda que tinha mencionado Innes. Formosa peça de artesanato, a culatra era de metal lavrado e o cano estava tão lustroso que parecia liso. Pitt pegou a arma segurando-a por debaixo e com um lenço, para não apagar as possíveis marcas, que iam desde fios de tecido até manchas de sangue. Examinou-a, virando-a uma e outra vez.

Possuía um belo equilíbrio. Olhou pelo cano e o farejou.

Cheirava a limpador de metais. Finalmente segurou o espingarda como se fosse disparar e apertou o dedo apontando para o chão. Não ocorreu nada.

-O percussor foi limado- disse ao fim. -Sabia?

-Não, senhor. Não o tocamos-. Innes parecia surpreso. -Mas então não pode ser a arma que o matou.

Pitt a examinou de novo. O percussor não brilhava. Não tinha sido limado ultimamente. Cobria-o uma pátina escura causada pelo passar do tempo.

-Não, não o é- disse, sacudindo a cabeça. -Só serve como adorno.

Devolveu-a a parede. Na prateleira inferior havia seis caxinhas, três de metal, uma de pedra, outra de ébano e uma de madeira. Três estavam vazias, uma tinha duas perdizes e as duas restantes continham alguns grãos de pólvora.

-Pergunto-me quando foi a última vez que estiveram cheias- comentou pensativamente. -Claro que de pouco nos serve sabê-lo sem uma arma.

Baixou a vista e reparou com surpresa na excelente qualidade do tapete, suave e de vivas cores. Levantou-a por um canto e viu o que esperava dezenas de nós diminutos em cada centímetro quadrado feitos à mão.

Achou algo?- perguntou Innes.

Unicamente que gastava muito em tapetes- respondeu. -A menos que alguém os desse como pagamento de uma dívida.

Innes arqueou as sobrancelhas.

Alguém por aqui? A gente que pede dinheiro a tipos como Weems não tem tapetes, e ainda menos de valor.

-É certo- concordou Pitt-, a menos que tivesse outra tipo de cliente, como algum cavalheiro que gastasse todo seu dinheiro no jogo. Pode ser que Weems gostasse dos

tapetes.

-Para isso teve que ir a sua casa- observou Innes. -E não imagino a nenhum cavalheiro disposto a receber ao Weems em sua casa.

Pitt sorriu.

-Eu tampouco. Será melhor que saiba, sargento. As altas esferas estão tão interessadas neste caso porque nosso senhor Weems também se dedicava à chantagem. Tinha contatos muito importantes através de um familiar dele que trabalhava de criada.

-Vá, vá. -Um brilho de satisfação iluminou o rosto vivo e inteligente de Innes-. Estava me perguntando isso, mas pensei que não podia dizê-lo. Não acostuma nos tirar das mãos casos como este. O que importa um agiota mais ou menos? Mas um chantagista é outra coisa. Acredita que o matou alguém a quem estava espremendo?

-Espero que não. Se assim fosse, armaria-se um escândalo- disse Pitt com súbita veemência. -Mas não é impossível.

-E imagino que não pode me dizer quem é.

-Não, a menos que não fique mais remédio.

-Supunha-o. -Innes estava bastante resignado e não lhe guardava rancor. Sabia que Pitt lhe tinha explicado até onde era permitido, pode ser que inclusive mais, e lhe estava agradecido por isso. -Em qualquer caso, deve ter sido alguém de quem Weems não tinha medo. Se estava chantageando a um personagem importante, com certeza que o teria tido.

Pitt sorriu.

-Weems deveria ter temido a sua vítima, fosse quem fosse.

-Uma parte de mim espera que não apanhem ao pobre diabo. Odeio aos chantagistas mais que aos agiotas. Eles são um bando de vermes.

Pitt concordou automaticamente

-Onde se achava quando morreu?

-Na poltrona, frente à escrivaninha, como se estivesse falando com alguém ou recebendo dinheiro. Não há dúvida de que o pegou de surpresa, pois tudo estava em ordem.

Pitt contemplou a cena do crime e tratou de visualizar ao enorme e satisfeito Weems reclinado em sua poltrona, olhando a quem quer que tivesse estado aproximadamente onde ele se achava agora. Era quase certo que o assassino tinha ido disposto a matá-lo. Pouca gente possuía armas de fogo, e certamente não passeava com elas por aí. Possivelmente a reunião foi civilizada a princípio mas algo mudou de repente,



possivelmente começou uma disputa ou o visitante tinha chegado ao ponto em que já não precisava fingir. Então tirou a arma de seu esconderijo e disparou. Mas onde se podia ocultar uma arma bastante grande para disparar semelhante tiro?

Olhou ao redor. Todas as gavetas estavam fechadas. Nada parecia fora do lugar, não havia nada quebrado nem torcido.

Como se lhe estivesse lendo o pensamento, Innes negou com a cabeça.

-Se revistaram o escritório, fizeram-no com muito cuidado- disse.

-Já o inspecionou?

-Ainda não. Tínhamo-nos concentrado na busca de testemunhas com a esperança de que alguma pessoa tivesse visto entrar ou sair a alguém. Mas, se assim foi, ninguém o confessou.

-E esse mensageiro? Miller?

-Nada, mas voltarei a tentar.

-Persevere. Possivelmente descobramos algo que valha a pena. Enquanto isso, revistaremos o lugar. Os papéis do Weems poderiam ser interessantes, não só pelo que dizem, mas sim pelo que não dizem.

-Acredita que o assassino levou os papéis relacionados com ele?- perguntou Innes.

-Eu o faria- disse Pitt enquanto abria a primeira gaveta da escrivaninha.

O sargento começou pelo armário que tinha mais perto e ambos trabalharam metodicamente durante uma hora. Innes achou cadernos repletos de nomes e endereços de gente do bairro onde apareciam cotadas, até o último penny, as quantidades emprestadas a um interesse exorbitante que aumentava implacavelmente, as devoluções feitas, as dívidas pendentes e a data em que deviam ser satisfeitas.

Também achou as contas relativas a gastos, compras e investimentos domésticos, os quais eram consideráveis.

Foi Pitt quem encontrou outra lista de nomes que continham somas muito mais elevadas cotadas ao lado, esta vez sem datas. E os endereços não correspondiam ao Clerkenwell nem a bairros similares, mas ao Mayfair, Belgravia e Hyde Park. Procurou o nome de Sholto Byam, mas não o achou. A lista era curta, muito curta para cometer semelhante engano.

-Achou algo?- Innes olhava-o com interesse.

-Outra lista- respondeu Pitt. -Ao que parece nosso Weems tinha uma segunda clientela, e muito diferente.

-Personagens importantes?

-Isso parece. Alguns nomes me parem conhecidos, e os endereços correspondem sem dúvida a bairros elegantes. Duvido que se trate de criados, em primeiro lugar porque as quantidades são muito elevadas e nenhum agiota em seus cabais emprestaria a um criado algo mais que uns xelins.

-Muito interessante-. Innes deteve o que estava fazendo.

-Muito-. Pitt repassou a lista. -Quase todas as somas foram já pagas. Só há três contas pendentes: Addison Carswell, da Rua Curzon, Mayfair; Samuel Urban, da Rua Whitfield, Bloomsbury; e Clarence Latimer, do Beaufort Gardens, Knightsbridge.

De repente calou-se. O nome de Samuel Urban lhe era familiar. Tinha que tratar-se de uma coincidência. O Urban que conhecia era inspetor de polícia da delegacia de polícia do Bow Street! Não, Urban não podia estar em dívida com um agiota como Weems. E ainda menos pela soma que figurava na lista, a qual superava o salário de dois anos.

-O que foi? -Innes olhava-o com ingenuidade. Era evidente que os nomees não lhe diziam nada.

-Uma destas pessoas é um companheiro- disse lentamente Pitt-. -Trabalha em minha delegacia de polícia.

Innes ficou atônito. Seu rosto era uma mescla de perplexidade e compaixão.

-Um dos nossos? Devia muito?

-Uma soma que eu demoraria dois anos em ganhar. E temos a mesma posição.

-Santo Deus!- exclamou Innes. -Conhece os outros dois?

-Não, mas teremos que investigá-los.

-Talvez por isso lhe deram o caso- disse Innes com uma careta. -Não só para proteger às pessoas importantes, mas para tirar do apuro a um dos nossos.

-Pode ser-. Dobrou a lista e a guardou no bolso. -Mas isso não é tudo.

-Achou algo nessa lista sobre seu cavalheiro?

-Não- respondeu Pitt enquanto abria a gaveta seguinte. -Se achar mais listas, me avise

-De acordo.

Reataram a busca. Não obstante, três horas mais tarde, depois de ter examinado até o último pedaço de papel, revistado por inteiro o escritório, o dormitório, a cozinha e o lavabo, girado o colchão e levantado o tapete, não tinham achado nada interessante. Terminaram na cozinha, contemplando com desolação a lareira apagada.

-Pode ver-se claramente que a senhora Cairns lhe fez o café da manhã e, ao ver luz- Innes indicou o escritório -supôs que estava levantado, gritou-lhe que a comida estava

preparada e partiu. Imagino que não o tinha em grande estima. Vive por aqui e provavelmente conhecia a reputação do Weems.

Pitt pensou na possibilidade de visitar pessoalmente à senhora Cairns, mas afinal chegou à conclusão de que Innes era um homem eficiente e não queria ofendê-lo repetindo o trabalho que ele já tinha feito.

-Sim-respondeu, contemplando distraídamente o aparador de madeira com as fileiras de pratos azuis e brancos.

-Só me ocorre que continuemos o rastro destas listas- continuou Innes com o olhar cravado em Pitt.

-No momento a mim também.

Pitt passou a revistar uma a uma as gavetas da cozinha mas em seguida se deteve. Tinha-o feito já duas vezes.

-Achou alguma pista sobre seu cavalheiro? -perguntou Innes com inquietação.

-Não, o que é de sobremaneira estranho, porque ele estava certo de que acharíamos algo. Por isso me enviaram. Weems lhe assegurou que guardava um recibo de todas suas transações a fim de proteger-se. -Pitt não mencionou a carta.

-Nesse caso, quem quer que matou ao Weems os levou. Receio, senhor, que seu homem o deixa muito negro.

-Mas se os levou, que sentido tinha nos chamar?

-Possivelmente não estava seguro de tê-los todos- sugeriu Innes.

-Por isso nos chamou e confessou sua relação com o Weems?-Pitt negou com a cabeça. -Não é nenhum idiota. Teria agüentado e aguardado que algo viesse à luz antes de nos chamar. Não, esse homem esperava que encontrássemos seu nome aqui.

-Talvez os buscou mas não os achou-. Innes estava se fazendo de advogado do diabo.

-Tem jeito este lugar de ter sido registrado?

-Não- reconheceu o sargento. -E se alguém levou algo, sabia onde encontrá-lo. Tudo estava em perfeita ordem quando entramos.

-Portanto, ou não havia nada aqui ou o assassino sabia onde estava e o levou.

-Não me ocorre outra possibilidade-. Innes franziu o cenho-. Mas é bem curioso.

-Temos um longo caminho à frente-. Pitt endireitou as costas e olhou para a porta. - Chegou a hora de fazer uma visita a alguns clientes do Weems.

-Sim, senhor. Pobres diabos.

## Capítulo 2

---

Charlotte Pitt estava muito atarefada. Sua irmã Emily, casada em segundas núpcias quando ainda não tinha transcorrido um ano desde que enviuvara, esperava agora um filho, fato que constituía um motivo de grande alegria para ela e seu marido Jack.

Mas como Jack se comprometera a apresentar-se como candidato ao Parlamento, a saúde inconstante de Emily constituía um autêntico problema. Sua primeira gravidez Edward tinha transcorrido com relativa normalidade, mas desta vez sofria náuseas e enjoos, e se via incapaz de suportar os atos sociais que devia aceitar e organizar se quisesse contribuir com o triunfo de Jack.

Assim, Charlotte tinha aceito o oferecimento de Emily, que consistia em uma ajuda econômica para contratar serviço doméstico complementar, vários vestidos de noite novos e maravilhosos e, a modo de empréstimo, três ou quatro jóias de Emily, cujo primeiro marido possuía um título e tinha sido muito rico. Em troca de tudo isso, Charlotte devia atuar como anfitriã em lugar de Emily ou com ela cada vez que a ocasião o requeresse.

Esta noite era uma dessas ocasiões. Emily jazia em sua habitação presa de um terrível enjôo, e era a noite do baile que tinha organizado para conhecer algumas das pessoas mais importantes para a campanha do Jack. A cadeira a que aspirava era um baluarte liberal protegido, e se conseguisse que o propusesse para a candidatura, estava seguro de ganhar a eleição, de modo que a competição era dura. Os conservadores levavam décadas sem ocupar esse banco.

O evento desta noite era tão importante que nessa mesma tarde Emily tinha enviado um laçao com uma carta para Charlotte e agora esta passeava pelo vestíbulo feito um molho de nervos, repassando cada detalhe por enésima vez.

Conferiu de novo os arranjos de flores que adornavam a escada, os vestíbulos, o salão e a mesa da sala de jantar. A comida tinha sido causa de grande nervosismo, mesmo que o planejamento fosse de Emily e a execução do cozinheiro e do pessoal da cozinha. Contudo, Charlotte se considerava a responsável por último.

As flores apareciam mescladas com toda classe de frutas e cobriam belamente o centro da mesa de um extremo a outro. Sobre o resto da superfície se empilhavam toda classe de manjares: bolachas salgadas, bolos e bombons, suflés de fruta, natas, gelatinas brilhantes e bolachas embebidas em vinho em pratos de cristal, empanadas de ostras, saladas de lagosta, bolos de vitela, salmão frio, bolos de aves de caça, e aves do curral

fervidas ou assadas. Estas últimas tinham sido devidamente trinchadas e atadas com uma fita de cetim branco para que os convidados pudessem servir-se com facilidade. A sopa era o único prato quente, e se serviria em taças para maior comodidade.

Naturalmente, também haveria xerez, vinho tinto, rosado e branco, ponche, salada de frutas e litros de champanha.

A orquestra húngara já tinha chegado e estava desfrutando de um ligeiro refrigério na sala de jantar do serviço antes de afinar seus instrumentos. Os lacaios vestiam seus uniformes e tinham o cabelo empoado, as luzes rosadas e prateadas da fachada estavam acesas e o jardim aparecia iluminado com lanternas de vivas cores.

À Charlotte não ocorria nada mais que fazer, e entretanto era incapaz de sentar-se ou relaxar. Eram perto das dez e ainda faltava uma hora para que chegassem os primeiros convidados.

Jack vestia seu traje de gala e se achava em seu escritório repassando a informação que lhe tinham entregue sobre os interesses políticos, os contatos e as esferas de influência de determinadas pessoas. Charlotte tinha tempo de sobra para subir para ver Emily e lhe assegurar uma vez mais que todo o mundo compreenderia sua ausência e que a noite seria um êxito terminante graças a seus dotes de organização.

Subiu lentamente pela escada de caracol com a saia recolhida para não pisá-la e percorreu a galeria adornada de flores onde, uma hora mais tarde, estaria recebendo aos convidados e justificando a ausência de Emily. Deus quisesse que recordasse os nomes que o laçao da entrada devia anunciar ou que os convidados tivessem a delicadeza de apresentar-se de novo.

Quando chegou ao patamar do segundo piso virou à esquerda em direção ao quarto de Emily. Bateu na porta e entrou. Emily jazia sobre a cama com um amplo penhoar azul esverdeado e o cabelo loiro sobre os ombros. Estava pálida e sorriu tristemente quando sua irmã se sentou na cama.

-Querida minha- disse Charlotte, -tem um aspecto horrível. Sinto seriamente.

-Passará- disse Emily com mais esperança que convicção. -Com o Edward não me encontrei tão mal. Algumas manhãs me levantava com náuseas, mas desapareciam antes das dez. Encontrava-se tão mal com a Jemima e Daniel? Se assim for, não percebi.

-Não- reconheceu Charlotte. -De fato, os primeiros dois ou três meses me encontrei-me melhor que nunca. Mas sua gravidez ainda é muito recente. Provavelmente o mal-estar só dure umas semanas mais.

-Umas semanas! Com tudo o que tenho que fazer!- Os olhos azuis de Emily se

encheram de espanto. -A temporada acaba de começar e devo oferecer bailes e recepções, e assistir às corridas do Ascott, a regata do Henley e a partida de críquet entre o Eton e Harrow, além de almoços, jantares e lanches intermináveis. Jack não ganhará se as pessoas pensarem que sua mulher é uma inválida. A competição é terrível. Fitz Fitzherbert é um candidato idôneo, e receio que debaixo desse encanto devastador se oculta uma grande astúcia.

-Não desespere-se antes do tempo- disse Charlotte para tranquilizá-la.-Estou certa de que o senhor Fitzherbert também tem seus problemas, o que acontece é que não os conhecemos. E de nós depende que não se inteire dos nossos. Deixemos que esta noite transcorra com êxito e na próxima semana possivelmente encontre-se melhor. Tudo está preparado. A mesa parece uma natureza morta holandesa. Dá pena tocá-la.

-E a orquestra? Chegou? Estão bem vestidos? Estão sóbrios?

-Claro que sim. Vestem um traje negro impecável com uma linda faixa azul. E sim, estão totalmente sóbrios, acredito. Pode ser que algum dos violinistas esteja um pouco alto, mas sua conduta é irrepreensível. Não tem do que preocupar-se, me acredite.

-Agradeço-lhe isso seriamente. Só lhe rogo que seja amável com todos. -

Emily pegou a mão de sua irmã. -Por muito néscios ou altivos que sejam, por muito discutíveis que sejam suas opiniões. Não podemos ofendê-los se quisermos que Jack triunfe. É novo no mundo da política. E às vezes as pessoas mais estranhas são as mais influentes.

Charlotte levou uma mão ao coração.

-Prometo-lhe que serei a viva imagem da discrição. Não expressarei nenhuma opinião indecorosa ou não solicitada, nem rirei de nada que não pretenda fazer rir.

Viu como sua irmã se tranquilizava e passava da incerteza à risada.

-Tampouco mencionarei que meu marido é da polícia-prosseguiu. -Sei que isso constitui um desastre social a menos que ocupe um cargo elevado e seja um cavalheiro de nascimento como Micah Drummond. E como Thomas não é nenhuma coisa nem outra, mentirei como um comerciante de cavalos.

O pai de Pitt tinha sido o guarda-florestal de uma propriedade. Pitt devia sua bela dicção ao fato de ter sido educado com o filho único da mansão, com o fim de lhe fazer companhia. Não era cavalheiro de nascimento, de sentimento nem de inclinação.

Charlotte, nascida em uma ambiciosa família de classe média, muito acima da classe trabalhadora mas por debaixo da aristocracia, tinha tido que aprender a arrumar-lhe com uma só criada e uma mulher que vinha duas vezes por semana para a limpeza mais

pesada. Tinha aprendido a cozinhar e cerzir, a gastar com moderação e a levar a casa com eficácia e inclusive certo prazer.

Emily, por sua parte, tinha aprendido a fiscalizar os trabalhos de uma enorme mansão em um bairro alto de Londres e do Ashworth Hall, a casa de campo onde passava alguns fins de semana e longos períodos fora da temporada social. Socialmente ambiciosa, em seguida tinha aprendido a ruborizar-se, a desenvolver o engenho e a exercer seus encantos. Construiu-se uma importante reputação, que

tinha sobrevivido apesar da prontidão de suas segundas núpcias, e estava decidida a utilizá-la para ajudar Jack a alcançar sua nova meta, afirmada depois das revelações feitas durante os assassinatos do Highgate Rise.

-Serei a viva imagem da discrição para todo mundo- disse Charlotte triunfalmente. - Embora me estale o espartilho no intento.

Emily riu.

-Seja especialmente amável com lorde Anstiss, por favor. Provavelmente seja o homem mais importante desta noite-. Adotou uma expressão grave. -Se alguém a tirar do sério, detenha-se antes de falar e pense na pobre moça e nas ruinosas habitações às que levou-a Stephen Shaw, e em dez mil como ela, doentes, famintas e transidas de frio porque seus senhorios não lhes arrumam os telhados nem os esgotos, e que não podem partir porque não têm aonde ir. Pensa que quer ajudá-las e será diplomática até com o diabo.

-Farei-o- prometeu Charlotte, lhe afastando suavemente o cabelo da fronte. -me acredite, não sou tão desenfreada nem indisciplinada como imagina.

Emily não disse nada, só baixou o olhar e sorriu.

Durante a seguinte meia hora falaram de moda e dos convidados que lhes agradavam e os que não. Charlotte alisou os lençóis, ajeitou os travesseiros e assegurou uma vez mais à Emily que seria discreta. Depois partiu para receber aos primeiros convidados.

Jack se reuniu com ela na escadaria de entrada. Era um homem atraente, possivelmente não no sentido mais tradicional. Tinha uns formosos olhos cinza escuro e pestanas pelas quais qualquer mulher teria matado, além de um sorriso arrebatador. O dia que Emily e Charlotte o conheceram o acharam excessivamente meloso. Mas esse receio se tornou pouco a pouco em respeito e carinho, pois Jack, quando se produziu o assassinato do marido de Emily e esta foi considerada suspeita, demonstrou ser amigo da coragem e o bom julgamento. Emily tinha demorado para aprender a lhe querê-lo, mas

agora já não duvidava de seu amor, e Charlotte se alegrava cada vez que pensava neles.

-Como vai?- perguntou Jack erguendo a vista para o quarto de Emily.

-Ficará bem- disse Charlotte. -Lhe prometo isso.

Jack tentou dissimular sua preocupação.

-Está preparada?

Admirou seu vestido, um presente de Emily que Charlotte jamais teria podido permitir-se. A cor, azul Prússia, combinava com seu cabelo avermelhado e sua tez melíflua. Sendo presente de Emily, o desenho era de última moda, decotado em frente e com uma saia assimétrica e sem anquinhas. As mulheres mais distintas levavam pouquíssimo cheio esta temporada e uma cauda muito elegante.

Jack tinha sido bastante providente para aprender algo sobre moda, e apreciou o vestido tanto por sua elegância como pelo muito que favorecia a sua cunhada. Mas sobretudo, pensou Charlotte, porque compreendia como a fazia sentir. Ele também tinha passado boa parte de sua vida sem dinheiro suficiente para vestir-se ou atuar como desejava.

Esboçou um largo sorriso, mas não disse nada. Não era preciso palavras.

Tinham chegado ao pé da escadaria quando um estalo continuado de cavalos anunciou a chegada dos primeiros convidados. Instantes depois as portas se abriram para dar passagem a um murmúrio de vozes e risadas, frufú de capas, martelar de saltos sobre o mármore e roçar de saias de seda e tafetá contra a balaustrada da escadaria. Os convidados subiram, aborrecidos por serem os primeiros, mas incapazes de dar marcha atrás. Simplesmente não era bem visto chegar como os primeiros. Quem ia agora reparar em sua chegada?

-Sir Reginald, lady West, é um prazer tê-los conosco- disse Charlotte com um sorriso radiante. -Sou a senhora Pitt. Por infelicidade a senhora Radley, minha irmã, sente-se indisposta, de modo que me tocou o privilégio de ocupar seu lugar e lhes dar a boas-vindas. Já conhecem meu cunhado, o senhor Jack Radley.

-Como está, senhora Pitt?- disse lady West com certa frieza, desconcertada ao não achar a quem esperava. -Espero que a indisposição da senhora Radley não seja nada sério.

-Absolutamente- assegurou Charlotte. Teria sido indecoroso mencionar a causa, mas podia insinuá-la. -É uma das provas pelas quais as mulheres têm que passar, e o fazemos de boa vontade.

-OH, compreendo-. Lady West se obrigou a esboçar um sorriso.



-Comunique-lhe meus mais ferventes desejos de que se recupere.

-É muito amável. Tenho certeza de que o agradecerá.

E dito isto, os West se aproximaram de Jack para saudá-lo e para que os acompanhasse à primeira sala, que tinha sido limpa para o baile. Charlotte se voltou para o seguinte casal, um jovem de aspecto dispéptico e cabelo vermelho e uma jovem vestida de rosa. No vestíbulo outro casal estava tirando a capa e olhando para cima.

Transcorreu meia hora antes de que chegasse o primeiro convidado que Charlotte conhecia por reputação e não pela meticulosa instrução de Emily, e outro quarto de hora antes de que divisasse com júbilo a figura alta, erguida e severa de lady Vespasia Cumming-Gould. Tia avó do primeiro marido do Emily, era desde há muitos anos uma das melhores amigas de Charlotte. Tia Vespasia tinha conspirado com Charlotte e Emily para ajudar a resolver muitos casos do Pitt, mediando com considerável instinto na detecção de crimes e, embora com menos êxito, na reforma de leis sobre condições sociais, tema pelo qual sentiam verdadeira paixão.

Se não fosse totalmente inaceitável, Charlotte teria posto-se a correr escadarias abaixo para lhe retirar a capa pessoalmente. Assim, teve que conformar-se murmurando umas palavras corteses a enorme mulher que tinha diante e algo igualmente agradável e corriqueiro a seu marido, que trazia uma faixa escarlate coberta de medalhas e condecorações. Disimuladamente, Charlotte observou por cima de seus ombros a lenta ascensão da Vespasia, a cabeça branca e bem alta, o diadema fulgurante, o vestido cinza com cristais como estrelas e uma cauda que media a longitude exata marcada pela moda.

-Boa noite, querida Charlotte- disse quando chegou frente a ela. -Devo supor que está suprimindo a Emily?

-Receio que esta noite não se encontra muito bem-. Charlotte fez uma leve reverência. -Lamentará muito não tê-la visto, mas para mim é um prazer ocupar seu lugar.

Sorrindo com satisfação, Vespasia inclinou a cabeça a modo de agradecimento, dirigiu umas palavras carinhosas ao Jack e se afastou para somar-se à multidão que se concentrava na primeira sala. Ao entrar se fez silêncio, as cabeças se voltaram e houve um murmúrio de admiração. Todo mundo conhecia a Vespasia. Cinquenta anos atrás tinha sido uma das grandes belezas da época, e inclusive agora, com oitenta anos, tinha uma estrutura óssea e um cabelo que despertava a inveja de muitas mulheres mais jovens. Ultimamente estava um pouco delicada, mas ainda segurava a cabeça como se levasse uma coroa e podia com seu olhar congelar um comentário impertinente de um desafortunado ofensor.

Charlotte experimentou satisfação e inclusive excitação ao ver tia Vespasia desaparecer entre a multidão. Com sua presença a noite adquiria um glamour e uma finalidade que ia muito além de um mero acontecimento social. Algo importante poderia acontecer.

Seguidamente saudou o senhor Addison Carswell e a sua mulher. Emily lhe tinha contado que era um magistrado muito influente, membro de um dos principais tribunais da cidade. De aspecto pouco singular, era de estatura média e um pouco corpulento. O cabelo, embora com boas entradas, ainda lhe crescia vigoroso do alto para baixo, mas sua cor era de um vago marrom. Tinha um bigode anão e umas faces bem barbeadas. Ao trocar com ele os típicos cumprimentos Charlotte reparou na força de seus traços e na inteligência de seus olhos. Era um rosto equilibrado e desprovido de maldade.

A senhora Carswell possuía uma constituição forte e robusta e um rosto bonito, de nariz reto, olhar firme e uma franqueza que delatava paz interior. Parecia a classe de mulher que carecia de engenho para trocar comentários com as damas mais elegantes da alta sociedade, mas que tampouco o necessitava para ser feliz. Seus interesses, provavelmente, concentravam-se em sua casa e sua família.

Acompanhando a seus pais vinham as quatro filhas Carswell, que foram apresentadas uma a uma. A maior, Mary Ann, vinha com seu marido, Algernon Spencer, um jovem grandalhão com muito cor para a moda atual, mas bastante apresentável. Mary Ann estava tão encantada como qualquer moça que tivesse conseguido casar-se com um bom partido e, para cúmulo, adiantando-se a suas irmãs.

As senhoritas Maude, Marguerite e Mabel, todas loiras, de tez rosada e bastante bonitas, eram muito parecidas para as distinguir com facilidade ou possuir uma individualidade memorável. As três fizeram uma elegante reverência, olharam modestamente por debaixo de suas pestanas e subiram para serem apresentadas a quem sua mãe escolhesse ou pudesse monopolizar e falar com encanto de temas triviais. Tinham bem aprendido o papel e se sabiam até o último olhar, sussurro, gesto de leque e movimento de saia. Sem dúvida as três achariam marido entre esta e a seguinte temporada, o que era imprescindível, pois duas temporadas era quanto a sociedade outorgava a uma jovem antes de dá-la por um caso perdido. Naturalmente, todas vestiam branco ou de uma cor próxima ao mesmo.

Nesta ocasião não lhes acompanhava Arthur Carswell, seu irmão, pois tinha decidido assistir a outra festa porque nela estaria presente uma jovem dama a cuja mão aspirava.

Charlotte se alegrou de ver o Somerset Carlisle, que se achava um pouco detrás dos

Carswell. Seu rosto, curioso e irônico, mostrava um vivo interesse não pelo panorama social, que lhe trazia sem cuidado, mas sim pela interação de personagens e ambições políticas. Tinha sido membro do Parlamento durante alguns anos. A princípio se ajustou às opiniões de seu partido, mas sua paixão pelas reformas pôde mais e pouco a pouco foi mergulhando-se em suas próprias atividades. Charlotte conheceu Carlisle quando seu ardor lhe levou a intervir nos acontecimentos que rodearam os assassinatos do Resurrection Row uns anos atrás. Gostava e simpatizava com seus objetivos. Converteu-se em amigo e, em muitos casos, colaborador de tia Vespasia. Foi Somerset Carlisle, junto com ela, quem animou ao Jack a apresentar-se como candidato ao Parlamento.

Chegou ao alto da escadaria e Charlotte saudou-o com grande efusividade.

-O que seja por ajudar ao Jack- respondeu Carlisle com um sorriso. -Deus sabe que necessito de um aliado na Câmara!

-Que probabilidades acha que tem de ganhar?- perguntou Charlotte em voz baixa.

-Fitzherbert é seu principal rival. Não acredito que outros contem, mas Fitz é um homem conhecido e apreciado. Está comprometido com a senhorita Odelia Mordem, uma mulher muito bem relacionada-. Com gesto expressivo, levantou um instante o olhar e voltou a fixá-lo em Charlotte. -Sua mãe é a terceira filha do conde de não sei o que, esqueci o nome, e tem muito dinheiro. Por outro lado- prosseguiu com voz mais animada, - não mais do que Emily possui agora, enquanto que Odelia não verá um penny em muitos anos. E sua irmã tem, sem dúvida, mais inteligência e dom político. Além disso, como bem sabe, é capaz de aprender o que for e adaptar-se a quase tudo quando quer. E pode ser tão engenhosa e encantadora como a quem mais.

-Acredito que o senhor Fitzherbert ainda não chegou- disse Charlotte, tentando recordar os nomes de todas as pessoas que tinha saudado até o momento. -É muito ambicioso? Que opiniões tem? Que temas o preocupam?

O sorriso do Carlisle se ampliou.

-Não acredito que tenha um tema em concreto, querida. Não é nenhum cruzado, só um tipo com encanto que decidiu que o Parlamento oferece uma carreira profissional mais interessante que outras abertas a ele. Derrubará nela toda sua inteligência e elegância, que é muito, mas duvido que o faça com paixão, a menos que ocorra algo em sua vida que desperte a sensibilidade-. Carlisle continuava sorrindo, mas seu olhar era sério. -Não lhe subestime. É a classe de homem que muitos líderes desejariam. Popular com os eleitores, tranqüilo quanto a intelecto e preconceitos e, sobre tudo, maleável.

O ânimo de Charlotte veio abaixo. Agora, mais que nunca, via como uma realidade a possibilidade de um fracasso, fato que lhe doía não só por Emily e Jack, mas sim porque acreditava nos objetivos pelos que lutariam, Charlotte e Jack tinham conhecido os terríveis bairros pobres de Londres e seus habitantes preocupavam a ambos. Desejava fervorosamente dar algum passo legal para deter os cruéis senhorios que se ocultavam atrás de companhias anônimas, coletores de aluguéis e advogados de traje cinza e rostos duros e inexpressivos.

-Também depende em grande medida dos mecenas que alguém tenha- prosseguiu Carlisle, baixando ainda mais a voz. -Digam o que digam os políticos, se conseguir o apoio de lorde Anstiss tem virtualmente assegurada a candidatura. Tem muito mais poder e influência do que a gente acha. E claro, a candidatura para o banco é sinônimo de vitória. Os tories faz séculos que não o conseguem.

Os convidados começavam a amontoar-se atrás do Carlisle. Charlotte estava entorpecendo o avanço com sua longa conversa. Acabava de cometer um engano em seu primeiro dever da noite. Sentindo a pressão em suas costas, Carlisle a olhou compreensivamente e, depois de uma muito leve reverência, dirigiu-se para a primeira sala e desapareceu entre os centros de flores, o redemoinho de saias e o brilho das jóias e das medalhas.

Charlotte não tinha ouvido falar ainda do último caso do Pitt, de modo que os nomes de lorde e lady Byam não significavam nada para ela. Consciente da crescente aglomeração que se estava formando na escada, limitou-se a lhes sorrir e a assegurar que estava encantada de que tivessem vindo enquanto reparava no rosto sensível e incomum de lorde Byam e em seus chamativos olhos, assim como na serena dignidade interior de lady Byam, que parecia conhecer o justo valor do cenário social. Era uma qualidade que Charlotte admirava. Tampouco teve ocasião de falar longamente com Odelia Mordem, quem, rodeada de outras damas elegantes, chegou no momento ótimo, nem muito cedo para parecer ansiosa, nem muito tarde para parecer presunçosa nem minar seu próprio valor. Depois de tudo, ninguém desejava que outros pensassem que não tinha nenhum outro lugar aonde ir. Além disso, tampouco estava bem visto pensar muito bem da gente mesmo. A senhora Mordem e lady Flavia Mordem eram de aspecto comum apesar de ser, como assegurava Carlisle, descendentes de um conde. Odelia, não obstante, possuía distinção e uma beleza estranha, com seus olhos verde-azulados, seu cabelo loiro e fino e seus traços uniformes. Seu sorriso era bastante peculiar para recordá-la com facilidade, e entretanto não era descarada nem insolente, nem carecia de franqueza.

Charlotte chegou à conclusão de que era uma rival digna de respeito, alguém que não devia tomar à ligeira.

Herbert Fitzherbert apareceu pouco depois, criando um autêntico rebuliço. Era incrivelmente encantador, aparentemente sem esforço. Só tinha que sorrir para ganhar a simpatia das pessoas. Seus olhos refletiam imaginação e senso de humor, ao mesmo tempo que uma falta de astúcia deliberada. Havia nele uma vulnerabilidade que conduzia a muitas mulheres a imaginar uma ferida secreta que só elas podiam aliviar e sonhos que esperavam fazer realidade assim que surgisse a oportunidade. E apesar disso, não era um homem afetado, ou o era muito pouco. Tinha suficiente inteligência para ser capaz de rir de si mesmo de vez em quando, e senso de humor para não ofender-se em ocasiões que outros o faziam também.

Charlotte supôs que conseguia irritar a muitos homens, o que era inevitável, mas também pensou que se tomasse o trabalho de seduzi-los, também eles sucumbiriam a seu encanto. Era alto, loiro e tinha uns olhos de cor azul cinzenta, mas o que deixava uma impressão duradoura em outros era a elegância inata como fazia tudo e seu sorriso triste e caprichoso.

Charlotte não tinha terminado de falar com ele quando começou a baralhar a possibilidade de que Jack não ganhasse a candidatura apesar do trabalho e dinheiro de Emily e os esforços de tia Vespasia para lhe ajudar. Fitz teria que cometer um grave engano para confiar em sua possível derrota. Charlotte se envergonhou de seus pensamentos. Poderia embriagar-se e cometer uma indiscrição imperdoável, como uma observação indecente a uma duquesa entrada em anos. Mas, dado seu encanto, era muito provável que à mulher gostasse. Poderia tentar seduzir à filha de alguém. Uma esposa não importava tanto, desde que fosse discreta. Ou poderia defender a gritos uma causa inaceitável, como o sufrágio feminino.

-Boa noite, senhor Fitzherbert- disse Charlotte com um sorriso radiante. Tinha intenção de mostrar-se especialmente cortês com ele, a modo de barreira, mas, apesar de todas suas precauções mentais, deu-se conta de que o homem lhe agradava inclusive antes de que tivesse aberto a boca. -Sou a senhora Pitt, a cunhada do senhor Radley.

-Ah, já recordo-disse ele. -Emily comentou que você ocuparia seu lugar se ela se achasse indisposta. É uma gentileza de sua parte renunciar a seu tempo. Asseguro-lhe que a metade dos aqui presentes está destinada a aborrecê-la até fazê-la bocejar.

-Mas tenho certeza de que a outra metade me compensará com acréscimo-. Charlotte queria mostrar-se educada e ao mesmo tempo manter as distâncias. Que

decidisse ele a que metade pertencia.

Ele riu.

-Bravo, senhora Pitt- disse com franqueza. -Estou certo de que gostarei.

Desprezá-lo seria uma grosseria e um ato pouco sincero. Desprezando-se a si mesma por sua genuína astúcia, e sem o mais mínimo indício de desgosto, agradeceu.

Lorde Anstiss foi dos últimos em chegar. Subiu a escadaria virtualmente só e se deteve atrás de Fitzherbert. Era um homem de estatura média e constituição robusta, provavelmente com cinquenta anos. Parcialmente calvo e de costeletas finas, não tinha bigode nem barba, por isso deixava totalmente descoberto seu rosto franco e aberto. Seu físico impunha porque refletia uma grande inteligência e determinação. Só era preciso olhá-lo nos olhos para perceber sua forte personalidade e uma grande confiança em si mesmo, esta última como consequência do êxito. Não necessitava as adulações de ninguém para reafirmar seu valor.

Fitzherbert se voltou para desculpar-se por tê-lo feito esperar e se afastou com presteza.

Nervosa, Charlotte olhou de novo para a escada.

-Boa noite, lorde Anstiss- disse com um sorriso e englindo em seco. Era uma peça chave nos planos do Emily. -É um prazer tê-lo conosco. Sou a senhora Pitt, a irmã da senhora Radley. Infelizmente, ela não se encontra bem, daí que eu tenha a honra de ocupar seu lugar esta noite.

-Estou certo de que o fará com desenvoltura e habilidade, senhora Pitt- respondeu cortesmente. -Rogo-lhe que comunique à senhora Radley meus desejos de que se reponha muito em breve. Espero que não estejamos falando de algo grave.

Consciente de que os membros do Parlamento deviam ter esposas fortes e com boa saúde para cumprir com suas obrigações, Charlotte já tinha maquinado uma resposta.

-Recuperará-se muito em breve- lhe assegurou. -A doença que padece afeta às mulheres unicamente durante os dois primeiros meses, mas se queremos proporcionar herdeiros a nossos maridos, não resta mais remédio que sofrê-la.

-Isso receio - disse lorde Anstiss com uma ligeira reverência. - e alegre saber que é por tão feliz motivo-. Contemplou a escada vazia e ofereceu seu braço à Charlotte. - Permite que a escolte até o salão? Já ouço a música.

A orquestra tinha iniciado a música que anunciava o começo do baile. Tudo ia bem. Os personagens mais importantes a tinham aceito. Agora tinha que assegurar-se de falar com todo mundo, trocar comentários discretos e não ofender a ninguém, de que as

peessoas estivessem à vontade, de que ninguém se sentisse insultado ou esquecido e não se produzissem desastres sociais, de que houvesse comida em abundância, o champanha estivesse bem frio e a música não cessasse.

-Obrigada, será uma honra- aceitou Charlotte, e entrou no salão de baile rodeada de flores e pelo braço de sua senhoria.

Era muito tarde para somar-se aos dançarinos, assim que se entretiveram intercambiando comentários corriqueiros e sorrindo a todo mundo. Depois de uma conveniente pausa, a orquestra entou os lançadores e Charlotte se viu arrastada até a pista do baile. Com muita dificuldade recordava o que fazer com os pés e a cauda do vestido, mas de repente os anos desapareceram e Charlotte voltou a sentir-se como a juvenzinha que sua mãe arrastava de baile em baile com a esperança de lhe achar marido. Embora, para falar a verdade, nunca a levou a um baile tão diferente como este. Estava muito acima da posição social dos Ellison. Nunca tinham aspirado a relacionar-se com a aristocracia, só a um bom nascimento e uns ganhos folgados.

Quando a música cessou, Charlotte agradeceu a lorde Anstiss e se retirou. O dever a chamava. Pela extremidade do olho viu o Jack e sorriu antes de apresentar-se a um grupo de damas cuja influencia Charlotte conhecia. Tinha escutado com suma atenção as instruções detalhadas do Emily.

Como não sabia nada de moda porque estava muito acima de suas possibilidades e falar dela seria como pôr sal na chaga, Charlotte era incapaz de manter uma conversa sobre esse tema. E como também ignorava quem estava cortejando a quem, quem tinha rechaçado, admirado ou insultado a quem, ou que obra se estava representando atualmente em que teatro, tinha decidido exercer seus encantos perguntando a outros suas opiniões e escutando atentamente as respostas. Tal estratégia não ia com seu caráter, mas era necessária e estava funcionando admiravelmente.

-Seriamente?- disse com os olhos bem abertos enquanto uma dama coberta de safiras expunha sua opinião sobre a obra que representavam no teatro do Haymarket. - Continue, por favor. Sua descrição é tão... tão viva.

A dama não necessitou um segundo convite. A obra lhe tinha desagradado, e arrebatava para assegurar à Charlotte que ao resto das pessoas também e pelas mesmas razões.

-Não sou uma pessoa de miras estreitas, como pode compreender- disse energicamente, -e acredito que sei apreciar toda classe de literatura. Mas esta obra era um autêntico excesso. Continha todos os horrores concebíveis e apetites de uma infâmia

inimaginável. O fato de que cada pecado fosse finalmente castigado não é justificação. Vimos coisas que ofenderiam a moralidade de qualquer um.

-Céu santo!- Charlotte estava atônita e fascinada. -Não entendo que pudessem representá-la em público.

-Minha querida senhora Pitt, isso mesmo penso eu.

Um jovem passou junto a elas rindo e com uma moça sorridente e ruborizada pelo braço.

-Me alegro tanto de não ter levado a minha filha- comentou outra mulher, presa de um calafrio que fez cintilar seus diamantes. -E olhem que o tentei. Uma boa obra pode ser muito edificante e as moças têm que ter algo inteligente do que falar. A estupidez é uma característica muito pouco atraente, não acreditam?

-Certamente- respondeu Charlotte. -O rosto mais bonito do mundo pode tornar-se tedioso se sua proprietária não tiver algo inteligente que dizer.

-Exato- concordou a mulher das safiras. -Mas lhe asseguro que nenhuma pessoa decente desejaria falar dessa obra, e ainda menos uma jovem dama que deseje atrair a um cavalheiro respeitável.

Outro casal passou perto das mulheres. A moça ria estripidiosamente.

Nesse momento tia Vespasia se somou ao grupo com uma distinta inclinação de cabeça.

-Que moderna a senhorita Harper- comentou a senhora das safiras, observando como o casal se afastava com as cabeças muito juntas. - Não está de acordo, lady Cumming-Gould?

-Certamente- disse Vespasia. -Um encanto até que abre a boca.

-OH! Não tinha nem idéia de que fosse vulgar, ou talvez néscia?- comentou a mulher com malícia.

-Nenhuma coisa nem outra, que eu saiba- respondeu Vespasia -Mas ri como um cavalo assustado. Sua risada poderia ouvir-se dois quarteirões de distância em uma noite tranqüila.

Alguém soltou um risinho, mas não sabendo se era oportuna ou não, apressou-se a abafá-lo. Fez-se o silêncio e outros sons adquiriram força: o roçar das botas de couro sobre o assoalho, o frufú de saias e caudas de tafetá, tule e seda, o murmúrio das conversas, o tinido das taças e, na habitação contígua, um dos violinistas afinando seu instrumento.

-Como se titula a obra?- perguntou inocentemente Charlotte.



-Titus Andronicus, mas disseram que era do Shakespeare-respondeu rapidamente a mulher das safiras, -assim fui pensando que se tratava de algo nobre e edificante.

-Não era refinado a linguagem?- perguntou Charlotte.

-Minha querida senhora Pitt, não tenho nem idéia- respondeu a mulher, ligeiramente ofendida. -Mas embora o fosse, não é desculpa. Hoje em dia se justificam muitas coisas aludindo ao estilo, como se o estilo importasse! Estamos perdendo nossos valores. O escândalo nos invade-. Aspirou. -Lamento pela princesa do Gales, pobre criatura. Não pode evitar ouvir o que a gente diz.

-Duvido-o- respondeu secamente Vespasia. -A pobre está mais surda que uma tábua, embora seja provável que isso lhe economize os maliciosos rumores que pretendem feri-la.

-É certo- disse uma mulher de rosa, assentindo com a cabeça e fazendo cintilar seu diadema. -Que horror, um marido que mantém suas amantes abertamente para que todo mundo as veja, como essa Lillie Langtry Não é mais que alguém...- deu de ombros, negando-se a pronunciar a palavra. -E ainda por cima tem por filho um autêntico vagabundo impossível de ignorar. Sabem que inclusive ouvi que o duque do Clarence saía de noite do palácio para visitar mulheres da rua? Podem acreditar?

-Eu ouvi que visitava uma mulher em concreto-. A dama das safiras arqueou as sobrancelhas e adotou uma expressão de saber muitas coisas. - E que o assunto ia além da mera satisfação de um dos apetites humanos mais censuráveis-. Adotou um tom confidencial. -São só rumores, mas há quem diz que estava relacionado com os terríveis assassinatos do Whitechapel do ano passado. O Estripador, já sabem.

Evitou o olhar de Vespasia e seu tom se tornou severo.

-Eu sempre duvidei que a utilidade de um corpo de polícia. Meu avô sempre esteve contra sua criação-. Deu de ombros. -Dizia que resultaria custoso e que só serviria para que se misturassem na dignidade e na independência das pessoas e se metessem onde não lhes chamavam. E parece que assim foi. Se é possível que uma coisa assim esteja ocorrendo em pleno coração de Londres sem que tenham detido a ninguém depois de seis meses, significa que tenho razão.

Charlotte se dispunha a saltar em defesa do Pitt e da polícia em geral quando Vespasia o lhe deu uma leve cotovelada.

-Sua lógica é impecável- disse Vespasia com um sorriso irônico. -Nesse caso, também deveríamos eliminar aos médicos. São todos uns inúteis. Nem sequer puderam salvar ao príncipe consorte. E agora que penso nisso, quase todas as pessoas que conheci morreram ao final.

O grupo inteiro se voltou para olhá-la. Só Charlotte sabia como tomar sua última e ridícula observação.

Vespasia se manteve imperturbável. Não moveu nem um músculo e seus formosos olhos cinza não refletiam o menor brilho de humor.

Charlotte esperou com a respiração contida. Não queria danificar esse delicioso momento.

-Ah... Hummm- começou a dama das safiras. Suas amigas a olharam esperançadas, mas a mulher tinha esgotado seu aprumo e calou.

A dama de rosa se agitou nervosamente, abriu a boca para dizer algo e finalmente optou por tossir.

Vespasia teve piedade delas.

-Vivemos em um mundo difícil- disse com solenidade. -Os médicos e cirurgiões não podem evitar a morte, só aliviar a dor e ajudar em alguns acidentes e enfermidades. E a polícia não pode terminar com a iniquidade humana, só prender a alguns criminosos e assegurar-se de que recebem castigo para desanimar ao resto-. Vespasia evitou o olhar de Charlotte. -Nem sequer a Igreja conseguiu

eliminar o pecado. E o caso é que não me ocorre uma idéia melhor.

-Eu... Hummm... eu-. A mulher das safiras continuava sem saber o que dizer.

-Viu alguém a última ópera do Gilbert e Sullivan?- resgatou-a Charlotte sem atrever-se a olhar a Vespasia.

-Certamente. Ruddigore- disse agradecida a dama de rosa. -Um pouco triste, não acham? Eu prefiro Os piratas do Penzance. E não compreendi A princesa Ida. Não sei se a obra está a favor ou contra a educação da mulher.

-As mulheres deveriam ser educadas nas boas maneiras e ponto- assegurou a dama das safiras. -Os temas acadêmicos não servem para nada e só conseguem confundir a mente. Nem Deus nem a natureza nos fez para isso.

-Não são a mesma coisa?- perguntou Charlotte.

-Como diz?

-Deus e a natureza.

As sobranceiras da mulher se arquearam.

-Custa-me acreditar que...

A orquestra tinha atacado uma valsa.

-Se me desculpam- disse Charlotte, aproveitando a oportunidade para partir.

Mas não tinham intenção de deixá-la escapar tão facilmente.

-Gostou, senhora Pitt?- inquiriu a dama de rosa com interesse.

-Do que?- perguntou Charlotte sem compreender.

-Ruddigore!- esclareceu pacientemente a mulher.

- Receio que não a vi- reconheceu Charlotte. -Me perguntava...

-Pois deveria! tenho certeza de que...

-Certamente- interrompeu-a Vespasia, e pegou a Charlotte pelo braço. -Estamos monopolizando-a, querida. Me acompanhe, quero apresentá-la a lady Byam. Estou certa de que você adorará-. E sem permitir mais intervenções, levou Charlotte.

- Fez isso de propósito- sussurrou esta ferozmente.

-Naturalmente- admitiu Vespasia sem o mais mínimo remorso. -Laetitia Fox é uma estúpida e não particularmente agradável. Aborrece-me até a medula. Mas de Eleanor Byam você gostará e seu marido é um homem muito importante. Tem muito poder não só no Ministério da Fazenda, mas nos círculos políticos em geral.

Sua aprovação beneficiará ao Jack. Embora o que realmente precisam é o apoio do Anstiss.

-Me fale dele- disse Charlotte. -Sei que é um grande mecenas das artes, que favoreceu a muitas galerias e teatros e que doou muito dinheiro a associações beneficentes de toda índole. Mas como é como pessoa? Quais são seus gostos e aversões? Do que deveria lhe falar?

-Pede muito, querida.

Vespasia inclinava cortesmente a cabeça às pessoas que passavam por seu lado. Conhecia quase toda a gente importante da alta sociedade, embora poucos podiam gabar-se de tê-la como amiga.

Charlotte deu uma olhada à orquestra, que continuava tocando com vivacidade. O centro do salão era um redemoinho de bailarinos.

-Regina Carswell- disse distraidamente Vespasia quando passaram junto ao casal, que estava entregue em uma conversa com um grupo de cavalheiros de idade avançada. - Uma mulher agradável e sensata, mas com três filhas ainda por casar, o que não é tarefa fácil, sobre tudo tendo em conta o muito que se parecem.

-Mas goza de posição e dinheiro- indicou Charlotte enquanto rodeavam um general e dois subordinados.

-Certo- disse Vespasia. -Addison Carswell é magistrado. Mas, contudo, três filhas constituem uma autêntica provocação.

-Lorde Anstiss- insistiu Charlotte.

-Ouvi-a. É um homem acostumado ao poder e o dinheiro, e ao respeito que ambas as coisas proporcionam. Também a sua capacidade para apoiar as artes e as ciências como tiver vontade-. Aceitou uma taça de champanha de um criado. -E para promover indivíduos e causas- prosseguiu, -o que significa que as pessoas procuram sua aprovação. Contudo, é um homem afável e comedido-. Saudou com a cabeça a um conhecido. -Não tem nada de vulgar e aborrece a ostentação, embora goste da boa companhia e não é tão nobre para desprezar a admiração.

-Estupendo- murmurou Charlotte. -E você gosta?

-Isso não vem ao caso.

-Você não gosta.

-Nem gosto nem desgosto- se defendeu a anciã. -Só o conheço publicamente. Possui qualidades que admiro e aprovo seus atos, mas mal falei com ele pessoalmente-. Bebeu um gole de champanha. -Embora tenha inteligência e isso sempre é atraente. Não, querida, terá que formar sua própria opinião. Mas não esqueça que tem muito poder e que neste momento o importante é Jack.

-Não o esquecerei.

Vespasia sorriu.

-E obrigado- acrescentou Charlotte.

-É hora de cumprir com seu dever.

Charlotte partiu obedientemente, ao menos no momento. Emily tinha insistido na importância de lorde Anstiss, assim se sentiu obrigada a fazer um esforço especial para falar com ele e assegurar-se em todo o possível de que estivesse bem acompanhado.

Encontrou-o com uma taça de vinho na mão, conversando com lorde e lady Byam e uma mulher magra e muito loira que trazia um maravilhoso colar de esmeraldas. Assim que Charlotte se aproximou, fizeram-se a um lado para inclui-la.

-Excelente noite, senhora Pitt- disse Anstiss. -Suponho que conhece a senhora Walters. -Inclinou ligeiramente a cabeça para indicar à mulher das esmeraldas.

Charlotte não tinha nem idéia de quem era.

-Certamente- murmurou. Teria sido um insulto confessar sua ignorância. -É um prazer vê-la, senhora Walters.

-É muito amável- respondeu esta evasivamente. -Lorde Anstiss estava falando de ópera. Interessa-lhe a música, senhora Pitt?

-Muito- respondeu Charlotte, confiando em que não lhe pedissem uma relação das representações que tinha visto ultimamente. Sua economia não dava para essas coisas. -

Desfruto de todo tipo de música, desde a pessoa que canta por puro prazer até os grandes coros.

-Referia a grandes vozes mais que a grandes quantidades- respondeu friamente a senhora Walters.

Charlotte teve a sensação de que a mulher estava aborrecida por sua intrusão. Perguntou-se do que tinham estado falando realmente antes de sua chegada. Olhou atentamente à senhora Walters e percebeu finas rugas de irritação em seu rosto, como se sua expressão habitual fosse de fúria antecipada. Agora havia nela uma mescla de afã e tensão e parecia muito consciente da presença de lorde Anstiss. Seus olhos se voltaram para ele, como se não estivesse segura de se devia falar ou não.

Charlotte sorriu docemente. Para falar a verdade, inspirava-lhe certa compaixão.

-Eu estava pensando em tipo mais que em qualidade. Possivelmente não soube me expressar. Lamento-o. Viu algo interessante ultimamente, senhora Walters?

-Oh...! - A mulher deu de ombros. -Vi Otello faz umas semanas.

Verdi, já sabe. É sua última ópera. Viu-a?

-Não- admitiu Charlotte. -Estive muito ocupada com outras coisas. O que lhe pareceu?

-Excelente. Não acha o mesmo, lorde Anstiss?- A senhora Walters se voltou para ele com o olhar brilhante.

-Certamente.

Anstiss se embarcou em uma longa e erudita crítica da obra e, em concreto, da representação que ele tinha visto. Seu rosto irradiava paixão e suas palavras expressavam vividamente a intensidade de seus sentimentos. Charlotte escutava com interesse. Ele fazia desejar que tais acontecimentos estivessem dentro de suas

possibilidades, mas sabia que nunca passariam de ser um sonho, e isto era um jogo, uns dias dentro da vida de Emily. Devia limitar-se a desfrutá-los e fazer o possível por sair graciosamente.

-Que forma tão formidável de descrevê-la, lorde Anstiss- disse com um sorriso. -Me fez sentir como se estivesse vendo-a e na melhor das companhias.

A ele se iluminou o rosto de satisfação.

-Agradeço-lhe seu encantador cumprimento, senhora Pitt. Fez de minha noite uma experiência duplamente agradável.

Embora fosse uma gentileza convencional, Charlotte teve a sensação de que não a teria expresso se não a tivesse sentido.

O rosto da senhora Walters nublou-se.

-Todos nós adoramos escutá-lo- disse com certa irritação. -Com certeza terá visto algo digno de menção, senhora Pitt. Não é possível que tenha dedicado todo seu tempo a apoiar a carreira de seu cunhado. Se não me equivocar, muito recentemente que começou a interessar-se pela política.

Lorde Byam, que estava perto da senhora Walters, desvinculou-se de seu grupo e se voltou para eles.

-Seu interesse pela política existe a muito tempo- contradisse-a

Charlotte. -A única coisa recente é sua decisão de apresentar-se ao Parlamento.

-Sábia distinção- observou Anstiss com deleite. -Não lhe parece, Byam?

Byam esboçou um cálido sorriso.

-Estou de acordo com você, senhora Pitt. Mesmo assim, é uma lástima que tenha exigido tanta dedicação de sua parte, até o ponto de não dispor de tempo para assistir ao teatro ou a opera.

-Equivoca-se, lorde Byam-. Charlotte não queria parecer muito séria nem resoluto. Procurou em suas lembranças alguma obra aceitável a que tivesse assistido e estirou a verdade uns quantos anos. -Recentemente vi uma deliciosa ópera ligeira dos senhores Gilbert e Sullivan. Reconheço que não é Verdi, mas foi uma noite encantadora.

A senhora Walters arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada.

-Estou de acordo- disse rapidamente Eleanor Byam. -Não podemos nos rodear sempre de tragédia. Eu vi de novo Paciência o mês passado. Continuo achando-a muito divertida, e tenho muitas melodias gravadas na mente. -Olhou a seu marido.

-Certo- concordou ele, olhando ao Anstiss em lugar da sua esposa. -Tendo em conta seu parecer sobre o movimento esteticista, não acha que possui uma trama e um humor deliciosos?

Anstiss olhou por cima de suas cabeças. Em seus olhos havia um brilho de humor, como se as palavras encerrassem um significado mais profundo.

-O senhor Oscar Wilde se sentiria adulado- respondeu. -Seu engenho e suas idéias ficaram imortalizados e meio Londres as cantará e assobiará sem saber sequer por que.

-Em especial a canção sobre a manteigueira de prata- disse Byam, sorrindo sem olhar a ninguém em particular, e entoou algumas notas. -O magnetismo é uma qualidade bem curiosa. Por que alguns o têm e outros não?

-Fala de metais ou de pessoas?- perguntou Anstiss.

-De ambos- respondeu Byam. -O mistério é o mesmo, em minha opinião.

-Um jovem um pouco decadente, ouvi- disse a senhora Walters com voz trêmula. - Aprova-o, lorde Anstiss?

-Admiro seus giros e expressões, senhora Walters- respondeu este com cautela. - Não sei se iria mais à frente-. Seu tom era ligeiramente condescendente. -Em qualquer caso, referia a sua caracterização no Butnhorne. O senhor Gilbert fazia uma sátira do movimento esteticista, do qual o senhor Wilde é dirigente.

-Sei- disse secamente a mulher, ruborizando-se.

Anstiss olhou ao Byam e logo ambos desviaram a vista, mas o entendimento tácito se produziu e no rosto do Byam havia uma faísca de compaixão.

-Unicamente pretendia explicar meu parecer pessoal- disse Anstiss com doçura. -Não conheço pessoalmente ao senhor Wilde nem a nenhum de seus admiradores. Tenho lido um pouco de sua poesia, isso é tudo.

-Eu prefiro o teatro clássico- disse a senhora Walters, decidida a trocar de assunto. - Não acha o mesmo, lady Byam? Recentemente vi sir Henry Irving no Hamlet. Foi realmente edificante. Com um rápido sorriso ao Anstiss e um olhar a Eleanor Byam, Charlotte se retirou aludindo a seu dever com seus outros convidados e deixou o campo livre à senhora Walters.

A seguinte meia hora passou-a trocando frases corteses e corriqueiras com as pessoas a quem ainda não tinha saudado. De tanto em tanto passava junto à mesa para assegurar-se de que tudo estava em ordem, observava à orquestra para comprovar que continuava sóbria e se aproximava do Jack para lhe informar do êxito da festa.

À meia-noite voltava a passear com tia Vespasia em um silêncio agradável e amistoso. Tinham chegado ao terraço do salão de baile e se aproximaram de lorde e lady Byam, que se achavam de pé junto às lanernas chinesas. A luz projetava um halo quente sobre o casal e dava a Eleanor, de cabelo escuro, um ar exótico.

Saudaram-se formalmente e a conversa passou de temas corriqueiros a interesses comuns, os quais se concentraram na cena política. Como era de esperar, surgiu o tema das futuras escolhas. Nem Jack nem Herbert Fitzherbert foram mencionados, mas se fizeram muitas insinuações sutis, e em mais de uma ocasião Charlotte olhou a Eleanor e ambas sorriram.

-O assunto é realmente complexo- disse Byam com seriedade, mas sem a pomposidade que Charlotte tinha percebido em algumas pessoas que ostentavam um cargo no governo. -Poucas vezes se consegue tomar uma decisão financeira que afete só a um grupo ou interesse. Acredito que alguns de nossos futuros reformadores não são

conscientes disso. O dinheiro representa riqueza, mas não é a riqueza mesma.

-Não o entendo- disse Eleanor com uma franqueza admirável. -Pensava que o dinheiro era a forma mais óbvia de riqueza.

-O dinheiro é mero papel, querida- explicou Byam com um leve sorriso, -ou, quando muito, ouro, outro produto inútil. Não podemos comê-lo, nem nos vestir com ele, nem satisfazer outras necessidades vitais. É agradável à vista e não se danifica com o tempo como outros metais, mas é menos útil que o aço e nem digamos que o carvão, a madeira, o algodão, o grão, a lã ou a carne.

-Continuo sem compreender- disse ela.

Nesse momento se uniu ao grupo um jovem de olhos saltados e brilhantes, nariz robusto e um muito formoso cabelo encaracolado de cor castanho vermelho, atualmente mal cortado e muito longo. Lançou-se a responder à pergunta sem vacilar e sem esperar para ser apresentado.

-O dinheiro é um mecanismo que o homem civilizado acordou para fazer da troca uma operação inmensuravelmente mais fácil, mas é só isso, um mecanismo-. Elevou umas mãos longas e sensíveis. -E se o acordo falhasse porque um partido possuísse todos os bens que vale a pena trocar, então o dinheiro careceria de utilidade. Uma barra de pão sempre será uma barra de pão.

Alimentará a um homem durante uns dias. Mas uma parte de papel terá o valor que nós acordemos lhe dar, nem mais, nem menos. Quando o acordo falha, caímos na anarquia econômica-. Olhou a cada um de seus interlocutores. Isso é exatamente o que ocorre quando emprestamos às pessoas dinheiro a um interesse exorbitante e lhe pagamos muito pouco por seus produtos ou seu trabalho. Desse modo nunca poderão ganhar o suficiente para nos devolver a dívida. O fato de que nós partamos de uma posição vantajosa nos permite estabelecer os preços que pagaremos e manter ao devedor sempre em nosso poder.

-Diria-se que o assunto o apaixona, senhor...- disse Vespasia.

-Peter Valerius- respondeu, preso de um ligeiro rubor por haver-se introduzido na conversa dessa maneira. -Peço desculpas. Sim, apaixona-me.

Charlotte, a anfitriã circunstancial, fez as apresentações, nomeando primeiro a Vespasia por ser a mais idosa. Não recordava ter recebido ao senhor Valerius na entrada, mas tampouco podia lhe perguntar se tinha sido convidado.

-Penso que a usura, já seja de um homem a outro ou de um país a outro, é uma das práticas mais infames da humanidade-. voltou-se para o Charlotte. -Espero que as práticas



comerciais e bancárias sejam temas nos que o senhor Radley derrame sua atenção.

-Estou certa- apressou-se a responder ela. -Eu mesma insistirei nisso. É muito sensível à injustiça social.

-Com isso não ganhará a aprovação de seu partido- lhe acautelou ele, aparentemente alheio à presença de lorde Byam. - ganhará poucos amigos e perderá toda possibilidade de obter um ministério.

-Não acredito que sua meta seja um ministério- disse Charlotte com franqueza. - Bastará-lhe poder influir o suficiente em quem o tenha.

-E você, senhor Valerius, encarregará-se, sem dúvida, de averiguar as opiniões do senhor Fitzherbert a respeito- disse ironicamente Byam.

-Certamente- concordou ele com os olhos bem abertos. -Acaso não é a finalidade destas reuniões? Averiguar quem acha o que e quem está preparado para lutar, em que medida e até onde.

-É você muito direto- opinou Byam. -Não estranho que não aspire a um ministério.

Valerius avermelhou ligeiramente, mas não se deu por derrotado. Não obstante, antes de prosseguir com a discussão se somou ao grupo, qual galeão a toda vela, uma duquesa seguida de suas três filhas.

-Querida lady Byam- disse com um penetrante tom de contralto, -que delícia vê-la de novo. Uma festa magnífica, não acha?- Baixou a voz para lhe fazer o que parecia uma confidência. -E acredito que esta é verdadeiramente a casa da senhora Radley, ou pelo menos isso me assegurou lady Bibelow. Pelo visto atualmente há muitas damas que alugam a casa de outras pessoas porque a sua não

é bastante imponente. Já não se pode estar segura-. Abriu os olhos de par em par. - Como é possível avaliar a uma pessoa quando nem sequer sabe se o mobiliário lhe pertence? A sociedade está vindo abaixo-. inclinou-se para diante. -Preciso averiguar mais coisas sobre esse Jack Radley. Conhece-o? Devo admitir que não sei nada dele. A mulher parecia alheia ao outros, e Charlotte percebeu um brilho de humor, que não de malícia, nos olhos de lorde Byam. Eleanor se voltou para Charlotte para apresentá-la, mas a duquesa não lhe deu oportunidade.

-Não será um radical, verdade? Não suporto aos radicais. Não são de confiar. O que acha lorde Anstiss? Possivelmente deveria convidar para dançar o senhor Radley e o senhor Fitzherbert para comprová-lo pessoalmente. Acudirá ao Henley este ano?

-Naturalmente- respondeu Eleanor. -Eu adoro as competições de navios, e se o tempo é agradável é uma forma deliciosa de passar um dia do verão. E você?

-É claro. Ainda tenho três filhas para casar e, como todos sabemos, as regatas são estupendas para isso. Lorde Randolph Churchill propôs à senhorita Jerome matrimônio quatro dias depois de conhecer-se na regata do Cowes.

-Ouvi que o duque e a duquesa do Marlborough se opunham ao enlace- comentou Eleanor. -Embora isso foi a princípio e não impediu que se celebrasse o matrimônio.

-O problema estava em que ela era americana- indicou a duquesa. -E nem todo mundo está disposto a casar-se com uma americana por muito bonita que seja ou por muito dinheiro que tenha. Eu não o faria. Mas tenha a certeza de que estarei no Henley.

Olhou ao redor pela primeira vez para assegurar-se de que suas filhas continuavam com ela e logo reatou a conversa.

-Além disso, é um dos poucos lugares onde uma pessoa sabe que não tropeçará com a senhora Langtry. Todas as damas de Londres estão obrigadas a convidar a essa desprezível criatura, se querem assegurar a assistência do príncipe do Gales e a casa Marlborough. É uma pena.

-Eu preferiria me privar desse privilégio antes que convidar a alguém que não é de meu agrado- opinou Eleanor.

-Sim, claro- concordou asperamente a duquesa. -Mas nem todos podemos nos permitir esse luxo. Sua posição está assegurada e não tem filhas que casar. Meu caso é diferente. O duque, que o Senhor o benza, não tem engenho nem influência para obter um cargo no governo, e meu entretenimento depende da alta sociedade-. Fez uma careta exagerada. -Conhece o Oscar Wilde e seu grupo de excêntricos? Ouvi que são incrivelmente divertidos e que fingem ser muito maliciosos.

A duquesa ergueu os ombros.

-O jovem Fitzherbert me contou que é pura afetação. Uniu-se ao grupo antes de apresentar-se ao Parlamento, mas teve que deixá-lo. Sua mãe está encantada-. A voz da duquesa esfriou e seu rosto perdeu entusiasmo. -Todo um triunfo para ela. Embora deva admitir que Odelia é uma garota muito atraente e sabe exatamente como comportar-se, o que dizer e como vestir-se. Sempre é uma vantagem, não lhe parece, senhora...?- Se voltou para Charlotte com olhar interrogativo.

-Senhora Pitt. Sou irmã da senhora Radley- se apressou a explicar Charlotte antes de que a duquesa dissesse algo realmente embaraçoso. -Sem dúvida, sempre é vantajoso estar bem ensinada e ser total.

A duquesa a olhou com perspicácia.

-Rogo-lhe que não me siga a corrente, senhora Pitt. Temo que exagerei meu caso.

Está bem em uma noiva, mas constitui uma falta em uma mulher casada-. Bufou ligeiramente. -Ninguém obteve jamais nenhum prazer sendo submisso. Acredito que indagarei mais sobre esse Oscar Wilde. Se estou obrigada a entreter a gente de má fama, prefiro que seja um homem com engenho que uma rameira-. Arqueou as sobrancelhas. - Do que me serve outra mulher formosa e

total? É um prazer havê-la conhecido, senhora Pitt. Deve me visitar algum dia. Lady Byam. Vamos, Annabel, Amelia, Jane. Por todos os Santos, menina, deixa de olhar esse estúpido moço. Não é ninguém. Jane!- E sem reparar no Peter Valerius, afastou-se com todas as velas desdobradas e o vento a favor.

Charlotte percebeu na Eleanor humor, exasperação e gosto pelas excentricidades das pessoas. Sobravam os comentários, e tampouco teriam sido apropriados.

Charlotte se desculpou com um sorriso e foi assegurar-se de que os convidados continuavam divertindo-se, a orquestra continuava tocando, a bebida não se acabara e não se estavam forjando escândalos entre as flores nem nas curvas escuras aonde acudiam os casais jovens durante as longas pausas entre dança e dança.

Era perto da uma quando tropeçou com o Herbert Fitzherbert e sua noiva, Odelia Mordem, em um desses espaços de tênue iluminação destinados justamente a essa finalidade. Odelia estava sentada em uma poltrona sob uma enorme palmeira. As exóticas folhas projetavam sombras sobre a pele cremosa de seus ombros e

ondulações de seu vestido, o cetim brilhava como a lua e as anáguas semelhavam ondas de espuma a seu redor. Charlotte se perguntou se tão artística pose tinha sido deliberada ou involuntária. Possivelmente era uma das habilidades às quais se referia a duquesa.

Odelia contemplava agradando ao Fitzherbert, que se achava sentado em um tamborete a um metro de seus pés, com os cotovelos sobre os joelhos e toda sua atenção posta nela. Dos dois ele era o mais gracioso, pois sua pose era totalmente natural. Estavam tão absortos um no outro que Charlotte pensou em não interrompê-los, mas em seguida recordou seu dever para com o Emily. A orquestra entoava agora o Highland Schottische. Gostaria de estar livre para que alguém a tivesse tirado para dançar, mas o papel que tinha sido convidada a representar essa noite era muito diferente.

-Boa noite, senhorita Mordem- disse animadamente. -Me alegro de que tenha podido vir. Estava desejando conhecê-la. Senhor Fitzherbert.

Fitzherbert se levantou e inclinou a cabeça. Odelia, sendo mais jovem e solteira, fez outro tanto, mas muito mais lentamente, e seu sorriso era educado, mas frio. Talvez Fitz

não recordasse que Charlotte era a cunhada do Jack Radley, mas Odelia com certeza que sim, e se tratava de uma mulher ambiciosa.

-Boa noite, senhora Pitt. A senhora Radley foi muito amável nos convidando. É uma festa encantadora, e espero que nos vejamos em muitas mais, sobre tudo se a saúde da pobre senhora Radley não melhorar. Lamento que tenha caído doente em um momento tão inoportuno.

Eram muitas as observações e muito afiadas, e à Charlotte não lhe escapou nenhuma. Olhou a Odelia diretamente nos olhos e se somou à luta.

-Certo- respondeu com um sorriso radiante, -mas os prêmios da natureza costumam anunciar-se através de certas moléstias, e espero que algum dia você tenha a sorte de comprová-lo pessoalmente. Não obstante, talvez seja preferível uma indisposição agora que em plenas eleições ao Parlamento. Os períodos eleitorais são tão breves, e não é fácil falar com clareza ao público como aos amigos-. Charlotte sorriu com absoluto descaramento. -Emily, por outra parte, é muito afortunada, pois aceita seu confinamento de bom grado.

-Que sorte- murmurou Odelia. -Mas é tão inoportuno!

-A senhora Gladstone teve oito filhos- disse Charlotte com doçura- e os criou a todos pessoalmente, negando-se ao ter sequer uma ama. Ela mesma lhes tomava as lições e escutava-lhes as orações de noite, além de realizar numerosas obras beneficentes. E isso não impediu que seu marido seja o melhor primeiro-ministro deste século.

-Santo Deus!- Odelia arregalou os olhos. -Aspira a senhora Radley a ser a esposa de um primeiro-ministro?

Charlotte fingiu não ter captado o sarcasmo de suas palavras.

-Não o perguntei, mas me parece uma ambição muito nobre. A você não?- voltou-se e sorriu com certa simpatia ao Fitz, que mostrava um brilho de humor no olhar.

-Eu desejo ser a esposa do Fitz- respondeu amavelmente Odelia, -e fazê-lo o melhor possível. Naturalmente, se trunfa até esse ponto, esforçarei-me por estar à altura das circunstâncias e para agir com menos excentricismo que a senhora Gladstone. Soube que suas festas eram muito irregulares e ofendiam a muitos.

Charlotte ficou atônita. Ignorava esse detalhe.

-Tem que suas ofensas careciam de importância- se apressou a

Responder. -Eu só ouvi elogios sobre ela, e o senhor Gladstone é, sem dúvida, o homem com mais êxito na esfera política da última metade do século.

Odelia trocou seu flanco de ataque.

-Leva um vestido admirável, senhora Pitt! Que tom tão... tão vigoroso. Vai na última moda. Não o esquecerei.

Charlotte traduziu em sua mente o que Odelia pretendia insinuar realmente: "Advirtolhe, senhora Pitt, que a cor de seu vestido é muito forte, até o ponto de raiar a vulgaridade, é tão moderno que o mês que vem já estará passado de moda, e eu me lembrarei dele se voltar a vê-lo e o farei saber no momento mais inoportuno."

-Obrigado, senhorita Mordem- disse com um sorriso ainda mais amplo. -Seu vestido é muito apto para a ocasião e para você.

Tradução: "Seu vestido é insípido e fácil de esquecer. Embora o levasse a todos os atos sociais da temporada, ninguém o notaria."

-Obrigado- murmurou Odelia entre dentes.

-De nada.

Charlotte saudou com a cabeça ao Fitzherbert e se afastou para o salão de baile, onde aceitou um convite do Peter Valerius para dançar o Highland Reel.

À uma e meia, depois do cotillon, os convidados se reuniram para jantar.

Charlotte se assegurou de que as criadas estivessem atentas e os lacaios servissem a todo mundo.

Às duas e meia a festa continuava em pleno auge e às três as pessoas ainda dançavam, sinal de que a noite estava sendo um êxito.

O primeiro brilho de aurora falsa brilhava no céu, sobre as samambaias e as lanternas chinesas, quando, ao cruzar o terraço em direção ao jardim para tomar um pouco de ar, Charlotte observou o encontro que mais ia lhe dar o que pensar de toda a noite. Começava a notar-se cansada e sua atenção era cada vez menos aguda. Passava junto a um enramado de flores brancas quando se deteve para aspirar seu fresco perfume e divisou o reflexo de uma camisa branca e uma faixa escarlate.

Não desejava intrometer-se, pois provavelmente se tratava de um de tantos encontros amorosos entre jovens casais que, do contrário, nunca tinham a possibilidade de estar a sós.

Mas nesse momento percebeu que a outra pessoa não era uma mulher mas um homem. Demorou uns instantes em reconhecer lorde Byam. Estava de pé, um pouco mais afastado que seu interlocutor, contemplando o jardim, a teia de árvores em penumbra, os lampiões ainda acesos e, no alto, a tênue luz refletida no horizonte onde logo apareceria a autêntica aurora. Charlotte deu um passo para diante com supremo sigilo.

O outro homem se voltou ligeiramente. Era lorde Anstiss. Tinha uma expressão muito

curiosa: seus lábios sorriam de satisfação enquanto que seus olhos, acordados e brilhantes, olhavam fixamente a escuridão. A julgar pela dilatação das narinas, parecia zangado. Sobre o corrimão tinha posado uma mão de palma curta e longa e de finos dedos. Estava muito relaxada e acariciava o mármore como se a

textura firme da pedra lhe desse prazer. Não havia tensão no gesto. Era uma mão disposta a acariciar, não a golpear.

Byam estava de perfil, mas tinha a vista cravada nos convidados que se amontoavam no alto da escadaria preparando-se para descer em busca de suas carruagens. Parecia muito pensativo e algo triste. Seu rosto mostrava ilusão e ao mesmo tempo dor, e tinha um aspecto curiosamente vulnerável.

-Muito cedo para saber- disse Anstiss com calma. -Radley é uma carta arriscada, mas eu gosto. Acredito que conhece o gênero humano.

-E Fitz?- perguntou Byam sem afastar os olhos das escadas.

-Um boneco de pano- respondeu Anstiss. -Pouco resistente e muito fácil de moldar, acredito. O que eu pudesse fazer do ele outro poderia desfazê-lo com a mesma facilidade. Por certo, o que acontece com a senhora Radley? É uma mulher delicada de saúde?

-Está grávida, isso é tudo- disse Byam. -Era a mulher de lorde Ashworth. Sempre esteve relacionada com a alta sociedade.

-Parece adequada. E quem demônios é essa senhora Pitt?

-Sua irmã, acredito. -Byam seguia contemplando a escadaria. -Não tem importância, só veio a passar umas semanas. É uma mulher agradável e engenhosa. E muito bonita.

Anstiss fez expressão de desgosto.

-Espero que não tenha ambições sociais. Que Deus me proteja das mulheres ambiciosas.

-Ignoro-o-. Byam se dirigiu para a porta do fundo. -Devo ir. Amanhã tenho muito que fazer.

-Claro- concordou Anstiss com tom divertido. -Boa noite.

-Boa noite.

Sem olhar atrás, Byam desapareceu entre as flores.

Anstiss se voltou de novo para a falsa aurora, que agora aparecia como uma aleta branca sobre as copas das árvores.

## Capítulo 3

---

Naturalmente, Charlotte dormiu essa noite em Ashworth House, de modo que Pitt não a viu pela manhã antes de partir à delegacia de polícia do Clerkenwell. E, logicamente, tampouco pôde lhe mencionar o assassinato do William Weems. O qual não quer dizer que o teria feito. Além da relação de lorde Byam com o assunto, que era extremamente confidencial, tratava-se de um caso carente de interesse. Charlotte interessava-se por que as pessoas faziam as coisas, não como. O fato de que a espingarda não funcionasse ou a polícia não tivesse achado a arma do crime eram aspectos, para ela, secundários. Possivelmente se perguntaria como uma pessoa, sobre tudo da posição de lorde Byam, podia passear com uma arma bastante grande para causar semelhante destroço na cabeça de um homem, mas em seguida se esqueceria do tema, pois não sentiria compaixão pelo Weems e, em troca, simpatizaria muito com os devedores.

Além da lavadeira ocasional e a mulher que acudia duas vezes por semana para fazer o trabalho pesado, os Pitt tinham a Gracie, uma criada que vivia na casa e cuidava das crianças. Jemima se tinha convertido em uma menina brilhante e tagarela de sete anos, possuidora de uma lógica perturbadora e uma mente que não cansava de fazer perguntas. Seu irmão Daniel, dois anos menor, era menos loquaz e muito mais paciente, mas quase tão resoluto como ela.

Gracie preparou o café da manhã do Pitt em silêncio. A cozinha parecia vazia sem Charlotte, embora todo o resto estava como sempre. O fogão estava limpo e carregado, mas durante o verão só o utilizavam para ferver água e fritar os ovos do Pitt. A ascensão a casos mais delicados tinha gerado suas compensações: um casaco novo para o Charlotte, botas novas para os meninos, ovos cada dia se o desejavam, cordeiro para jantar duas ou três vezes por semana, fogos mais vivos no inverno e um pequeno aumento de salário para Gracie, que estava encantada, não só pelo dinheiro mas também por uma questão de orgulho. Considerava-se um pouco acima das demais criadas da zona por trabalhar para uma gente tão interessante e intervir de vez em quando em assuntos de suma importância. Uns meses atrás tinha acompanhado Charlotte na busca de um assassino, visto coisas terríveis e patéticas que nunca esqueceria. Outras garotas esfregavam, varriam, tiravam o pó, carregavam baldes de carvão e faziam recados. Ela fazia todo isso, mas também tinha aventuras.

Sem olhá-lo nos olhos, colocou o café da manhã diante de Pitt. Sabia que estava

suprindo a sua senhora e não queria estragar atuando de forma presunçosa.

Pitt lhe agradeceu, começou a comer e voltou a lhe agradecer. Era uma cozinheira realmente boa e se esmerara. Na cozinha fazia calor. O sol se refletia na baixela do aparador e piscava na superfície lustrosa das frigideiras. A cozinha cheirava a pão, carvão candente e roupa limpa.

Quando Pitt terminou, levantou-se, voltou a agradecer à Gracie e se dirigiu ao vestíbulo. Calçou as botas e pegou a jaqueta. Ao abotoá-la lhe saltou um botão e o guardou no bolso junto com a navalha, o cilindro de corda, um pedaço de lacre, algumas moedas, dois lenços e uma caixa de fósforos.

Na delegacia de polícia do Clerkenwell se encontrou com o Innes, que mostrava um aspecto radiante e entusiasta, coisa que lhe surpreendeu, pois esse dia tocava seguir o rastro das pessoas que apareciam na lista de devedores do Weems. Possivelmente Innes pensava que iriam investigar a homens como o magistrado Addison Carswell ou o senhor Latimer, quem quer que este fosse, ou o policial Samuel Urban. A investigação deste último lhe horrorizava, mas os outros dois casos podiam ser interessantes. E se isso pensava, Pitt teria que desenganá-lo quanto antes. O manejo de áreas tão delicadas era, presumivelmente, a razão pela qual Drummond tinha retirado ao Pitt do caso de fraude para lhe encomendar o do Weems. Não só devia ter em conta os sentimentos de lorde Byam, mas os de outras pessoas, sobre tudo se havia um membro da polícia comprometido.

Pitt se dispunha a abordar o assunto, mas Innes lhe economizou o trabalho.

-Bom dia, senhor-disse, os olhos bem abertos e o rosto afável. -O médico deixou a mensagem para que vamos ao necrotério. Achou algo que não tinha visto em sua vida. Diz que dá ao assassinato um ar poético.

-Poético- repetiu Pitt com incredulidade. -A um miserável agiota voam a tampa dos miolos no Clerkenwell e o médico acha isso poético! Provavelmente o matou um devedor pobre e desesperado que não pôde mais e, como já não tinha nada que perder foi à cabeça. Custa-me acreditar que algum médico veja poesia nisso.

O semblante do Innes se escureceu.

-OH, mas irei- tranquilizou Pitt. -Depois repassaremos a lista e faremos uma visita a esses pobres diabos. Ao menos desse modo poderemos eliminar aos que podem provar que estavam em outro lugar.

Enquanto falava saiu à rua e Innes seguiu-o alongando o passo para não perder o ritmo.



-Confiaria na palavra da família?- perguntou. -O normal é que a família apóie a seu parente. A palavra da esposa não serve muito. Qualquer mulher que se aprecie diria que seu marido estava em casa, que é onde a gente geralmente está a essas horas. A menos que trabalhe de noite.

-Isso já seria algo-. Pitt sabia que ia detestar a tarefa. Já era bastante doloroso ver o desespero da gente pobre, os rostos chupados, as casas lotadas e mau desaguadas, os meninos doentes e miúdos, sem necessidade de bisbilhotar em seus temores e vergonhas e deixá-los possivelmente aterrorizados por um mal inclusive pior. -Excluiremos a alguns.

-E os devedores importantes, senhor?- perguntou Innes. -Pensa lhes fazer uma visita?

-Sim, quando tivermos começado com estes- respondeu.

Innes sorriu.

-Suponho que não morre de vontade de perguntar a esses cavalheiros se devem dinheiro a um agiota de pouca expressão e se, por certo, voaram-lhe a tampa dos miolos.

Pitt sorriu a seu pesar.

-Ainda confio em que não seja preciso.

Innes não teve o que responder, pois acabavam de chegar ao necrotério. Colocou-se atrás de Pitt e seguiu-o até o interior. Uma vez mais lhes recebeu o aroma de ácido carbólico, pedra úmida e morte, e inconscientemente retesaram os músculos e contraíram-se ligeiramente as narinas, como se pudessem desse modo bloquear o nariz para que o aroma não lhes impregnasse a garganta.

O médico se achava em um quarto situado junto ao vestíbulo, sentado frente uma mesa de madeira cheia de papéis.

-Ah!- exclamou ao vê-los. -Vêm por causa do tiro do Clerkenwell? Tenho algo para vocês. Muito estranho, esse corpo. Juro que nunca tinha visto nada tão poético. Atiraram nele- disse desnecessariamente.

O homem vestia uma bata coberta de sangue e ácido e uma camisa que, embora lavada, ninguém se tinha incomodado em lhe esfregar as manchas profundamente arraigadas. Diria-se que acabava de deixar uma tarefa repugnante para assistir a esta reunião. Estava sentado frente a Pitt e Innes, com uma pena de ganso na mão.

-Sei- disse Pitt. -Sabemos que atiraram nele. O que não sabemos é com que tipo de arma. Em seu escritório só havia uma espingarda e estava quebrada.

-Ah! -exclamou o médico, cada vez mais cheio de si mesmo. -E o tipo de bala? Tampouco sabe, verdade?

-Não vimos nenhuma- reconheceu Pitt. -Seja o que for lhe destroçou o rosto, embora dispararam de muito perto. A espingarda poderia fazê-lo, mas tinha o percussor limado.

-Embora tivesse visto a bala, não a teria reconhecido- explicou o médico transbordante de prazer. -Nem lhe teria ocorrido.

-Seria amável de explicar-se?- disse Pitt, pronunciando lentamente cada palavra. -O que achou?

-OH...- O médico compreendeu que estava pondo muito a prova a paciência do inspetor. -Isto!

Do bolso tirou um lenço. Com supremo cuidado, desdobrou-o para mostrar um guineu de ouro fulgurante.

Pitt o olhou sem compreender.

-Um guineu de ouro. E?

-Encontrei-a no cérebro do senhor Weems- disse o médico com deleite. -Tenho outra, embora esteja bastante danificada. Deve ter tropeçado com muito osso. Rainha Vitória, 1876, treze anos. A seu agiota, cavalheiro, dispararam com uma arma carregada de moedas de ouro. Alguém certamente irônico.

O aposento era simples e funcional. As vozes ressoavam ligeiramente.

-É poético- concordou Pitt, preso de um calafrio.

-Atiraram nele com seu próprio dinheiro?- perguntou estupefato Innes. -Isso sim que é humor negro.

-Nunca pensei que esses pobres devedores tivessem tanta imaginação- comentou o médico dando de ombros. -Mas aqui está. Diretamente extraída do cérebro com pinças. Juro pela Bíblia.

Estremecido, Pitt imaginou a cena: o escritório tranquilo sobre a Rua Cyrus, o gás chiando nos abajures, o som de cascos na rua, Weems sentado frente a sua escrivaninha, implacável, incapaz de ceder, a silhueta do assassino na penumbra empunhando uma arma de enorme calibre carregada de ouro, a detonação e meia cabeça do Weems pelos ares.

-E as demais moedas?- perguntou Pitt. -Ou insinúa que dois guineus puderam fazer tanto dano?

-Impossível- respondeu o médico. -Seriam precisas quatro ou cinco, no mínimo. Só me ocorre que o assassino recolhesse as que não se afundaram de todo na carne. Necessita-se sangue-frio para fazer uma coisa assim.

Innes estremeceu e blasfemou entre dentes.

-Mas quanto à arma- insistiu Pitt, tratando de afastar a imagem de sua mente, -era preciso um cano muito grande para disparar moedas desse tamanho.

-Não pôde fazê-lo a espingarda- raciocinou Innes. -Tampouco o diabo. O assassino tinha que levar a arma consigo, embora fosse estranho que ninguém reparasse nela-. Empurrou o lábio inferior para diante. -Poderia tratar-se de uma conspiração. Ninguém gosta dos agiotas, e ainda menos um tipo tão duro como Weems.

-Embora o bairro inteiro estivesse contra ele- disse Pitt, -não explica por que Weems permaneceu sentado olhando como seu assassino tirava o ouro, enchia a cazoleta de pólvora, introduzia a moeda no cano, apontava e disparava.

-Não sei- respondeu Innes. -Não tem sentido.

-Eu me limito a achar fatos, cavalheiros- disse o médico dando de ombros. -Touca-lhes dar sentido. O que sim posso lhes dizer é que dispararam nele uma rajada tremenda e a não mais de metro e meio de distância, embora suponha que isso já sabem pelo tamanho do aposento. E que eu recolhi dois guineus de ouro de seu cérebro ou do que ficava dele.

-Obrigado- disse Pitt. -Se descobrir algo mais, rogo-lhe nos comunique isso imediatamente.

-Não sei que mais poderia averiguar, mas conte comigo.

-Obrigado. Bom dia.

Pitt partiu seguido do sargento.

Uma vez na rua, Innes respirou fundo e sacudiu a cabeça.

-E agora o que, senhor? A lista?

-Isso temo- respondeu Pitt com gravidade. -Pobres diabos.

A experiência foi muito mais dura e dolorosa do que tinha imaginado. Passaram três dias percorrendo casas desmanteladas onde mulheres atemorizadas abriam a porta com meninos desnutridos e descalços presos às saias.

-Sim?- perguntou nervosa a primeira mulher.

Temia Pitt porque temia todo mundo que batesse a sua porta.

-É a senhora Colley?- perguntou consciente dos transeuntes que se voltavam para olhar.

A mulher vacilou, mas vendo que não tinha escapatória, aceitou a derrota.

-Sim.

Sua voz era apagada, triste. Não se tinha movido da porta, que ao parecer considerava preferível apesar dos olhares dos vizinhos. Deixar entrar Pitt a voltaria ainda

mais vulnerável, e faria ainda mais visível sua extrema pobreza.

Pitt não sabia como lhe dizer quem era sem assustá-la ainda mais.

-Sou o inspetor Pitt da delegacia de polícia do Bow Street. Este é o sargento Innes.

-Não fiz nada!- exclamou ela com voz trêmula. -O que ocorre? O que querem?

A resposta mais rápida era a menos cruel.

-Alguém que seu marido conhece foi assassinado. Possivelmente você possa nos dizer algo.

-Eu não sei nada-. Seu rosto pálido e seu olhar apagado não exibiam culpa nem engano, só resignação à miséria.

-Trabalha seu marido, senhora Colley?- prosseguiu Pitt.

A mulher ergueu o queixo.

-Sim, no mercado de peixe do Billingsgate. Não sabe nada de nenhum morto.

Innes olhou ferozmente a um trapero curioso que em seguida acelerou o passo e desapareceu por um beco.

-O que fez seu marido na terça-feira passada, senhora Colley-inquiriu Pitt. -Durante todo o dia, por favor.

A mulher o contou entre hesitações enquanto o menino se aferrava aos joelhos e, percebendo o temor na voz e no corpo de sua mãe, começava a chorar.

-Obrigado- disse Pitt. -Sim é certo o que diz, não tem do que preocupar-se. Não voltará a nos ver.

Teria gostado de lhe contar que Weems estava morto e que provavelmente suas dívidas ficariam saldadas, mas com isso lhe teria criado esperanças que não era de todo certo que se cumprissem.

A seguinte mulher, pequena e fatigada, diferenciava-se da primeira unicamente em detalhes corriqueiros. De olhos castanhos e cabelo um pouco mais cinza, levava um vestido igualmente gasto e cheio de remendos. A mulher tinha um machucado na face e ignorava onde tinha estado seu marido a noite que morreu Weems. Provavelmente na taverna do final da rua. Chegou em casa bêbado, por volta da meia-noite, e dormiu no chão da cozinha, onde se tinha desabado ao entrar.

E assim, um ciclo interminável de pobreza, fome, casa sem deságües e sem mais água que a do depósito da rua, enfermidades, falta de educação e, portanto, os trabalhos mais humildes, e mais pobreza. E para muitos o único consolo era o álcool, que lhes permitia afogar a dor no esquecimento. E com a embriaguez vinha a

violência, a perda do trabalho e a casa de penhores ou o prestamista.

Pitt odiava aos homens como Weems, não porque estivesse em suas mãos mudar a situação- ninguém sabia como fazê-lo, mas sim porque tiravam proveito da mesma. Ia lhe custar muito interessar-se por descobrir quem o tinha matado.

Com sorte, algumas de suas vítimas se livrariam de devolver suas cancerosas dívidas. Não haveria ninguém que as reclamasse, que fiscalizasse o aumento dos interesses e arrecadasse semanalmente os últimos pennies dos devedores destinados a liquidar um débito que nunca diminuía.

Como não havia nada que contar ao Micah Drummond, Pitt partiu a sua casa, onde tudo era acolhedor e ninguém se assustava se alguém batia na porta. Charlotte lhe contaria com cabelos e sinais o baile em casa de Emily, dos vestidos, a comida, as conversas. Ele a contemplaria e perceberia o entusiasmo em sua voz, e imaginaria representando, por uma noite, o papel de anfitriã da alta sociedade e

obtendo maior prazer que todas as duquesas juntas, porque era um jogo, um desfile de elegantes vestidos. No final poderia recuperar o juízo e retornar a casa, junto a seus filhos, as comodidades que estavam ao alcance de muita outra gente, à rotina, a coisas, como fazer pão, remendar roupa, retirar as pétalas mortas das rosas, sentar-se de noite junto à janela e observar as mariposas que revoavam no jardim.

No dia seguinte Pitt e Innes se concentraram de novo na lista, desta vez com os pobres refinados, os que se esforçavam por manter uma aparência de respeitabilidade e preferiam passar frio no inverno antes que privar-se de uma criada, porque a gente de bem tinha criada. Famílias que comiam pão molhado em molho quando estavam sós para poder exibir melhores manjares no dia que tinham convidados. Estas pessoas possuíam um único traje que não estava gasto e antiquado, botas furadas e nada de casaco, mas cada domingo passeavam até a igreja com a cabeça bem alta e sorrindo cortesmente aos vizinhos e se inventavam incríveis histórias para não aceitar convites porque não podiam corresponder. Pitt também sofria por eles e sabia por que as portas se abriam com temor e por que lhe serviam o chá com mão trêmula. E experimentava uma satisfação compulsiva quando podiam provar onde estiveram no dia que William Weems foi assassinado. Os pobres tinham essa vantagem sobre lorde Byam, a intimidade era um luxo que poucas vezes provavam. A maioria dessas pessoas estavam em companhia de muitas outras a essa hora da noite. Poucas dispunham de um espaço privado onde podiam sequer lavar-se ou dormir. E as famílias mais pobres viviam em um só cômodo e se limitavam a sonhar que algum dia as coisas mudariam. Os empréstimos se amontoavam e os interesses engoliam quanto possuíam, de modo que nunca conseguiam devolver o capital inicial. O

endividamento era uma forma de vida.

Pitt desejou de coração que o assassino do Weems tivesse destruído todos os recibos. Odiava-lhe mais por esse descuido que por ter emigalhado os miolos do agiota com meia dúzia de moedas de ouro.

No quinto dia Pitt deteve um cabriolé e se dirigiu ao Bow Street para comunicar a Micah Drummond que não tinha descoberto nada que implicasse ou desculpasse a lorde Byam. Eram pouco mais das cinco da tarde e o sol ainda estava alto. As árvores do lugar transbordavam de folhas e ao sair do carruagem Pitt ouviu a música da orquestra que tocava no Lincoln Inn Fields. Os meninos brincavam com aros e com paus pintados com cabeças de cavalos, e um homem com a jaqueta arregaçada fazia voar uma corneta para um menino que a observava maravilhado. Um casal de apaixonados passou pela praça agarrado pelo braço. A moça ria e o homem se pavoneava ligeiramente, como se tivesse algo estupendo que mostrar ao mundo.

Uma babá caminhava na outra direção, empurrando um carrinho com a cabeça bem alta e um avental branco e resplandecente. Em um banco de madeira descansavam dois anciões de rosto benevolente.

Quando Pitt chegou ao Bow Street quase tinha esquecido a onipresente indigência que tinha visto durante todo o dia e que invadia o ar como o pó.

Pagou ao cocheiro e subiu a escadaria da delegacia de polícia. Ao entrar ouviu um alvoroço que provinha da rua. Nesse momento a porta se abriu e um agente uniformizado entrou de costas enquanto tentava deter um corpulento cavalheiro de bigode arrepiado e rosto corado que estava visivelmente furioso e decidido a que ninguém lhe pusesse uma mão em cima. O homem sacudia o corpo como um peixe em um anzol e o agente, apesar de ter a juventude de seu lado, estava perdendo a batalha.

Pitt foi em sua ajuda e entre os dois reduziram ao cavalheiro, que em seguida compreendeu que tinha de perder. De repente, todos ficaram quietos. O agente tinha a jaqueta torcida, dois botões desaparecidos e o capacete sobre a orelha. Pitt, por sua parte, tinha um bolso rasgado e pó nas calças, pois o homem lhe tinha empurrado com as botas para tentar liberar-se. O estado deste último era o pior de todos. Tinha o cabelo arrepiado, a jaqueta subida até as axilas, a camisa rasgada e a gola arrancada dos botões, e a gravata parecia que ia estrangulá-lo. Levava as calças torcidas e o botão da cintura aberto.

-Está bem, agente?- perguntou Pitt com a seriedade que permitia tão ridícula situação.

O agente arrumou o uniforme com uma mão enquanto com a outra segurava ao

prisioneiro.

-Sim, senhor. Muito obrigado.

-Como se atreve?- perguntou furioso o homem. -Receio que não sabe quem sou, senhor. Sou Horatio Osmar!

Estava-se dirigindo ao Pitt, pois tinha reconhecido sua classe superior e isso o fazia digno de sua atenção.

Ao Pitt soava o nome, mas demorou para situá-lo. Horatio Osmar tinha sido subsecretário do governo até que se aposentou dois anos atrás.

-Seriamente, senhor?- disse surpreso Pitt, olhando por cima da cabeça do Osmar ao desconcertado agente.

-Estou disposto a aceitar uma desculpa e esquecer o assunto-disse Osmar enquanto baixava a jaqueta.

Suas mãos vacilaram um instante, como se pretendessem ajustar a calça, mas logo trocou de idéia. Seu rosto ainda ardia por causa do esforço.

-Não posso fazer isso, senhor- disse o agente antes de que Pitt tivesse tempo de interrogá-lo. -Devo detê-lo.

-Isso é ridículo- explodiu Osmar. Recuperou seu braço e olhou enfurecido ao Pitt. - Você parece um tipo razoável. Maldito seja, lhe explique a este jovem excessivamente entusiasta quem sou.

Pitt olhou ao agente. Estava vermelho e preocupado, mas continuava mantendo o corpo e o olhar firmes.

-Do que lhe acusa, agente?

-De conduta indecorosa em público, senhor.

-Tolices!- exclamou Osmar. -Não é verdade!

-Tem certeza, agente?- perguntou Pitt.

-Sim, senhor. O agente Crombie tem a jovem dama.

-Que dama?

-A dama com a que o senhor Osmar estava... estava sentado no parque, senhor.

-Exato!- exclamou Osmar, tremendo de indignação. -Sentados! Não é nenhuma ofensa, senhor, que um cavalheiro e uma jovem dama se sentem em um banco do parque e desfrutem de um formoso dia do verão. -Puxou sua jaqueta para baixo. -Grande ultraje, ser incomodados e insultados por dois agentes incompetentes.

-Dois?- Pitt arqueou as sobrancelhas.

-Sim, senhor, dois. O outro tem preso minha amiga, a senhorita Giles. Que

experiência tão espantosa para uma dama de tão bom berço. Horroriza-me pensar que isto lhe tenha acontecido em minha companhia, pois ao estar comigo provavelmente se achava a salvo desta classe de atropelos. Nunca o perdoarei!

-Onde está a senhorita Giles, agente?- inquiriu Pitt com preocupação. Parecia tratar-se de um sério engano que podia piorar se Horatio Osmar decidisse exercer pressão.

Justo detrás de mim, senhor.

O agente sustentou o olhar do Pitt apesar de sua confusão.

Nesse momento a porta se abriu e o segundo agente entrou com uma jovem a quem segurava firmemente pelas mãos. Possuía uma beleza fresca e descarada. O cabelo, moreno, saíra das forquilhas e lhe caía pelos lados, e levava o vestido torcido e aberto por cima. Era impossível saber se seu aspecto se devia à resistência com o agente ou se este já a tinha encontrado assim.

-Agente Crombie, suponho- disse secamente Pitt.

-Sim, senhor.

O agente respirava entrecortadamente e parecia desconcertado. Não estava acostumado a lutar com mulheres, fossem do berço que fossem.

-Está detida a senhora?

-Sim, senhor. Estava no parque com este cavalheiro-. Assinalou ao Horatio Osmar, que olhava-os lançando fogo pelos olhos. -Se comportavam de uma forma que podia ofender o pudor da gente decente- prosseguiu o agente. -Faziam coisas que só deveriam fazer em seu dormitório ou, quando muito, em seu salão.

-Como se atreve?- Osmar não pôde conter-se mais. -É uma calúnia escandalosa, senhor-. Lutou em vão por liberar-se. -Não estávamos fazendo nada indecente. Insultou à senhorita Giles e não penso tolerá-lo.

-Nós vimos o que vimos, senhor- respondeu o agente sem alterar-se.

-Imaginou-o.

Osmar tinha subido a voz e já então as pessoas dos arredores perceberam o alvoroço. A porta de um escritório se abriu e apareceu um inspetor uniformizado.

Era um homem alto, quase tão alto como Pitt, com um rosto forte e franco.

-O que ocorre, agente?- dirigiu-se ao Crombie, pois não reparou em que Pitt, embora a paisana, também era polícia.

Crombie parecia aliviado.

-OH, senhor Urban, me alegro de vê-lo. Allardyce e eu prendemos a esta dama e este cavalheiro por conduta indecorosa no parque. Estavam-se tratando com muita



confiança em um banco, senhor, abrindo-as roupas e pondo as mãos onde só devem ficar em privado.

-Mentira- disse Osmar. -Receio que não sabe quem sou eu, senhor-. Finalmente livre, puxou sua jaqueta para baixo com as duas mãos. -Sou Horatio Osmar, ex-subsecretário do governo de Sua Majestade.

Urban abriu as pálpebras de maneira quase imperceptível. O resto de seu semblante se manteve inalterável.

-Compreendo, senhor. E a dama?

A mulher abriu a boca para falar, mas Osmar não lhe deu opção.

-A senhorita Beulah Giles, uma dama de reputação inintacável e moralidade incontestável.

Urban olhou ao Pitt.

-E você, senhor?

-Sou Thomas Pitt, inspetor de polícia, mas este caso não me concerne. Eu devia informar ao senhor Drummond de um assunto muito diferente.

Desta vez a expressão do Urban mudou e a cortesia deu passagem a um visível interesse.

-De modo que você é Thomas Pitt. Acabo de me transladar ao Bow Street, mas ouvi falar de você. Sou Samuel Urban.

Estendeu-lhe uma mão e Pitt a estreitou com firmeza.

-Deixo o assunto em suas mãos- disse com um sorriso. -Parece um caso difícil.

E dito isto, voltou-se e subiu ao escritório de Drummond para lhe contar que ainda não tinha averiguado nada que implicasse ou desvinculasse a lorde Sholto Byam. Não chegou alcançar o último degrau quando experimentou um calafrio e se deteve em seco. Samuel Urban. Esse era o nome que figurava na lista do Weems ao lado de uma enorme soma de dinheiro.

Pôs-se a andar pelo largo corredor que conduzia ao escritório do Drummond.

Horatio Osmar e Beulah Giles passaram a noite nas celas da delegacia de polícia e no dia seguinte compareceram ante o tribunal de polícia. Micah Drummond não esteve presente, mas advertiu ao Urban que queria permanecer informado todo tempo. Culpar a um ex-subsecretário do governo de conduta indecorosa em um lugar público não era nenhuma tolice.

Perto do meio-dia Urban bateu a sua porta.

-Entre- disse Drummond levantando a vista da escrivaninha.

Esperava que se tratasse do Pitt com notícias de que tinha descoberto algo sobre o caso Weems, mas possivelmente estava sendo muito otimista.

Quando Urban entrou foi uma angústia diferente a que experimentou, mas não podia culpar ao inspetor. Em certa maneira, era de lamentar que os dois agentes tivessem estado naquele preciso lugar naquele preciso instante. Mas dado que tinha ocorrido, não tinha intenção de lhes ordenar que esquecessem o assunto porque se

tratasse de um personagem público.

-E bem?- perguntou.

A atitude do Urban era formal e resseiosa.

-O senhor Osmar foi processado e se declarou inocente, não sem certo aquecimento e indignação.

Drummond sorriu com tristeza.

-Não podia ser de outro modo.

-Eu esperava que uma noite na cela lhe esfriasse o gênio- disse Urban com pesar -e lhe convencesse de que, declarando-se culpado a publicidade seria menor-. Estava de pé, envolvido pelo sol que entrava em torrentes pela janela. O resplendor ressaltava as sardas de sua pele e a sombra das pestanas se projetava sobre suas faces. -A senhorita Giles mal falou. Simplesmente se deixou guiar por ele, o que é compreensível.

-Algum jornalista?

-Que eu saiba não, mas com certeza não demorarão para inteirar-se.

-A menos que Osmar tenha sorte. Possivelmente tenham examinado a lista de causas por julgar e não tenham visto nada que valesse a pena. Depois de tudo, uma indecência corriqueira não mereceria comentário algum em outras circunstâncias.

Urban fez uma careta de desprezo.

-Certo, senhor, mas receio que Osmar não é um homem muito sensato. Teimou em chamar pessoalmente ao ministro do Interior.

-O que?- Ao Drummond quase lhe caiu a pena. -O que quer dizer com isso de que chamou? Encontrou um mensageiro?

-Não, senhor-. Urban olhava-o divertido. -Utilizou um desses aparelhos telefônicos. Já somente isso causou um grande rebuliço.

-E conseguiu conectar com ele?

Drummond não só estava atônito, mas começava a inquietar-se seriamente. O assunto se estava pondo feio.

Urban deixou de sorrir.

-Sim, senhor. Embora acredite que quão único conseguiu foi atrasar o processo e, portanto, sua liberação sob fiança, a qual, dada a natureza do delito, era de esperar.

-E a senhorita...?

-Senhorita Giles. Também saiu sob fiança-. Urban deu de ombros. -Todo era previsível salvo o fato de que chamasse o ministro do Interior. Talvez se o tivéssemos acusado de roubo teria chamado ao primeiro-ministro, e se tivesse sido de agressão, a própria Rainha.

-Esse homem é um perigo- respondeu Drummond com gravidade. -O que ocorrerá quando chegar o momento do julgamento?

-Quem sabe. Possivelmente até então se deixará aconselhar com sensatez e desejo calar. Por certo, devolvemo-lhe a maleta.

-A maleta?- Drummond ignorava a que se referia Urban.

O inspetor relaxou ligeiramente e colocou uma mão no bolso.

-Sim, senhor. Um homem chegou à delegacia de polícia meia hora depois de que Crombie e Allardyce detiveram o senhor Osmar, dizendo que tinha estado no parque durante a briga e que Osmar tinha deixado uma maleta no banco onde ele e a senhorita Giles estavam sentados. Estava esperando a um amigo e supôs que os agentes voltariam pela maleta, mas ao ver que não o faziam, depois de ver seu amigo o trouxe pessoalmente. Pelo menos Osmar não poderá nos acusar de ter feito que se extraviasse.

-Recuperou-o?

-Sim, senhor. Levava-o na mão quando partiu.

-Algo é algo- suspirou Drummond. -Grande embrulho. Por que não podia esse velho idiota comportar-se decentemente em um banco público?

Urban sorriu.

-O calor do momento? A primavera que o sangue altera?

-Estamos no verão- respondeu secamente Drummond.

-Nesse caso, possivelmente tenhamos tido sorte. Poderia ter sido pior na primavera.

-Fora daqui!

Urban sorriu bonachonamente.

Drummond deixou a pena e se levantou.

-Não perca de vista o caso, Urban- disse com seriedade. -Tenho assuntos mais importantes de que me ocupar. Pediram-nos ajuda em um desagradável caso de assassinato.

-Ajuda?

-Não ocorreu em nosso distrito. Vou ver alguém a quem o assunto lhe concerne. Aproximou-se do cabide e pegou o chapéu, mas fazia muito calor para levar casaco. Com gesto mecânico, ajustou a gravata e as lapelas da jaqueta e relaxou os ombros.

Urban não parecia estranhar. Esperava-se que os cavalheiros como Micah Drummond se vestissem impecavelmente aonde quer que fossem, não por deferência à pessoa que visitavam mas sim porque formava parte de sua natureza.

Drummond deteve um cabriolé e partiu para a Belgravia.

Recostado no fofo assento, pensou em lorde Byam e no sentido da obrigação que o tinha empurrado a implicar-se no caso. Desde há dez anos formava parte de um grupo exclusivo conhecido como o Círculo Interno, uma irmandade onde a pertença de um membro só a conheciam os membros mais ameadados ao mesmo, e todos se comprometiam sob juramento a que assim fosse. Secretamente, realizavam boas obras, ajudavam aos desventurados, lutavam contra certas injustiças e faziam generosas doações a numerosas sociedades beneficentes.

Também tinham combinado ajudar-se mutuamente quando assim lhes pedisse e o irmão se identificasse com os sinais do Círculo. A pessoa devia aceitar ajudar sem fazer perguntas nem avaliar o custo pessoal. Sholto Byam tinha acudido ao Drummond. Como membro do Círculo, este não tinha mais opção que fazer o possível para ajudá-lo sem revelar ao Pitt a existência da irmandade. Não podia lhe explicar nada e a situação o perturbava muito. Londres estava cheio de sociedades, algumas delas beneficentes, muitas secretas. Drummond apenas se expôs seu ingresso no Círculo Interno. Muitos de seus companheiros o tinham feito e parecia um passo sábio e admirável. Nunca antes tinha sido causa de preocupação.

O que lhe inquietava não era temer que Byam fosse culpado e que ele tentasse protegê-lo das conseqüências de seu ato. Era, simplesmente, que não podia explicar ao Pitt sua conduta nem a razão pela qual lhe tinha sido tão fácil pô-lo à frente de um caso que era competência da delegacia de polícia do Clerkenwell. Havia outros membros do Círculo Interno a quem Drummond podia recorrer, homens em situação de decidir quem devia investigar um caso e onde, e para isso só tinha que identificar-se como um irmão, sem dar mais explicações.

Agora devia fazer por honra e de bom grado quanto fosse preciso para ajudar ao Byam.

Chegou ao Belgrave Square, pagou ao cocheiro e voltou a ajustar a gravata enquanto o cabriolé se afastava. Subiu as escadas e estendeu o braço para apertar a campainha.

O laçao, não obstante, estava alerta e abriu a porta antes de que soasse.

-Bom dia, senhor Drummond- disse cortesmente, recordando a impaciência que seu senhor tinha mostrado por ver este cavalheiro em sua primeira visita. -Lamento comunicar-lhe que lorde Byam não está em casa, mas se deseja ver lady Byam, anunciarei-lhe sua visita.

Drummond sentiu uma mescla de consternação e satisfação. Em seguida pensou que lady Byam poderia lhe dar uma idéia da personalidade de seu marido, de seus hábitos e possivelmente de algum fato que lorde Byam tivesse passado por cima e pudesse conduzir a demonstrar sua inocência. Recordou o porte elegante e o amável sorriso da mulher.

-Obrigado, seria fantástico.

-Rogo-lhe que espere na sala de visitas, senhor.

O laçao abriu uma porta e Drummond entrou em uma sala inundada de sol e decorada com tons verdes frios. Havia uma enorme lareira de mármore. De linhas simples e puras, deduziu que era um desenho Adam do século passado. Das paredes pendiam quadros de cenas marinhas e a suas costas havia paisagens de prados e vacas holandesas. Jamais tinha reparado em quão agradáveis eram para a

mente as curvas aprazíveis e desajeitadas do corpo de uma vaca. Emitiam uma sensação de quietude única. As longas cortinas de veludo verde, recolhidas com galões, chegavam muito mais à frente do chão. Era o único detalhe da estadia que Drummond achava discordante. Ignorava por que, mas lhe desagradavam as cortinas muito longas, embora sabia que eram características das casas abastadas. Constituíam um signo de opulência, uma indicação de que a família possuía veludo suficiente para dar e atirar.

Sobre a mesa baixa de mogno, entre as poltronas, descansava um vaso de vidro esculpido cheio de rosas.

Caminhou até a janela e esperou ao sol a volta do laçao.

Lady Byam apareceu nesse momento e fechou a porta atrás de si, o que significava que tinha intenção de falar com ele nessa sala. Era mais alta do que Drummond recordava, e com a luz afiada do sol percebeu que também tinha mais anos, possivelmente uns menos que ele. Sua tez, branca e diáfana, mostrava algumas rugas muito finas em torno dos olhos, fato que a fazia mais acessível e vulnerável, e mais disposta à risada.

-Bom dia, senhor Drummond- disse lady Byam com um leve sorriso. -Temo que lorde Byam não está em casa, mas não demorará para retornar. Enquanto isso, posso lhe oferecer algo de beber?

Drummond não tinha nem fome nem sede, mas aceitou o convite sem vacilar.

Lady Byam puxou a corda da campainha e quando o laçao acudiu lhe pediu que servisse chá e canapés.

-Me perdoe, senhor Drummond- disse assim que o laçao partiu, -mas não posso evitar lhe perguntar se possui alguma informação sobre a morte do senhor Weems.

Ele se deu conta de que, apesar da negrume de seus cabelos, seus olhos não eram castanhos mas cinzas.

-Muito pouca, senhora- respondeu com tom de desculpa. -Não obstante, pensei que lorde Byam gostaria de conhecer nossos progressos mesmo que se limitem a uma questão de eliminação.

-Eliminação?- Sua voz fria e serena se ergueu em um arranque de esperança. - Significa isso que já sabe por que não foi meu marido?

Drummond teria desejado poder dizer que sim.

-Temo que não. Referia-me à eliminação de gente de quem tínhamos razões para suspeitar, pessoas que tinham recebido dinheiro emprestado do Weems mas que podem demonstrar onde se achavam no momento em que foi assassinado.

-É assim como o fazem?

Lady Byam enrugou a fronte. Seus olhos refletiam inquietação e, em opinião do Drummond, decepção.

-Não- se apressou a responder. -Não é mais que uma forma de descartar algumas possibilidades para não perder tempo investigando-as. Quando alguém como Weems é assassinado é difícil saber por onde começar, pois tinha muitos inimigos potenciais. Cada pessoa que lhe deve dinheiro constitui uma possibilidade-. Reparou que estava falando muito e com excessiva rapidez, mas com toda sua

língua seguiu adiante. -Primeiro devemos determinar quem tinha razões para desejar sua morte e, seguidamente, quem contou com a oportunidade e os meios para cometer o assassinato. Não muitos reúnem os três requisitos. Uma vez reduzida a lista determinamos, mediante os indícios que possuímos, quem destas pessoas é a culpada, caso só haja uma.

Olhou a lady Byam para comprovar se compreendia não só suas palavras, mas o significado que encerravam, se tinha conseguido tranquilizá-la demonstrando que sabiam como fazer seu trabalho.

Percebeu que as dúvidas da mulher diminuía e seus ombros se relaxavam sob o suave tecido do vestido, que era verde escuro como a sala e recordava às sombras sob as árvores no verão. A preocupação, não obstante, continuava aí.

-Parece uma tarefa muito complicada, senhor Drummond. Estou certa de que

algumas pessoas, e não só o assassino, mentirão-lhe-. Franziu o sobrececho. -Embora não tenhamos nada que ver com o assassinato, quase todos temos coisas que preferiríamos não revelar, embora sejam pecadinhos sem importância. Como sabe no que acreditar e no que não acreditar?

Antes que ele pudesse responder, o laçao apareceu com uma bandeja. Eleanor lhe agradeceu distraidamente antes de despedi-lo, ofereceu um canapé ao Drummond e serviu-lhe uma xícara de chá.

Os canapés, de patê e queijo, estavam deliciosos. O chá lhe limpou a boca. Sentou-se frente a lady Byam fazendo equilíbrios com a comida e sentindo-se torpe ao lado de sua elegância.

-É difícil- disse, reatando a conversa. -E como é natural de vez em quando nos equivocamos e temos que começar de novo. Mas o inspetor Pitt é um detetive excelente e não se deixa enganar com facilidade.

Lady Byam sorriu abertamente pela primeira vez.

-Um homem curioso- disse, contemplando as rosas do delicado vaso. -A princípio me perguntei que classe de sujeito havia nos trazido-. desculpou-se com um sorriso. -Tinha os bolsos cheios até em cima, suponho que de papéis, a jaqueta torcida e se diria que levava meses sem ir a um bom barbeiro. Logo, depois de observá-lo com mais vagar, percebi que tinha o olhar mais limpo que vi em minha vida. Não o notou?

Drummond não soube o que responder.

A mulher sorriu.

-Não, claro que não. Os homens não se fixam nessas coisas. Daria-me muita vergonha que seu senhor Pitt me descobrisse dizendo uma mentira, e não estranharia que o conseguisse. Espero que tenha o mesmo efeito em todas as pessoas à quem interroga-. Calou ao ver a dúvida no rosto do Drummond. -Me acha fantasiosa? Possivelmente. Ou talvez muito...

-OH, não!- apressou-se a dizer ele, inclinando-se para diante. Então se deu conta de que ainda tinha a taça na mão e a deixou timidamente sobre a mesa. -Pitt é muito bom em seu trabalho, asseguro-lhe. Não lhe teria atribuído este caso se não confiasse plenamente nele. Resolveu alguns casos de assassinato extremamente difíceis, e é um homem compassivo e discreto. Nunca procurará seu próprio reconhecimento nem provocará um escândalo para fazer mal.

-Um modelo de virtudes- observou lady Byam contemplando seu prato.

Drummond se deu conta de que tinha exagerado.

-Muito menos- disse com excessiva pressa. -Desobedece com frequência, detesta que o tratem com condescendência e é o homem mais descuidado que vi em minha vida. Mas é íntegro e imaginativo, e se alguém descobrir quem matou ao Weems, será ele.

Lady Byam olhou-o pela primeira vez nos olhos, e com um sorriso cheio de ternura.

-Aprecia-o, não é verdade?

-Sim-. E era uma confissão. Uma mulher da posição social de lady Byam não esperaria que um cavalheiro como Drummond tivesse sentimentos pessoais por um subordinado como Pitt.

Ela não respondeu, mas ele teve a sensação de que se alegrava, embora não sabia bem por que. Talvez, simplesmente, porque se Pitt era de seu agrado fazia que o desagradável assunto fosse mais suportável e podia confiar em que não agiria com estupidez. Ou possivelmente era porque aprovava ao Drummond. Julgou esta última idéia ridícula e se apressou a afastá-la de sua mente. Dispunha-se a falar quando lady Byam lhe aproximou a bandeja.

-Outro canapé, senhor Drummond?- Pareceu que procurava algo que dizer, e o achou em uma trivialidade. -Há dois dias estive em um baile oferecido pelo senhor e a senhora Radley. Ela era a viúva de lorde Ashworth e voltou a casar-se recentemente. Seu marido quer apresentar-se à candidatura ao Parlamento e a festa era parte de sua campanha. A senhora Radley, não obstante, estava indisposta e sua irmã, uma tal senhora Pitt, ocupou seu lugar. Custou-me recordar onde tinha ouvido esse nome recentemente-. Sua voz era cada vez mais elevada, como se a garganta puxasse ela. -Me pergunto o que teria pensado toda essa gente se tivessem sabido que hoje estaria sentada em minha casa falando de uma investigação policial e esperando liberar a meu marido do fato de ser suspeito do assassinato de um agiota. Pergunto-me quantos deles teriam procurado então minha companhia.

Muitas respostas se amontoaram nos lábios dele, assim como o desejo de lhe contar quem era Charlotte, fato que descartou com relutância. Seria injusto para ela e provavelmente fecharia uma via para obter informação. Charlotte tinha mostrado um julgamento muito agudo em outras ocasiões, Drummond desejava dizer a Eleanor Byam que se um amigo a abandonava por algo assim não era merecedor de sua amizade e ainda menos de seu carinho. Contudo, compreendeu que ela sabia tão bem como ele e que, mesmo assim, necessitava o consolo de ser aceita. Temia o escândalo, o ostracismo, os cochichos cruéis, as especulações, as opiniões injustas. A coragem não evitava a dor, só ajudava a suportá-la com dignidade. Nem sequer o fato de descobrir que quem se fazia



chamar amigos eram seres frívolos e cruéis faria mais leve o desengano. Lady Byam preferia que seus amigos não tivessem que passar essa prova. Não queria ver seus defeitos.

-Pitt é discreto- disse Drummond. -julga que eram muitas as pessoas que pediam dinheiro emprestado ao Weems e que provavelmente o matou um devedor desesperado.

De repente, o semblante de lady Byam se tornou compassivo.

-Tomara não fosse necessário descobrir quem o fez para demonstrar que não foi Sholto- disse. -Suponho que lhe parecerá imperdoável, mas me custaria muito censurar a alguém com apuros econômicos se Weems ameaçou-o embargando-o- mordeu-se o lábio. -Sei que o assassinato não é a solução, mas não posso evitar pensar nos sentimentos dessa pobre criatura.

-Pitt tampouco- disse Drummond sem pensar, pois ele sentia o mesmo. Se havia uma vítima que ninguém ia sentir falta, era William Weems.

Olhou-a e viu a resposta em seus olhos.

Drummond se ruborizou.

Ela desviou o olhar.

-Sholto o está levando muito bem- disse, fingindo despreocupação. -Se está assustado, esconde-o com a confiança de que, com o tempo, você seja capaz de descobrir a identidade do assassino. A trágica morte de lady Anstiss ocorreu faz muito tempo para que agora escureça nossas vidas. Que desprezível é a avareza.

-Conhecia-a?

-Não. Ocorreu uns anos antes de que Sholto e eu nos conhecêssemos-. Contemplou as folhas que a brisa balançava do outro lado da janela. -Acredito que era muito formosa, não só pelo equilíbrio de suas feições e a clareza de sua tez, mas sim porque possuía uma beleza vulnerável, apaixonada e embriagadora. Vi seu retrato em casa de lorde Anstiss e devo reconhecer que nunca o esquecerei-. Olhou ao Drummond. -Não porque tivesse uma morte trágica, mas sim porque seu rosto possuía uma força muito maior da que alguém esperaria de uma dama inglesa-. Piscou. -Quanto a sua vulnerabilidade, tinha imaginado uma mulher loira, de rosto frágil, jovem e doce. Lady Anstiss não tinha nada que ver com isso. Era morena, de nariz firme, maçãs do rosto elevados e uma boca maravilhosa. Estremece-me pensar que uma pessoa de aparência tão enérgica se tirasse a vida. Entretanto, não me custou acreditar que fosse capaz de amar com tal paixão para morrer.

-Sinto muito- disse ele, consciente de que o motivo dessa paixão era o marido de Eleanor. Admirou-a profundamente por ser capaz de falar do tema com tanta doçura e

compreensão. Devia estar muito segura de que Sholto Byam a amava apesar de suas imprudências e enganos do passado.

Lady Byam contemplou as silhuetas que a luz do sol projetava no tapete.

-Sempre admirei a lorde Anstiss pelo fato de que não guardasse rancor ao Sholto-. Falava com voz muito baixa. -Teria sido muito mais fácil dar rédea solta ao ressentimento, e ninguém teria podido culpá-lo por isso. Depois do transtorno inicial, não permitiu que o ódio sujasse sua dor. Suponho que compreendia a desolação de Sholto e sabia que este teria feito algo por reparar o dano causado por sua desconsideração-. Suspirou. -Mas quando Sholto se deu conta da intensidade dos sentimentos da Laura, já era muito tarde-. mordeu o lábio e olhou ao Drummond. -Pelo visto era a primeira vez que alguém a rechaçava. Não havia homem que não sucumbisse a seu feitiço e de repente teve a sensação de que tinha perdido esse poder. Estava confusa e terrivelmente ferida, e começou a duvidar de si mesma- deteve-se um instante, mas Drummond não disse nada.

-Deve ser estranho ser tão formosa que ninguém possa resistir a tentação de a contemplar- prosseguiu, tanto para ela como para ele. -Até esse momento a beleza sempre me tinha parecido uma bênção. Suponho que a pessoa está tão encantada com seu rosto que não consegue ver a pessoa que há detrás, uma pessoa com sonhos e medos como outros, capaz de sentir-se só e insegura, como tampouco consegue ver seu próprio valor e o amor que outra pessoa possa lhe professar-. Sua voz se apagou ainda mais. -Pobre Laura.

-E pobre lorde Anstiss- disse Drummond. -Deve ter um grande coração para ser capaz de superar o rancor e manter intacta sua amizade com lorde Byam. A riqueza do espírito e a capacidade de perdoar são algumas das qualidades que mais admiro.

-E eu- concordou Eleanor, olhando-o com intensa emoção. -Um espírito belo é muito mais importante que um rosto bonito. Quem o possui projeta doçura em tudo o que toca. Enquanto haja gente assim, poderemos suportar aos homens como Weems e ao pobre diabo que se viu impulsionado a, matá-lo.

Drummond se dispunha a responder quando ouviu passos e vozes no vestíbulo. A porta da sala se abriu e apareceu lorde Byam. A primeira vista parecia animado, mas quando cruzou o halo de sol Drummond percebeu rugas de fadiga em torno dos olhos e uma tensão reprimida. Lorde Byam não se surpreendeu de vê-lo, era evidente que o laçao lhe tinha posto a par de sua visita.

Drummond se levantou.

-Bom dia, lorde Byam. Vim para lhe informar do que averiguamos até agora.

Lorde Byam assentiu com a cabeça.

-Bom dia, Drummond. Agradeço. Bom dia, querida.

Acariciou o ombro de sua esposa muito levemente, com os dedos.

Lady Byam interpretou o gesto como uma forma sutil e amável de lhe indicar que desejava falar com Drummond a sós. Provavelmente achava que o assunto lhe era ofensivo.

Eleanor se levantou e olhou ao Drummond.

-Se me desculpar, senhor Drummond, devo atender minhas obrigações domésticas. Temos convidados para jantar e tenho que repassar o menu com o cozinheiro.

-Não era preciso mais-. inclinou-se ligeiramente. -Obrigado por me dedicar seu tempo.

Eleanor sorriu educadamente. As palavras do Drummond eram formais e o mesmo haveria dito a qualquer pessoa nessas circunstâncias. Ela não podia saber que o dizia de coração.

-Bom dia, senhor Drummond.

-Bom dia, lady Byam.

Eleanor saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

Byam reparou que a bandeja estava vazia mas se absteve de lhe oferecer algo mais. Drummond percebeu que seus movimentos eram tensos e lhe economizou o lhe perguntar que notícias trazia.

-Temo-me que até agora só conseguimos excluir as possibilidades mais óbvias- disse sem mais preâmbulo.

Byam abriu imperceptivelmente as pálpebras e deixou que Drummond prosseguisse.

-Achamos duas listas de devedores no escritório do Weems. Uma correspondia a pessoas humildes que tinham pedido pequenas somas de dinheiro a prazos regulares e as estavam devolvendo do mesmo modo com interesses de usura. A maioria desses pobres diabos nunca conseguirá devolver o capital e passará o resto de sua vida arranhando-os bolsos. Que forma tão desprezível de aproveitar-se da desgraça alheia!- Na hora compreendeu que o comentário estava deslocado. Não devia permitir que seus sentimentos aflorassem.

Byam, não obstante, olhou-o com simpatia.

-Weems era um calhorda- disse com dureza. -A chantagem tampouco é uma forma louvável de conseguir dinheiro. Asseguro-lhe que se minha vida não estivesse em jogo, não o animaria a descobrir quem matou ao senhor Weems. Mas dado que o está, vejo-me

obrigado a perseguir este assunto com todo o vigor de que sou capaz.

-Até a data eliminamos a muitas pessoas que puderam demonstrar que estavam acompanhadas no momento em que Weems foi assassinado...

Byam olhou-o com tristeza.

-Tomara eu pudesse dizer o mesmo. Por desgracia, nem sequer meus criados me incomodaram essa noite.

Drummond sorriu.

-Ser pobre tem às vezes suas vantagens. Vivem em tais condições de aglomeração que contam com muitas testemunhas para dar fé de seu paradeiro. As famílias compartilham quase sempre um só cômodo, e se a pessoa em questão não estava ali, estava na taverna ou trabalhando.

Byam lhe olhou esperançado.

-Mas nem todos, imagino.

-Não, nem todos- confirmou Drummond. -Pitt e seus homens estão investigando aqueles que estavam sós unicamente com suas esposas, pois o testemunho destas não é confiável. O mais normal é que uma esposa diga que o marido estava com ela-. Mudou ligeiramente de postura. -Além disso, a notícia da morte do Weems se estendeu como o raio. Os que viviam fora do Clerkenwell não sabiam, mas só o fato de que a polícia esteja fazendo indagações é sinal de que algo vai mau. Essa gente domina a arte da sobrevivência.

-Não é muito adulator-. Byam tentava parecer relaxado, mas havia tensão em sua voz e os nós dos dedos, seguros ao espaldar da cadeira, estavam brancos.

-Há outra lista- se apressou a explicar Drummond -de gente com somas de dinheiro muito mais elevadas.

-Por que não experimentou primeiro com eles?- perguntou Byam sem brutalidade, mas incapaz de compreender por que Drummond não tinha caído na conta de algo tão claro.

-Porque são cavalheiros- respondeu, e em seguida lamentou sua resposta. -Porque pediam empréstimos que não superavam seus próprios ganhos- acrescentou. -E porque certamente teriam mais probabilidades de conseguir o dinheiro necessário para ajudar a dívida em caso de que não lhes chegasse com seus ganhos normais. Em última instância, teriam bens que vender.

-Talvez Weems também lhe fazia chantagem- sugeriu Byam.

-Pensamo-lo. Pitt também investigará essa possibilidade, mas se queremos averiguar

a verdade, devemos atuar com discrição. A gente não reconhece essas coisas facilmente. Viu um brilho de humor nos olhos escuros do Byam. -E pode ser que tais segredos não encerrem simplesmente uma tragédia, como em seu caso. Possivelmente corram o risco de serem julgados.

-Suponho que tem razão- reconheceu Byam. De repente reparou em que Drummond continuava de pé. -OH, lamento-o. Por favor, sente-se. Eu não posso. Simplesmente, custa-me muito me relaxar. Incomoda-lhe?

-Absolutamente- mentiu Drummond por cortesia.

Recuperou o assento que tinha ocupado durante sua conversa com Eleanor e levantou a vista para Byam, que continuava de pé, atrás da cadeira, com os dedos presos ao espaldar.

-O que mais me assombra- prosseguiu Drummond -é que o assassino não levou a lista com os nomes. Seria o mais lógico.

Byam vacilou, desceu a vista e olhou de novo ao Drummond.

-O que fez com os recibos de meus pagamentos? Tem-nos Pitt?- Engoliu em seco. -E a carta?

-Não encontramos nenhuma coisa nem outra- respondeu Drummond, observando-o atentamente.

O olhar do Byam se nublou, os músculos de seu rosto se contrairam e seu corpo ficou rígido, mas tudo isso ocorreu de forma extremamente abundante e sutil. Era o medo, que dominou assim que fez ato de presença.

-Procurou devidamente?- perguntou Byam. Tinha elevado muito ligeiramente a voz, como se tivesse a garganta obturada. -Em que outro lugar poderia guardar Weems esses papéis? Não era também sua casa? Você disse que foi ali onde acharam outros papéis.

-Assim é. E, sim, também era sua casa. Só me ocorre que o assassino os levasse ou os destruísse, embora não encontramos nenhum rastro de papéis queimados ou rasgados. Também é possível que Weems lhe mentisse e não exista nenhum registro de suas transações. Por que ia fazer um seguimento de uma coisa assim? Não se tratava de uma dívida.

-Presumivelmente, para proteger-se em caso de que eu decidisse atuar contra ele- respondeu bruscamente Byam. -Não era nenhum idiota. Alguém deve tê-lo ameaçado antes-. Fechou os olhos e se inclinou baixando a cabeça. -Meu Deus, se o assassino levou os papéis, o que fará com eles-. Suas mãos arranharam o espaldar da cadeira. Tinha a voz tensa e rouca. -E a carta?

-Se foi um homem desesperado, como você, o mais provável é que destruísse esses papéis junto com os que implicavam a ele. Não encontramos provas de outras chantagens só de dívidas...

-A menos que a segunda lista sejam chantagens - indicou Byam, olhando-o com semblante pálido. -Você disse que se tratava de homens com recursos. Por que iriam pedir dinheiro emprestado a um agiota como Weems? Se eu quisesse dinheiro não iria aos becos do Clerkenwell, a não ser a um banco ou, no pior dos casos, venderia um quadro.

-Ignoro-o- admitiu Drummond, zangado consigo mesmo por tão inútil resposta. - Talvez não tivesse bens que vender ou não queriam que seus familiares soubessem que estavam em apuros. Os homens podem necessitar de dinheiro por inumeráveis razões, muitas das quais possivelmente não desejem que se conheçam.

Byam apertou os lábios. O brilho de humor apareceu de novo em seu rosto.

-Cair em mãos de um agiota não é nenhuma saída. Só consegue que cada semana se afunde um pouco mais. Até um idiota sabe disso.

-Também é possível que comprasse as dívidas de outra pessoa- disse Drummond.

Byam soltou uma risada suave, lenta, desprovida de prazer.

-Está-se agarrando a um prego ardendo para tentar me tranquilizar. O assassino deve ter pego os registros e a carta da Laura, e só resta rezar para que o fizesse porque todos os papéis do Weems estivessem juntos e não tivesse tempo nem vontade de revistá-los a fim de achar o seu. E esperar que não os utilize para me tirar dinheiro.

-Se o fizer, delatará-se como o assassino do Weems- observou Drummond. -Seria muito arriscado.

Byam respirou profundamente e deixou escapar um suspiro.

-Deus, tenha piedade- disse com voz baixa.

-Pelo menos, é um ponto a seu favor- indicou Drummond, reparando em algo que podia animar ao Byam. -Se você tivesse sabido que as provas que o envolvem tinham desaparecido, não me teria chamado para me contar sua relação com o Weems. Não teria necessitado fazê-lo.

Byam esboçou um leve sorriso.

-É algo- concordou. -Acredita que seu homem, Pitt, verá-o desse modo?

-Pitt é melhor detetive que eu- disse Drummond. -Pensará tudo o que eu pense e mais.

-Mas o que pode fazer ele?- Enrugou a testa. -Não pode prender um homem só porque não possa provar onde esteve no momento do assassinato. Encontraram a arma?

-Não, mas encontramos a bala.

-Não é muito- respondeu secamente Byam. -Provavelmente estava no corpo do Weems. De que serve isso?

-Era de ouro.

-O que?- Byam olhou-o sem compreender. -Insinúa que eram balas de ouro? Um toque muito elegante, mas quem demônios ia incomodar-se em fazer uma coisa assim e nem digamos desperdiçar o ouro desse modo? É absurdo!

-Não eram balas de ouro, mas moedas. Possivelmente pertencessem ao próprio Weems. O mau é que no escritório não havia nenhuma arma capaz de dispará-las. Havia uma espingarda na parede, uma peça de colecionador, provavelmente a razão pela qual o tinha, mas o percussor estava limado. Estava há anos fora de uso.

-Nesse caso, o assassino trouxe sua própria arma- disse Byam, -e depois a levou junto com os papéis que queria. Pode ser que também trouxesse sua própria munição e logo decidisse disparar as moedas para lhe dar um toque irônico.

Drummond arqueou as sobrancelhas.

-E Weems permaneceu sentado, olhando como seu assassino carregava a arma, apontava e disparava?

Byam suspirou, voltou-se e caminhou lentamente para a janela.

-Tem razão. É absurdo.

-Pode me contar algo sobre o Weems? Disse-me que foi a seu escritório várias vezes. Visitou-o alguém mais enquanto você estava ali? Mencionou alguma vez a outros devedores ou outras vítimas de sua chantagem?- Introduziu as mãos nos bolsos, levantou-se e contemplou as costas encurvadas do Byam. -Que classe de homem era? Era cruel? Desfrutava do poder que tinha sobre você? Tinha medo? Era precavido!Tomava precauções contra as visitas?

Byam inclinou a cabeça e refletiu. Depois falou com voz serena e concentrada.

-Não mencionou a ninguém, que eu recorde. E certamente nunca mencionou que fizesse chantagem a outras pessoas. Nunca ia vê-lo durante suas horas de escritório, assim é lógico que não me encontrasse com ninguém. Eu insisti em fazê-lo assim. Se houvesse o risco de me achar com alguém, teria se frustrado meu propósito de lhe pagar por seu silêncio.

Deu de ombros.

-Que classe de homem era? Avaro. Sobre tudo avaro. Gostava do poder que lhe proporcionava o dinheiro, mas tenho a sensação de que só o queria para conseguir mais

dinheiro-. voltou-se e olhou de novo ao Drummond. -Não notei que fosse abertamente cruel. Não tinha a impressão de que me fizesse chantagem pelo prazer de me atormentar. Queria o dinheiro. Lembro muito bem como se acendiam seus olhos quando lhe punha as moedas sobre a mesa-. Sorriu amargamente. -Me fazia pensar em uma rã que tinha estado encerrada em um quarto escuro. E quanto às demais perguntas, nunca o vi assustado. Ignoro o que lhe rondava pela mente, mas se comportava como se não tivesse medo de nada. Agia como se acreditasse que o dinheiro o fazia invulnerável.

Caminhou até a lareira e se voltou.

-Me alegro de que se demonstrou quão equivocado estava. Gostaria de ver a expressão de seu rosto quando viu a arma apontada para ele e olhou os olhos do homem que a segurava, sabedor de que ia disparar-. Olhou ao Drummond um pestanejar. -Lhe pareço repugnantemente vingativo? Sinto muito. Esse homem me roubou muita paz mental. E temo que continue fazendo-o durante um tempo.

-Farei tudo o que possa- prometeu Drummond. Não lhe ocorriam mais perguntas e tinha completado sua obrigação para com

o homem pelo qual cada vez sentia mais simpatia e para com um irmão do Círculo Interno.

Byam sorriu com tristeza.

-Não o duvido, e não acredite que não lhe estou agradecido por sua discrição ou que não confio na capacidade de seu homem. Quando a gente mesmo não vê a solução a um problema resulta difícil pensar que outra pessoa a quem não se conhece possa ver. Não estou acostumado a me sentir tão inútil. Estou em dívida com você, Drummond.

-Encontraremos ao assassino- disse este, possivelmente pensando mais em Eleanor Byam que em seu marido. -Pitt não descansará até que dê com a verdade, prometo.

Byam sorriu e lhe estendeu uma mão.

Drummond a estreitou e partiu.



## Capítulo 4

---

Como a primeira lista do Weems não conduziu a nada, Pitt se viu obrigado a seguir a pista da segunda. Queria atrasar ao máximo a investigação de seu colega, assim começou pelo Addison Carswell. Já tinha seu endereço, de modo que o começo foi fácil: não havia mais que escolher que aspecto de sua vida ia examinar primeiro. O lugar mais lógico era sua casa. Podem-se averiguar muitas coisas sobre um

homem vendo como vive, quais são seus gostos, de quanto dinheiro parece dispor e no que escolhe gastá-lo. E ainda pode saber-se mais de sua situação financeira conhecendo sua esposa e avaliando suas responsabilidades familiares.

Por conseguinte, Pitt partiu para o Mayfair. O cabriolé percorreu as ruas quentes e buliçosas adiantando carruagens de quatro portas, landós e carruagens de damas fazendo recados. Era muito cedo para ir de visita, e em realidade costumava-se fazer pela tarde. Uma vez na Rua Curzon, Pitt pagou ao cocheiro e desceu. Era uma via elegante, e depois de olhar a um e outro lado Pitt deduziu que sempre tinha sido. Se Addison Carswell tinha problemas econômicos, devia lhe supor todo um esforço manter uma casa neste bairro.

Chegou ao portal, reordenou o que tinha planejado dizer e bateu na porta. Atendeu-o uma criada vestida de negro e com um avental branco com babados. Era uma moça alta e bonita, de tez clara e cabelo reluzente. Tinha tudo o que devia ter uma criada. Era evidente que Addison Carswell prestava atenção às aparências, ou possivelmente era obra da senhora Carswell. As mulheres costumavam preocupar-se mais por essas coisas.

-Que deseja senhor?- disse a jovem ocultando seu desconcerto.

Evidentemente não esperava a alguém como Pitt.

Ele sorriu com todo o encanto de que foi capaz, que era mais do que achava.

-Bom dia. A senhora Carswell não me espera, mas acredito que poderia me ajudar em uma missão delicada. Teria a amabilidade de lhe perguntar se pode me receber?

Com grande satisfação, extraiu de seu bolso interior um cartão onde figurava seu nome, mas não sua posição policial. Era uma extravagância que se permitiu uns anos atrás e que ainda lhe proporcionava um prazer desmedido.

A criada titubeou um instante, mas o homem, apesar de seu descuidado aspecto, possuía uma voz formosa e uma dicção excelente. Depois de criar-se sua própria opinião, sorriu.

-Certamente, senhor. Se não se importa esperar na saleta, informarei à senhora Carswell de sua presença.

-Obrigado.

Pitt não teve tempo de dar uma olhada no vestíbulo, mas uma vez na sala de visitas, passou os dez minutos que a senhora Carswell o fez esperar examinando atentamente cada detalhe. Esse era o principal propósito de sua visita, e se a mulher se negasse a vê-lo, pode ser que fosse quanto obtivesse.

O mobiliário era de estilo muito tradicional, mais interessado na comodidade que na originalidade. Dominavam as peças de carvalho pesado de boa qualidade, mas com excessivos adornos para o gosto de Pitt. Não mostravam marcas nem gretas que indicassem que tinham sido maltratados ou adquiridos a um preço abaixo. O sofá e as poltronas tinham sido estofados recentemente e as toalhas estavam impolutas.

Sobre a cornija da lareira descansavam várias fotografias emolduradas em prata. Pitt estudou-as atentamente. Na maior, situada no centro, aparecia uma família formada por um homem de porte formal, pescoço rígido e expressão pétrea, uma formosa mulher de seios volumosos, pescoço suave e vestido recarregado, e em torno deles, um jovem de feições similares às da mulher e três moças, todas loiras, de olhos muito abertos e tão parecidas entre si que custava distingui-las. Em frente, sentada no chão e rematando uma imagem encantadora e quase simétrica, havia uma jovem morena. Apesar de tratar-se de uma composição rígida, a semelhança e o afeto que parecia existir entre eles lhe outorgava uma calidez que nenhum fotógrafo teria conseguido destruir.

As demais fotografias eram retratos individuais dessas mesmas pessoas realizados em diferentes etapas da juventude. Também havia um retrato de um casal de idade avançada e aspecto tímido, tão temerosa da câmara que apareciam com os lábios apertados e o olhar fixo. Provavelmente eram os pais do senhor ou da senhora Carswell.

Pitt se aproximou da janela e contemplou o jardim banhado de sol e cheio de rosas jovens e tremoceiros tardios que projetavam brilhos rosados. As pesadas cortinas caíam mais à frente do chão. Sabia que era um signo deliberado de opulência. Sorriu para si mesmo e se voltou a fim de contemplar os quadros que pendiam das paredes.

Surpreendeu-lhe sua excelente qualidade. Seu trabalho no departamento de roubo e fraude de obras de arte lhe tinha ensinado muitas coisas sobre quadros e seu valor, e reconhecia facilmente alguns pintores. Gostava sobre tudo das aquarelas, por sua delicadeza e pelo emprego sutil da luz, e assim que as viu soube que eram de artistas novos e de grande qualidade. Ou alguém da casa tinha um gosto delicioso e estava

disposto a investir generosamente em quadros inclusive para uma sala tão pouco utilizada como essa, ou o senhor Carswell preferia gastar seu dinheiro em arte e estava muito bem aconselhado.

Seria interessante ver o que tinha escolhido para as estadias mais freqüentadas, por exemplo o salão.

Estava contemplando a cena de um passeio ladeado de árvores quando Regina Carswell entrou. Morena e de testa larga, era, sem dúvida, a mulher que aparecia no centro da fotografia de família. Seu rosto mostrava algumas rugas, mas eram sossegadas e lhe davam um ar de serenidade.

-Senhor Pitt? Disseram-me que acredita que posso lhe ser útil. De que modo?

-Bom dia, senhora Carswell. Agradeço-lhe muito que tenha aceitado me receber-apressou-se a dizer. -Espero não ser inoportuno. Sou da polícia metropolitana e estou investigando vários roubos de obras de arte perpetrados de uma maneira extremamente engenhosa. Os ladrões se apresentam nas casas fazendo-se passar por cavalheiros amantes da pintura e representantes de pequenos museus da Inglaterra e do estrangeiro-. Pitt reparou no interesse cortês da mulher e prosseguiu. -Depois asseguram ter ouvido que possui algumas obra excelentes e pouco conhecidas e que gostariam de tomar emprestadas para expô-las em seu museu. Pelo qual, como é natural, remunerariam-lhe devidamente. Só necessitarão os quadros dois ou três meses e logo os devolverão intactos.

-Não vejo nenhum delito nisso- disse a senhora Carswell.

Pitt sorriu.

-Até aqui, não. Salvo que tal museu não existe. Esta gente leva os quadros e depois de três meses devolvem uma excelente falsificação. E como a moldura é a mesma e como os tem por pessoas respeitáveis, com certeza não se deterá a examinar atentamente o quadro antes de devolvê-lo à parede.

A mulher contraiu ligeiramente o rosto.

-Não tivemos essa classe de visitas em minha casa, senhor Pitt. Lamento não poder ajudá-lo.

Justo o que ele esperava.

-Pelo menos, já está advertida- disse despreocupadamente. -Se alguém lhe fizer semelhante oferta, rechace-a e denuncie o fato na delegacia de polícia do Bow Street-. Pitt contemplou as paredes. -Tem algumas obras que sem dúvida despertariam a inveja desses ladrões. Espero que os ferrolhos de suas portas janelas estejam em bom estado.

Possivelmente deveria revisá-los pessoalmente.

-Se o desejar, mas lhe asseguro que meu marido cuida muito dessas coisas. É magistrado e muito consciente da natureza e da frequência dos atos delitivos.

-Nesse caso, se preferir que...- Pitt deixou a frase no ar, confiando em que a mulher não aceitasse sua retirada. Precisava ver tantas zonas da casa quanto fosse possível.

-Absolutamente- disse ela de boa vontade. -Farei que Gibson lhe mostre todas as portas e janelas do andar térreo.

E dito isto, tocou o sino. Quando o mordomo, um homenzinho de longas costeletas entrou, a mulher lhe informou do cargo de Pitt e de seu encargo.

-Muito bem, senhora-. Gibson se voltou para o Pitt. - Me siga, senhor- disse com frieza.

Não aprovava a presença da polícia na casa e queria que Pitt se desse conta de que fazia isto porque não havia mais remédio.

Pitt agradeceu à senhora Carswell e seguiu ao Gibson. Como tinha imaginado, todos os fechos e ferrolhos estavam em perfeito estado, e o mordomo lhe assegurou que cada noite os repassava o último criado em retirar-se. Mas em realidade Pitt só estava interessado no mobiliário e na decoração.

O salão era grande, embora o papel estampado das paredes reduzia a sensação de espaço. Os móveis, de desenho moderno e linhas simples, tinham, não obstante, incrustações e gravuras que os faziam recarregados. As cortinas, de veludo pesado, estavam recolhidas com galões dourados. Sentiu-se embargado pela opulência e, entretanto sabia que não era mais do que acharia em outras casas de homens de similar posição econômica e social. Havia visto muitas lareiras como essa, com pilastras de mármore aos lados e ricos lavrados no alto, outros relógios de bronze dourado, outras superfícies repletas de figuras de porcelana. Neste caso era um vaso de estilo neorrocó azul, dourado e branco, com elaboradas volutas e flores exuberantes. Achava-o espantoso, mas sabia que era muito apreciado e de grande valor.

Mais de seu gosto, por sua simplicidade, era uma taça de cristal vermelho de Boêmia gravado à água forte, lembrança da Exposição Universal de 1851. Também havia uma caixa de laca dourada pintada com imagens do Palácio de Cristal.

Pitt inspecionou as janelas sob o olho vigilante do Gibson, que só cumpria com seu dever. Pelo menos o homem parecia consciente de que as visitas como Pitt podiam ser tão desonestas como os ladrões que pretendiam deter. Observava ao Pitt como um gato à espreita, sem perder um só gesto, e este, sorrindo para si mesmo, aplaudiu-o em silêncio.

A sala de jantar era igualmente esplêndida e a porcelana de excelente qualidade. Havia alguns objetos de estilo chinês muito populares nessa época, embora as peças fossem azuis e brancas e pelo menos uma delas, pensou Pitt, bastante antiga, se não Ming, uma boa imitação. Se Addison Carswell tivesse desejado vender algo para obter dinheiro, teria encontrado muitos objetos pelos quais lhe teriam pago uma soma muito superior a que, segundo os livros, devia ao Weems.

O salãozinho das mulheres era muito diferente, possivelmente decorado ao gosto da senhora Carswell e não de seus sogros, de quem provavelmente tinham herdado a casa. Ali havia quadros prerrafaelistas de rostos tristes e apaixonados, silhuetas limpas e cores escuras e candentes. Personagens legendários e oníricos apareciam retratados com vestes aristocráticas. Antigas histórias invadiam a memória e o efeito era curiosamente prazenteiro. O mobiliário, de estilo William Morris mostrava linhas simples e uma elaboração excelente. Possivelmente algumas peças fossem genuínas em lugar de imitações.

Havia outros retratos das três filhas loiras, colocadas em posturas muito estudadas, com as feições estilizadas para refletir uns olhos grandes e umas bocas pequenas e delicadas. A paixão tinha sido deliberadamente apagada de seus rostos, possivelmente nunca a houve, embora Pitt o duvidasse. Poucas jovens eram tão puras e pueris como as pintadas por esse artista. Seus retratos estavam destinados a ser expostos no mercado matrimonial.

A moça morena parecia mais natural. Seu rosto possuía certa individualidade, como se o artista não houvesse sentido a pressão de transmitir uma mensagem. Pitt observou que trazia uma aliança de casamento em sua delicada mão. Sorriu para si mesmo e passou a seguinte sala.

O resto da casa era tal como o tinha imaginado: de estilo tradicional pouco imaginativo, cômodo, cheio de adornos, quadros, tapeçarias e lembranças de gerações passadas e pressentes, detalhes da vida familiar e do orgulho pelo único filho, presentes dos pais, velhos bordados realizados pelas filhas durante a infância, livros diversos.

Quando visitou a cozinha e as dependências de serviço, Pitt já formara a imagem de uma família bem burguesa, unida e atarefada, que jamais se viu açoitada pelo escândalo. As tragédias e as vitórias eram, principalmente, de tipo doméstico: o êxito de um jantar, os convites enviados e aceitos, o pretendente que não se apresentara, o vestido que era um desastre, a carta que nunca chegava.

Dos criados recolheu pequenas observações sobre as visitas quando lhes perguntou

a respeito das pessoas que tinham acesso à casa. Falaram-lhe de costureiras, chapeleiras, amigas que deviam tomar o chá ou deixar seus cartões. É claro que a família dava festas, e de muitos tipos. Atualmente os Carswell tinham sido convidados a um baile para corresponder a um que eles tinham celebrado ultimamente.

Pitt deixou a casa do Addison Carswell com a sensação de saber muito pouco mais sobre a morte do William Weems. Levava a imagem de uma agradável família de classe média-alta, carinhosa, caseira e desejosa de que as filhas se casassem com um bom partido tão social como economicamente. Isso foi quanto percebeu. Sorriu para si mesmo e pensou nas muito mais coisas que Charlotte teria percebido, os detalhes sutis que ele só teria suposto vagamente. Mas nada de tudo isso lhe ajudava a elucidar se Carswell devia dinheiro ao Weems ou se este fazia chantagem. A família não era muito mais extravagante do que podia esperar-se de um homem da posição do Carswell. E sempre havia a possibilidade de que sua esposa tivesse seu próprio dinheiro, o qual explicaria a excelente qualidade dos quadros.

Caminhava pela Rua Curzon com as mãos nos bolsos, meditabundo, sem mal reparar nas carruagens que passavam por seu lado. Uma possibilidade era visitar os colegas do Carswell e lhes fazer perguntas corriqueiras com algum pretexto, mas mesmo assim, o que obteria deles? Que jogava cartas? E o que? Se tivesse perdido uma importante soma de dinheiro não o diriam. Um cavalheiro não revelava essa classe de coisas sobre outro cavalheiro.

Dobrou pelo South Audley, tomou a Rua Great Stanhope e entrou em Park Lane.

Estava Carswell preocupado ou nervoso ultimamente? Se o tinha contado a alguém, seu confidente não o trairia revelando o problema, e ainda menos a um estranho do que em seguida se daria conta de que era de outra classe embora Pitt não revelasse sua condição de polícia. Além disso, a preocupação não era indício de nada. Poderia dever-se a motivos que não tivessem nada que ver com o William Weems. Poderia tratar-se de um problema de saúde, de uma filha com um pretendente que não lhe convinha, de um julgamento complicado, uma decisão da que dissentia, um amigo em apuros ou simplesmente um problema de indigestão.

Formosas carruagens passavam junto ao Pitt levando a damas que traziam enormes chapéus e saudavam os conhecidos que caminhavam pelas calçadas. A brisa mal balançava as árvores do Hyde Park.

Acaso Carswell tinha adquirido costumes excêntricos ultimamente? Se fosse assim, tentaria ocultá-los. Tinha chegado o momento de falar com o Carswell, lhe perguntar se

estava em dívida com o Weems, lhe dar a oportunidade de demonstrar que se achava em outro lugar quando Weems foi assassinado e excluí-lo da investigação.

Pitt deteve uma carruagem e pediu ao condutor que lhe levasse ao palácio de justiça, onde Carswell estaria fazendo algum julgamento. Demorou meia hora para chegar por causa do tráfego, e já então estava impaciente. Mas ninguém podia entrar no palácio de justiça e dirigir-se a um alto cargo de qualquer jeito. O lugar era severo, buliçoso e extremamente formal. As pessoas corriam pelos corredores com pilhas de papéis, concentrados em sua própria importância.

Pitt endireitou a gravata, depois a afrouxou, e ao final a deixou pior que antes. Alisou a jaqueta e transladou alguns objetos de um bolso a outro para adquirir algo mais de equilíbrio. Depois se apresentou ao recepcionista e solicitou ver o senhor Addison Carswell entre sessões.

Encheu a espera escutando disimuladamente as conversas entre a polícia e as testemunhas que aguardavam para declarar. Desejava obter outras opiniões do Carswell e o esforço teve seus frutos.

-Tem muitas possibilidades- disse entre dentes um homenzinho de rosto anguloso. - Não está mal esse Carswell. Não é vingativo.

-Todos os juizes são vingativos- respondeu com pessimismo seu amigo. -Nunca acreditará que sou um homem honrado. Seguro que diz que eu o surrupiei. Me vejo vir.

-Pois mantén o bico fechado- replicou outro amigo. -Não lhe diga nada e não lhe perguntará.

-Deveria ter pago ao Skinjiggs para que me desse...

-Não. Já lhe disse isso, há alguns dos quais pode se fazer colega, mas Carswell não é um deles. Não abra o bico e não diga nada a menos que lhe perguntem.

Logo a conversa degenerou em conjeturas sobre a sentença que receberia o amigo. Não tinham dúvida de que o declarariam culpado.

Um pouco mais longe, uma jovem vestida de cinza recebia consolo de seu advogado, um homenzinho corado de expressão implorante que trazia uma peruca branca inclinada para a direita.

- Rogo, senhora Wilby, não se inquiete. O senhor Carswell nunca emite falhas admonitórias. É um juiz muito previsível.

A jovem fungou, enxugou o nariz com um lenço e seguiu contemplando o chão.

Eram só as palavras de um homem nervoso que tentava tranquilizar a sua cliente ou realmente era Carswell um homem cuja carreira não mostrava decisões aleatórias nem

comportamentos duvidosos?

Pitt se aproximou de outro advogado que parecia perambular com a esperança de achar algum cliente.

-Perdoe- disse.

O advogado olhou-o com suspicácia.

-Sim?

-Tenho um amigo que deve ser julgado pelo senhor Carswell-mentiu Pitt, observando seu rosto para ver se revelava algo. -Poderia me dizer que probabilidades tem?

O advogado torceu o gesto.

-Depende do que lhe acuse. Mas Carswell é um tipo bastante justo, nem melhor nem pior que a maioria. Tem algumas aversões. É seu amigo um alcoviteiro?

-Por que o pergunta?- Pitt fingiu preocupação.

-Odeia aos alcoviteiros- assegurou o advogado. -E aos que se dedicam à pornografia, e aos que maltratam às mulheres. Pelo visto, as mulheres são seu ponto fraco.

-Furto- corrigiu Pitt.

-Então não lhe acontecerá nada. Carswell está acostumado a ser brando com os furtos menores, a menos, claro que fosse perpetrado com violência. Não? Ou que roubasse aos velhos ou aos pobres. Não? Pois não tem do que preocupar-se.

-Obrigado, senhor- disse entusiasmado Pitt, cada vez mais desejoso de que Addison Carswell não fosse achado culpado do assassinato do Weems.

Finalmente o recepcionista chegou nervoso e com passo veloz.

-Senhor Pitt, o senhor Carswell receberá-o agora. Confio em que não lhe entretenha muito. Temos muito trabalho e seria muito prejudicial que se atrasasse. Você me assegurou que se tratava de um assunto policial urgente e confiei em sua palavra.

O homem arqueou suas magras sobrancelhas, desejoso de que lhe confirmassem que tinha entendido corretamente e que a extraordinária intrusão do Pitt estava justificada.

-Certamente- respondeu Pitt, ocultando um leve sorriso e pensando no cadáver desfigurado do Weems para concentrar-se de novo no assunto em questão. -Lhe asseguro que não será uma perda de tempo.

-Nesse caso, me acompanhe, por favor, e rápido.

O homem virou sobre seus calcanhares e pôs-se a andar a toda pressa. Pitt seguiu-o e foi introduzido no escritório onde Addison Carswell descansava entre sessões.

Unicamente teve tempo de observar os enormes tomos de couro, provavelmente de direito, que cobriam as paredes. A janela dava a um pátio tranquilo e o sol esquentava um



velho muro de tijolo situado ao fundo. Na escrivaninha só havia uma bandeja de prata com uma garrafa de vinho da Madeira e duas taças.

Carswell estava de costas aos livros. A toga lhe dava um aspecto imponente. Na sala de justiça, situada a poucos metros do escritório, seu poder era enorme, mas Pitt suspeitava que se tratava de um homem muito comum, como milhares de outros em Londres. Gozava de uma posição desafogada, mas não infalível, estava satisfeito com sua casa e com uma família de opiniões religiosas e políticas conformistas, era socialmente popular e aceito, mas não líder, e ainda aspirava chegar muito mais alto. De fato, era um homem de ambições comuns e possivelmente de alguns sonhos secretos algo peculiares que sempre seriam isso: secretos e só sonhos.

-Sim, senhor... senhor Pitt?- disse Carswell. -O que posso fazer por você? Disponho de muito pouco tempo. Espero que se faça rápido.

-Sim, senhor, e não o farei perder com preâmbulos. Importa-lhe que vá ao ponto?

Carswell esboçou uma careta de dor apenas perceptível.

-Suponho que será o melhor.

-Obrigado. Pode-me dizer onde estive entre as oito da tarde e a meia-noite da terça-feira da semana passada?

Carswell se deteve refletir e um suave rubor apareceu em suas faces.

-Há alguma razão pela que deveria fazê-lo?

-Contribuiria a esclarecer um assunto no que algumas partes poderiam estar mentindo- disse Pitt.

Carswell mordeu o lábio.

-Estava em um cabriolé, viajando de um lugar a outro. Os lugares não são de sua incumbência. Não vi nada fora do normal.

-Por onde passou, senhor?

-É um assunto privado.

-Conhece senhor William Weems?

Pitt observou o rosto do Carswell em busca de alguma mudança de expressão, mas só viu um esforço de lembrar.

-Que eu recorde, não- disse. -Está relacionado com algum caso que eu tenha julgado?

-Não acredito-. Pitt era incapaz de perceber se Carswell desconhecia por completo a identidade do Weems, já fosse como agiota ou como vítima de um assassinato, ou se estava mentindo. -Vivia no Clerkenwell.

-Nunca tive motivos para visitar Clerkenwell, senhor Pitt-. O magistrado franziu o sobrecenho. -Se me perdoar parece-me você menos direto do que propôs ao princípio. Não conheço o senhor Weems. Quem é e por que é que poderia conhecê-lo?

-É um agiota que tinha cotado seu nome em uma lista de pessoas que lhe deviam muito dinheiro.

A expressão de assombro do Carswell seria cômica em outras circunstâncias.

-Isso é absurdo! Eu não devo dinheiro a ninguém, senhor Pitt. E em caso de ter problemas econômicos, não iria a um agiota do Clerkenwell a não ser a meus banqueiros-. O magistrado franziu o sobrecenho à medida que o absurdo da idéia se fazia patente. -De qualquer maneira, se me achasse em semelhante apuro, que não é o caso, tenho muitos bens pessoais dos que me desprender antes de cair nas garras de um sujeito como esse. Devido a meu trabalho conheço muitos casos trágicos de homens endividados com agiotas para me permitir dar um passo tão desesperado.

Teria dito que nem por um momento lhe passou pela cabeça a

possibilidade de que Pitt não acreditasse nele, possivelmente porque era muito fácil demonstrá-lo. Logicamente ignorava que Pitt tinha estado em sua casa e visto muitos dos objetos que poderia trocar por dinheiro em caso de necessitá-lo, mas o fato de que não insistisse nesse ponto fazia pensar que não se sentia culpado. O assunto ainda o tinha perplexo e divertido mais que zangado, e não havia medo nele, nem tensão no corpo, nem sombra nos olhos.

-Suponho que tinha meu nome por alguma razão- prosseguiu Carswell, dando de ombros. -devido a minha profissão, muita gente de natureza indesejável e ocupação duvidosa conhece meu nome. Pode ser que um de seus clientes passasse por meu tribunal.

-É muito possível- concordou Pitt. -Mas os livros do Weems especificam claramente que você lhe devia uma grande soma de dinheiro. Não só figura a quantidade, mas também a data em que você a recebeu, a que tão por cento de interesse e quando devia devolvê-la. Não era uma referência feita à ligeira.

Carswell desceu as sobranceiras.

-Que extraordinário. Asseguro-lhe, senhor Pitt, que não é verdade. Jamais pedi dinheiro emprestado-. Sua voz se tornou um pouco afiada. -Nunca necessitei fazê-lo. Gozo de uma situação folgada, o que poderia demonstrar se não houvesse mais remédio, mas prefiro manter em segredo meus assuntos financeiros, e não acredito que deva mudar

esse costume porque você tenha tropeçado com um prestamista com um malévolo senso de humor.

Inclinou-se para diante e olhou ao Pitt nos olhos.

-Diga ao senhor Weems que não me faz graça que a gente utilize meu nome à ligeira, e que mais lhe valerá ser veraz no futuro ou acabará pagando-o. O prejuízo deliberado contra a reputação de outro homem se considera delito.

-Não viu alguma vez ao senhor Weems?

-Não, senhor-. O tom do magistrado se fez mais severo. A paciência lhe estava esgotando. -Achava havê-lo deixado claro! Se não tem nada mais que dizer, rogaria-lhe que me deixasse desfrutar em paz de meu descanso.

Pitt contemplou atentamente o rosto do Carswell, mas só viu a irritação afável que sentiria qualquer homem, diante de semelhante liberdade tomada tanto com seu tempo como com seu nome.

-O senhor Weems está morto- disse com calma. -Assassinaram-no a semana passada.

-OH-. Carswell pareceu surpreso, mas não assustado. -Sinto muito. Não era minha intenção falar assim de um finado, mas temo que não posso ajudá-lo. Não conheço senhor Weems nem me ocorre nenhuma razão pela que deveria ter meu nome em seus papéis. Parece-me um ato tremendamente malicioso-. Enrugou a fronte e uma faísca de inquietação aflorou em seu rosto. -Se trata de uma conspiração, senhor Pitt? Mencionou que havia gente que poderia estar mentindo. Perguntou-me onde estava e agora diz que esse Weems foi assassinado. Acaso seu suspeito declarou que estava comigo quando ocorreu?

Pitt sorriu.

-Há certa informação que eu também preferiria não revelar, senhor- disse o mais educadamente possível. -Obrigado por me atender em meio de sua jornada. Encontrarei só a saída. Bom dia, senhor Carswell.

-Bom dia- respondeu o magistrado com voz temperada.

Não tinha sentido procurar informação entre os amigos e colegas de Carswell. Pitt só conseguiria que deduzissem que a polícia estava investigando-o e que o magistrado compreendesse que era suspeito do assassinato do Weems. Conhecia muito bem o procedimento criminoso para acreditar que Pitt perderia seu tempo. Ficaria em guarda, e a possibilidade de que algum amigo revelasse algo importante do Carswell era tão remota que não valia a pena considerá-la sequer.

Não tinha mais remédio que embarcar-se na tediosa tarefa de lhe seguir durante o tempo necessário, já fosse para determinar que gastava mais da conta e tinha uma dívida que podia confirmar sua relação com o Weems ou que possuía algum segredo que fazia possível a chantagem. Ou fosse para não averiguar nada, o que significaria que era consciente do perigo e bastante inteligente para ocultar suas fraquezas. Ou talvez não as tivesse, em cujo caso Pitt teria que averiguar por que seu nome estava na lista do Weems.

Era uma tarefa que devia realizar diariamente, manhã e tarde. Durante o dia, Carswell estava seguro no palácio de justiça, salvo possivelmente ao meio dia, quando havia a possibilidade de que saísse a almoçar. Pitt não podia passar o dia perambulando pelo interior do edifício para comprovar quem o visitava. Não queria que Carswell percebesse que o vigiavam, pois isso não só lhe poria em guarda, mas levaria-o a ocultar-se.

Pitt detestava que seu tempo e sua localização se vissem ditados dessa forma. Constituía uma limitação irritante que tinha deixado atrás depois de sua primeira ascensão. A capacidade de atuar livremente sem ter que informar de cada passo que dava era uma das coisas que mais valorizava em seu trabalho de detetive. Sua fragilidade, o fato de sentir-se tão restringido, o fez sorrir, mas também o indignou.

Contudo, Carswell, Urban e Latimer eram os principais suspeitos, a menos que, depois de tudo, o assassino fosse Byam, idéia que Pitt tinha intenção de evitar o máximo possível. Tampouco lhe faria nenhuma graça descobrir que o assassino era um dos devedores pobres, esses homens e mulheres humildes levados até o desespero pelo frio, a fome e a preocupação. Se fosse um deles, sentiria a tentação de declarar o caso irresoluto, e não queria enfrentar o dilema moral que representava essa decisão. Seu julgamento se veria influenciado pela pena e a raiva que lhe provocaria o fato de que um homem pudesse espremer a outro até o ponto de lhe roubar a esperança e a dignidade de escolher algo melhor que a morte por frio e fome não só para ele, mas para seus filhos. Que ato tão terrível. Se um homem empurrar a outro a escolher entre a morte do corpo e a corrupção da alma, até que ponto pode culpá-lo de que sua escolha seja a equivocada?

Nisso pensava Pitt enquanto esperava, com as mãos nos bolsos e a cabeça encurvada, que Carswell saísse do palácio de justiça. Era mais difícil seguir às pessoas no verão. Com o calor não havia desculpa para chapéus encasquetados até as orelhas nem golas levantadas, e não escurecia até as dez da noite, por isso não havia sombras onde ocultar-se. Tampouco neblina em que envolver-se nem

chuva sob a que caminhar cabisbaixo. E sua estatura constituía um inconveniente:

Pitt sobressaía meia cabeça por cima da multidão. Se Carswell reparasse nele, reconheceria-o e a partir daí poderia localizá-lo com facilidade.

Quando o magistrado saiu, Pitt não teve problemas para segui-lo até a Rua Curzon, onde esperou até bem passada a hora do jantar, momento em que decidiu que provavelmente já não se moveria de casa em toda a noite. Com o corpo intumescido depois de tantas horas imóvel, caminhou até a primeira avenida longa a fim de deter um cabriolé que o devolvesse a sua casa.

Não foi senão até que se achou na cama, escutando a respiração tranqüila de Charlotte e sentindo o calor de seu corpo, que caiu na conta de que não tinha verdadeiros motivos para acreditar que Carswell não sasse de sua casa uma vez que sua família estivesse dormindo. Se tinha algum propósito iníquo, o melhor momento para levá-lo a cabo era em plena noite, quando menores eram as probabilidades de ser incomodado. Possivelmente foi quando visitou o Weems, em meio da noite, a breve noite do verão que só contava com cinco ou seis horas de escuridão.

Era muito tarde, mas pela manhã iria à delegacia de polícia do Clerkenwell para solicitar outro ajudante. Carswell devia ser vigiado amanhã e noite.

Abraçou Charlotte e lhe acariciou seu cabelo suave, denso e quente que emanava esse sutil aroma de água de lavanda que gostava. Sorriu e jogou o sentimento de culpa à costas. Charlotte se agitou ligeiramente e se aninhou contra ele.

Innes seguiu investigando os devedores que figuravam em na primeira lista do Weems, e no quartinho da delegacia de polícia do Clerkenwell falou com Pitt de sete deles cuja situação era verdadeiramente dramática, gente a que já não ficava nada a empenhar, nem comida, nem mais roupa que a que levava posta, gente de olhos afundados que tanto se enchiam de resignação como de raiva e desejos de lutar.

Não tinham a ninguém que pudesse confirmar sua presença em outro lugar quando Weems foi assassinado. Innes entregou os nomes com tristeza e não ocultou seu desejo de que o culpado fosse alguém da segunda lista. Estava de pé, na pequena sala cedida ao Pitt, com o corpo rígido e o olhar desafiante.

Seria inadequado expressar com palavras sua conformidade. O

sentimento era muito profundo e delicado, uma mescla de compaixão, de remorso por não sofrer com eles e por ter descoberto uma informação privada, e de medo ante a possibilidade de ter que prender um deles para ser julgado e enforcado.

-Nesse caso, será melhor que vigiemos ao senhor Carswell muito de perto- disse Pitt.

-Necessitaremos de outro homem. Pode encarregar-se disso?

-or que ia um magistrado pedir dinheiro emprestado a um porco como Weems?- perguntou Innes, ainda rígido. -Não tem sentido.

-Provavelmente não o fizesse. Acredito que se tratava de uma chantagem.

-É isso o que ocorreu a seu cavalheiro?- inquiriu Innes com o olhar imperturbável.

-Sim- respondeu Pitt. -Mas não há nenhum delito no meio, só um julgamento de personalidade errôneo. Uma mulher se apaixonou por ele e se tirou a vida. Seria um escândalo, e muito desagradável para a família.

-Não pode comparar-se com o que eu vi- seguiu resmungado Innes.

-Exato, e por isso acredito que não matou ao Weems. Não tinha muito que perder. Mas pode ser que Carswell sim.

-Encarregarei-me de que o sigam-. Finalmente Innes se relaxou. -A que horas deseja fazê-lo você, senhor? Ou preferiria dois homens que pudessem fazer todo o trabalho?

- Um bastará. Eu vigiarei durante o dia. Não tenho nada melhor que fazer.

-E seu cavalheiro, senhor? Embora não temesse o escândalo talvez tenha se cansado de pagar e decidiu desfazer-se do Weems. Sobre tudo se este foi aumentando o preço.

-Pensei nisso- respondeu Pitt. Sua voz não era fria, mas sim precisa. -Investigarei esse aspecto se me acabarem as possibilidades.

Innes abriu a boca para desculpar-se, mas nesse momento o orgulho lhe pôde, ou possivelmente fossem a dignidade e o desejo de manter uma determinada relação.

-Logo investigaremos aos outros devedores da segunda lista-prosseguiu Pitt. -O senhor Urban e o senhor Latimer.

-Poderia começar com eles agora mesmo- se ofereceu Innes.

-Não- respondeu precipitadamente Pitt, mas ao ver a rosto de Innes se viu obrigado a explicar. -Deixaremos eles tranquilos enquanto pudermos. Pelo menos ao Urban. É um companheiro.

-De quem?- inquiriu Innes sem compreender.

-Nosso Innes. É polícia.

O rosto do Innes seria cômico em uma situação menos dolorosa. Em sua mente e seu rosto se desenharam todas as possibilidades: dívida, jogo, chantagem e corrupção.

-OH- disse ao fim, -compreendo. De acordo senhor, nos concentremos primeiro no Carswell. Encarregarei-me de que lhe vigiem todas as noites.

E dito isso, partiu, deixando ao Pitt só no reduzido escritório.

Durante os quatro dias seguintes Pitt seguiu ao Addison Carswell ao palácio de justiça, a sua casa, ao Kensington, a Chelsea, e a Belgravia, onde jantou com uns amigos, a seu clube, cuja entrada Pitt tinha vetada, por isso não soube se jogou e se ganhou, ou perdeu, a quem devia dinheiro ou com quem falou. Foi, virtualmente, uma perda de tempo, pois a informação que poderia lhe ser útil lhe era inalcançável, e carecia de provas para exigir explicações.

Seguiu ao Carswell até seu alfaiate, que não pareceu recebê-lo com o enrijecimento e a hostilidade que os alfaiates utilizam quando o cliente lhes deve dinheiro. De fato, o homem era todos sorrisos quando saiu para se despedir do magistrado.

Por fim, no quinto dia, justo quando Pitt começava a desanimar, o magistrado se dirigiu a um lugar interessante. O fato de que saísse às compras não tinha nada de especial, nem tampouco o que comprou. Um bonito chapéu e uma sombrinha de renda não eram aquisições incomuns para um homem com uma esposa e quatro

filhas, três delas solteiras. O estranho foi que ao sair da loja pusesse-se a andar com passo ligeiro e a cabeça encurvada, olhando de vez em quando aos lados. Pelo caminho divisou a um conhecido e, tornando o chapéu para diante, cruzou rapidamente a rua justo quando passava uma carruagem de quatro portas. O cocheiro puxou

as rédeas, blasfemou veementemente e se afastou tremendo de medo porque tinha estado a ponto de matar a um homem.

Pitt perdeu de vista ao Carswell e teve um instante de indecisão. Começou a suar e procurou um espaço entre as carruagens de quatro portas, birlochos, landós, faetons e vitórias para poder cruzar a rua. Enquanto dançava impacientemente no meio-fio, uma carruagem de cerveja passou junto a ele puxada por enormes cavalos baios seguido de um cabriolé e finalmente de um espaço. Pitt pôs-se a correr, desafiando a um landó com duas damas e um birlocho que ia na outra direção, até que alcançou o outro lado da rua. Carswell não estava por nenhum lado. Passou roçando a um grupo de homens que estavam conversando, gritou uma desculpa e finalmente divisou ao magistrado quando este se dispunha a subir a uma carruagem de aluguel.

Pitt deteve o cabriolé que vinha justo atrás.

-Siga essa carruagem!- gritou.

-O que?- perguntou o cocheiro com suspicácia.

-Sou polícia- explicou Pitt. -Detetive. Siga a essa carruagem!

-Detetive?- O rosto do homem se iluminou.

-Arranque de uma vez ou o perderá!

-Não o perderei!- respondeu o cocheiro. -Posso seguir a carruagem mais rápida de Londres.

E com súbito entusiasmo, atçou ao cavalo e se inundaram no tráfico adiantando a uma vitória e cruzando-se no caminho de uma carruagem de quatro portas. Não foram em direção oeste, para a Rua Curzon, mas sul, e Pitt sentiu que ao fim estava a ponto de descobrir algo sobre Carswell que não era totalmente previsível nem inocente.

Cruzaram o rio pela ponte do Westminster e viraram para o Lambeth. Depois tomaram a avenida Westminster, onde os casais passeavam sob o sol do entardecer, elas vestidas em tons pastel, flores e rendas. Alguma ou outra levava sombrinha, mais por elegância que para proteger-se do sol, pois a essas horas mal apertava.

Pitt se perguntou para quem eram os presentes do Carswell. Para a filha casada que aparecia nas fotos da Rua Curzon? Possivelmente vivia na borda sul do rio. Mas o lógico era que Carswell a visitasse com sua esposa e sua carruagem privada.

Viraram pelo Kennington. A avenida fervia de pedestres e de vendedores ambulantes que ofereciam bolos, enguias, água de hortelã, sorvetes e sanduíches.

Algumas moças vendiam ramos de flores, fósforos, pacotes de lavanda e pulsos.

Um realejo tocava uma música inesperadamente prazenteira, cuja aspereza se via suavizada pela brisa, o sacolejar dos cavalos e o ruído das rodas.

A carruagem se deteve e o condutor se voltou para Pitt.

-Seu passageiro se desceu, senhor- disse-. Entrou nesse café.

-Obrigado-. Pitt lhe pagou. -Muito obrigado.

-Quem é? Um assassino?

-Ainda não sei.

A outra carruagem partiu, o que significava que Carswell tinha intenção de ficar um tempo.

-Obrigado, pode ir-se.

Decepcionado, o cocheiro se afastou, olhando atrás de tanto em tanto para ver o que ocorria.

Pitt sorriu para si mesmo, abriu a jaqueta, tirou a gravata e entrou no café.

Dentro o ar era sufocante e o invadiam as vozes, o tinido de taças, o frufrú de saias e o aroma de café, bolos e açúcar. Das paredes pendiam pôsteres de teatro e de vez em quando estalava uma gargalhada.

Em uma mesa situada em uma curva, Addison Carswell era recebido por uma moça



bonita e esbelta, de cabelo longo e melífluo recolhido no alto da cabeça, como ditava a última moda, enquanto as mechas mais curtas lhe caíam em forma de saca-rolhas sobre a nuca. Seu rosto transbordava vitalidade e possuía uns olhos grandes e claros. Pitt supôs que teria vinte e dois ou vinte e três anos.

Carswell lhe entregou a chapeleira e o pacote que continha a sombrinha com grande expectativa e um sorriso que não podia ocultar. A jovem os abriu com dedos rápidos, rasgando o papel e olhando de vez em quando ao magistrado. Depois de arrancar a última parte do pacote e deixá-lo cair ao chão, levantou com grande

deleite a sombrinha e depois o chapéu.

Carswell lhe segurou o pulso a fim de impedir que erguesse o chapéu para prová-lo. Consciente de sua imprudência, a moça sorriu e se ruborizou.

O rosto do Carswell mostrava uma ternura tão genuína que surpreendeu ao Pitt e fez ele sentir não só como um detetive, mas também como um olheiro.

Observou-os durante meia hora. Sentados à mesa, com a chapeleira e o guarda-sol aos pés da moça, inclinados para diante, conversavam umas vezes seriamente e outras animadamente, mas não eram ruidosos, nem a jovem utilizava gestos coquetes. Mas bem parecia o carinho de duas pessoas que se conheciam desde há tempo e que tinham compartilhado experiências que lhes tinham proporcionado um entendimento mútuo.

Quando Carswell partiu depois de despedir-se da moça, Pitt virou o rosto por temor a que olhasse em sua direção, mas o magistrado não olhou nem a direita nem a esquerda, e saiu à rua com passo animado e semblante sorridente. Pitt pagou sua consumação e seguiu-o. Uma vez fora, viu que Carswell punha-se a andar para a ponte do Westminster, onde provavelmente deteria um cabriolé para voltar para sua casa da Rua Curzon, junto a sua esposa. E possivelmente então teria feito desaparecer seu andar garboso e seu semblante risonho.

Quando a jovem saiu do café, Pitt a estava esperando. A moça pôs-se a andar pela calçada, com passo igualmente animado, levando seus presentes.

Percorridos cem metros cruzou a rua e deu uma moeda ao realengo, que a saudou animadamente com o chapéu, como se a conhecesse, e começou a tocar com mais brio. Dobrou pela Rua St. Albans e ao chegar ao número 16 se deteve, tirou uma chave de sua bolsa e entrou.

Pitt ficou na calçada, olhando. Era uma casa comum, pequena, de fachada estreita e sem jardim, mas, ao menos por fora, parecia muito respeitável embora não tivesse um criado para abrir a porta. Era o tipo de moradia que habitaria um empregado de escritório,

um pequeno comerciante ou a caixa de um banco, ou possivelmente a amante de um homem com meios suficientes para manter duas residências.

Nesse caso, por que se viam em um café, onde só podiam falar e, quando muito, pegar as mãos?

A resposta óbvia era que ela não vivia sozinha. Ou estava casada- embora não levasse anel, ou compartilhava a casa com seus pais ou com algum irmão ou irmã.

Pitt retornou à avenida Kennington. Não lhe foi difícil inventar um conto e surrupiar ao lojista da esquina que, desde que a pobre senhora Hilliard ficou inválida a casa do número 16 a habitava a senhorita Theophania Hilliard e seu irmão, o senhor James. Eram um casal encantador, muito educada e pontual com os pagamentos. Nunca davam problemas.

Pitt lhe agradeceu e partiu com uma sensação de desalento. Andou até o rio para pegar uma carruagem que o levasse a casa, mas uma vez ali sentiu a necessidade de caminhar. Queria gastar energia, como se com o exercício físico pudesse queimar a raiva e a decepção que lhe embargavam. A situação tinha todos os ingredientes para uma tragédia: um homem maduro com um cargo público, esposa e filhas em casa, que decidia comprar custosos complementos femininos e cruzar o rio unicamente para dá-los a uma bela jovem que despertava profundos sentimentos.

De certo modo, seria muito mais simples que Carswell visitasse um bordel. A gente compreendia essas coisas. Não era motivo suficiente para fazer chantagem e ainda menos para cometer um assassinato a fim de ocultá-lo.

Mas Theophania Hilliard não era um desejo sem importância, e o chapéu e a sombrinha não constituíam subornos por favores passados ou futuros, a não ser presentes que uma pessoa fazia com profunda emoção a outra. Mas se eram sentimentos confessáveis, por que tinha ido tão longe?, por que tinha medo de encontrar-se com um conhecido? Tinha posto em perigo sua vida cruzando a rua de forma temerária para não ser visto. E por que tinham ficado em um café da avenida Kennington? Provavelmente porque o irmão se opunha à relação ou ignorava que existisse.

Quanto estava custando ao Carswell esta relação? Ele trazia presentes freqüentemente ou este era um acontecimento isolado? Em opinião do Pitt, a moça não se mostrou especialmente surpreendida. Imaginou o rosto de Charlotte se lhe tivesse levado tão luxuosos presentes, se tivesse sido capaz de gastar dinheiro neles. Charlotte teria dado um grito de alegria, teria provado o chapéu e a sombrinha imediatamente e teria desfilado uma e outra vez pela sala para que ele pudesse admirá-la. Seus olhos teriam

dançado, sua voz se teria tornado aguda pela emoção. Pitt desejou com uma intensidade quase dolorosa poder fazer uma coisa assim por sua esposa, poder comprar algo extravagante e desnecessário, mas formoso, feminino e favorecedor. Tinha que haver uma forma de economizar o suficiente, algo do que ele pudesse privar-se ou algum pagamento que pudesse adiar.

Era muito fácil compreender Addison Carswell, sobre tudo na primeira vez, mas esta não era a primeira vez. Theophania Hilliard estava acostumada a receber presentes dele. E uma vez tinha começado, como podia parar, por muito que lhe custasse?

Era isso? Endividou-se Carswell para financiar seu desejo de agradar à senhorita Hilliard? Se fosse assim, não estaria disposto a reconhecê-lo.

Ou era algo muito mais desagradável? Fazia chantagem Weems? fartou-se o magistrado de tanta submissão e recorrido à violência para escapar de uma pressão que já não podia suportar? Era o sentido inato da justiça do Carswell o que lhe tinha induzido a carregar uma arma com moedas de ouro e disparar contra a cabeça do Weems?

Tinha estado a noite do assassinato em companhia da Theophania Hilliard, razão pela qual se negava a contá-lo, ou na rua Cyrus do Clerkenwell?

No dia seguinte Pitt se apresentou no palácio bem cedo pois

desejava falar com Carswell durante seu primeiro descanso. Temia o encontro, mas era inevitável. Devia dar ao homem a oportunidade de reconsiderar seu silêncio assim como de explicar onde esteve a noite que Weems foi assassinado, e sua relação com a Theophania Hilliard. Sempre cabia a possibilidade de que desse uma resposta que provasse sua inocência quanto ao assassinato.

O primeiro julgamento do dia tinha que ver com um secretário que tinha roubado uns xelins a seus chefes. Provavelmente, alegou a defesa, equivocou-se ao calcular os recursos. Possivelmente, pensou Pitt, mas a julgar pelo rosto inteligente do homem, o mais provável era que as faturas o afogassem e tivesse dado seu primeiro passo delitivo. Ou, como assegurava o promotor, estava provando a água a fim de preparar-se para sua corrida de malversador. Carswell se inclinou pela última tese e condenou ao acusado a um breve período na prisão. Não eram muitas as opções, e Pitt pensou que sua decisão tinha sido acertada.

O segundo caso foi uma surpresa. O nome do acusado lhe foi familiar antes inclusive de que a figura corpulenta e o rosto iracundo do Horatio Osmar aparecessem no banquinho. Junto a ele, loira e roliça, mas muito asseada e moderada, estava a senhorita

Beulah Giles.

O secretário leu as acusações, ou seja, que ambos se comportaram de forma indecorosa em um lugar público. Horatio Osmar permanecia rígido, com a jaqueta impecável mas um pinga inclinado, como se tivesse lutado com sua escolta para que o soltassem. Tinha o rosto vermelho, o nariz brilhante e as costeletas arrepiadas, e lançava fogo pelos olhos.

A senhorita Giles permanecia imóvel com o olhar baixo. Seu vestido, muito diferente do que levava no dia que Pitt a conheceu, aparecia abotoado até a garganta e era de uma sóbria cor cinza azulada. Não podia ter sido mais discreto e recatado. Era evidente que tinha como objetivo dar boa impressão.

O advogado se levantou e rechaçou a acusação.

Pitt se inclinou sem dar crédito a seus olhos. Era um advogado régio, membro desse seleto grupo que tinha ascendido e que agora só se fazia cargo dos casos mais prestigiosos. Que diabo fazia um advogado régio na sala de justiça de um magistrado, defendendo um caso de conduta indecorosa em um parque público? Era compreensível que Osmar não quisesse ser declarado culpado, mas os fatos falavam por si só, e a presença de um advogado régio só conseguiria atrair a atenção da imprensa.

O promotor começou chamando ao coibido agente Crombie, que subiu ao estrado e jurou que, junto com o agente Allardyce, achava-se de serviço no parque no momento que ocorreram os fatos.

-E o que viu, agente Crombie?- perguntou o promotor, arqueando suas frondosas sobancelhas.

-Vi os acusados sentados em um banco e abraçados, senhor.

-O que estavam fazendo, agente?

Osmar grunhiu com um estrondo que se ouviu em toda a sala.

O agente Crombie engoliu em seco.

-É difícil sabê-lo, senhor. Parecia como se estivessem lutando com algo, balançavam-se para frente e para trás-. O agente corou.

-E o que fez você? - inquiriu o promotor com expressão lúgubre, como se mal estivesse prestando atenção.

-O agente Allardyce e eu nos aproximamos deles, senhor-respondeu Crombie. -E enquanto o fazíamos o cavalheiro se levantou e arrumou a roupa.

Osmar grunhiu de novo e Carswell olhou-o com fúria. Entre os poucos espectadores que havia na sala se produziu um murmúrio.

-Arrumou a roupa?- perguntou o promotor. -Explique-se agente.

Crombie estava vermelho como um tomate. Finalmente cravou o olhar na madeira da parede do fundo.

-Tinha as calças desabotoadas e as abas da camisa pendiam por fora. Pegou-as e abotou as calças.

-E a dama?- perguntou sem piedade o promotor com voz cortante.

O agente Crombie fechou os olhos.

-Estava-fechando a blusa, senhor, à... levou as mãos à altura do peito que teria se fosse mulher. Era um homem jovem e solteiro.

-Insinua que vestia indecentemente, agente?

O advogado régio se levantou e Osmar sorriu.

-Senhoria, o promotor está dirigindo à testemunha- disse em tom ofendido. -O agente não disse que a senhorita Gill vestisse indecentemente, mas sim que estava fechando a blusa.

-Aceite minhas desculpas, douto amigo- disse o promotor com sarcasmo. -Agente, como descreveria você o aspecto da senhorita Giles?

Crombie olhou ao Carswell, pois não sabia até que ponto lhe estava permitido falar.

Com o rosto radiante de satisfação, Osmar se mexeu em seu assento.

O promotor sorriu.

-Agente, violentou-lhe seu aspecto?

-Sim, senhor, isso!

Beulah Giles ocultou um sorriso de satisfação.

O advogado se levantou de novo.

-Senhoria, não procede.

-Sim procede- insistiu o promotor sem deixar de sorrir. -O agente Crombie faz parte do público e sua reação constitui uma indicação do que outros transeuntes puderam sentir ao ver o espetáculo montado por um homem e uma mulher em semelhante estado de intimidade em um banco do parque.

-Senhoria, isso ainda está por demonstrar!- exclamou o advogado com fingida indignação. -Possivelmente o único caso a tratar aqui seja a suscetibilidade do agente. Foi ele quem prendeu a meu cliente, de modo que o resultado deste caso o afeta. Não pode considerá-lo uma testemunha imparcial. O argumento da acusação é circular.

O interesse dos espectadores disparou.

Carswell olhou à acusação.

-É tudo o que tem, senhor Clyde?

-Não, senhor, também tenho ao agente Allardyce.

-Será melhor que o chame.

Crombie desceu do estrado e Allardyce ocupou seu lugar. Era três ou quatro anos mais velho, casado e mais difícil de sobressaltar, algo que o advogado percebeu assim que abriu a boca. Não desafiou ao agente nem protestou quando este descreveu a resistência que havia oposto Horatio Osmar ao prendê-lo, sua grosseira linguagem e sua entrada furiosa na delegacia de polícia, e o estado das roupas dele e da senhorita Giles.

O advogado iniciou sua defesa chamando a declarar ao próprio Horatio Osmar.

Este alisou a jaqueta, esticou o pescoço e durante um instante olhou ao Carswell diretamente nos olhos. Logo se voltou para a acusação e aguardou a que o interrogatório começasse.

-Importaria-lhe nos dar sua versão deste deplorável assunto, senhor Osmar?- perguntou cortesmente o advogado.

Pitt observava-o com interesse, perguntando-se o que ia fazer para converter o fato em algo respeitável. O assunto era muito corriqueiro, mas Osmar não podia confessar sua culpa aqui por dignidade. Certamente Carswell não lhe teria imposto mais que uma admoestação e uma pequena multa. Quem quer que lhe tinha aconselhado que contratasse a um advogado régio, ou era um idiota ou desejava secretamente a ruína do Osmar.

O defendido jogou os ombros para trás e olhou desafiante ao público, que em seguida calou, não por respeito, pensou Pitt, mas para não perder detalhes.

Osmar limpou a garganta e começou a falar.

-Absolutamente, senhor. Estava passeando pelo parque quando me encontrei com a senhorita Giles, uma jovem conhecida minha. Saudei-a, perguntei-lhe por seu estado de saúde e ela me respondeu que era excelente.

O promotor começou a agitar-se em seu assento e Carswell olhou-o com severidade.

-Rogo-lhe que continue, senhor Osmar- disse com um sorriso forçado.

-Obrigado, senhoria.- Osmar olhou indignado ao promotor e endireitou a gravata.

Houve um rebuliço na sala e alguém soltou uma gargalhada Osmar prosseguiu.

-Também lhe perguntei educadamente por sua família e a senhorita Giles começou a me falar dela. Propus-lhe que nos sentássemos em um banco próximo para não impedir a passagem. Ela aceitou e nos sentamos no banco onde nos viram os dois agentes.

-Estava lutando com a senhorita Giles, senhor?

-Certamente que não!- A expressão do Osmar refletiu seu desprezo ante a idéia. - Tinha perguntado por seu sobrinho e ela me mostrou uma foto do menino que levava em um medalhão pendurado no pescoço. Procurou o fecho mas não o achou-. Olhou ao público. -De sua perspectiva não podia vê-lo, assim que a ajudei.

A opinião do Pitt quanto à criatividade do Osmar melhorou e quanto a sua veracidade piorou. Olhou ao Carswell para ver como assimilava semelhante conto e surpreendeu-o vê-lo tão sério.

-Um passatempo de todo inocente- disse Carswell, olhando irritado ao promotor.

Este tinha ficado estupefato, mas não era prudente falar agora e sabia.

Mordendo o lábio, recostou-se em seu assento.

-Tinha a roupa desordenada, senhor?- perguntou o advogado.

-É claro que não!- assegurou Osmar. -Como podem ver, não sou um homem metódico...- Houve uma risinho geral. -Tinha estado procurando em meus bolsos uma nota que tinha extraviado-prosseguiu. -Temo que o fiz com certa impaciência e provavelmente tinha um aspecto desarrumado quando os agentes se aproximaram. Se isso for um delito, será contra o bom gosto.

O promotor olhava-o boquiaberto, o advogado sorria e a senhorita Beulah Giles se esforçava por manter uma expressão grave. Pela primeira vez Carswell pareceu um pouco desconfortável.

-Explicou isso aos agentes, senhor Osmar?- inquiriu o advogado.

-Tentei-o- respondeu Osmar com semblante ofendido. -Disse-lhes quem era.

-Endireitou ainda mais os ombros e levantou o queixo. -Sou homem conhecido em alguns círculos, gozo de boa reputação e levo sobre minhas costas muitos anos de honorável serviço a minha rainha e a meu país.

-Com efeito- disse o advogado. -Mas os agentes não o escutaram.

-Nem por um momento. Foram muito grosseiros comigo, o que já é motivo de censura, mas o que não lhes perdão é o modo com trataram à senhorita Giles, uma jovem dama de família respeitável e reputação irrepreensível.

Alguém do público se agitou ruidosamente. Beulah Giles se ruborizou e o semblante do Osmar se nublou.

-Lamento-o, senhor Osmar- disse o advogado com um leve sorriso, -mas só contamos com sua palavra. Sua versão difere muito da dos agentes Crombie e Allardyce.

-Ah!- A voz do Osmar tremeu e suas faces se incharam. -Não é verdade, senhor, não o é. Havia outra testemunha, um homem que se achava a pouca distância de nós. Viu-o

tudo e percebeu que, transtornado como estava por minha detenção, eu tinha esquecido junto ao banco minha maleta. Recolheu-o e pouco depois, entregou-a na delegacia de polícia para que me fosse devolvida.

O público soltou uma exclamação.

-Esse homem estava bastante perto para ver o que aconteceu?-disse o advogado, fingindo estupefação. -E por que a polícia não citou-o como testemunha?

Osmar arregalou os olhos e fez cara de inocente.

-Não posso lhe dar uma resposta que não seja crítica, senhor. Será melhor que eles mesmos respondam.

-Se puderem-. A voz do advogado era agora efusiva. Voltou-se para o Carswell. - Senhoria, com todos meus respeitos declaro que a polícia agiu de forma negligente, pois não citou a uma testemunha que poderia ter absolvido a meu cliente. Agora já não pode ser chamado porque desconhecemos seu nome e seu endereço. Por conseguinte, solicito que meu cliente seja absolvido e liberado de toda mancha.

Crombie olhou consternado ao agente Allardyce e o promotor se levantou de seu assento, mas Carswell lhe freou com um gesto imperioso.

-Aceita-se seu pedido, senhor Greer. Caso fechado-. E deu um golpe de martelo para indicar que dava o assunto por resolvido.

Pitt não podia acreditar. Nem sequer tinham chamado Beulah Giles para declarar, provavelmente a testemunha principal. O julgamento tinha sido incomum e Osmar tinha saído impune. Tinha que reconhecer que se tratava de uma ofensa corriqueira. Não tinha feridos nem roubo, e provavelmente ninguém se havia sentido ofendido, pois aparentemente nenhum transeunte passava por ali nesse momento. Mas a questão não era essa. Tinha deixado à polícia como um corpo estúpido e ineficaz e Osmar tinha desafiado à lei.

Mas o mais grave, em opinião do Pitt, era a atuação inexplicável do Carswell. Só o público ficou satisfeito, e não porque estivessem do lado do Osmar, mas sim porque tinha gozado de um entretenimento inesperado.

Ao sair, Pitt passou junto aos agentes, que pareciam confusos e zangados. Olhou ao Crombie e houve entre eles um entendimento tácito. Nenhum conhecia as razões do ocorrido, mas compartilhavam os mesmos sentimentos.

O advogado saiu ao corredor com expressão meditabunda. Já não parecia tão satisfeito como na sala. Ou seus sentimentos eram confusos ou já tinha posta a atenção em seu próximo caso. Horatio Osmar e a bela senhorita Giles tinham desaparecido.



Pitt tinha outra meia hora de espera nos corredores antes que Carswell se retirasse a seu escritório.

-No que posso ajudá-lo, senhor Pitt?- disse o magistrado com a testa enrugada. Era claro que pensava que entre ele e Pitt estava tudo dito. -Rogo que seja breve- prosseguiu. -Tenho muitos assuntos que atender.

-Nesse caso, irei ao ponto- disse Pitt com calma. Odiava ter que fazê-lo, mas era necessário. -Esta certo de que não quer me dizer onde estava a noite que William Weems foi assassinado?

Carswell ficou sério.

-Estou- respondeu com voz afiada. -Não tenho que dar contas de nada, senhor. Não conhecia esse homem nem tinha entendimentos com ele. Ignoro quem o matou e tampouco me importa. Se isso for tudo, rogaria-lhe se ocupe de sua profissão e deixe que eu me ocupe da minha.

-Weems também era um chantagista- disse Pitt sem alterar-se.

-Seriamente? Que desagradável-. O semblante do Carswell se encheu de desprezo, mas não refletia preocupação nem medo. - Agora lamento ainda menos sua morte. Em qualquer caso, já lhe disse que não o conhecia, e não tenho intenção de perder meu valioso tempo repetindo-lhe. Pode me acreditar ou não, mas como é a verdade, não achará provas que demonstrem o contrário. E agora,

se não se importar, siga com suas indagações em outro lugar.

-Esta certo de que não quer me dizer onde esteve aquela noite?

Carswell se levantou de seu assento com o rosto aceso.

-Estou, senhor! Agora parta como um cavalheiro se não quiser que chame os guardas de segurança e o levem como a um delinqüente.

Pitt suspirou e respirou fundo. Não lhe desgostava Carswell detestava ter que fazer isto.

-Possivelmente a senhorita Hilliard conhecesse o Weems e lhe desse seu nome como aval para um empréstimo- sugeriu com suma tranquilidade. -Nem ela nem seu irmão têm uma situação folgada.

Carswell empalideceu e logo voltou a avermelhar. Parecia que as pernas fossem falhar-lhe. Derrubou-se na poltrona e olhou impotente ao Pitt.

-Conhecia a senhorita Hilliard ao Weems?- perguntou Pitt, não porque pensasse que Theophania Hilliard era uma assassina, muito menos, mas sim porque não queria condicionar as respostas do Carswell sugerindo-as em forma de pergunta!

-Não! Não-. A voz do Carswell se derrubou de novo. -Não, não o conhecia-. Respirou profundamente e com dificuldade e soltou o ar com força. -É... é...- Olhou angustiado ao Pitt. -Eu não matei ao Weems- disse entre dentes. -Não pude fazê-lo. Juro-lhe ante Deus que não o conhecia e que não estava ali essa noite!

-Que relação tem com a senhorita Hilliard, senhor?

Carswell afundou os ombros.

-É... é minha amante-. Custou-lhe tanto dizê-lo que o fez em um sussurro.

Tinha sentido lhe perguntar se Weems lhe estava fazendo chantagem? O motivo era muito claro. Que valor teria um não por resposta? Não seria mais que uma resposta instintiva, um homem que tratava de proteger-se e negava automaticamente sua culpa.

-Sabia Weems?

O rosto do Carswell se retesou.

-Não penso dizer nada mais, salvo que não o matei. E se possuir algum sentido da caridade e da justiça, não implicará à senhorita Hilliard. Ela não sabe absolutamente nada deste assunto. Rogo.

As palavras pareciam lhe estrangular a garganta. Suas mãos arranhavam a escrivaninha e seu corpo parecia fundo e espancado.

-A senhorita Hilliard não está sob suspeita- respondeu Pitt antes de deter-se e pensar em se fazia bem em dizê-lo. -Não é um crime que tenha podido cometer uma mulher, e tampouco há indícios que a relacionem com o Weems. Foi seu nome o que encontramos nos livros.

Carswell estava pálido, cansado, e seu corpo se tornou lânguido. Abriu a boca para dizer algo, pode ser que inclusive "obrigado", mas mudou de opinião e a fechou.

Pitt se despediu com uma inclinação de cabeça. Não havia nada mais que dizer e seria uma crueldade ficar a observar a confusão do homem. Não lhe tiraria nada novo. Gostaria de lhe perguntar por que demônios tinha dirigido desse modo o caso do Horatio Osmar, mas era uma decisão confidencial e Pitt não possuía autorização para investigá-la. Não tinha motivos para supor que era tendenciosa, só excêntrica e inexplicável.

-O que?- Drummond não dava crédito a seus ouvidos. -Carswell absolveu?

-Sim, senhor-. Pitt estava de pé em seu escritório. -Allardyce e Crombie não podiam acreditar.

-Diz que se chamava Horatio Osmar? Não tinha sido subsecretário do governo?

-Isso acredito, mas é isso justificação?- Pitt estava indignado pelo abuso de poder.

Drummond sorriu.

-Absolutamente, mas poderia explicar o comportamento do Carswell.

-A mim não- respondeu acaloradamente Pitt. -Se essa for a classe de justiça que Carswell administra, não é o homem que pensava que era nem apto para ser magistrado.

Drummond olhou-o surpreso.

-Uma opinião enérgica, Pitt.

Pitt notou que lhe subia o rubor pelas faces. Admirava ao Drummond e compreendia que se excedera em sua posição e saltara a distância social que os afastava ao criticar a um homem que não era de sua classe e sim da de Drummond.

-Lamento-o- disse com voz rouca. -Não deveria expressá-la.

Drummond relaxou e lhe olhou divertido.

-Eu gosto da escolha de suas palavras, Pitt. Há uma bela diferença entre isso e dizer que estava equivocado-. Rodeou a escrivaninha. -Estou de acordo com você, mas em realidade me referia a que Carswell e Osmar poderiam ter colegas em comum que possivelmente lhe hajam- Drummond vacilou enquanto procurava a forma de explicar algo que parecia lhe perturbar.

De repente, Pitt experimentou a mesma sensação que tinha tido quando viajavam no cabriolé, a caminho da casa de lorde Byam.

Esperou. Alguém deixou cair uma canastra na rua e ao longe um mascate apregoava suas mercadorias. O som entrava claramente pela janela aberta do escritório.

-Que possivelmente lhe tenham recordado a amizade ou a obrigação que os une- terminou Drummond.

-Compreendo- disse Pitt com calma e sem compreender.

Era uma massa nebulosa de possibilidades que se confundiam nas trevas das pressões sociais, as dívidas monetárias, os favores, a corrupção sutil, e atrás de tudo isso, a chantagem, o feio corpo do William Weems.

Com tristeza, Drummond introduziu uma mão no bolso.

-Suponho que o assunto da amante é um excelente motivo de assassinato. Pobre diabo- disse com resignação. -E outros nomes da lista? Investigou-os já?

-Não, senhor- disse Pitt, sentindo que o coração lhe encolhia. -Um deles pertence ao corpo de polícia.

Drummond empalideceu.

-Meu deus! Tem certeza?

-Suponho que existe uma remota possibilidade de que seja outra pessoa com o

mesmo nome- indicou Pitt sem abrigar a mais mínima esperança.

Drummond contemplou o chão.

-Imagino que não há mais remédio que fazê-lo. E a arma? Encontraram-na já? Disse que ali havia um... um...

-Uma espingarda. Só está como adorno.

-Disse que não funcionava, não é verdade?

-Exato. Não foi a arma que o matou, mas devia ser algo parecido, uma arma que se carregava pela boca e com um cano grande onde coubessem as moedas.

Drummond fez uma careta de dor.

-Imagino que tem à polícia local procurando-a. Sim, claro, sinto muito. Bom, será melhor que averigüe o que possa sobre outros sujeitos da lista. Este assunto se está pondo cada vez mais feio.

-Isso temo- concordou Pitt.

## Capítulo 5

---

Charlotte se sentou à mesa do hotel Metropole, em frente a Emily, presa de uma enorme satisfação. Tinha a diante uma noite maravilhosa. Trazia seu melhor vestido, um presente de Emily e Jack por sua ajuda durante as duas últimas semanas e sabia que estava resplandecente. Tinha desfilado diante do espelho encantada com a grande dama que via refletido nele. A criatura aparecia perfeitamente engravatada, com uns ombros de um branco cremoso que destacavam por cima do vestido de cetim vermelho veneziano. Era um desenho tão novo que quase se adiantava na moda, com saia de pouco vôo e apenas anquinhas. Levava o cabelo recolhido em uma coroa e o olhar lhe brilhava. Estavam jantando no restaurante mais elegante de Londres, para logo ir ver nada menos que Lohengrin, a ópera mais importante da temporada. Charlotte preferiria algo italiano, mas quem podia queixar-se de uma noite como esta? Além de tudo, fazia parte da campanha do Jack e era, portanto, uma obrigação. Emily vestia-se de verde marinho, sua cor preferida. Achava-se muito melhor e parecia uma flor amadurecida, com seu cabelo loiro e sua pele de alabastro. Não lhe teria ido mal um pouco de cor nas faces, mas o esforço de criá-lo artificialmente tinha sido um fracasso e, depois de muitas risadas Emily o tinha tirado. Os diamantes Ashworth nas orelhas e pescoço lhe outorgavam o brilho que pudesse lhe faltar por causa de sua delicada saúde, e estava decidida a divertir-se.

Jack, sentado a seu lado, olhava-a de vez em quando com preocupação. Mas o mais extraordinário era que Pitt estava presente e, depois de muitas discussões e uma terminante vitória de Charlotte, vestido com um smoking que parecia feito à medida. Charlotte suspeitava que se devia a um plano ardiloso e extremamente discreto de Jack. Pitt se sentia algo incômodo. De tanto em tanto passava a mão pelo interior do pescoço e alongava os braços por medo de que os punhos lhe desaparecessem, mas sorria, e quando ninguém lhe olhava até parecia satisfeito consigo mesmo.

Isso podia dever-se, em parte, à presença na mesa de outro comensal. Não de lorde Anstiss, quem, concentrado em seu prato, brincava com o garfo e um bocado de salmão defumado, mas sim de tia Vespasia. Levava o cabelo formando um diadema em torno da cabeça. Tinha o olhar brilhante e divertido, e seus lábios sorriram quando contemplou a Charlotte e Pitt. Ao ver que este último relaxava os ombros, seu sorriso se ampliou, fazendo patente seu carinho por ele e o muito que lhe divertia a situação.

Os garçons serviram o seguinte prato e lorde Anstiss reatou seu extraordinário relato

sobre o cortês amor do Edward Heneage Dering, que em 1859 se apaixonara pela Rebecca Dulcibela Orpen. Tinha ido ver a tia da Rebecca, lady Chatterton, para lhe pedir a mão de sua sobrinha. A mulher, tão velha para ser sua mãe, interpretou mal a pedido e acreditou que este ia dirigida a ela. Aceitou-a no ato e ele foi muito cavalheiro para tirá-la de seu engano.

-Em 1865 os três foram aceitos pela Igreja católica- prosseguiu com um triste sorriso, - e dois anos depois Rebecca Orpen se casou com um amigo do Dering chamado Marmion Edward Ferrars, também católico.

Charlotte estava fascinada. Se tivesse conhecido melhor a lorde Anstiss, teria exposto suas dúvidas sobre a veracidade de sua estranha história, mas teve que contentar-se com um olhar furtivo a tia Vespasia, que assentiu com a cabeça de forma apenas perceptível.

Anstiss reparou no olhar, mas se limitou a sorrir.

-Assim- disse com deleite, -os quatro se instalaram na casa que Ferrars tinha no Baddesley Clinton, uma residência maravilhosamente isolada no Warwickshire, com fosso e tudo.

Pitt tossiu, mas Anstiss não se ofendeu. Em realidade, a incredulidade de seus ouvintes era precisamente a reação que desejava. Olhou a Vespasia procurando sua confirmação, e ela a concedeu na hora.

-Ferrars não tinha dinheiro-. Anstiss tomou um pequeno bocado de seu prato. -E Dering tinha muito, assim pagou a hipoteca, restaurou a igreja local e os quatro se uniram para dedicar sua vida às boas obras e a filosofia. De noite liam Tennyson. Dering escrevia más novelas. Ferrars quem acertadamente achava parecer-se com o Carlos I, vestia-se e recortava a barba como o monarca. E Rebecca pintava bons retratos em aquarela de todos eles. Lady Chatterton (ainda se fazia chamar assim) morreu em 1877, Marmion Ferrars em 1884, e um ano depois Dering se casou finalmente com Rebecca. Ainda vivem na casa, ao que parece felizes.

-Que história tão fantástica, não?- disse Emily. -E jura que é verdade?

-Até o último detalhe- respondeu Anstiss, olhando-a divertido. -Houve muita gente dedicada ao ideal romântico, como pintores, poetas, sonhadores. Só agora começa a nos chegar o movimento esteticista, que suponho é a progressão natural da inocência extrema à "experiência" ostentosa.

Continuaram falando até que o garçom trouxe as sobremesas. Logo, com mais rapidez do que a habitual nestes casos, e ainda sorrindo, retornaram a suas respectivas

carruagens e partiram para o Covent Cardem.

-Toda Londres estará ali- advertiu Emily enquanto a carruagem avançava dificultosamente por causa do tráfico. -É necessário chegar logo se não quiser incomodar a outros e armar um espetáculo procurando sua poltrona quando a música já começou. Além disso, é a forma mais vulgar de fazer que todo mundo se fixe em ti-. acomodou-se em seu assento. -Mas não importa. Assim tenho a oportunidade de me pôr em dia. Fazia séculos que não o via, Thomas-. Sorriu com um humor que não se incomodou em ocultar. -Parece outro.

-Estou sentado com supremo cuidado para não enruguar a camisa, dobrar a jaqueta ou perder os punhos por debaixo das mangas- respondeu com um sorriso. -Mas estou muito agradecido e impaciente por ver a obra.

-Está investigando algum caso interessante? Suponho que não, porque Charlotte não comentou nada a respeito. Duvido que as histórias de lorde Anstiss pudessem monopolizar seu interesse ou o meu em comparação com um bom caso.

-O assassinato de um agiota- respondeu Pitt com tristeza. -Ainda ignoro se será um "bom" caso ou não.

-Um agiota?- A voz de Emily soou decepcionada. A carruagem avançou outros vinte metros e se deteve de novo. Mais adiante um laçao começou a gritar, mas foi em vão. Não se moveram de onde estavam. -Não parece muito coprometedor.

-Sei que prestam um serviço- disse Jack com uma careta, -mas detesto-os. A maioria espremem a seus clientes. Sinto muito, mas em certa medida me solidarizo com a pessoa que o matou.

-Também era um chantagista- acrescentou Pitt.

-Nesse caso me solidarizo ainda mais- corrigiu Jack.

-Eu também- admitiu Pitt. -Ao que parece chantageava a gente interessante, ou isso dizem seus livros.

-OH.- Emily se endireitou no assento com renovado interesse. -Como quem?

-É informação confidencial. Um dos casos se deve a uma questão de indiscrição e outro ao julgamento errôneo de uma pessoa que conduziu a uma tragédia, mas em nenhum dos dois há delito no meio. Ainda tenho que investigar outros casos.

Rápida e sutilmente, Emily leu o rosto do Pitt iluminado pelos faróis da carruagem vizinha.

-E detesta ter que fazê-lo. São gente que admira?

Pitt deu de ombros. Tinha esquecido quão ardilosa era sua cunhada, não

tão valente e apaixonada como Charlotte mas melhor juiz das pessoas e muito melhor atriz na hora de mostrar a expressão e o gesto adequados para controlar a situação. Emily era extremamente prática.

-Gente que conheço- respondeu. -Sinto como uma espécie de traição, e não é meu desejo averiguar suas fraquezas, mesmo que desse modo possa demonstrar sua inocência.

-Compreendo-o- disse Emily.

Pitt brincou de novo com a gola de sua camisa.

-Como não posso dizer mais, falemos de seus assuntos. Me contem um pouco de lorde Anstiss. Ouvi que é um grande mecenas das artes e um benfeitor político e social. Não há dúvida de que é muito ameno. Não há uma lady Anstiss?

-Morreu faz muitos anos- respondeu Emily. Depois se inclinou para diante com gesto confidencial. -Soube que de maneira muito trágica.

Nesse momento a carruagem avançou uns metros, deteve-se bruscamente e se balançou sobre as molas. Depois percorria outros cinquenta metros antes de ficar novamente imóvel.

-Seriamente?- Pitt não tinha intenção de ocultar seu interesse, pois era quanto Emily necessitava para prosseguir.

-Morreu em um horrível acidente. Saiu ao balcão de noite e caiu pelo corrimão. Dever ter se inclinado muito embora não consiga imaginar por que-. A idéia a fez estremecer. -Correu o rumor de que tinha bebido muito vinho no jantar. Não é fácil cair por um corrimão estando totalmente sereno.

-Como era?- perguntou Pitt.

-Formosa- respondeu Emily sem vacilar. -A mulher mais formosa de Londres, pelo menos isso dizem, e pode ser que da Inglaterra.

-E de caráter? Era uma mulher malcriada? Muitas mulheres belas o são. Charlotte ocultou um sorriso, mas não disse nada. A carruagem deu uma sacudida e reatou a marcha.

-O tráfico está cada vez pior- comentou de repente Jack. -A este passo seremos obrigados a seguir a pé.

-A gente leva anos queixando- respondeu suavemente Emily, -mas seguimos nos arrumando-. voltou-se de novo para o Pitt. -Suponho que podia sê-lo, mas nunca ouvi nada a respeito. Não, não é certo, lorde Anstiss disse algo, embora não foi exatamente isso. Disse que todo mundo a queria e que possuía um encanto que escravizava às pessoas.



Acredito que era sua forma de reconhecer que ninguém lhe negava alguma vez nada, que é o mesmo que ser uma malcriada, não?

-Isso parece- concordou Pitt.

-Não obstante- prosseguiu Emily, -tia Vespasia, que só a viu em contadas ocasiões, disse que lhe agradava, e tia Vespasia detesta pessoas malcriadas-. Sorriu abertamente. -Vindo de uma mulher que em seus tempos foi uma das grandes belezas de Londres e que mandava na sociedade com mão de aço, é uma opinião que merece muito respeito.

A carruagem avançou de novo, desta vez uma distância considerável, e Jack olhou pela janela.

-Quase chegamos- anunciou com satisfação.

E em poucos minutos estavam descendo do veículo, Emily pelo braço de Jack e Charlotte pelo de Pitt, subiram as escadas e entraram no luminoso vestíbulo transbordante de sedas, renda e veludos e salpicado de jaquetas negras com peitinhos brancos e jóias nos decotes, orelhas e cabelo. O murmúrio de vozes aumentava a cada instante.

Emocionada, Charlotte contemplou as belas paredes, a majestosa escadaria, o lustre. Virou-se tanto para olhar que se não fosse pelo braço do Pitt teria perdido o equilíbrio. Era uma atmosfera cheia de vida e expectativa, envolta pelo frufrú dos vestidos e conversas.

Charlotte se encolheu em Pitt e lhe apertou o braço. Ele a segurou com força. Não era preciso palavras, e por uma vez à Charlotte não ocorria nenhuma que fizesse justiça ao maravilhoso acontecimento.

Enquanto subiam em direção ao camarote olhou para baixo e viu a cabeça morena de lorde Byam. O suave perfil e as têmporas prateadas lhe davam um ar diferente e peculiar. Sustentava-a em um ângulo diferente das demais pessoas, e quando se voltou para saudar um conhecido, Charlotte divisou seus maravilhosos olhos. Junto a ele estava lady Byam, elegante, mas sem a individualidade de seu marido. Parecia, de certo modo, mais serena e não tão involuntariamente distinta. Nenhum dos dois olhou para cima e tampouco se teriam recordado dela se houvesse feito.

Uma vez no patamar, Charlotte lançou uma última olhada ao vestíbulo e viu a cabeça de um homem com um cabelo muito longo, como Pitt, e se perguntou se pertencia ao estranho jovem que, no baile do Emily, mostrou-se tão obcecado com as injustiças que via, ou achava ver, nas finanças internacionais.

Instalaram-se no camarote de Emily sem contratempos. Tinha-o desde seu matrimônio com George Ashworth, e continuava conservando-o para passatempos

necessários como este e por prazer, porque amava a música.

Vespasia e lorde Anstiss tinham chegado primeiro. Anstiss se levantou e ofereceu um assento ao Emily em primeira fila. Charlotte foi convidada a sentar-se no centro, com tia Vespasia à direita. Uma vez instalados também os homens, Vespasia estendeu à Charlotte seus binóculos para que desfrutasse do primeiro entretenimento da noite, que consistia em observar quem eram os ocupantes de outros camarotes, com quem estavam, que aspecto tinham, como vestiam e, sobre tudo, quem os visitava.

Charlotte demorou um momento em achar a alguém conhecido, o que não era de estranhar dadas as muito escassas ocasiões que ia à ópera. Para sua mãe não era um acontecimento que ajudasse a atrair pretendentes. Não obstante, Pitt a tinha levado uma ou duas vezes, como uma grande coisa, a ver Gilbert e Sullivan no teatro Savoy, mas não era o mesmo.

-A quem viu?- perguntou Vespasia em voz baixa.

-Ao senhor Fitzherbert e à senhorita Mordem- sussurrou Charlotte. -É incrivelmente atraente.

-Muito- respondeu com secura Vespasia.- E a senhorita Mordem?

-Também está muito bonita- disse Charlotte com menos alegria -e acredito que sabe, a julgar por seu sorriso de satisfação e a forma em que está sentada para que a luz lhe ilumine o rosto.

-Você acha?

-Assim me sinto quando acredito que estou esplêndida- confessou Charlotte. -Me desagradam as mulheres tão satisfeitas de si mesmas. Sabe que tem o mundo a seus pés e o contempla com deleite.

-Pode ser- aceitou Vespasia, -mas nem todas as pessoas que mostram um rosto valente se sentem tão seguras por dentro. Surpreende-me que não saiba. Muitas risadas alegres ocultam solidão ou temores. Uma noite louca não implica forzosamente uma manhã feliz-. Sua voz se suavizou. -Acredito que é você, querida, com um Thomas que a quer, quem se tornou um pouco satisfeita de si mesma.

Charlotte ficou rígida e se ocultou detrás dos binóculos com a esperança de que ninguém reparasse no lento rubor que lhe queimava as faces. Vespasia tinha razão. Acostumara-se à felicidade e à certeza das coisas que realmente importavam. Involuntariamente, voltou-se para o Pitt, que olhava como Jack e lorde Anstiss conversavam. Lhe sorriu e fez uma careta.

Presas da emoção, Charlotte se voltou e contemplou o camarote do Herbert

Fitzherbert, que se achava olhando o cenário, e de Odelia Mordem, que sorria a ninguém em particular, obviamente com a mente a vários quilômetros dali.

Charlotte moveu os binóculos até o camarote do Micah Drummond. O homem tinha o olhar cravado no pano de fundo, e três balcões mais à frente estava Eleanor Byam, sentada para frente com as mãos sobre o corrimão forrado de veludo. Por um instante pareceu que olhava ao Drummond, mas em seguida divisou a um conhecido e saudou-o com a mão. Lorde Byam estava atrás, com o rosto oculta na penumbra.

Houve um vaio repentino, as luzes se apagaram e o cenário se iluminou. A primadonna apareceu diante do pano de fundo, e a orquestra, que tinha afinado os instrumentos sob o murmúrio das conversas, entoou o hino nacional. As vozes sossegaram de repente.

-Deus salve à rainha- disse a primadonna, e o público completo ficou de pé.

A função tinha começado.

O pano de fundo se ergueu para dar passagem a uma magnífica cena cheia de luz e a lenta e mágica história começou.

Charlotte a achava extranhamente fria. A música tinha grandes acordes, passagens imponentes e gestos majestosos, mas carecia da paixão pessoal que tinha esperado dado seu humilde conhecimento da ópera italiana, e notou que sua atenção vagava. Pegou de novo os binóculos de Vespasia e confiando que ninguém reparasse nela, passou a observar aos ocupantes dos camarotes.

Enquanto sobre o cenário se desenvolvia o lento drama com grandes sons e luzes, nos camarotes em penumbra outras comédias e tragédias tinham lugar, e Charlotte viu fragmentos que a fascinaram. Um general idoso coberto de medalhas dormitava tranqüilamente, fazendo que o bigode lhe tremesse cada vez que respirava, enquanto sua esposa saudava imperceptivelmente a um jovem tenente de um camarote situado em frente. Duas mulheres, provavelmente irmãs pela semelhança que guardavam, riam atrás de seus leques e paqueravam com um cavalheiro corpulento de meia idade. Duas duquesas, carregadas de diamantes, cochichavam sobre as pessoas que tinham à vista. Certamente ignoravam se a obra era Lohengrin ou O mikado.

Chegado o primeiro intervalo as luzes se acenderam e o público saiu para estirar as pernas. Jack e Anstiss se desculparam e foram à sala de fumantes, naturalmente destinada só aos homens, para falar de política. Emily aceitou unicamente porque sabia que era o objetivo principal da noite. A visita à ópera só era uma forma civilizada de alcançá-lo.

Pitt, um pouco coibido, acompanhou a tia Vespasia, Emily e Charlotte até o vestíbulo, onde conseguiram limonada em copos largos e trocaram saudações, fofocas e frases corriqueiras com as pessoas que passavam em frente a eles. O vestíbulo inteiro era um torvelinho humano esplêndido, alegre, buliçoso e brilhante, de saias, tinido de copos, jóias e rostos excitados. Charlotte estava emocionada, e havia tantas coisas que ver que mal podia manter o olhar em uma pessoa mais de um instante.

Contudo, observou ao Herbert Fitzherbert, a quem tinha tão perto que quase lhe golpeou com o cotovelo. Estava falando com a Odelia Mordem e ambos tinham as cabeças muito juntas e riam, possivelmente por causa de uma brincadeira ou simplesmente porque estavam felizes e apaixonados. De repente Odelia deu um pulo e se voltou bruscamente para um jovem que, sem querer, tinha-lhe pisado na barra do vestido.

-OH, quanto o lamento, senhora!- exclamou o jovem. -Sinto seriamente.

Odelia olhou-o horrorizada, desconhecendo ainda o dano que tinha sofrido seu vestido. Temia que os pontos da cintura se rasgassem e acabasse sendo a fofoca de todos.

-Sinto-o muitíssimo, senhora. Se posso fazer algo por...- começou o jovem, dolorosamente ruborizado, mas ao ver que não podia fazer nada por arrumá-lo, calou.

Sua companheira, uma moça muito bonita com uma massa de cachos naturais de cor mel e um rosto especialmente vivo, observou com praticidade o dano e sorriu a Odelia.

-Não são mais que dois ou três pontos na prega- a tranqüilizou. -Não é causa de sobressalto e estou certa de que sua criada poderá repará-lo. Contudo, rogo-lhe aceite nossas desculpas. A meu irmão o empurrou um cavalheiro que parecia muito alegre para a ocasião e me temo que perdeu o equilíbrio. -Seu sorriso era radiante e afável, mas não estava envergonhada nem disposta a aceitar a responsabilidade de algo que não era culpa dela.

Resistindo a pressão da multidão, Charlotte se instalou detrás de uma palmeira, de onde podia escutar sem ser vista. Pitt e tia Vespasia, não obstante, avançaram.

Odelia não sabia se tirava importância ao assunto ou mostrava-se ofendida para fazê-los sentirem-se desconfortáveis. Olhou ao Fitz, que contemplou o rosto franco e radiante da moça e inclinou a cabeça.

-Herbert Fitzherbert, senhora- disse, e se voltou para a Odelia. -Apresento-lhe à senhorita Odelia Mordem-. Tomou o braço com gesto possessivo. -Estamos encantados de conhecê-la e uma parte de tecido é um preço insignificante que pagar por isso. Rogo-lhe que o esqueça.

A garota sorriu e fez uma muito leve reverência.

-Theophania Hilliard, mas se alguma vez pensam em mim, preferiria que o fizessem por Fanny, que é como me chamam meus amigos. Este é meu irmão James.

-Fanny!- exclamou o moço. -Já incomodamos o suficiente ao senhor Fitzherbert e a senhorita Mordem. Duvido que desejem nos conhecer melhor, não vá ser que lhes destrocemos todo o roupeiro.

-Costuma fazê-lo freqüentemente?- perguntou Fitz com humor. -Se for assim, tenho alguns conhecidos que eu gostaria de lhe apresentar. Poderia ser muito divertido.

Charlotte se aproximou um pouco mais ao vaso de barro e puxou sua saia para ocultá-la.

Um brilho de irritação cruzou o rosto da Odelia.

-Está brincando- disse a Fanny com certa rigidez. -Receio que seu senso de humor não é fácil de entender. Tenho certeza de que não têm por costume...- Derepente calou, consciente de que estava correndo o risco de ser desnecessariamente descortês.

Fanny sorriu e olhou ao Fitz.

-Não é preciso que se expliquem- disse com alegria. -Entendo perfeitamente. Estas conversas são como as bolhas, que voam unicamente se não as toucas.

-Genial!- exclamou Fitz com visível prazer. -Tem o dom de dar com a expressão justa, senhorita Hilliard. E me diga, está gostando da obra?

-Se se referir à música, não muito- respondeu a moça enrugando o nariz. - Certamente não ficará gravada na memória nem a cantarolarei pela rua, mas o

espetáculo me parece maravilhoso e a história muito romântica. Acordada toda classe de sonhos em minha cabeça e o desejo de ler os grandes poemas de heróis como O Cid, Rolando e Carlomagno na batalha do Roncesvalles e, é claro, o rei Artur-. Fechou um instante seus olhos brilhantes, como se os cavalheiros estivessem passando em frente a ela.

-Encantador- respondeu secamente Odelia. -Que maravilha ser tão... jovem e ter uma imaginação tão comovedora.

Fanny arregalou os olhos.

-Suponho que se vai perdendo com a idade- disse, e ao ver que Odelia empalidecia caiu na conta de seu desafortunado comentário. Ruborizando-se, pôs-se a rir e levou uma mão aos lábios. -OH, sinto muito! Sou tão terrível na hora de tropeçar com minha língua como James com seu vestido. Pensava que se referia a que estava sendo um pouco ingênua, mas agora vejo que não era isso.

Charlotte engoliu ar mas não se moveu.

-Certamente que não- mentiu Odelia. -É uma qualidade excelente. -E como não lhe ocorria outra coisa que dizer, mergulhou em um silêncio incômodo.

Fitz mordia o lábio ante a cômica situação com um deleite pouco dissimulado.

-É provável que a gente tropeçasse menos conosco se nos interpor menos em seu caminho- disse relaxadamente. -Não obstante, confio em que voltemos a nos interpor no seu muito em breve, senhorita Hilliard. De fato, assegurarei-me de que assim seja. Espero que desfrute do resto da obra.

-Obrigado, senhor Fitzherbert- respondeu sorridente a jovem. -Se o resto das pessoas são tão encantadoras como você, estou certa de que assim será. Boa noite, senhorita Mordem. Foi um prazer conhecê-la.

-Um prazer- disse James, ainda incomodado e evitando o olhar da Odelia. Em seguida puxou sua irmã e o casal desapareceu entre a multidão.

-É incrível!- disse Odelia entre dentes. -Grande caipira! Rasgou-me o vestido, se por acaso não sabe! E ela é tão torpe com a língua como ele com os pés. Irá mal em sociedade. É muito descarada.

-Eu acredito que dirigiu a situação muito bem- respondeu Fitzherbert sem um pinga de mau humor. -Há muita gente aqui e qualquer um poderia perder o equilíbrio e pisar alguém sem pretendê-lo-. Olhou ironicamente a sua noiva. -Em qualquer caso, é impossível prever como reagirá a sociedade, Às vezes se derruba por pessoas muito mais estranhas.

-Poses muito pouco sentido da discriminação, Fitz- disse Odelia, enlaçando seu braço ao dele. -Terá que aprender a distinguir entre a gente que alguém deve conhecer socialmente e a gente com a que simplesmente terá que ser educado porque não convém que outros nos vejam sendo descorteses.

-Grande aborrecimento-. Fitz enrugou o nariz. -Receio que não quero escolher as minhas amigas de acordo com esse critério.

Puseram-se a andar e a resposta da Odelia se perdeu no ar, deixando Charlotte com o desejo de que Fitz não fosse rival político do Jack, pois lhe parecia extremamente agradável. Odelia Mordem, em troca, não lhe agradava. Confiou em que Emily fosse uma boa competidora, mas não as tinha todas consigo. Debaixo desse rosto bonito e complacente a senhorita Mordem possuía uma couraça de aço.

Durante o segundo ato Charlotte percebeu de novo que sua atenção divagava, e com os binóculos de Vespasia pôde, pelo menos, divisar com clareza aos espectadores que, nos camarotes, inclinavam-se para diante e ficavam expostos à luz.

Estava examinando discretamente às pessoas de frente quando viu abrir as cortinas de um camarote e aparecer Micah Drummond. Charlotte lhe estava muito agradecida pelo compreensivo que se mostrou com ela na terrível culminação dos assassinatos do Westminster Bridge. O lógico é que se houvesse posto furioso, mas em lugar disso foi muito amável e isso fez que Charlotte experimentasse seus próprios enganos sem a postura defensiva que teria provocado nela um homem de natureza iracunda e insensível. Contudo, tinha sofrido muito e se havia sentido tremendamente assustada e culpada.

Moveu a rodinha dos binóculos para enfocar a imagem e observou a expressão tensa e coibida do Drummond enquanto falava com o casal que ocupava o camarote. Charlotte só conseguia ver a formosa cabeleira negra da mulher, recolhida ao estilo grego que tão de moda estava ultimamente e guarnecida com pérolas. Seus ombros eram muito brancos e tinha as costas erguidas. Micah Drummond se inclinou e levou a mão da dama aos lábios, com tanta delicadeza que a Charlotte pareceu algo mais que uma mera formalidade. Sentiu um calafrio de empatia com a mulher, como se também ela houvesse sentido os lábios do Drummond lhe acariciando a pele.

O homem do camarote deu um passo à frente e seu perfil se fez visível. Charlotte conhecia esse nariz reto, sobressalente e um pouco curto, o ângulo limpo da cabeça e o cabelo suave e totalmente liso, mas não conseguia lhe pôr nome.

Com expressão carrancuda, Drummond se voltou para o homem e começou a falar. Este o escutava com a maior seriedade e um pouco inclinado para diante.

Charlotte moveu ligeiramente os binóculos e viu Odelia Mordem e Fitz sentados muito juntos, o rosto dele para o cenário e a dela para seu noivo.

Nesse momento a música se ergueu até alcançar um longo clímax e se produziu uma salva de aplausos. Quando voltou de novo para o camarote onde tinha visto o Micah Drummond, este já não estava, e o outro homem parecia estar olhando Charlotte, o que a perturbou sobremaneira. Sentia-o muito próximo, como se pudesse vê-la com tanta clareza como ela a ele. Os binóculos ampliavam a figura de forma alarmante, de modo que se sentiu descoberta em um grave ato de intromissão. A expressão do homem era inescrutável. Só a boca estava totalmente exposta à luz. Parecia melancólico, vulnerável, e entretanto não havia nada passivo nesse sentimento, salvo a disposição, quase a antecipação, à dor.

A mulher do camarote desviou o olhar para o cenário e se inclinou sobre o corrimão. Então Charlotte se deu conta de que se tratava da Eleanor Byam e em seguida supôs que o homem era lorde Byam. Agora que sabia quem era, reconheceu

perfeitamente a curva de sua cabeça e as depressões de seus magníficos olhos.

Lorde Byam se inclinou e Charlotte percebeu com alívio que não a estava olhando a ela, mas a alguém situado a sua esquerda. Devolveu os binóculos a Vespasia com um sussurro de agradecimento para assim ter a oportunidade de voltar a cabeça para esse lado. A única pessoa que havia ali era lorde Anstiss, que contemplava o cenário alheio a todo o resto.

O segundo intervalo foi menos divertido, mas Charlotte continuava experimentando o feitiço da noite. Tinha a sensação de estar flutuando, e queria ver, ouvir e recordar tudo para rememorar quando estivesse em sua velha casa levando a vida de sempre, cheia de tarefas cômodas e repetitivas. Além disso, Gracie queria conhecer até o último detalhe.

Pitt se achava de costas a uma coluna. Desta vez tinha menos obrigações para com as damas. Jack acompanhava a Emily, lorde Anstiss estava pedindo um refresco para a Vespasia e Charlotte estava muito interessada em olhar e escutar para preocupar-se com essas coisas.

-Diverte-se?- perguntou Pitt, lhe rodeando os ombros com um braço e inclinando-se para ela para que fizesse ouvir por cima do bulício.

Charlotte olhou-o sem dizer uma palavra, a borbulha de felicidade que a percorria por dentro era muito grande para poder descrevê-la. Juntos, contemplaram às pessoas passar em casais, trios e grupos, e de tanto em tanto algum homem solitário. Em torno da metade do intervalo divisou a figura alta e esbelta de um deles, sua expressão meditabunda, como se visse a multidão não como indivíduos mas sim como uma massa brilhante, como um campo de flores. Charlotte reconheceu ao Peter Valerius, o jovem que, no baile de Emily, tinha falado tão apaixonadamente das finanças, dos tipos de interesse e das restrições que implicavam alguns negócios vinculados aos países colonizados que dependiam das ricas nações da Europa e, em particular, da Grã-Bretanha. À Charlotte o assunto não interessava o mínimo, mas do rosto do Valerius emanava uma paixão tão poderosa que se sentiu atraída por ele. Parecia estar só, e se perguntou que fazia em um evento tão frívolo.

Depois viu lorde e lady Byam passeando juntos, embora não iam agarrados pelo braço e ela caminhava muito reta. Lorde Byam, por sua parte, parecia algo abstraído. De repente se voltou, como se tivesse percebido algo pela extremidade do olho, e divisou ao Pitt, cuja cabeça destacava por cima das demais com a pedra rosa da coluna de fundo. Seu rosto denotou reconhecimento e depois assombro. Finalmente franziu o sobrecenho, como se tratasse de recordar, mas em poucos instantes sua atenção foi requerida por outra pessoa. Pitt sorriu com ironia.



-É lorde Byam- sussurrou Charlotte. -Conhece-o?

Pitt seguia sorrindo e, depois de meditar um pouco, tomou uma decisão.

Olhou a Charlotte e se abstraiu do redemoinho de risadas e vozes.

-Sim, conheço-o. O agiota cujo assassinato estou investigando estava chantageando ao Byam pela morte de lady Anstiss.

-O que?- Charlotte olhou-o estupefata. -Laura Anstiss? O que tem que ver ele com isso? Não foi um acidente?

-Não- explicou Pitt com calma. -Laura Anstiss se apaixonou perdidamente por Byam, que era o íntimo amigo do Anstiss, e como não lhe correspondia se tirou a vida. Fizeram ver que foi um acidente para proteger a reputação da mulher e de sua família.

-OH.

Charlotte estava atônita. Por sua cabeça começaram a virar imagens de paixão e tragédia, de mulheres belas e sozinhas, rechaçadas e desesperadas. Mal podia imaginar a dor de lorde Anstiss, a sensação de ter sido traído pelo homem que achava seu amigo. E o sentimento de culpa do Byam. Segundo Vespasia, tudo isso tinha acontecido vinte anos atrás. Mas o que sentiam agora? O que tinham conseguido cicatrizar os anos? Era essa a estranha emoção que tinha percebido no semblante do Byam quando este, de seu camarote, contemplava ao Anstiss?

A campainha soou e Charlotte, agarrada ao braço do Pitt, pôs-se a andar com a cabeça alta escada acima, mesclando-se com a multidão, as conversas e as risadas, o frufrú do tafetá e o martelar de saltos. Por sorte, Pitt se encarregava de olhar por onde iam.

O último ato era o clímax dramático e musical e Charlotte lhe dedicou sua atenção, pelo menos na aparência. Por dentro seguia pensando nos dramas mais imediatos que divisava nos rostos do Byam e Fitz e nos olhos brilhantes da Fanny Hilliard.

Quando o pano de fundo caiu pela última vez e se sossegaram os aplausos, o grupo se somou à fila de saída. Desceram muito lentamente, fingindo indiferença ante a aglomeração e a espera. Não tinha sentido precipitar-se, pois podiam perder-se e, de todo modo, a carruagem não tinha chegado ainda à entrada.

Uma hora depois se achavam sentados em torno de uma pequena e elegante mesa, trocando fofocas. Com uma taça de champanha diante, Anstiss e Jack conversavam quedamente enquanto Emily contava a Pitt o quanto sabia de Eleanor Byam.

-Você gostou da obra?- perguntou Vespasia à Charlotte, contemplando com um sorriso o rubor de suas faces.

-Sim- respondeu Charlotte, e se viu empurrada a acrescentar. -Mas não estou certa

de ter entendido a história e não acredito que recorde a música. Entretanto, com certeza recordarei a posta em cena. Era esplêndida, não lhe parece?

-Eu diria que foi a melhor que vi em minha vida- concordou Vespasia.

Charlotte franziu o sobrecenho.

-É que a ópera não tem canções que possam recordar-se como ocorre com os espetáculos de variedades?

Vespasia arqueou as sobrancelhas.

-Não tenho nem idéia, minha querida menina.

Charlotte a olhou decepcionada.

-Mas você vai à ópera com frequência, não?

-Certo. O que não frequento são os espetáculos de variedades.

-Ah! -respondeu Charlotte, confusa. -Sinto muito.

Vespasia pôs-se a rir.

-Contaram-me que Vista Tilley tem uma ou duas canções memoráveis-. E com voz de contralto muito bela, começou a cantarolar uma canção picante. Ao chegar ao oitavo compasso se deteve. -Sinto muito, mas não recordo mais. Que lástima!

Charlotte começou a rir, notando que a hilaridade lhe subia por dentro e não podia detê-la.

Eram perto das duas da madrugada e todos estavam cansados. As pessoas começavam a bocejar e as mulheres a notar a estreiteza dos sapatos e os prendedores quando lorde e lady Byam passaram junto à mesa em direção à saída. Lorde Anstiss estava frente a eles e era inevitável a saudação.

-Boa noite- disse primeiro Byam, por ser o que chegava.

Tinha uma expressão estranha e o olhar inquieto. Se não lhe haver parecido uma ridícula, Charlotte haveria dito que Byam estava procurando algo no Anstiss, um sentimento que não achou e cuja ausência não o surpreendia mas o feria.

Ou possivelmente não se tratava de nenhuma ridícula e era certo que Byam estava envolvido na trágica morte da Laura Anstiss. Lorde Anstiss não havia tornado a casar-se. Possivelmente a ferida ainda estava fresca. Amava a Laura e nenhuma mulher podia ocupar seu lugar. O que Charlotte tinha visto no olhar do Byam era sentimento de culpa e desejo de perdão, enquanto que no rosto do Anstiss havia cortesia, mostra-a externa de um homem decente que tentava fazer o que considerava cristão.

Byam se tinha detido junto à mesa.

Anstiss se ergueu ligeiramente.

-Boa noite, Byam- disse com um sorriso amável mas frio. -Boa noite, lady Byam. É um prazer vê-la. Gostou da obra?

A mulher sorriu, embora seu olhar fosse triste.

-Encantou-me- respondeu absurdamente. Não se reconhecia o contrário a menos que se queria iniciar uma conversa. -A posta em cena era fantástica, não lhe parece?

-A melhor que vi até agora- respondeu Anstiss.

Seus olhos se posaram resolutamente no Byam. Quase agressivamente, teria pensado Charlotte, se se tivesse tratado de um homem menos civilizado.

Byam fez gesto de seguir sua caminhada para a porta mas mudou de idéia e se voltou para o Anstiss, que continuava olhando-o.

Eleanor Byam permanecia imóvel, com a fronte enrugada. Não sabia o que dizer, nem sequer se devia dizer algo.

Sob as perguntas e respostas superficiais, Charlotte sentia uma tensão tão poderosa que quase podia cortar-se com uma faca. Olhou a Emily e depois a expressão meditabunda de Pitt. Jack, por sua parte, não sabia se intervinha ou não. Charlotte não pôde suportar mais.

-Sempre é assim a ópera wagneriana?- perguntou, disposta a revelar sua ignorância para salvar a situação. -Lohengrin é a primeira ópera do Wagner que vi e devo reconhecer que me parece um pouco irreal.

O silêncio se quebrou. Eleanor deixou escapar um sussurro inaudível e Byam relaxou os ombros.

Com um sorriso encantador, Anstiss voltou-se para Charlotte, dando as costas ao Byam.

-Querida minha, a maioria das óperas wagnerianas são ainda mais irreais que a que viu esta noite, me acredite. Lohengrin é extremamente mundana e sensível comparada com o ciclo do Anel, onde aparecem deuses e deusas, monstros, gigantes, anões e toda classe de fatos improváveis, para não dizer impossíveis-. Seus olhos brilhavam de engenho e imaginação. -Acredito que preferiria as óperas italianas, sobre tudo se gosta das histórias de homens e mulheres comuns e situações com as que podemos nos identificar-. Consciente de que, podia soar um pouco condescendente, tratou de suavizar o efeito. -Devo reconhecer que esse é meu caso. Só aceito a mitologia em pequenas doses. Prefiro que a fantasia tenha um pouco de humor, como Gilbert e Sullivan, inclusive um elemento absurdo e não tanta angústia alemã. As idéias destes senhores possuem uma

mescla de sofisticação e inocência que me agrada.

-É muito inglês- disse Byam a suas costas. -Wagner qualificaria sua imaginação de prosaica. Rimo-nos das grandes obra porque não as entendemos, e não podemos alimentar uma paixão intelectual porque a esse nível ainda somos crianças.

Anstiss se voltou.

-Isso diria Wagner?- respondeu fríamente. -Onde o ouviu?

-Não o ouvi- disse Byam com aspereza, -deduzi-o. E agora, se nos desculparem, foi uma noite maravilhosa mas é tarde e estou desejando me retirar.

-É claro-. Anstiss voltava a sorrir. -Deixaremos para outra ocasião a comparação filosófica. Não queremos retê-los. Boa noite, lady Byam.

Byam vacilou, como se durante um instante tivesse pensado em continuar a conversa.

-Boa noite- disse Eleanor sem conseguir dissimular o alívio em sua voz. Pelo braço de seu marido, afastou-se por entre as demais mesas em direção à porta e sem olhar atrás.

Charlotte olhou ao Pitt, que tinha a vista perdida e o sobrececho franzido.

-Quanto se disse que não tinha nada que ver com o que se pretendia insinuar- disse Vespasia com um tom tão baixo que só Charlotte pôde ouvi-la. -A que se refere?- sussurrou por sua vez.

-Não tenho nem idéia, ou pelo menos muito pouca, mas juraria que a conversa não era mais que um veículo para descarregar um torvelinho de sentimentos que não tinham nada que ver com o Wagner e suas óperas. Provavelmente é o que ocorre com muitas conversas, com todos esses "boa noite" e "como está você". Não fazemos mais que nos medir uns aos outros. É uma desculpa para olhar nos olhos de nosso interlocutor com uma intensidade que seria inaceitável se guardássemos silêncio.

Antes que Charlotte pudesse dar uma resposta, que sem dúvida teria sido de consenso, um numeroso grupo passou frente à mesa em direção à saída. Charlotte reconheceu ao homem imediatamente, embora não recordou seu nome até que o grupo se achava à altura da seguinte mesa. Era Addison Carswell, a quem tinha conhecido no baile do Emily. Acompanhava-lhe sua esposa, a mulher a que tinha admirado por seu bom juízo, e suas três filhas loiras e solteiras, vestidas em tons que iam do rosa ao borgoña. Qual ramallete de malvarrosas em flor, formavam uma imagem surpreendente, muito mais efetivas em grupo que cada uma em separado. Charlotte admirou a estratégia da senhora Carswell.

Despreocupadamente, Addison Carswell lançou uma olhada à mesa. Sorriu ao Jack e Emily e saudou com a cabeça a Vespasia, a quem não conhecia, mas cujo porte exigia um reconhecimento. Depois olhou para Pitt e seu rosto se contraiu. Seu corpo ficou rígido, como se a roupa fosse de súbito incômoda, e pareceu muito mais cansado que um momento atrás. Era evidente que lhe tinha reconhecido, mas não fez nada que o demonstrasse.

Preso de um calafrio, Charlotte se deu conta de que, fossem quais fossem as razões pelas que Carswell conhecia o Pitt, provavelmente eram de índole profissional e perturbadoras. E o fato de que não lhe saudasse significava que sua esposa o ignorava.

Regina Carswell, entretanto, tinha reconhecido a Charlotte e se deteve por cortesia para falar com ela.

-Boa noite, senhora Pitt. É um prazer vê-la de novo. Como vai?

-Muito bem, obrigado- respondeu Charlotte, e se voltou para a Vespasia. -Tia Vespasia, me permita que lhe apresente à senhora do Addison Carswell. Acredito que não se conhecem.

Charlotte fez todas as apresentações, incluída a do Pitt ao senhor Carswell. Ambos aparentaram que era a primeira vez que se viam.

O grupo continuava trocando cumprimentos, as mentes muito cansadas para pensar em trivialidades que pudessem ocultar a tensão subjacente, quando se deram conta de que estavam bloqueando a passagem ao Herbert Fitzherbert e Odelia Mordem.

Ela tinha um aspecto impecável, o rosto radiante e sereno, nem um só cabelo fora de lugar apesar do tardio da hora.

-OH, quanto o sinto!- Carswell aproveitou a oportunidade para escapar. -Estamos bloqueando a passagem. Se nos desculparem...- Se inclinou para a Vespasia e fez gesto de partir.

-Absolutamente- se apressou a responder Fitzherbert, alheio ao rosto de pânico do Carswell. -Querido senhor, não é nossa intenção lhes danificar a festa. Seria imperdoável-. Sorriu arrolladoramente a Vespasia e logo olhou ao Jack e a Emily. -Me alegro de vê-lo, Radley. Senhora Radley. Que noite tão magnífica, não lhes parece? Ah, senhora Pitt, tem um aspecto estupendo, se não lhe parecer uma rabugice que o diga-. Sabia perfeitamente que não o parecia.

Charlotte gostaria de desprezá-lo, ou pelo menos lhe apagar a satisfação do rosto, mas Fitz possuía um encanto tão espontâneo que não soube como fazê-lo sem ser áspera e frustrar assim seu objetivo. E provavelmente estava sendo injusta com Jack. Seu

cunhado era perfeitamente capaz de competir com o Herbert Fitzherbert. E se não o fosse, significava que não devia ganhar a candidatura.

-Obrigado- disse Charlotte com um doce sorriso. -Desfrutei tanto que seria difícil não ter bom aspecto. Boa noite, senhorita Mordem. Me alegro de voltar a vê-la.

Odelia esboçou um tênue sorriso e se fizeram as apresentações pertinentes.

Carswell tinha perdido a oportunidade de partir sem ser descortês. Fez um comentário educado e a conversa sobre a ópera se reatou.

O magistrado pensou que uma segunda oportunidade lhe tinha apresentado quando se deu conta de que estavam ocupando todo o espaço entre mesas e que havia outras pessoas que desejavam passar, mas quando se voltou para desculpar-se, o sangue lhe subiu até as faces para logo desaparecer e deixá-lo branco como a neve. Junto a ele estava Theophania Hilliard e seu irmão. O rosto vivaz da jovem também tinha empalidecido, mas podia dever-se ao cansaço. Depois de tudo, eram mais de duas.

-Oh!- exclamou Carswell. Parecia ter encolhido. -Sinto muito, senhorita...

-Não se desculpe- disse Fanny com voz rouca. -Não é nossa intenção incomodar. Engoliu em seco. -Sairemos por outro lado.

-Se o...- Carswell respirou fundo.

-Nem sonhá-lo- respondeu alegremente Fitz. -Senhorita Fanny Hilliard, conhece o senhor Addison Carswell, a senhora Carswell e as senhoritas Carswell?

Alheio à tensão reinante, Fitz procedeu a fazer as apresentações. Carswell

olhou ao Pitt por uma fração de segundo. Se Charlotte não lhe tivesse estado observando, não teria reparado em sua expressão de angústia e súplica, tão rapidamente se esfumou.

Pitt olhou-o impassível.

Pouco a pouco, Carswell foi recuperando o domínio e suas faces recuperaram a cor.

-Encantado de conhecê-la, senhorita... Hilliard- disse com voz rouca. -O lamento, mas já íamos. É muito tarde. Boa noite.

-Boa noite, senhor- disse Fanny com o olhar baixo. -Boa noite, senhora Carswell-. Levantou os olhos e olhou a Regina com interesse.

Esta se achava muito cansada para percebê-lo:

-Boa noite, senhorita Hilliard. Vamos, Mabel- disse erguendo ligeiramente a voz a sua filha, que estava conversando com Odelia. -Vamos, querida. Já deveríamos estar em casa.

-Sim, mamãe- respondeu Mabel, e dando de ombros se desculpou e seguiu a suas irmãs.

-Nós também deveríamos ir- disse Charlotte olhando a Emily. -Pediremos uma carruagem. Bloomsbury está muito longe do Mayfair e não quero que tenham o trabalho de nos acompanhar. Já teria que estar deitada.

Certamente, Emily tinha começado a desfalecer, e Jack parecia preocupado por ela.

-Levarei-os a casa em minha carruagem-anunciou Vespasia ficando de pé.

- Não está tão longe, e em qualquer caso durmo mais do que necessito.

-Não o permitirei- respondeu Pitt. -foi uma noite maravilhosa e não a estragarei desviando-a de seu caminho e mantendo-a levantada meia hora mais. Pediremos uma carruagem.

Vespasia endireitou as costas e olhou ao Pitt com uma mescla de carinho e indignação.

-Não sou nenhuma velha a que tenha que ajudar a cruzar a rua, Thomas. Sou perfeitamente capaz de organizar minha carruagem como me agrada-. Um tênue sorriso se desenhou nos lábios do Pitt. Tanto ele como Charlotte sabiam por que Vespasia queria acompanhá-los. -E amanhã poderei ficar na cama até a hora do almoço se quiser, que é muito mais do que você pode se permitir. Levarei-os a casa e não se fala mais-. Olhou fixamente a Charlotte com seus olhos cinzas e Pitt obedeceu com um sorriso.

Despediram-se de Emily e Jack, depois de lhes agradecer uma vez mais sua generosidade, e pediram ao porteiro a carruagem da Vespasia. Uma vez dentro, e tendo posto já a rodar, Vespasia olhou ao Pitt, que, sendo o cavalheiro, ia sentado de costas ao cocheiro.

-E então, Thomas- disse, -trata-se de um caso do que não pode falar?

-É... confidencial- respondeu ele com cautela. Não sorria, mas seus olhos brilhavam sob as lanternas da carruagem. -Possivelmente não seja mais que um assunto de dívidas-prosseguir, -ou talvez de chantagem. Ainda não sei, mas não há dúvida de que se trata de um assassinato.

-Lógico- disse a anciã com um suspiro. -Duvido que o utilizassem para outra coisa.

A resposta do Pitt se perdeu sob o ruído da carruagem, mas aparentemente Vespasia não precisava ouvi-la.

-A quem assassinaram?

-A um agiota particularmente desagradável.

Envolta em sua capa, Charlotte se afundou no assento e escutou com a esperança de averiguar mais detalhes.

-A quem fazem chantagem os agiotas, por Deus santo?- perguntou Vespasia. -

Duvido muito que tenham conhecidos que possam lhe interessar. Não se trata de um assunto político, ou sim?

Pitt sorriu. Seus brancos dentes cintilaram sob a luz de uma carruagem de quatro portas que passava na outra direção.

-Poderia sê-lo.

-Seriamente? Nesse caso, se posso te ser de ajuda confio em que me faça saber isso.

Havia-o dito como uma oferta cortês que, não obstante encerrava o apressado de uma ordem.

-Certamente- respondeu Pitt com sinceridade. -Seria um ingrato e um néscio se não o fizesse.

Vespasia soltou um leve grunido e calou.

No dia seguinte Pitt partiu de casa cedo e Charlotte se entregou às tarefas domésticas que deveria realizar no dia anterior se não o tivesse passado em casa de Emily polindo-se para a ópera. Fez uma penetrada de objetos delicados e ensinou a Gracie a arte de conservar as cores, a textura e a forma ao mesmo tempo que lhe contava todos os detalhes sobre a noite na ópera e algo sobre o caso atual do Pitt.

Lavou um vestido lilás que necessitava de um pouco de insípido clareamento- se não se utilizava a quantidade exata, comia-se a cor,- e um vestido verde para o que utilizou duas colheradas de sopa de vinagre em um litro de água. Tinha atrasado a lavagem de seu melhor vestido estampado e de dois trajes da Jemima para quando tivesse tempo de preparar a mescla que lhe tinham recomendado: folhas de hera frescas com um litro de farelo de cereais e cento e cinquenta gramas de sabão amarelo.

Gracie a observava com a atenção que lhe permitia o constante relato da noite.

E logo deve-se engomar. A musselina delicada se tratava com cauda de peixe, da que tinha três meias folhas. As torceu e as introduziu em água, mergulhou os limões e as musselinas e depois as estendeu para secar. O cretone teria que esperar. Esse dia não pensava ferver água de arroz.

No meio da tarde, uma vez finalizada a lavagem, passou a limpar as pranchas cobrindo-as com sebo de cordeiro derretido e as esfregando com cal guardada em musselina. Desde há algum tempo uma mulher levava a roupa branca e a devolvia dois dias mais tarde limpa e engomada.

Ao chegar a noite estava esgotada e orgulhosa de si mesma.

No dia seguinte se achava na cozinha tratando de decidir se almoçar uma torrada



com ovas de peixe ou um ovo cozido, quando Gracie entrou para lhe anunciar a visita da senhora Radley, lhe pisando os calcanhares, Emily entrou na cozinha com um vestido de musselina estampada em pontinhos e uma sombrinha deliciosa adornada com rosas.

-Vou à exposição Academia Real- anunciou ao mesmo tempo que se sentava e apoiava os cotovelos na mesa. -Não quero ir sozinha e Jack está reunido com alguém para falar de fábricas e novas moradias. Me acompanhe, por favor. Será divertido se formos juntas e terrivelmente aborrecido se for sozinha. Rogo-lhe isso.

Charlotte lutou contra a tentação por uns instantes até que ao final, animada também por Gracie, aceitou. Subiu correndo a seu quarto, colocou um vestido de musselina salpicado com cós verdes, pegou o melhor chapéu que tinha e que Emily havia trazido de sua lua de mel, e desceu. Seu aspecto não era tão impecável como o que teria tido se a tivesse vestido uma criada mas, contudo, estava linda.

A exposição da Academia Real era tão formal e rígida como tinha assegurado Emily. Elegantes damas com chapéus majestosos e sombrinhas floreadas saltavam de quadro em quadro, contemplando-os com óculos, retrocedendo e olhando de novo, para logo compartilhar suas opiniões. Os vestidos eram lindos, a etiqueta absolutamente precisa e a hierarquia social inflexível.

-Muito moderno. Não sei aonde iremos parar.

-Certamente vulgar, querida. E falando de vulgaridade, viu ontem à noite Martha Wolcott no teatro? Que cor tão pouco favorecedora!

-Pelo menos tem cinqüenta anos.

-Seriamente? Juraria que disse que tinha trinta e nove.

-Não estranho. Leva dizendo isso desde o dia que a conheci. Provavelmente a princípio era verdade, mas isso faz doze anos. Deus santo! Viu alguma vez algo parecido? O que cre que significa?

-Não tenho nem idéia!

Entre conversas dessa índole, Charlotte e Emily passeavam, trocando cumprimentos com as pessoas, mas, sobre tudo, deixando-se ver. Tinham percorrido meia exposição quando divisaram ao Fitz e Odelia, encantadores e cortesões, e a maior parte do tempo interessados.

Emily soltou um leve grunhido.

-Há vezes que detesto a esse homem- sussurrou enquanto brindava a Odelia um sorriso radiante. -E ela- acrescentou, inclinando elegantemente a cabeça, -sempre tão segura de si mesmo.

-Satisfeita de si mesma é a palavra- indicou Charlotte, sorrindo também. -Me deu vontade de lhe dizer alguma grosseria quando vi a arrogância com que tratava à senhorita Hilliard na ópera.

Emily arqueou as sobrancelhas.

-E não o fez? Querida minha, aprecio sua lealdade de irmã. Tenho que contar ao Jack. Certamente se emocionará.

-Danificará-o se lhe contar que ouvi a conversa às escondidas e que, portanto, não estava em situação de falar.

-Sempre danifica as boas histórias por ser muito explícita, Charlotte. Não é essa a senhorita Hilliard? O outro dia estava tão cansada que não me fixei em seu aspecto.

-Sim, é ela. Eu gosto de seu espírito. Dirigiu muito bem o assunto apesar de achar-se em desvantagem.

-Estão a ponto de tropeçar de novo com o Fitz e Odelia. Desta vez não penso perder isso e vigie sua língua.

Seguida de Charlotte, Emily pôs-se a andar para o casal como se sua saudação tivesse sido um convite para que se aproximassem.

Chegaram justo quando James e Fanny Hilliard davam um passo atrás para apreciar melhor um quadro. Estavam tão perto que Emily não teve problemas para tropeçar com o James e desculpar-se com uma doçura encantadora. Instantes depois estavam todos intercambiando saudações.

-Está encantadora, senhorita Hilliard- sorriu Odelia. -Leva um chapéu lindo. Queria dizer-lhe a última vez que a vi, mas me esqueci.

Fanny avermelhou ligeiramente, consciente de que a observação não pretendia ser um cumprimento, mas revelar que tinha visto esse mesmo chapéu em outra ocasião.

-Obrigado- se limitou a responder. -É muito amável.

-Que qualidade tão atraente, não acreditam?- disse Emily, voltando-se para a Odelia. -É a que mais admiro.

-Recordar chapéus?- Odelia arqueou as sobrancelhas sem compreender. -A verdade, senhora Radley, não entendo por que.

-A amabilidade, senhorita Mordem- a corrigiu Emily. -Admiro a amabilidade, essa habilidade para alegrar-se como êxito de outros mesmo que a gente mesmo não o tenha. Para isso terá que ter um espírito generoso, não lhe parece?

-Não me tinha dado conta de que estava sendo especialmente amável. -Odelia franziu o sobrecenho com um brilho de suspicácia no olhar.

Emily levou uma mão aos lábios, como se estivesse envergonhada.

-OH, seu chapéu é encantador. Referia-me a sua generosidade ao admirar o chapéu da senhora Hilliard com tanta franqueza.

Charlotte abafou um risinho e evitou os olhares de outros.

James Hilliard e Fitz pareciam um pouco desconcertados.

-O que lhes parece a exposição?- apressou-se a perguntar Fitz. -Viram algo que gostariam de comprar?

-Eu gosto das rosas dali- respondeu rapidamente Charlotte para encher o Silêncio. -E alguns retratos me parecem estupendos, embora ignore suas identidades.

-A mulher do vestido branco é Lillie Langtry- explicou Fitz com um amplo sorriso.

-Seriamente?- Charlotte sentiu, muito a seu pesar, uma grande curiosidade, e a expressão de desaprovação da Odelia não conseguiu desanimá-la. -Se for fiel à realidade, trata-se de uma mulher muito bela. Conhece-a?

-A gente sempre acaba conhecendo todo mundo. A alta sociedade é um círculo muito reduzido.

-Não está de acordo, senhora Pitt?- perguntou Odelia com repentino interesse.

Não tinha sentido mentir, pois cedo ou tarde a descobririam. Por outro lado, Charlotte não desejava tanto um posto na alta sociedade para fingir.

-Estava-o antes de me casar- respondeu com franqueza. -Mas depois passo muito mais tempo em casa com minha família. Só me separei dela esta temporada para ajudar a Emily no possível, dadas as circunstâncias.

-É você muito generosa- disse Odelia, tendo estabelecido uma certa superioridade. Enlaçou seu braço ao do Fitz e se aproximou um pouco mais a ele. -Não cabe dúvida de que sua companhia constitui um grande alívio. É uma pena que a seleção do candidato tenha lugar justo agora, embora esteja segura de que não influirá na decisão-. Levantou levemente um ombro. -Conheceu gente muito importante, senhora Pitt. Vi-lhe com lorde Anstiss na ópera. Um homem extraordinário. Muitos de nós nunca chegaremos a conhecer o verdadeiro alcance de seu apoio a causas meritórias. Alguns dos artistas que expõem aqui não teriam podido fazê-lo sem seu mecenato.

E a conversa entrou no tema seguro das obras benfeitoras de lorde Anstiss.

Charlotte olhou a Emily e compreendeu que estava tão aborrecida como ela. Fitz se deu conta.

-A quem lhe importa?- sorriu. Logo se voltou para a Fanny, que lhe olhou com expressão de alívio e bom humor. -Falemos de algo mais divertido. Qual foi o último escândalo? Certamente ocorreu algo entretido.

-Eu não ouvi nada- se lamentou Odelia. -Só rumores de quem poderia casar-se com quem, e a menos que conheça os implicados, é um tema tedioso e, em qualquer caso, extremamente previsível.

O grupo avançou até o seguinte quadro sem olhá-lo sequer.

-Há o assunto do senhor Horatio Osmar- disse James. -Um fato que raia o absurdo.

-Horatio Osmar?- perguntou Fitz. -Não é um ministro? O que tem feito, se pode saber? Ou, para ser mais exato, o que dizem que tem feito?

-Ex-subsecretário do governo- lhe corrigiu James.

-Caramba, Deveria saber, não?- disse tristemente Fitz. -É um assunto de dinheiro?

-Algo muito mais divertido- sorriu James. Seu rosto se iluminou com uma expressão afável, tímida e cálida que lhe dotou de um encanto de que tinha carecido até agora. -Foi detido por conduta indecorosa com uma jovem, em um banco do parque!

Houve uma explosão de risadas, o que fez que umas quantas cabeças se virassem enquanto algumas anciãs enrugavam a testa e criticavam a falta de educação e decoro da juventude. Uma dama vestida de cinza com um pássaro dissecado no alto do chapéu olhou-os enfurecida e ergueu tanto a cabeça que o animalzinho cambaleou veementemente e pareceu que ia pôr-se a voar. A mulher teve que apalpá-lo com a mão para assegurar-se de que não torcera.

-Que antiquado- disse Fanny em um tom um pouco elevado.

-O que?- perguntou Charlotte.

-Os animais dissecados. Não se lembra? Foi o último grito faz dois anos. Uma prima de minha mãe tinha um chapéu de flores com escaravelhos e aranhas incluídas.

-Brinca!- disse Fitz com os olhos totalmente abertos.

-Absolutamente! E tenho uma amiga cuja tia tinha um vestido com ratos dissecados costurados a bainha e a dobra da saia.

-Buagh!- Fitz lhe olhava com deleite. -Seriamente?

-Juro-o.

-Que asco!

-O pior é que temos uma gata- prosseguiu a jovem com um risinho. -Uma excelente caçadora de ratos. Foi horrível.

-Continue, o rogo- disse Fitz.

Odelia fez uma careta de asco mas Fanny, que estava olhando ao Fitz, não reparou nela.

-Tínhamos pedido a tia Dorabela que nos deleitasse com uma canção, o que se prestou a fazer com entusiasmo. Era a Canção de amor do Cachemiro, conhecem-na?

-Amo as mãos pálidas- recitou Fitz.

-Exato. Enfim, limpamos o salão e tia Dorabela começou a virar com seu vestido e a levantar os braços para ilustrar a canção. Nesse momento Pansy, a gata, saiu disparada detrás das cortinas, meteu-se entre os pés do piano e se jogou sobre a saia da Dorabela para dar caça aos ratos. Dorabela alcançou uma nota muito mais aguda do que pretendia.

Fitz tinha problemas para manter a seriedade, enquanto que Charlotte e Emily nem sequer o tentavam.

Fanny deu de ombros e se dissolveu em risinhos.

-Foi tal o escândalo- prosseguiu, -que minha amiga foi excluída do testamento de tio Arthur. Em minha vida nunca tinha rido tanto. Sentia-o muito por ela, mas se tivesse sido a fortuna que estava em jogo, tampouco teria podido evitá-lo. Por sorte, não eram mais que duas velhas poltronas e em qualquer caso tio Arthur viveu até os noventa e três anos. Como é lógico, desculpei-me de todo coração, mas tia Dorabela não me acreditou e nunca nos perdoaram isso.

-Que maravilha- exclamou Fitz. -Estou certo de que valeu a pena-. Olhou ao resto do grupo. -Há algo mais que lhes interesse ver?

-Por minha parte, não-. Emily sacudiu a cabeça sem deixar de sorrir, mas Charlotte sabia que levava em pé mais tempo do que o conveniente.

-Eu tampouco- se apressou a dizer.

-Nesse caso- propôs Fitz -convido-os a lanchar enquanto James nos conta o que ocorreu ao pobre senhor Osmar.

E ofereceu seu braço a Fanny, que o aceitou com um sorriso. James escoltou a Odelia e Charlotte e Emily fecharam a marcha.

Tomaram ambas as carruagens e se acharam de novo no interior do hotel, onde lhes serviram um delicioso lanche em um salão espaçoso de tons rosados e iluminação tênue. Começaram com sanduíches de pão moreno com pepino cortado muito fino, queijo cremoso misturado com sementes e cebola tritурados e nata de salmão defumado.

Também tinha sanduiches de pão branco com presunto, maionese de ovo com mostarda e agriões e queijo ralado. Uma vez calmo o apetite mais agudo, serviram-lhes pão-doces frescos e ainda quentes com geléia e creme, e finalmente bolos e deliciosos doces franceses.

Durante todo esse tempo James Hilliard entretinha-os com a história do Horatio Osmar, o julgamento e a incrível absolvição, sem mencionar o nome do magistrado, que aparentemente desconhecia.

-O que disse a jovem?- perguntou Charlotte.

-Nada- respondeu James enquanto depositava sua xicara de chá sobre o pires. -Não a interrogaram.

-Mas isso é absurdo!- protestou Charlotte.

-Todo o assunto é um absurdo- respondeu James. -E pelo visto agora comentam que a polícia cometeu perjúrio.

-OH! De que delegacia de polícia se trata?

-Do Bow Street.

Charlotte engoliu em seco. Emily a acariciou por debaixo da mesa. Charlotte não podia dizer nada, assim se obrigou a sorrir.

-Santo céu, que má sorte- disse, consciente do absurdo do comentário.

Emily dobrou seu guardanapo e o deixou sobre a mesa. -Foi uma tarde encantadora- disse com um sorriso, -mas é hora de voltar para casa e nos preparar para o jantar.

-Certamente.

Fitz e James Hilliard se levantaram. Emily e Charlotte se despediram e partiram para sua carruagem.

Charlotte chegou a casa pouco antes das seis e encontrou a Gracie preparando o jantar e dando de comer a Jemima e Daniel ao mesmo tempo. Parecia cansada e nervosa, o cabelo aparecia por debaixo da touca, tinha as mangas subidas e o rosto vermelho.

Charlotte logo se sentiu culpada. Tinha estado fora muito tempo e descuidado suas obrigações. A coisa piorou quando Pitt chegou a casa pouco depois e, ao ver o estado da cozinha, o cabelo da Charlotte magnificamente arrumado e o aspecto fatigado e desalinhado da Gracie, enfureceu-se.

-Que demônios ocorre aqui?- perguntou, olhando primeiro a Gracie e depois à Charlotte. -Onde esteve?

Não tinha sentido mentir. Pitt o descobriria cedo ou tarde, e tampouco se dava bem em enganá-lo.

-Na exposição da Academia Real...

Pitt arqueou as sobrancelhas e seu rosto se endureceu.

-Seriamente? E para que foi?

Por um momento Charlotte teve vontade de responder "para ver quadros", mas se fixou no olhar do Pitt e compreendeu que não era momento para brincadeiras.

-Para acompanhar a Emily- respondeu com calma.

-E deixou a Gracie aqui fazendo todo o trabalho?- exclamou ele. –Me decepciona seu egoísmo, Charlotte.

Não pôde escolher uma observação mais mordaz, e ela não soube o que responder. Quão único podia fazer para defender sua auto-estima era indignar-se e assim evitar que lhe saltassem as lágrimas.

O jantar transcorreu em silêncio. Gracie tinha subido a seu quarto, penalizada pelo conflito instalado no que ela considerava sua casa e, em certa maneira, sua família.

Depois Charlotte se sentou em sua poltrona do salão, frente a Pitt, e fez ver que costurava, mas não conseguia desfrutar com o trabalho. Sabia que tinha sido uma egoísta ao pensar unicamente em divertir-se em lugar de seus filhos e sua casa, onde deveria estar, ou pelo menos em suas responsabilidades.

Pitt, enquanto isso lia o jornal e não levantou a cabeça para olhar a sua esposa nenhuma só vez.

Na hora de deitar-se Charlotte subiu sozinha ao quarto. Não recordava haver-se sentido tão abatida desde fazia um ano.

Tirou o vestido e o pendurou. Depois tirou as forquilhas da cabeça e deixou cair a cabeleira sobre os ombros sem a sensualidade com que acostumava fazê-lo e que tanto gostava Pitt. Tudo perdia sua luz e seu calor quando sentia semelhante abismo entre eles. O rosto da Odelia Mordem lhe veio à cabeça enquanto se deitava e notava o frio dos lençóis na pele. Podia ver claramente seu rosto, a surpresa e a dor repentinas ao ver os olhos do Fitz na Fanny Hilliard, ao ouvir suas risadas e compreender que algo lhe estava escapando das mãos e era incapaz de retê-lo. Entre o Fitz e Fanny Hilliard existia ternura, entendimento e um senso de humor muito similar. Odelia nunca seria parte disso. Hoje Charlotte tinha visto nela o primeiro indício de solidão e o pressentimento de uma perda. Independentemente do que ocorresse no futuro, Odelia tinha compreendido que algo precioso estava fora de seu alcance.

E Charlotte a tinha tachado de satisfeita de si mesma. A dor só tinha começado.

Tia Vespasia havia dito que era Charlotte a satisfeita de si mesma e a que não

alimentava as coisas preciosas que tinha.

Pitt se deitou às escuras e lhe deu as costas.

Charlotte ignorava se dormia ou o que estava pensando. Realmente achava-se uma egoísta? Depois de tantos anos juntos deveria saber melhor que ninguém que não o era. Não podia compreender o muito que a ópera tinha significado para ela e que tinha ido à exposição só para acompanhar ao Emily?

Sim. Pitt sabia o muito que tinha desfrutado. Ele o tinha visto em seu rosto. Como sabia o muito que tinha esperado, até que Emily lhes convidou. Charlotte acariciou-o.

-Sinto muito -disse com voz baixa. -Devia ter pensado melhor.

Por uns segundos não ocorreu nada. Charlotte começou a pensar que Pitt dormia. Depois, lentamente, ele se voltou e lhe acariciou a mão, em silêncio.

Lágrimas de alívio encheram os olhos de Charlotte, que, depois de procurar uma postura cômoda, caiu profundamente adormecida.



## Capítulo 6

---

Pitt partiu de casa no dia seguinte com o ânimo ainda baixo. Ele e Charlotte se mostraram amáveis durante o café da manhã, mas faltava a ternura de sempre. O assunto da exposição ia ser difícil de esquecer. Ultimamente na vida do Pitt faltava doçura, assim como ilusão por chegar a casa ao final do dia por muito confuso ou decepcionante que este tivesse sido. E não era porque nem sempre encontrasse a Charlotte ali. Compreendia a situação e a aceitava. Sempre havia tido o costume de passar tempo com Emily e as vezes inclusive com sua mãe. E Deus sabia que fazia muito tempo que tinha deixado de brigar com ela porque lhe parecesse impróprio ou perigoso que se misturasse em seus casos. No fundo estava orgulhoso da capacidade de Charlotte para julgar a pessoas que ele só poderia conhecer levemente.

Não era isso. Enquanto caminhava pela calçada poeirenta em direção à avenida principal para tomar o ônibus, foi bastante honrado para reconhecer que era porque Charlotte estava introduzindo-se no mundo de Emily e desfrutando dele. Tinha sido seu mundo antes de casar-se com Pitt, e continuaria sendo-o se tivesse escolhido alguém mais de acordo com sua posição social e com as expectativas de sua família.

Era isso. Sentia-se culpado e deixado de lado. Também o tinham convidado à ópera, certamente Emily nunca os teria excluído. E o tinha passado muito bem. A música não lhe tinha importado muito, mas tampouco a outros espectadores. Para eles a ópera constituía um ato social, não artístico. Todos se conheciam entre si, quando não pessoalmente pelo menos de nome.

O ônibus se deteve. Pitt subiu e continuou pela escada de caracol que levava ao piso superior. Havia muitos assentos vazios e se sentou só, ao fundo, ainda absorto em suas reflexões.

Durante a ópera se fixara mais em Charlotte que no cenário. Nunca a tinha visto tão bela, com o cabelo brilhante e encaracolado, penteado pela criada de Emily, o rosto aceso de emoção, o olhar fulgurante. Charlotte tinha desfrutado muitíssimo essa noite. Hei aí o que doía ao Pitt. Teria lhe encantado ter sido ele quem a tivesse levado a ópera, mas era algo que, quando muito, poderia permitir-se uma vez na vida.

Agora já tinha estado, e se Emily queria, voltaria a ir tantas vezes como o desejasse. O andar superior do ônibus não tinha teto e o sol lhe esquentava seu rosto. Pitt queria que Jack Raddley triunfasse no Parlamento, não só por ele e Emily, mas sim pelo bem que

poderia fazer. Mas esta situação era muito diferente das ocasiões em que Charlotte e Emily se intrometiam em algum de seus casos e Pitt se sentia incluído. Não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar ao Jack. De fato, a relação de ambos, se chegasse a conhecer-se, poderia inclusive constituir um obstáculo.

Era isso. Embora lhe custasse admiti-lo, estava com ciumes.

O ônibus se deteve um breve instante e os cavalos puseram-se a andar por uma suave ladeira.

Por outro lado, tinha boas razões para estar zangado. Charlotte não tinha direito de passar a tarde inteira em uma exposição enquanto Gracie fazia todo o trabalho, incluída a preparação do jantar.

Mas isso não conseguia fazê-lo sentir-se melhor.

Chegou à delegacia de polícia do Clerkenwell de mau humor e foi diretamente a seu diminuto escritório. O rosto ardiloso e inteligente do Innes não conseguiu lhe animar. Este caso era tão desagradável e espinhoso como tinha imaginado. Existiam muitos detalhes inquietantes. Como se tinha informado Byam do crime com tanta rapidez? O que era isso que preocupava ao Drummond e do qual não podia falar? Por que William Weems se sentou em frente a sua escrivaninha e permitiu que alguém entrasse em seu escritório com uma arma de fogo? Uma arma capaz de disparar moedas de ouro que devia ser carregada pela boca. Quem passeia pela rua com um objeto assim? Tinha que tratar-se de um ato muito premeditado. Onde estavam os papéis incriminadores e a carta que tinha mencionado Byam? Se Byam era culpado e ele mesmo os tinha pego por que se incomodara em chamar o Drummond e reconhecer sua relação com o Weems? E Addison Carswell?

-Bom dia, senhor- disse Innes. -Outro dia lindo.

-Assim é- concordou Pitt. -Logo apertará o calor.

- Descobriu algo?- Innes era implacavelmente otimista, embora seus velozes olhos tinham captado a expressão do Pitt. -Algum indício suspeito entre os seus? Aqui não averiguamos nada, e não deixo de me perguntar quantas das

pessoas de minha lista poderiam fazer-se com o tipo de arma que matou ao Weems-. Deu de ombros e guardou as mãos nos bolsos. -Tomara déssemos com a arma, senhor- disse com expressão carrancuda. -Me sentiria muito mais perto da solução se a encontrássemos. Interroguei a todos os cocheiros de aluguel, como você me ordenou, mas ninguém recorda a nenhum passageiro com uma arma suficientemente grande para voar os miolos ao Weems-. Enrugou o rosto. -Tem certeza de que não pôde fazê-lo o

espingarda? Possivelmente o assassino o utilizasse e logo limasse o percussor para nos confundir.

-Não- disse Pitt. -O metal tinha uma pátina causada pelo não uso, e isso não se consegue em uns minutos. Além disso, a quem lhe ocorreria ir por aí com uma lima ou com um traste como esse?

Innes deu de ombros.

-É verdade, que tolice. E na parede não havia espaço para outra arma nem marcas que indicassem que houve alguma. Comprovei-o.

-Perguntamos à mulher da limpeza...? Como se chama?

-Senhora Cairns.

-Perguntamo-lhe se tinha visto alguma vez outra arma?

-Sim, Disse que não, mas não sei se acreditamos nela. Weems não era santo de sua devoção e não quer que a relacionem com o caso.

-Acredita que poderia mentir?

Pitt se sentou no batente da janela e deixou a única cadeira livre para o Innes.

-Acredito que poderia lhe falhar a memória deliberadamente- respondeu

Este. -A gente do bairro está a favor do assassino. Detestavam ao Weems.

-Que surpresa- disse Pitt com sarcasmo. -Contudo, acredito que darei outra olhada à casa. Continuam ali os papéis?

-Sim, senhor. O lugar está fechado a cal. Irei procurar a chave. Sinto muito, senhor, mas estou começando a pensar que o fez um de seus cavalheiros.

-E eu- reconheceu Pitt. -Mas estou acostumado a levar muitas surpresas.

Será melhor que vá procurar essa chave.

Meia hora depois se achavam no escritório do Weems, transladando papéis de uma pilha a outra sem saber o que procuravam. O ar estava rarefeito e uma sensação opressiva, quase nauseabunda, percorria-lhes o corpo cada vez que paravam para pensar no acontecido aquela noite, no desespero, violência e

repentino horror do sangue, no ato irreparável e o medo conseguinte.

-Já o tenho!- exclamou vitorioso Innes, rompendo o denso silêncio. Levantou uma folha de papel onde figurava um nome escrito em maiúsculas, várias datas e cifras cotadas debaixo e, ao final, uma linha escrita à mão.

-O que?- disse Pitt, sobressaltado e temeroso de abrigar esperanças.

-Olhe!- Innes não estava disposto a deixar-se desalentar. Estendeu a folha ao Pitt. - Walter Opcroft pagou o último prazo dos interesses de sua dívida com um trabuco no

mesmo dia que Weems morreu. Devia estar aqui quando o assassino entrou e provavelmente decidiu utilizá-lo! Tem sentido.

Pitt deu as costas às gavetas que estava revistando.

-E o que?- perguntou com expressão carrancuda. -Ele e Weems discutiram e o homem, ao ver o trabuco, pegou a caixa da pólvora, introduziu o pó pela abertura, pegou as moedas de ouro da escrivania ou de onde fora, carregou a arma e logo disparou contra Weems. E enquanto isso, que fazia Weems?

Innes não se moveu.

-Bom, pelo menos conhecemos a procedência da arma- disse na defensiva.

Pitt suspirou.

-É certo. Bom trabalho. E agora temos que averiguar como conseguiu carregá-la e disparar sem que Weems o detivesse. O que ocorreu aqui, Innes? Lhe ocorre algo que possa explicá-lo?

-Não, senhor- disse o sargento, torcendo o gesto. -Possivelmente o averigüemos quando soubermos quem o fez.

-Pode ser. Em realidade confiava que fosse o contrário, que o fato de saber o que nos ocorreu conduzisse até o assassino.

Innes respirou fundo.

-Eu não gosto de ter que dizer isto, senhor, mas não seria possível que esse seu cavalheiro viesse aqui por algum motivo, brigasse com o Weems e este, dada a posição social daquele, não esperasse que ficasse desagradável e lhe pilhasse despreparado? Possivelmente seu cavalheiro, e sinto chamá-lo assim, mas não conheço seu nome, ficou a admirar a arma de forma despreocupada e Weems deixou-o fazer.

Voltou a respirar fundo.

-Além disso, Weems sabia que a arma não tinha balas, e certamente em nenhum momento lhe ocorreu que uma moeda de ouro poderia servir de munição, assim, o cavalheiro a carrega com tranquilidade enquanto conversa amigavelmente. As moedas de ouro levava no bolso e Weems não soube delas até que o homem as meteu no canhão e levantou a arma. Weems em nenhum momento acreditou que fosse atirar, assim quando disparou já era muito tarde.

-Innes aguardou com expectativa o comentário do Pitt.

-Não parece muito provável, mas é a melhor hipótese até agora. É uma pena que não conhecêssemos o Weems. Só contamos com as opiniões de outros para saber se estava tão seguro de levar a batuta.

-Pelo que ouvi, assim era- respondeu o sargento. -Tinha muito poder por aqui e gostava disso.

Pitt meteu as mãos nos bolsos.

-Quem o disse?- Dava-se conta do pouco que tinha interrogado ao Innes quanto a suas fontes de informação. Possivelmente tinha sido um pouco negligente. Depois de tudo, cabia a possibilidade de que o assassinato se devesse a motivos pessoais e não tivesse nada que ver com dívidas e chantagens, mas era tão remota que lhe custava acreditar.

-Interrogamos outra vez ao Windy Miller, o mensageiro- explicou Innes, ainda com a folha de papel na mão. -É um tipo desprezível, mas conhecia muito bem ao Weems e, claro, detestava-o-. Innes tirou o lábio para fora. -Por um momento pensei que podia ser nosso homem, mas conta com vinte testemunhas que juram que o viram na taverna Dog and Duck, jogando dominó durante meia noite e bêbado debaixo da mesa durante a outra meia. Além disso, tinha um bom trabalho com o Weems e era consciente de que lhe custaria achar outro.

Pitt se apoiou no canto da mesa.

-Disse-lhe algo interessante? Tinha Weems alguma relação feminina, embora só fosse para...?- o Pitt se deteve. Não sabia como explicar-se.

-Não- respondeu Innes com um tênue sorriso. -Ao que parece as mulheres o traziam sem cuidado. De fato, a gente em geral- acrescentou rapidamente. -Há poucas pessoas assim, mas as há, e Weems era uma delas. Amava o dinheiro e o poder que este lhe outorgava. Windy disse que sempre tinha sido assim. Seu pai gostava do jogo e tão logo se fazia rico como o perdia tudo. Morreu em um cárcere de devedores. Nunca conheceu sua mãe.

-E o que diz dele a mulher da limpeza?

-Não muito- respondeu o sargento dando de ombros. -Sanguessuga desprezível.

-A senhora Cairns?

-Não, embora tampouco seja nenhuma jóia. Referia ao Weems. Segundo a mulher, não perdoava nem um só penny. Gostava de comer bem e gastava dinheiro nisso, mas aí fica tudo. Ah, também gostava de estar aquecido. Não lhe importava gastar dinheiro em alimentar a lareira de seu aposento. O resto da casa era uma geladeira, mas sempre mantinha um bom fogo em seu escritório.

-Tem alguém algo bom que dizer dele?- perguntou secamente Pitt.

-Os lojistas. Pagava suas faturas pontualmente e até o último penny.

-Estupendo. Alguém mais?

-Ninguém.

Pitt olhou ao redor.

-E o que passou-se com o trabuco? Suponho que o assassino o levou. Com certeza não estava aqui quando achou ao Weems?

-Certo- respondeu Innes com firmeza.

-Será melhor que fique a procurar o trabuco- lhe ordenou Pitt. -Mas não perca muito tempo nisso. Poderia estar em qualquer parte e embora déssemos com ele tampouco nos daria uma idéia de quem o utilizou. Eu tenho outras pessoas na lista que investigar.

-Cavalheiros?

-Sim. Por agora contamos com dois que tiveram a oportunidade e o motivo para cometer o assassinato. E agora parece que a pessoa que entrou aqui essa noite achou, além disso, a arma para levá-lo a cabo.

-Um assunto desagradável, senhor- comentou Innes.

-Muito.

Pitt sabia que Innes desejava que o assassino fosse um cavalheiro e não alguém de seu mundo, um devedor desesperado do Clerkenwell. Ele compartilhava esse desejo, embora não quisesse que fosse Carswell. Podia imaginar seu desespero, o qual o tornava real e dolorosamente próximo. Mas por que demônios tinha absolvido ao Horatio Osmar sem escutar sequer a declaração do Beulah Giles? Era absurdo.

E ainda seria mais desagradável que o assassino fosse Urban. Podia imaginar o escândalo e as injúrias ao já impopular corpo de polícia que ainda sofria a ignomínia de não ter apreendido ao assassino do Whitechapel conhecido como Jack O Estripador. Tinha que achar ao Clarence Latimer, o último da lista. Era a única forma de evitar a tragédia.

Ou acaso o assassino era, depois de tudo, Byam? Tal possibilidade não melhorava as coisas. Além disso, para o Drummond seria um golpe muito duro. Eis aí outro problema que confrontar. Por que se tinha intrometido Drummond

neste caso? Por que tinha defendido ao Byam desde o começo?

Innes estava pondo ordem no escritório para deixá-lo tal como o tinham encontrado.

Pitt teria apostado sua carreira que Drummond era uma pessoa completamente honesta, incapaz de alterar o curso de uma investigação em favor de um amigo, por muito íntimo que este fosse. E Byam, de fato, parecia mais um simples conhecido.

De nada lhe serviria insistir. Drummond tinha deixado bem claro que não podia falar.

Provavelmente se tratava de uma dívida de honra. Isso só faria a um homem como Drummond agir contra sua vontade. Sofria, Pitt o tinha notado desde o começo. Odiava atuar desse modo, mas se sentia obrigado a fazê-lo. Por que? Para que?

-Retorno ao Bow Street - disse Pitt. -Devo procurar as demais pessoas da lista. Faça o que puder com respeito ao trabuco e qualquer outra coisa que lhe ocorra. Localizou a todos os devedores da primeira lista?

-Quase, senhor. Pobres desgraçados!

-Então, será melhor que termine com isso. E o sinto.

-Sei, senhor-. Innes sorriu. -O que tocou a você tampouco é alguma festa. Pitt lhe olhou com súbita ternura.

-Não, não o é.

Mas quando chegou ao Bow Street, sua idéia de interrogar ao Urban se viu temporariamente adiada por causa da notícia que ia lhe dar o sargento de guarda.

-Não, senhor Pitt, acredito que o senhor Urban está reunido com um advogado. Não posso incomodá-lo.

-Um advogado?- perguntou perplexo Pitt.

Imagens de julgamentos passaram por sua cabeça e estremeceu de apreensão e lástima.

-Assim é, senhor-. O sargento, de rosto corado, parecia confuso. -Tem um cavalheiro muito importante no escritório-. Baixou a voz. -Do Parkins e Gorman.

Pitt sabia que se tratava de um dos principais escritórios de advogados de Londres. Não era o tipo de gente que um homem comum contrataria para sua defesa, simplesmente porque não poderia permitir-se. Pitt tratou de imaginar razões que justificassem o fato de que Urban procurasse assessoramento legal de semelhante categoria, sobre tudo tendo em conta que ainda não se abria nenhuma investigação nem acusação.

-Sabe por que?- perguntou, e na hora se arrependeu.

O sargento lhe olhou perturbado.

-Não, senhor. Ouvi dizer algo de perjúrio por parte de alguém desta delegacia de polícia. Sei que o senhor Urban estava muito zangado.

Pitt se voltou para o corredor que conduzia ao escritório do inspetor.

-Não pode entrar aí, senhor!- advertiu-lhe o sargento enquanto se perguntava como ia deter Pitt, que era seu superior e mais alto.

Pitt sorriu amargamente.

-Quando Urban ficar livre, comunique-me por favor. Tenho que vê-lo por algo

relacionado com uma investigação.

-De acordo, senhor.

Dispunha-se a partir, frustrado por não poder acabar de uma vez com o assunto, quando um bem parecido cavalheiro com calças listadas e jaqueta saiu do escritório. Saudou brevemente ao sargento, que em seguida se endireitou para depois relaxar com certa irritação. O homem saiu à rua sem olhar atrás. -Já pode entrar, senhor Pitt.

-Obrigado.

Pitt chegou até o escritório do Urban, bateu na porta e, como não obtinha resposta, entrou. O aposento era muito parecido ao dele, mas estava muito mais ordenado.

Urban se achava de pé junto à janela, de costas à porta, com as mãos nos bolsos e as pernas separadas. Loiro, magro e alto, vestia o uniforme de inspetor chefe. Ao ouvir a porta se voltou lentamente.

-Olá, Pitt-. Sua voz, ligeira e agradável, possuía um leve acento do sul. -O que faz aqui? Posso ajudá-lo em algo?

Pitt se surpreendeu de que Urban o reconhecesse tão rapidamente. Não lhe teria reconhecido se tivesse entrado em seu escritório sem ser anunciado. Procurou inquietação ou medo em seu rosto, mas só viu uma muito ligeira irritação que estava dando passagem à curiosidade.

-Não acredito- balbuciou Pitt, e ao perceber-se do absurdo de sua resposta, acrescentou: -Interrompo-o?

Urban sorriu.

-Diz por causa do advogado? Já se foi. Que deseja?

Pitt não tinha mais remédio que soltar o que tinha planejado dizer antes que o sargento lhe comunicasse a presença do advogado.

-Conhece o William Weems da rua Cyrus situada no Clerkenwell?

-O agiota assassinado?- Urban arqueou as sobrancelhas. Era evidente que não esperava essa pergunta, mas tampouco parecia alarmado. -Não. Ouvi falar dele, claro. Sua morte criou bastante rebuliço. Aparentemente muitas dívidas ficarão anuladas se não aparecer um herdeiro. Por que me pergunta isso?

Urban não era a classe de homem que merecia ser tratado com artimanhas e Pitt se sentiu estranhamente envergonhado por ter pensado nessa possibilidade.

-Tinha duas listas de devedores- respondeu. -Uma era de gente comum com problemas financeiros. Na outra só figuravam três nomes.

Pitt observou o rosto do Urban e percebeu um ligeiro interesse e os últimos retalhos



de sua irritação, mas nem o menor vislumbre de assombro ou preocupação.

-Alguém que conheço, suponho, ou não teria vindo ver-me.

Pitt mordeu o lábio.

-Assim é. Você.

Urban olhou-o estupefato. Seus grandes olhos azuis procuraram nos do Pitt alguma indicação de que se tratava de uma brincadeira de mau gosto. Pouco a pouco compreendeu que falava a sério e que devia dar uma resposta.

-Não lhe devo nenhum dinheiro nem a ele nem a ninguém- disse lentamente.

De repente piscou e seu olhar se nublou muito levemente. Pitt soube em seguida que não estava sendo sincero e embargou-o um calafrio que se esforçou por ocultar.

-Mas se viram alguma vez- disse Pitt com convicção.

-Não o conheço- insistiu Urban. Tinha escolhido suas palavras cuidadosamente, mas sustentou o olhar do Pitt com serenidade. -A Rua Cyrus não pertence a minha zona e tampouco à sua-. Levantou as sobrancelhas. -E em qualquer caso, por que preocupa-o?

Pitt disse quanto podia revelar.

-Preocupa-me a gente que possa estar implicada.

-Não será por minha causa- respondeu Urban. -Quem mais figura na lista?- perguntou enquanto apontava uma cadeira para o Pitt e tomava assento frente a sua mesa.

Pitt sorriu com tristeza.

-É confidencial.

-Mas se trata de gente importante, não é?- pressionou-lhe Urban. -Weems foi assassinado faz já uns dias. Não sou a primeira pessoa a que visita e está há mais de um ano a cargo dos casos políticos. Isso significa que há alguém extremamente influente comprometido neste assunto.

Estava observando ao Pitt e compreendeu que não se equivocava. Este, por sua parte, não podia ou não queria ocultá-lo.

-Era muito dinheiro- prosseguiu Pitt.

-O que? O que segundo Weems eu lhe devia?- Urban lhe olhou perplexo.

-Pouco importa, pois não lhe devia nada. Nunca tive nada que ver com ele-. Inspirou com força, como se fosse dizer algo, mas depois mudou de parecer.

-Que fazia aqui esse advogado?- perguntou de repente Pitt.

-O que?- Novamente irritado, Urban apertou os lábios. -OH, esse maldito

Osmar! Não só saiu absolvido, mas agora o grande desgraçado quer acusar ao

Crombie e Allardyce de perjúrio por declarar que se comportou de forma indecorosa no parque. Pode acreditar? Contratei ao melhor advogado que pude achar para tentar reabrir o caso e lhe processar de novo.

-Ao Osmar?

-Sim. Por que não? Parkins acredita que pode fazer-se.

Pitt sorriu.

-Estupendo. Pelo menos salvará ao Crombie e Allardyce da acusação.

-Isso pretendo. E eu gostaria de saber por que o magistrado absolveu ao Osmar.

Desta vez foi Urban quem reparou no olhar evasivo do Pitt. Esteve a ponto de perguntar-lhe mas uma espécie de instinto profissional o fez calar.

-Não sabe?- perguntou Pitt.

-Não tenho nem idéia- respondeu Urban, e Pitt soube que mentia.

-Obrigado por me receber. Concentrarei-me na lista e veremos que mais posso averiguar.

-Lamento não poder ajudá-lo- desculpou-se Urban, e despediu-se de Pitt com um sorriso cortês.

Investigar ao Urban foi tão difícil e desagradável como Pitt tinha previsto. O primeiro que fez foi apresentar-se em sua casa. Esta vez tomou o ônibus público, pois se achava a uns quinhentos metros e não tinha pressa. De fato o trajeto, sufocante e ruidoso, esmagado entre uma mulher magra e vítima de um resfriado e um homem enorme cheirando a cerveja, deu-lhe a oportunidade de abstrair-se. Urban lhe era simpático e a idéia de bisbilhotar em sua vida privada deprimia-o profundamente. E tratando-se de um homem inteligente e a estas alturas prevenido, seria muito difícil averiguar algo sem que ele se desse conta.

Ao lhe perguntar sobre o Weems, tinha-lhe feito saber que conhecia sua conexão com o caso. Ainda estava zangado e abatido por causa de Charlotte, furioso com ela por haver-se comportado como se fosse uma dama, com o dinheiro e o tempo livre suficientes para fazer o que tivesse vontade, e por não empregar melhor seu tempo. E estava triste porque Charlotte tinha nascido para essa classe de vida e desfrutava com suma naturalidade a oportunidade que Emily lhe estava dando e que ele nunca poderia lhe dar. E lhe doía que ainda desse tanta importância a essas coisas. Pitt tinha passado muito bem na ópera. As pessoas sempre lhe tinham interessado, e se tinha entretido muito observando os rostos, os jogos que faziam uns com outros e as paixões ocultas atrás de

suas máscaras.

Mas esta investigação pensava levá-la a cabo só. Por uma vez Charlotte mal sabia algo a respeito e tampouco parecia se importar. Pitt se sentia curiosamente só e sentia falta de compartilhá-la com ela, mesmo que não conhecesse às pessoas e só pudesse contribuir seu interesse.

Que aspectos podia chegar a conhecer a respeito do Urban? Sua reputação entre seus colegas? Sua casa, sua vida, o dinheiro que gastava? Sua integridade profissional? Mentia sobre algo, embora só fosse por omissão. Era possível que conhecesse o motivo pelo que Addison Carswell tinha absolvido ao Osmar? O nome do Carswell também estava na lista do Weems, mas o que tinha Osmar que ver com isso? E se se tratava de chantagem, por que não figurava o nome do Byam?

Desceu do ônibus e pôs-se a andar pela estreita calçada, passando junto a mulheres com crianças, anciões que cochichavam, um lojista que varria o degrau de sua loja, um trapero que gritava com voz cantante e uma criada que discutia com o ajudante do açougueiro. Pitt não vivia longe dali e a rua se parecia com a sua. Separou de sua mente à Charlotte: essa pena teria que deixá-la para outro momento.

A casa do Urban era pequena e comum por fora, como suas vizinhas. O degrau da entrada parecia impoluto e a porta tinha sido pintada recentemente. O jardimzinho tinha algumas rosas e uma extensão diminuta de grama. Já tinha pensado no que ia dizer. Não tinha sentido fazer-se passar por outra pessoa. Cedo ou tarde descobriria e provocaria um mal-estar difícil ou impossível de reparar. E se Urban era inocente, suporia um inconveniente para futuros trabalhos.

Abriu a porta uma mulher miúda com um vestido cinza e um avental branco. Levava a espessa cabeleira ruiva recolhida em um coque e uma touca torcida sobre a cabeça. Ao Pitt recordava à mulher que fazia o trabalho pesado para Charlotte e a quem Gracie dava ordens sem piedade agora que se considerava uma criada de categoria superior.

-Sim?- perguntou a mulher com impaciência. Era evidente que lhe tinham interrompido o trabalho e não o agradecia.

-Bom dia- disse rapidamente Pitt. -Estou dirigindo uma investigação policial e preciso examinar uns papéis do inspetor Urban. Meu nome é Pitt. Posso entrar?

A mulher olhou-o com suspicacia.

-E como sei que não me está enganando? Não o conheço.

-Tem razão- concordou Pitt, e tirou sua placa policial.

A mulher a observou. Seus olhos não se deslizaram pelas letras e Pitt supôs que não

sabia ler. Levantou a vista e o esquadrinhou.

-De acordo- disse por fim. -Se for polícia, pode entrar. Mas não fez nada de mau.

-Só necessito informação- respondeu Pitt, e seguiu à mulher pelo estreito corredor até uma porta que dava a um salão.

-Aqui guarda todos seus papéis. Se o que busca não estiver aqui, quer dizer que não está-. Era uma forma de lhe comunicar que não lhe deixaria passar daí.

-Obrigado- disse Pitt.

A mulher não se moveu. Seu olhar era duro e brilhante. Estava claro que não tinha intenção de deixá-lo só por muito policial que fosse. Pitt sorriu para si

mesmo e passou a olhar a seu redor. Não era uma estadia grande e a dúzia de quadros que cobriam as paredes a diminuía. Tinha esperado achar retratos de família, cenas pastoris e, pôsteres esportivos. O que tinha diante eram impressões muito modernas de paisagens com esteiras de luz e silhuetas de nenúfares azuis e verdes de brilhos rosados, mesclas de sombras e pontos de vivas cores que evocavam camponesas deitadas sob as árvores próximas a um campo de milho.

Eram experimentos artísticos extremamente pessoais, a seleção de um homem com opiniões muito claras e disposto a investir muito dinheiro em obras que considerava boas. Não era preciso indagar em outros aspectos da vida do Urban para achar um motivo de endividamento. O motivo estava nas paredes, à vista de todos.

Pitt observou os quadros de perto, as técnicas do pincel, a imaginação do autor e a habilidade para refleti-la. Depois se aproximou da escrivaninha e abriu uma gaveta a fim de convencer à criada de que tinha vindo em busca de informação. Folheou alguns papéis, leu um e fechou a gaveta. Depois se voltou para a mulher.

-Já está?- perguntou esta, surpreendida de que Pitt tivesse terminado tão logo.

-Sim, obrigado. Só era um pequeno detalhe e já o encontrei.

-Nesse caso, será melhor que se vá. Tenho muito trabalho. O senhor Urban não é o único cavalheiro ao que cuido. Não pise no degrau do portal ao sair. Acabo de esfregá-lo.

Pitt saltou por cima e desapareceu atrás da grade. A beleza dos quadros e a coragem que era preciso para respaldar um gosto tão particular e atrevido deveriam lhe agradar. E assim teria sido em circunstâncias normais. Entretanto,

conhecendo o salário do Urban e sabendo que mentia sobre algo, o assunto deprimia-o. Tanto lhe atraía a beleza? Pôde a febre do colecionador levá-lo a pedir dinheiro emprestado ao Weems para logo dar-se conta de que nunca poderia devolvê-lo?

Ou se tratava de algo ainda mais desagradável? Talvez Urban tinha obtido o dinheiro para os quadros de forma desonesta, inclusive corrupta, e Weems o tinha descoberto e lhe tinha feito chantagem.

Desembocou na avenida principal e esperou o ônibus enquanto sua cabeça saltava de um pensamento penoso a outro.

Sabia qual devia ser o seguinte passo e tomou vários ônibus porque não tinha pressa em chegar. Antes de transladar-se ao Bow Street, Urban tinha trabalhado na delegacia de polícia do Rotherhithe, situada na margem sul do rio. Pitt devia perguntar aos antigos colegas que classe de homem era e ler em suas leais respostas o que realmente sabiam ou suspeitavam. Teria que revisar os casos que Urban tinha dirigido pessoalmente. E por último teria que procurar nos bairros pobres aquelas pessoas que mais relação tinham com a polícia, averiguar qual era a reputação do Urban entre eles e tratar de dar ali com o fio que conduzia ao dinheiro com que tinha adquirido os fantásticos quadros.

Deteve-se para almoçar em uma taverna, mas tinha a mente tão absorta no Urban que mal desfrutou da comida. Às duas se achava na delegacia de polícia do Rotherhithe explicando o motivo de sua visita ao delegado, um homem corpulento, de sorriso triste, que ocupava um escritório sufocante e repleto de papéis. No chão, sobre uma almofada banhada de sol, dormia um gatinho de pelagem branca e vermelha que de tanto em tanto se remexia em sonhos.

O delegado seguiu o olhar do Pitt.

-Encontrei-o no beco- disse com um sorriso. -A pobre criatura estava doente e morta de fome. Duvido que tivesse durado outro dia. Não tive mais remédio que recolhê-lo. Além disso, precisamos um caçador de ratos. Há muitos nesta delegacia de polícia e certamente fará um bom trabalho quando crescer um pouco.

-Diria-se que já pensa neles.

Ronronando, o gatinho se agitou de novo.

-O que posso fazer por você?- perguntou o delegado enquanto retirava uma pilha de papéis de uma cadeira para que seu colega pudesse sentar-se. A almofada, é claro, ficava com o gatinho, e Pitt não teve inconveniente.

-Samuel Urban- disse, olhando ao bichinho.

-Simpático, verdade?- comentou docemente o delegado.

-O que pensa dele?

-Do Sam Urban? Gostava dele. É um bom polícia. Não se terá metido em problemas?

-Não sei- admitiu Pitt enquanto observava como o gato cravava as garras na almofada e puxava os fios.

-Hector, não faça isso!- exclamou o delegado. O bichinho ignorou-o por completo. - Separaram o pobrezinho de sua mãe muito cedo. Chupa-me as camisas até me deixar perdido. O que se supõe que tem feito Urban? Ou não deveria perguntar-lhe?

-Pedir dinheiro emprestado a um agiota.

O delegado adiantou o lábio inferior.

-Não é seu estilo- respondeu pensativamente. -Era muito prudente com o dinheiro, disse tenho certeza. Não gostava de esbanjar. Às vezes até eu mesmo me perguntava que fazia com o que ganhava. Não era dado à bebida nem às mulheres, como outros, nem ao jogo que eu saiba. Que classe de dívida é essa? Sei que herdou de seu tio uma casa no Bloomsbury, de modo que não pode dever dinheiro por esse assunto. De fato, essa é a razão pela qual se trasladou ao Bow Street. Tem certeza do que diz?

-Não- admitiu Pitt. -Seu nome figurava nos livros do agiota junto a uma soma elevada de dinheiro. Urban o nega.

-O que quer dizer com isso de que "figurava"? Insinúa que o agiota está morto?

-Sim.

Não tinha sentido enganar ao bom homem. Podia recolher gatos abandonados, mas não tinha nem um fio de cabelo de ingênuo na hora de julgar às pessoas. Sob seu olhar preguiçoso Pitt tinha percebido uns olhos inteligentes.

-Assassinado?

-Sim. Estou investigando as pessoas que, de acordo com as listas, deviam-lhe dinheiro. Até agora os da primeira lista reconheceram que lhe deviam pequenas quantidades. Os da segunda lista negam ter qualquer dívida com ele. Não obstante, sabe-se que esse agiota também era um chantagista...

Pitt deixou a frase inacabada e a interrogação aberta.

-E acha possível que estivesse chantageando ao Urban.

-Não sei, mas tenho que averiguá-lo.

O gatinho se estirou perezosamente e logo, ronronando, fez-se um novelo.

-Não posso ajudá-lo- disse o delegado sacudindo levemente a cabeça. -Urban nem sempre foi um homem popular. Era muito dado a expressar suas opiniões inclusive quando ninguém as pedia e tinha alguns gostos pretensiosos, mas isso não é nenhum delito.

-Poderia ver os expedientes de seus casos mais importantes e falar com seus

companheiros?

-Certamente, mas conheço o que ocorre em minha delegacia de polícia. Não achará nada.

E tinha razão. Pitt falou com alguns homens que tinham trabalhado com o Urban durante os seis anos que esteve baseado no Rotherhithe e obteve opiniões que foram do afeto até a antipatia extrema, mas nenhum deles pôs em tecido de julgamento sua honradez. Alguns consideravam-no arrogante e não temiam dizê-lo, mas em nenhum momento insinuaram que Urban estivesse corrompido.

Pitt saiu ao quente anoitecer e cruzou novamente o rio para empreender o longo caminho a casa. Estava cansado e desanimado, e em seu interior crescia a inquietação. Suas indagações na delegacia de polícia do Rotherhithe não lhe tinham contribuído com indício algum sobre a desonestidade do Urban. Tinham-lhe apresentado o perfil de um homem diligente, ambicioso e algo excêntrico, respeitado por seus colegas, mas nem sempre apreciado, um homem que ninguém conhecia em profundidade e ao qual algumas pessoas de miras estreitas se alegravam tacitamente de ver em apuros.

Pitt, não obstante, tinha a certeza de que Urban estava ocultando algo relacionado com a morte do Weems, e era algo que ele mesmo havia dito o que

conduziu a essa conclusão. Mas foram as perguntas sobre o Weems e seus devedores ou o extraordinário caso do Horatio Osmar e a inexplicável absolvição por parte do Carswell?

Teve que tomar vários onibus e durante uma das mudanças divisou uma menina de aspecto fatigado e imundo que vendia violetas. Impulsivamente, deteve-se e lhe comprou quatro ramalhetes úmidos e cheirosos.

Pôs-se a andar por sua rua a grandes passadas, preso de uma mescla de sentimentos que lhe era desconhecida. Com o transcurso dos anos seu lar se convertera no lugar mais doce do mundo. Nele havia calor e segurança, um amor que não dependia de presentes nem obediência, onde não importava se a pessoa era ardilosa, divertida ou elegante. Era o lugar onde dava o melhor de si mesmo e onde não temia ser rechaçado quando dava o pior, onde se trabalhava em excesso por ser judicioso, por unir a franqueza com a amabilidade, por fazer da paciência um dom natural, por proteger sem ser dominante. Nada tinha mudado a um nível profundo, mas possivelmente sua intuição o tinha enganado lhe fazendo acreditar que Charlotte era mais feliz do que em realidade era. Parte da paz que brilhava em seu lar se apagou.

Abriu a porta e ao entrar tirou as botas e pendurou a jaqueta no cabide. Depois, com

um nervosismo que o surpreendeu, dirigiu-se à cozinha.

O comodo sempre gozava de luz e de um aroma doce. A roupa branca pendurada no varal suspenso do teto, a mesa de madeira esfregada e impoluta, a baixela azul e branca no aparador e o suave aroma de pão recém feito flutuando no ar. Sentada à mesa, Jemima estava passando manteiga em uma fatia de pão para o Daniel, que olhava a sua irmã segurando o pote de geléia de framboesa, disposto a dar-lhe só quando a manteiga houvesse coberto até o último canto.

Charlotte tinha posto um vestido de musselina estampada e um avental longo com babados. Tinha as mangas arregaçadas e as mãos afundadas na pia lavando verduras frescas. Sobre uma mesa auxiliar havia um prato com um punhado de ervilhas e uma folha de jornal cheia de vagens vazias.

Charlotte sorriu a seu marido, tirou da água a última cenoura e secou as mãos.

-Olá, papai- disse alegremente Jemima sem interromper sua tarefa.

-Olá, papai- imitou Daniel sem soltar o pote de geléia.

Ele acariciou aos dois sem afastar os olhos do Charlotte. Logo levantou os ramalhetes de violetas.

-Não são uma desculpa- lhe advertiu.

Charlotte olhou-o com cara inocente.

-Uma desculpa? Por que?- perguntou com fingida surpresa, mas em seus

lábios apareceu um pequeno sorriso que a delatou. Afundou o nariz na fragrância úmida das flores e aspirou com força. -Obrigada. Cheiram muito bem.

Pitt lhe passou o vaso azul e branco onde Charlotte costumava pôr as flores de caule curto.

-Obrigada- disse uma vez mais, e encheu o vaso de água sem desviar o olhar de Pitt.

Colocou as flores em meio da mesa e Jemima se apressou a levar-lhe ao nariz e aspirar com os olhos fechados, como tinha feito sua mãe.

-Passa-me isso

Daniel estendeu um braço e sua irmã lhe passou o vaso a contra gosto. O

menino aspirou uma e outra vez, sem saber muito bem o que fazia. Logo deixou o vaso, pegou de novo a geléia e Jemima continuou passando manteiga.

O jantar não transcorreu com as cabeças e os olhares da noite anterior nem com essa intensa concentração nas ocupações mais corriqueiras, como se fosse de vital importância atravessar até a última ervilha com o garfo e recolher até o último miolo de pão. Desta vez mal olharam a comida e todo o cuidado com que tinha sido preparada



passou despercebido. Seus olhares permaneceram unidos e, embora não se dissessem nada, compreenderam tudo.

Pitt investigou ao Urban durante dois dias mais sem nenhum êxito. Examinou os casos do Bow Street nos que tinha trabalhado e não achou nada estranho neles, nada que indicasse outra coisa que não fosse um trabalho árduo, uma grande inteligência e às vezes uma intuição pouco comum. Nada que fizesse duvidar de seu julgamento. Urban mal falava de sua vida privada e se relacionava pouco com seus colegas, com o que se ganhou seu respeito mas não seu apreço. Ninguém sabia a que se dedicava em seu tempo livre, e quando lhe faziam propostas amáveis ele as rejeitava com igual amabilidade.

Afinal Pitt decidiu deixar de rodeios e perguntar diretamente ao Urban onde tinha estado a noite que Weems foi assassinado. Isso, pelo menos, daria-lhe a oportunidade de demonstrar que esteve em outro lugar e economizaria indagações desnecessárias, ao menos no referente ao assassinato. Ainda ficava pendente o assunto da dívida. E Pitt estava convencido de que Urban mentia sobre algo.

Nessa manhã chegou à delegacia de polícia do Bow Street mais tarde que o normal, para tropeçar com uma tensão no ambiente pouco habitual. O sargento da recepção parecia inquieto, tinha o rosto aceso e não parava de transladar papéis de um lugar a outro sem lê-los primeiro nem anotar nada neles. Tinha desabotoado o botão superior da jaqueta e mesmo assim parecia que lhe apertava. Junto ao mostrador dois agentes se olhavam com nervosismo e tão logo se apoiavam em um pe como no outro, até que finalmente o sargento lhes gritou que buscassem algo que fazer. Um menino entrou na delegacia de polícia com o jornal e assim que lhe pagaram saiu disparado, tropeçando com o Pitt pelo caminho e esquecendo de desculpar-se.

-O que ocorre?- perguntou Pitt.

-Coisas do Parlamento- respondeu o sargento de guarda com os dentes

Apertados. -Está furioso.

-Quem está furioso? O que ocorreu, Dilkes?

-O senhor Urban pediu a quão advogados reabrissem o caso contra o senhor Osmar. Este se inteirou e se queixou a seus amigos parlamentares-. O rosto do sargento era uma mescla de temor e desprezo. -Agora estão investigando o assunto e alguns dizem que Crombie e Allardyce mentiram como cossacos e que a polícia está corrompida-. Sacudiu a cabeça falando nervosamente. -Dizem coisas horríveis de nós, senhor Pitt. A gente não sabe se somos ou não uma boa coisa. Asseguram que se fôssemos um bom corpo de

polícia teríamos apanhado ao louco do Whitechapel o outono passado. Depois veio o problema com o delegado. E como se não tivéssemos o bastante, agora isto-. Enrugou o rosto. -O que não entendo, e desculpe o comentário, senhor, é como um assunto tão estúpido pôde adquirir tanta importância.

-Eu tampouco- reconheceu Pitt.

-Esse homem sabia perfeitamente que não é permitido fazer assédios em público, mas é um cavalheiro e os cavalheiros são assim. A coisa não teria tido mais importância se tivesse reconhecido a travessura, pedido perdão e assegurado que não voltaria fazê-lo. Mas não, tinha que recorrer ao Parlamento e muito em breve até o próprio ministro do Interior quererá saber o que está ocorrendo.

-Para mim também é um mistério- disse Pitt.

Mas ele estava pensando, sobre tudo, no Addison Carswell. Cada vez lhe incomodava mais a ojeriza do público pela polícia, especialmente, como bem havia dito o sargento, depois dos distúrbios da praça do Trafalgar durante o chamado Domingo Sangrento e depois de que a polícia fora incapaz de apanhar ao assassino do Whitechapel, ao qual seguiu quase imediatamente a demissão do chefe da polícia depois de um breve período no cargo e algumas desavenças.

Pitt seguia pensando que Carswell e Urban figuravam na lista do Weems por razões muito concretas, provavelmente relacionadas com a chantagem. E ainda tinha que achar ao Latimer, o terceiro nome.

-Está o senhor Urban em seu escritório?

-Sim, senhor, mas...

Antes de que o sargento pudesse protestar, Pitt lhe agradeceu e pôs-se a andar pelo corredor. Uma vez frente à porta, bateu.

-Adiante!- disse Urban distraidamente.

Pitt entrou e o achou sentado frente a sua escrivaninha com o olhar fixo na superfície vazia.

-Olá- disse Urban, surpreso de ver o Pitt. -Achou já a seu assassino?

-Não- respondeu este, consciente de que as palavras do Urban o impediam agora de ser sutil ou indireto.

-O que posso fazer por você?

O semblante do Urban era a viva imagem da inocência. Olhou ao Pitt com seus olhos azuis e aguardou uma resposta.

Pitt não tinha mais remédio que ser franco ou bater-se em retirada, e escolheu o

primeiro.

-Onde esteve a noite de terça-feira há duas semanas?- perguntou.

-Eu?- Se o assombro do Urban era fingido, foi uma atuação magistral. -Acredita que matei a seu agiota?

Pitt tomou assento.

-Não- disse com franqueza, -mas seu nome estava na a lista e a única forma de eliminá-lo é demonstrando que estava em outro lugar.

Urban sorriu. Era um sorriso encantador e cálido, e havia humor em seus olhos.

-Não posso dizer o respondeu com calma, -ou, para ser mais exato, não desejo dizer-lhe Mas não estava na Rua Cyrus e não matei a seu agiota.

Pitt sorriu por sua vez.

-Temo que sua palavra não basta.

-Sei, mas, lamentando-o muito, é quanto posso lhe dizer. Suponho que terá interrogado às demais pessoas da lista. Quantas há?

-Três. Falta-me interrogar uma delas.

-Quais são?

Pitt refletiu durante uns instantes. Que interesse podia ter isso para o Urban? Pretendia mostrar-se útil procurando um denominador comum ou procurava uma desculpa para culpar a outro?

-Prefiro não revelar seus nomes durante um tempo- respondeu Pitt com igual calma e o mesmo sorriso franco.

-É Addison Carswell um deles?- inquiriu Urban, que sorriu com humor ao ver o rosto de assombro do Pitt.

Era absurdo mentir. Urban o tinha visto nos olhos.

-Sim.

-Ah- grunhiu pensativamente Urban. Pelo visto, não considerou necessário perguntar quem era a terceira pessoa, e isso significava algo. -Sabe que esse maldito Osmar pôs seus amigos parlamentares a fazer perguntas?- disse com indignação.

-Sim, Dilkes me contou isso. O que pensa fazer?

-Eu?- Urban se reclinou em seu assento. -Prosseguir com a acusação, é claro. Por muito ex-subsecretário do governo que seja, a lei tem que ser a mesma para todos. Que necessidade tinha de fazer-se de idiota em um banco do parque? Se quer ficar em ridículo com uma juvenzinha, que o faça em privado, onde não possa ofender às senhoras idosas e assustar aos cavalos.

Pitt sorriu.

-Boa sorte- disse antes de partir.

Perguntou-se como era possível que Urban soubesse que o nome do Addison Carswell figurava na lista do Weems. Que raciocínio lhe tinha levado a deduzi-lo?

Foi para casa antes do habitual. Não podia fazer muito, salvo investigar ao Latimer, e isso podia esperar até o dia seguinte. Não lhe remoía adiar uma tarefa que certamente ia ser extremamente desagradável. E depois do que tinha descoberto sobre o Carswell e Urban, temia o que pudesse averiguar sobre o Latimer.

No dia seguinte substituiu ao Innes na investigação das pessoas da primeira lista, o longo catecismo de miséria, analfabetismo, trabalhos humildes, enfermidades, dívidas, embriaguez e violência, mais dívidas, demissões, pequenos empréstimos, grandes empréstimos e, finalmente, desespero. Innes já os tinha localizado e interrogado a todos. A maioria se achava, no momento do crime, em lugares onde outras pessoas podiam confirmar sua presença: bebendo na taverna, brigando na rua ou inclusive detidos em delegacia de polícia. Os mais respeitáveis- homens de desespero estavam em casa, sentados em silêncio e famintos, preocupados com a comida do dia seguinte, o aluguel do mês seguinte, o que pensariam os vizinhos e o que ficava por empenhar.

Era uma desdita amarga que nem toda a compaixão do mundo conseguiria mudar. Pitt se alegrou de voltar para casa e descobrir que Charlotte tinha recebido a visita de Emily e estava cheia de fofocas animadas e superficiais.

-Eu gostaria de escutá-las- insistiu Pitt quando ela decidiu que eram temas muito corriqueiros para incomodá-lo com eles.

-Thomas- disse Charlotte lhe olhando com humor, -não seja tão terrivelmente agradável comigo. Soa artificial e me põe nervosa, pois se diria que já não nos encontramos à vontade um com o outro.

Pitt riu e se recostou na poltrona. Logo apoiou os pés no puf, algo que fazia regularmente e que irritava a Charlotte porque os saltos provocavam arranhões.

-Eu adoraria ouvir algo totalmente trivial- respondeu Pitt com franqueza. -Algo sobre gente bem alimentada, bem vestida, sem outra preocupação que o que disse a ela e ela a ele ou o que tinha posto essa outra, se estava na moda e se a cor a favorecia.

Por um instante o semblante de Charlotte se suavizou. Possivelmente tinha compreendido. Logo sorriu e se instalou na poltrona, arrumando-a saia para estar mais cômoda.

-Emily me esteve falando das últimas debutantes que compareceram ante a Rainha,

ou talvez fosse antes o Príncipe de Gales- começou, utilizando o mesmo tom que empregava quando narrava um conto a Jemima e Daniel. -Pelo

visto há muitíssima gente e depois de esperar de pé várias horas chegam ante a presença real. A debutante, contudo, está tão preocupada com manter o toucado de penas direito, não pisar o vestido e não levantar muito o olhar para não parecer atrevida, que ao final não vê à rainha-. Dobrou as pernas sobre a poltrona. -Só vê uma mão pequena e gordinha que tem que beijar e que poderia ser de qualquer um, até do cozinheiro. O que importa não é o que se faz, mas o tê-lo feito.

-Pensava que o mesmo ocorria com a maioria dos atos sociais- respondeu Pitt cruzando as pernas.

-OH, não. A ópera, como bem sabe, é um acontecimento muito formoso. A regata de Henley é divertida, ou isso me disseram, e Emily assegura que as corridas do Ascott são fantásticas. Os vestidos são simplesmente maravilhosos e há intrigas para dar e dar de presente. Importa muito com quem o vêem.

-E o que me diz dos cavalos?

Charlotte o olhou surpreendida.

-OH, não tenho nem idéia. Mas Emily me disse que o senhor Fitzherbert estava ali, com a senhorita Mordem, claro. E que voltaram a encontrar-se com a senhorita Hilliard e seu irmão.

Ele franziu o sobrecenho.

-Fanny Hilliard?

-Exato. Deve recordá-la. Uma moça muito bonita, de uns vinte e quatro ou vinte e cinco anos- respondeu Charlotte com impaciência. -Falou conosco na

ópera e depois na mesa do restaurante. Fitzherbert parecia muito interessado nela.

-Já recordo- disse Pitt.

De repente lhe veio à cabeça a imagem da Fanny no café, seu rosto vivaz e afetuoso ao receber do Carswell o chapéu e a sombrinha.

-Ao que parece- prosseguiu Charlotte, -ela se sente igualmente atraída por ele. -Seu rosto era uma mescla de satisfação e pesar. Suas palavras tinham sido ditas, como se a excitação do amor tivesse ressoado prazenteiramente nela. Logo, consciente do sofrimento da perda, a alegria desapareceu. -Ele, não obstante, está comprometido com Odelia Mordem.

Sempre pensei que faziam um casal perfeito, que sua relação era tão conveniente e segura que ninguém poderia danificá-la, ao, menos seriamente.

Pitt reparou no olhar grave de sua esposa. Sabia que o assunto a penalizava, mas ignorava se era pelas pessoas afetadas ou porque lhe recordava que a felicidade era um bem extremamente frágil.

-Está certa de que não se trata simplesmente de um homem atraente que gosta de flertar?

-Não acredito. É possível...- Se esforçou por procurar as palavras que expressassem com exatidão o que queria dizer. -É possível ver a diferença entre um flerte sem importância e um sentimento que ameaça fazer mal porque não só encerra risadas e uma excitação que depois se esquecem e permitem voltar para a vida normal. Duvido muito que Fitz possa voltar para sua vida normal e sentir o mesmo que antes pela Odelia.

-Está se pondo romântica?- perguntou Pitt sem o menor tom crítico. -Acha que Fitzherbert poderia apaixonar-se por alguém que não fosse útil para alcançar seus objetivos? Se desejar ter êxito em sua carreira terá que casar-se. Não possui brilhantismo político suficiente para chegar longe sem cumprir com os requisitos sociais.

-Não estou dizendo que vá renunciar a casar-se com a Odelia, só que há algo aí que lhe deixará cicatrizes quando ele e Fanny se separem e cada um vá por seu lado. E Odelia não o esquecerá. Vi-o em seu rosto.

Pitt sorriu e se perguntou o que pensava Emily de tudo isso e se tinha algo que ver com o assunto. Se Fitzherbert era reprovado por sua noiva, Jack sairia favorecido.

Charlotte respirou fundo.

-E Jack está travando uma boa amizade com lorde Anstiss- continuou. -É um homem extraordinário-. Recordou a tolerante ironia de seus comentários sobre as ambições sociais de Charlotte. -Acredito que nunca tinha ouvido ninguém dizer coisas tão interessantes sobre tão extensa variedade de temas. Conhece infinidade de histórias sobre as pessoas e conta-as com um engenho invejável. Emily diz que não se aborrece com nada. Possui uma grande personalidade.

Pitt escutava em silêncio e observava a animação de Charlotte, o jogo de luzes e sombras que davam vida a seu rosto.

-Falou com Emily do novo idealismo dos formosos quadros prerrafaelistas e do William Morris e seus móveis. Diz que Anstiss faz que as coisas que conta

adquiram importância. Também viu esse estranho jovem chamado Peter Valerius que tão interessado estava no tedioso tema das finanças na África. Falou de outras pessoas que Emily tinha mencionado, de como vestiam e a quem falaram, mas Pitt não a escutava com excessiva atenção, simplesmente deixava que as palavras lhe cobrissem como um

murmúrio agradável. O que mais gostava era vê-la tão cheia de vida e saber que se lhe falava não era porque para ela fosse importante o que dizia, mas sim porque o compartilhava com ele.

Transcorreu um dia mais antes de que Innes ficasse em contato com ele para lhe falar do Urban. Em lugar de apresentar-se no Bow Street, preferiu, por precaução, lhe enviar uma mensagem na qual lhe dizia que tinha descoberto algo importante.

Assim, Pitt abandonou a delegacia de polícia do Bow Street, onde tinha estado informando de seus progressos a Drummond, repassando novamente os casos do Urban e seguindo o rastro do testamento do tio que lhe tinha deixado a casa do Bloomsbury para saber se o legado incluía algum quadro ou dinheiro, pois isso explicaria a posse de tão apreciados objetos. Pitt demorou um tempo em averiguar o nome do tio e em localizar o testamento, e quando o fez, estava bem claro. A casa era para "o Samuel Urban, o único filho de minha querida irmã", junto com os bens contidos na mesma, os quais apareciam devidamente enumerados. Não se mencionavam quadros modernos. De fato, não se mencionava quadro algum.

Pitt se alegrou de ter uma desculpa para deixar o trabalho e envolver-se em uma ação física, embora só se tratasse do trajeto em cabriole até a delegacia de polícia do Clerkenwell. Considerava que a mensagem urgente do Innes justificava o esbanjamento.

Achava-se na carruagem, percorrendo High Holbom, quando recordou que Innes tinha estado seguindo ao Urban e que, portanto, era mais provável que seu descobrimento tivesse que ver com este e não com a gente da primeira lista. A investigação desta última se estava levando a cabo desde o Clerkenwell, pois as pessoas implicadas eram, em sua maioria, gente do bairro. Mas embora Innes tivesse dado com o assassino do Weems e o tivesse detido em delegacia de polícia com provas irrefutáveis, não se alegraria. Pitt temia ver a derrota e a culpa no rosto da pessoa que tinha convertido seu desespero em violência, precipitando-se desse modo a uma tragédia ainda maior. O assassino, mesmo que amaldiçoasse ou guardasse silêncio, mesmo que pusesse resistência ou permanecesse fundo, por dentro estaria morto de medo, sabedor do que Newgate e o verdugo lhe esperavam.

Pitt se deu conta de que em realidade não queria averiguar quem tinha assassinado ao William Weems. Mas não podia dar o caso por não resolvível assim, sem mais. O assassinato sempre era teoricamente, um ato imperdoável, e a sociedade, se quisesse sobreviver, devia achar e castigar ao assassino.

Desgraçadamente, na prática o assunto era, freqüentemente, muito mais complexo, e

às vezes a própria vítima era tão ofensiva como seu assassino, só que de forma mais furtiva. Era uma tragédia complexa onde se mesclavam ofensas e sofrimento.

Não se podia simplesmente castigar a uma das partes e dar o assunto por resolvido.

Finalmente a carruagem se deteve frente à delegacia de polícia do Clerkenwell. Pitt desceu, pagou ao cocheiro e entrou.

Assim que viu o Innes soube que a notícia era inquietante. O sargento tinha rosto triste e com olheiras, como se tivesse dormido pouco e mau.

-Bom dia, senhor Pitt- disse sombríamente. -Será melhor que saíamos à rua.

E sem mais explicações, empurrou a um obeso sargento e a um agente que chupava um canudo de hortelã e saiu.

Pitt seguiu-o e puseram-se a andar pela calçada. O sol, depois de uma noite chuvosa, brilhava de novo e o ar parecia mais limpo.

-Segui-o- disse Innes olhando o chão, como se temesse tropeçar apesar da superfície ser totalmente Lisa.

Pitt guardou silêncio.

-Se Weems o fazia chantagem, já sei por que. -Innes umedeceu os lábios e engoliu em seco. Continuava sem olhar ao Pitt. -Passou a noite em um teatro de variedades do Stepney.

-Isso não é nenhum delito- disse Pitt, sabedor de que havia algo mais.

Os teatros de variedades eram um entretenimento aceitável. Eram milhares os homens da cidade que passavam seu tempo livre assim. A absurda observação do Pitt só era uma forma de atrasar o momento em que Innes lhe contasse o verdadeiro achado. Quase podia ouvir as palavras antes de que fossem pronunciadas.

Com certeza tinha no meio uma mulher bonita, provavelmente entrada em carnes, possivelmente uma cantora, sem dúvida cortejada por muitos, e Urban, como tantos homens antes dele, endividara-se tentando desbancar a outros.

-Continue- disse bruscamente Pitt, descendo da calçada para esquivar-se de um camelô.

-Trabalhava ali- explicou Innes com a mesma brutalidade.

-No teatro?- Pitt não dava crédito a seus ouvidos. -Urban! Não imagino fazendo um numeritnh sobre o cenário. É muito sério. Gosta da boa pintura e, provavelmente, da música clássica.

-Não trabalha no cenário, senhor, mas sim de guarda de segurança. encarrega-se de expulsar do local aos bagunceiros.



-Urban?

-Sim, senhor-. Innes seguia olhando a calçada. -E o faz muito bem. É um tipo corpulento e seu ar de autoridade faz com que a gente não discuta. Vi-o deter uma feia briga entre dois cavalheiros que tinham bebido muito. Atuou com tanta rapidez e discrição que só as pessoas mais próximas se inteiraram do ocorrido-. Fez-se a um lado para deixar passar a uma mulher que arrastava a três meninos. -O gerente pagou bastante bem-prosseguiu. -Se levar muito tempo nisso, é provável que tenha economizado muito dinheiro ao longo dos anos e que não precise pedir emprestado ao Weems para viver bem. Outra coisa é que Weems soubesse e tivesse o agarrado pelo pescoço. Já sabe, pelo multiuso do espanto. Expulsariam-no do corpo. Não acredito que o senhor Urban queira ganhar a vida trabalhando de gorila.

-Eu tampouco- disse Pitt.

Por uma parte se sentia aliviado, pois isso lhe parecia menos patético que perder a cabeça por uma mulher com a que, de todos os modos, nunca se teria casado. Mas também era mais sério. Como bem havia dito Innes, se soubesse Urban seria expulso do corpo. A sensação de alívio se viu escurecida de repente por pensamentos muito mais desagradáveis. Se Weems sabia significava que Urban tinha um motivo para assassiná-lo.

Caminharam sem rumo fixo durante uns minutos, pois deter-se significava ter que chegar a uma conclusão.

-Encarregará-se você, senhor?- perguntou finalmente Innes quando chegaram à avenida principal. Tiveram que esperar vários minutos antes de que o tráfico amainasse.

-Sim- respondeu Pitt, sem ter tomado ainda uma decisão.

Tinha que falar com o Urban, certamente, mas se este demonstrasse que não tinha matado ao Weems, se essa noite tinha estado no Stepney e tinha testemunhas que o confirmassem, denunciaria, em que pese a tudo, seu multiuso? Era uma decisão que não tinha que tomar agora. E se Urban fosse culpado de assassinato, tampouco seria necessário.

Innes passou a cruzar a rua, tratando de esquivar-se ao esterco. Não havia varredor. Pitt seguiu-o e esteve a ponto de ser atropelado por uma carruagem de quatro portas conduzida por um cavalheiro de forte temperamento.

-Senhor Pitt- disse o sargento quando chegaram ao outro lado da rua.

-Sim?- Pitt sabia que ia perguntar lhe se estava obrigado a denunciar ao Urban.

Mas o homem mudou de idéia. Não queria conhecer a resposta. Preferia manter a

esperança.

Pitt não insistiu.

Encontrou Urban em seu escritório. Pitt estava irritado. Irritado porque o homem lhe agradava, irritado por essa debilidade que lhe tinha levado a arriscar sua carreira por uns quantos quadros.

-O que ocorre agora?

Urban estava sério. Sabia que o inspetor não teria voltado a menos que tivesse um motivo de peso.

-Weems - respondeu Pitt. -Ainda Weems. Está certo de que não quer me dizer onde esteve na noite que morreu?

-Não serviria de nada- respondeu lentamente Urban. -Não posso prová-lo e minha palavra a secas não basta. Mas não o matei. Nem sequer lhe conhecia.

-Se esteve no Stepney, poderia prová-lo- disse Pitt com calma. -Com certeza o gerente mantém um registro das entradas e saídas.

Urban empalideceu mas não afastou os olhos do Pitt.

-Seguiu-me? Não o vi, e isso que estava alerta. Suspeitava que o faria.

-Não- disse Pitt, mordendo o lábio. -Ordenei a outra pessoa que o fizesse. Se lhe tivesse seguido eu, me teria visto. Estava ali?

-Não-. Urban esboçou um sorriso triste e irônico. -Tomara tivesse estado. Fui a outro local onde pensava que poderia ganhar mais, mas não deixei meu nome. Não queria que se corresse a voz, pois não queria perder o outro trabalho.

-Por que o faz? - perguntou Pitt. -Ganha um bom salário. Tanto valor têm para você uns quantos quadros?

Urban deu de ombros.

-A princípio achava que sim. Agora já não estou tão seguro.

Olhou ao Pitt com expressão interrogativa.

-E amanhã suponho que já não acreditarei nisso absolutamente. Eu gosto de ser policial. Eu não matei ao Weems. Jamais tinha ouvido falar dele até que você entrou em meu escritório e me disse que meu nome aparecia em seus livros. Talvez tivesse-intenção de me fazer chantagem e o mataram antes de poder...- Calou e Pitt intuiu de novo que Urban mentia por omissão.

-Maldito seja, fale de uma vez!- exclamou enfurecido. -Não só está em jogo sua carreira mas também sua vida. Tinha um motivo para matar ao Weems, a oportunidade e,

pelo que sabemos até agora e tal como ocorre com todos outros, a arma. O que me está ocultando? Você sabe algo. Tem que ver com o Osmar e com o fato de que Carswell o absolvesse?

-Osmar- disse Urban. Seu sorriso se distendeu, como se finalmente se rendesse. - Suponho que não fica nada que perder salvo o pescoço-. Sacudiu nervosamente a cabeça, como se quisesse liberá-la de algo. -É provável que o Círculo tome represálias contra mim, mas pior seria a força.

-O círculo?- Pitt não tinha nem idéia do que estava falando. -Que círculo?

Urban se sentou e Pitt fez outro tanto.

-O Círculo Interno- respondeu Urban com voz baixa como se temesse que alguém pudesse ouvi-lo. -É uma sociedade secreta destinada ao benefício mútuo, as boas obras e a reparação de injustiças.

-Que injustiças? Quem decide o que é justo e o que não?

Um brilho de ironia iluminou o rosto do Urban.

-Eles, é claro.

-Se seus objetivos são tão louváveis, por que é secreta?

Urban suspirou.

-Alguns objetivos são difíceis de alcançar e as pessoas que se sentem ofendidas podem constituir um obstáculo muito poderoso. O secretismo nos protege delas.

-Compreendo. Mas o que tem que ver isso com você, Weems e Osmar?

-Sou membro do Círculo. Ingressei faz uns anos, quando era um jovem

prometedor da delegacia de polícia do Rotherhithe. O delegado pensou que poderia ser um bom irmão para o Círculo. Naquele tempo eu era muito jovem. Cobriu-me de elogios, falou-me das boas obras que faziam e do poder que obteria para ajudar às pessoas. Não falo do delegado atual. Ele não tem nada que ver com isto.

Inclinou-se para diante. -Assim, ingressei no Círculo. A princípio não era nada do outro mundo, alguma ou outra doação para uma boa causa e umas quantas horas de meu tempo.

Pitt permanecia calado.

-Passaram vários anos antes de que me encomendassem tarefas preocupantes- prosseguiu Urban. -Quando isso ocorreu me limitei às rechaçar e ninguém me disse nada, mas seis meses atrás me chegou a primeira ordem realmente séria. Pediram-me que favorecesse a um homem em um caso. Não era um acusado mas uma testemunha que não queria declarar, e eu devia fazer a vista grossa em nome da irmandade. Neguei-me.

Sabia que outros membros do Círculo tinham sido castigados por negar-se a obedecer. De repente já não eram bem recebidos em lugares onde até agora respeitavam-nos, ou eram expulsos por votação de clubes sem que tivessem cometido falta alguma.

-De modo que o Círculo Interno se encarregava de castigar a seus membros desencaminhados- observou lentamente Pitt.

-Acredito nisso. Não existiam provas reais, mas as pessoas afetadas acabavam compreendendo. E o mais assombroso era que a gente que se achava ao bordo da desobediência votava a favor da represália.

-Muito efetivo.

A mente do Pitt era um torvelinho de possibilidades que relacionavam ao Weems, Addison Carswell e Horatio Osmar e explicavam a absolvição deste último. Todos eram irmãos do Círculo Interno, incluído Urban e presumivelmente Latimer. Uma rede de entendimento, favores, obrigações e ameaças tácitas, e para os rebeldes um castigo rápido e efetivo que servia de advertência a outros.

Era essa a razão pela qual Drummond estava tão disposto a ajudar a lorde Byam? A razão pela qual não podia falar? E, naturalmente, por isso lorde Byam se inteirara tão logo da morte do Weems e por isso a delegacia de polícia do Clerkenwell tinha entregue o caso sem protestar: tudo em nome do Círculo Interno, uma poderosa irmandade secreta destinada a que?

Micah Drummond!

Quão fortes eram os laços dessa irmandade? Mais fortes que o dever? Onde terminava a irmandade e começava a imoralidade?

-E você os desafiou?- perguntou Pitt.

-Levei-me mau. E acredito que a presença de meu nome na lista do Weems é uma advertência dirigida ao resto, mas não posso prová-lo.

-Significa isso que o assassino do Weems deixou a segunda lista para que a encontrássemos, pondo a você e ao Carswell em um apuro?- Omitiu deliberadamente o nome do Latimer. -Ou sempre esteve ali para ser utilizada em outro momento e o assassinato do Weems pegou-os de surpresa?

-Não sei- respondeu Urban. -Nem sequer sei a ciência certa que Carswell seja um irmão, embora isso explicaria que absolvesse ao Osmar. Sei que Osmar o é. E o nome do Carswell também aparecia em sua lista.

Pitt guardou silêncio. Tinha pressente as palavras do Urban, e sabia que provavelmente eram certas, mas mais presente e dolorosa era a lembrança do

semblante do Drummond quando lhe falou do assassinato do Weems e de como foram ajudar Byam. As perguntas se amontoavam em sua mente. Era essa a razão pela qual Drummond tinha aceito ajudar ao Byam e possuía o poder para fazê-lo tão facilmente? Por que o nome do Byam não aparecia na lista? Acaso deixou ele a segunda lista para logo ver-se apanhado em sua própria armadilha quando outra pessoa, um devedor desesperado, chegou mais tarde e assassinou ao Weems? Era isso o que temia, não que seu nome estivesse ali, mas sim tivesse estado em pessoa e alguém tivesse podido vê-lo?

Tolices. Era absurdo que Byam deixasse a lista a menos que soubesse que Weems ia ser assassinado e que a polícia ia encontrá-la. Mas o mais inquietante de todo este assunto era a implicação de Micah Drummond. Que papel tinha no Círculo Interno? Estavam castigando-o ou era um membro obediente, sempre disposto a cumprir ordens? Pior ainda, era ele o castigador, que decidia as ameaças e as represálias? Era possível que tivesse estado ali depois do assassinato do Weems e antes de que Pitt chegasse e encontrasse a lista?

E já postos, inteirou-se Byam do assassinato do Weems através da delegacia de polícia do Clerkenwell antes inclusive que Drummond? Tinha estado na Rua Cyrus e deixado ali a segunda lista?

Ou acaso a pessoa que tinha informado ao Byam do assassinato era alguém da delegacia de polícia do Clerkenwell a quem Pitt ainda não tinha tido em conta?

Tratava-se de uma sociedade secreta. Quem conhecia a identidade de seus integrantes ou sua autêntica finalidade? Conheciam-na os próprios membros? Quantos estavam servindo de peões de uns poucos? E quantos tentáculos controlavam, retorciam e corrompiam à polícia?

-Eu tampouco- disse finalmente, rompendo o longo silêncio.

## Capítulo 7

---

Micah Drummond se dava conta de que cada vez pensava mais no caso Byam, inclusive em momentos em que, normalmente, teria afastado os assuntos policiais para desfrutar dos muitos prazeres que lhe oferecia a vida. Sorriu com ironia. Para ele era o caso Byam, mas para o Pitt provavelmente era o caso Weems. Além de tudo, Weems era o morto. Byam não era mais que um possível suspeito. Drummond desejava de coração que fosse um suspeito "impossível". A idéia o inquietava no mais profundo de sua mente, como se se negasse a analisá-la, mas unicamente, conseguisse esquecê-la durante momentos breves e deliberados que ao final sempre acabavam vendo-se nublados.

Pitt lhe tinha falado do trabuco. Isso significava que, teoricamente, a arma tinha estado ao alcance de todos, inclusive do devedor mais pobre do Clerkenwell. Mas era possível que Weems deixasse moedas de ouro rodando por aí em semelhantes circunstâncias? Provavelmente. Possivelmente lhe atraía essa classe de crueldade: convidar uma pessoa desesperada pela impossibilidade de satisfazer sua dívida e recebê-la frente a um montão de moedas de ouro para logo lhe exigir até o último penique. A situação, além de sádica, era perigosa. Ao longo de seus anos de usura, não tinha aprendido Weems a julgar às pessoas o suficiente para evitar tais situações?

E pensando bem, por que tinha recebido um devedor em seu escritório estando só e de noite? Com certeza não era seu costume. Fazia Pitt perguntar a respeito? O mais seguro é que estivesse concentrado em descobrir quem matou ao Weems, não em desculpar ao Byam.

Ao Drummond assaltou o remorso. Isso era justamente o que ele estava fazendo: tentar desculpar ao Byam. Mal tinha dedicado tempo a tentar descobrir o assassino do Weems. Notou que o calor lhe subia pelas faces à medida que se fazia consciente de sua negligência, do desequilíbrio de suas prioridades. Estava entardecendo e se achava em casa. Não era a mansão do Kensington onde tinha vivido com sua mulher e suas filhas até que enviuvara. Esta a tinha vendido quando a solidão se tornou insuportável e já não tinha sentido conservá-la.

Agora possuía um lar espaçoso perto do Piccadilly. Tampouco tinha já necessidade de manter uma carruagem. Se precisava ir a algum lugar, não tinha mais do que pedir um cabriolé. E um criado e uma mulher encarregada da limpeza e a cozinha era quanto

necessitava para sentir-se atendido. Se alguma vez empregavam a alguém mais, nem o notava. O gasto era insignificante e confiava no critério de seus empregados.

O salão continha muitas de suas velhas posses: a tela da lareira adornada com perus reais que sua mãe lhe tinha presenteado depois de seu primeiro ano de matrimônio; os pratos Meissen que sua esposa adorava, o horrível elefante marrom que ela tinha herdado e do que tanto se riram. Também conservava as cadeiras Chippendale, embora fossem muitas para esta estadia. Tinha presenteado alguns quadros a suas filhas, mas ainda conservava o Landseer e a pequena paisagem do Bonnington. Jamais se separaria voluntariamente deles. Estava de pé, frente à enorme janela saliente, contemplando Green Park e tentando pôr em ordem seus pensamentos.

E os outros nomes da segunda lista? Pitt estava quase seguro de que Addison Carswell era vítima da chantagem. E o homem não podia ou não queria explicar onde se achava na noite que Weems foi assassinado. Tão engraçado estava com a jovem Hilliard para arriscar quanto tinha- não só sua casa e sua família, mas sua vida- assassinando ao Weems? Milhares de homens de toda Londres, para falar a verdade de toda Inglaterra, tinham amantes. Se se fazia com discrição, a sociedade não lhe dava importância.

O que poderia fazer Weems a respeito? Contar à senhora Carswell? E o que? Se a mulher não sabia nem o suspeitava e era a primeira vez que seu marido lhe era infiel provavelmente seria um forte golpe. Mas se um homem mantém uma amante, a dor da esposa não pode lhe ser tão insuportável para arriscar-se a que o enforcem a fim de lhe evitar esse sofrimento. Suas filhas? Aflitas, zangadas possivelmente, mas bastante velhas para compreender como funciona o mundo e em uma posição que lhes permitiria, quanto muito, tratar friamente a seu pai e lhe fazer o vazio em sua própria casa. Seria, sem dúvida, uma situação desagradável, mas uma ninharia comparada com o assassinato e suas conseqüências. E, sendo magistrado, tinha que conhecer por força quão terríveis eram. Ele, mais que ninguém, saberia o que uma temporada no Coldbath Fields ou Newgate, e não digamos a corda, podia fazer a um homem.

E aonde tinham ido parar a carta de Byam e os registros de seus pagamentos a Weems? Byam tinha estado tão convencido de que se achavam ali que tinha chamado Drummond e confessado sua relação com o agiota e com a morte de Laura Anstiss. Por conseguinte, tinha uma razão para matá-lo. Sem esses papéis a polícia jamais o teria relacionado com o caso.

Suas reflexões se viram interrompidas pelo criado, que se achava na porta tossindo discretamente.

-O que ocorre, Goodall?

O rosto magro do Goodall permaneceu impassível.

-Veio vê-lo lady Byam, senhor.

Drummond sentiu um nó na garganta e o rubor subiu pelo rosto.

-Lady Byam?- perguntou absurdamente.

-Sim, senhor.

As sobrancelhas do Goodall se elevaram de forma tão imperceptível que bem poderia ser imaginação do Drummond.

-Faça-a entrar.

Engoliu em seco e se voltou para a janela. O que tinha ocorrido? Que fazia Eleanor Byam visitando-o em sua casa a estas horas da tarde, mesmo que ficassem duas horas de luz? Não era uma conduta normal. Certamente algo ia mau.

Goodall abriu de novo a porta e quando Drummond se voltou, Eleanor se achava dentro da sala. Trazia um vestido escuro, de um tom entre azulado e cinza, ou possivelmente verde. Era o mesmo tom que adquiria o céu pouco depois do crepúsculo. E sua tez viçosa lhe recordava que, apesar das cores frias, provavelmente era muito cálida ao tato.

Que idéia tão absurda e imprópria! Notou que um calor febril lhe invadia o rosto.

-Boa noite, lady Byam- disse rapidamente enquanto se aproximava para recebê-la.

Goodall os deixou sós.

-Boa noite, senhor Drummond- respondeu ela com certa hesitação. -Agradeço muito que receba-me a estas horas e sem prévio aviso.

Lady Byam se umedeceu o lábio com a língua, como se tivesse a boca seca e lhe custasse falar. Era evidente que para ela a situação também requeria uma explicação. As mulheres respeitáveis, e ainda por cima de sua classe, não visitavam sozinhas a casa de um cavalheiro solitário a essas horas do dia e sem ter sido convidada. Respirou fundo. Drummond percebeu a subida do peito e uma leve palpitação na garganta.

-Vim porque achava que devia lhe falar do caso- prosseguiu lady Byam,

ainda de pé junto à porta. A luz do entardecer animava as cores do tapete que se interpunha entre eles. -Sei que você prometeu a meu marido que o informaria assim que surgissem notícias que nos afetassem, mas a espera está se tornando insuportável para mim-. Deteve-se bruscamente e olhou a Drummond pela primeira vez.

A desculpa era previsível e as razões compreensíveis, mas Drummond se surpreendeu do medo que via em lady Byam. Seu corpo estava rígido sob o vestido



de musselina e o xale que mais por decoro que por necessidade, cobria-lhe os ombros.

Drummond se apressou a tranquilizá-la.

-Compreendo-o- disse. -É muito normal-. Não via nada ridículo em seu comentário, embora, em todos os anos que levava no corpo, jamais uma mulher se apresentara em sua casa porque a angústia a afligisse. Por outro lado, tampouco antes tinha intervindo em um caso como este. -Não precisa desculpar-se. Tomara tivesse tido algo mais que lhe contar para que isto não tivesse ocorrido. Em seguida temeu que lady Byam pensasse que se referia a sua visita. Titubeou, mas não soube como desfazer o mal-entendido sem piorar ainda mais as coisas.

Lady Byam engoliu em seco, consciente de que se colocara em casa do Drummond por um assunto estritamente profissional. Só o conhecia pela ajuda que estava prestando a seu marido, embora ignorava os motivos. O Círculo Interno era proibido às mulheres. De fato, Drummond não conhecia nenhuma sociedade secreta que não o estivesse. Tais organizações eram terreno exclusivo dos homens.

A mulher abriu a boca para desculpar-se de novo. Diria-se, inclusive, que tinha intenção de replegarse.

-Por favor- disse rapidamente Drummond, -me permita que lhe retire o xale.

Deu um passo à frente e estendeu uma mão.

Lady Byam tirou lentamente o xale e o entregou com um pequeno sorriso.

-É muito generoso. Não deveria incomodá-lo desta maneira, mas precisava lhe falar em um lugar que não fosse a delegacia de polícia.

Durante um instante Drummond sentiu que o coração dava um salto. Logo, irritado consigo mesmo, disse-se que a impaciência de lady Byam se devia unicamente à preocupação por seu marido.

-Como posso ajudá-la?- perguntou com mais rigidez do que a desejada, enquanto, torpemente, colocava o xale sobre o espaldar do sofá.

Lady Byam cravou o olhar no chão. Apenas se achava a um metro de Drummond, que percebeu o suave perfume de uma flor que não reconhecia, e sabia que provinha dela, de seu cabelo e sua pele.

-O inspetor Pitt está fazendo tudo o que pode- explicou. -Tem descoberto indícios importantes contra outros suspeitos.

Eleanor levantou a vista.

-Soa horrível dizer que me alegro, não é? Com certeza existe outra mulher tão assustada como eu, com a única diferença de que para ela todo este assunto terminará

tragicamente.

Drummond lhe acariciou instintivamente o braço.

-Você não pode fazer nada para mudar isso- disse com suavidade. -Não deve deixar-se angustiar por uma dor que você não causou nem pôde evitar.

-Eu...- Lady Byam calou, a inquietação refletida no rosto.

Drummond reparou em sua mão e se apressou a retirá-la. Era isso o que ela ia dizer, que ele se estava aproveitando de sua angústia para tratá-la com uma familiaridade que não teria utilizado se tivessem estado em sua casa e se ele tivesse sido a pessoa que suplicava ajuda?

Puseram-se a falar ao mesmo tempo, ele simplesmente para pronunciar seu nome. Deteve-se bruscamente.

-Sinto muito.

Ela sorriu levemente e voltou a afundar-se em uma seriedade desesperada.

-Sei que disse ao Sholto que faria quanto estivesse em sua mão para ajudá-lo e isso me tranqüilizou tanto que quase me senti como se o assunto tivesse terminado. Mas Sholto está muito preocupado-. Eleanor apertou os lábios. -Tenta dissimulá-lo para não me assustar, mas de noite lhe ouço passear de um lado a outro durante horas.

Lady Byam esboçou um sorriso tão desolador que Drummond desejou poder consolá-la. Procurou algo que dizer, em vão.

-Pensará que me intrometo nos assuntos de meu marido- prosseguiu ela,

baixando o olhar, -mas não é assim. Simplesmente temo que possa estar adoecendo. Uma noite descí para ver se podia fazer algo por ele...- Se deteve e

levantou lentamente os olhos. Sua voz era muito baixa. -Encontrei-o em seu estúdio, mas contrariamente ao que tinha imaginado, não estava trabalhando, mas passeando de um lado a outro-. mordeu o lábio. -Ao ver-me na porta se zangou e me negou que estivesse preocupado, mas conheço bem a meu marido, senhor Drummond. Vi-o muitas vezes trabalhar até a uma ou as duas da madrugada, não obstante, nos dezoito anos que estamos casados, jamais o vi deitar-se para logo levantar-se meia-noite e ficar a passear pelo estúdio sem papéis nem livros ao redor, só com seus pensamentos e todas as luzes acesas.

-Diria-se que há algo que o inquieta profundamente- disse Drummond, preso de um calafrio. Negou-se a considerar a possibilidade de que Byam fosse culpado. Talvez estivesse equivocado. Possivelmente o fato de que Byam lhe tivesse visitado antes inclusive de converter-se em suspeito tinha sido uma mera estratégia. Possivelmente a

carta e os papéis que teoricamente possuía Weems não fossem mais que a desculpa que tinha utilizado para visitar Drummond e pode ser que algo muito mais prejudicial estivesse por chegar.

Uma mescla de emoções rasgavam-no: o medo a descobrir que o assassino era Byam e a pena de ter que comunicá-lo a Eleanor, a qual se sentiria terrivelmente traída, pois ele era a pessoa a quem tinha ido em busca de ajuda. Vergonha: como explicaria tudo isto a Pitt? Poria-o em uma situação lamentável. E sensação de liberação: se Byam era culpado, Eleanor ficaria livre.

Envergonhado por esta última idéia, deu-se conta de que corava. Livre para que? Se Byam fosse enforcado, ela ficaria viúva. Isso não a levaria necessariamente a deixar de amar a seu marido nem a liberaria da pena.

Em nenhum momento temeu Drummond por si mesmo nem pensou em sua relação com o Círculo Interno.

-Sente-se, rogo. Falaremos tranqüilamente do problema para ver se podemos fazer algo para solucioná-lo.

Agradecida, lady Byam se afundou na poltrona. Ele se sentou em uma Chippendale com o corpo inclinado para diante, e a olhou fixamente.

-Perguntou a seu marido por que está tão preocupado?

-Certamente, mas se negou a me contar isso Disse-me que simplesmente não podia dormir e que tinha descido ao estúdio para não me incomodar.

-Possivelmente seja verdade.

Lady Byam sorriu levemente.

-Não. Sholto não sofre de insônia, e embora assim fosse pegaria um livro e o levaria a cama, não ficaria a caminhar de um lado a outro. Além disso, estava muito pálido. Ninguém tem esse aspecto unicamente por não poder dormir. E estava com olheiras, como se tivesse visto o que mais temia ver neste mundo.

Esforçando-se por espremer até a última possibilidade, Drummond falou levemente.

-Tem certeza de que não foi um efeito da luz? Talvez parecia cansado porque tinha despertado de um mau sonho.

-Tenho- respondeu lady Byam com voz muito baixa. Falava com certeza e

Dor. -Algo terrível aconteceu e só me ocorre que esteja relacionado com a morte do agiota. Se tivesse sido outra coisa, Sholto me teria contado. Meu marido não padece enfermidade alguma nem temos problemas com nenhum familiar. -Seu olhar se nublou. -

Não temos filhos-. Sua voz se fazia mais premente à medida que a tensão aumentava. - Meus pais e meus sogros morreram. Meu irmão está bem e o irmão do Sholto vive na Índia e faz duas semanas que não recebemos notícias suas. Perguntei ao mordomo se tinha chegado alguma carta do estrangeiro que eu não tivesse visto e me disse que não.

-O que me diz de seu cargo no ministério?- sugeriu desesperançado Drummond.

-Não me ocorre nada que tivesse podido lhe causar o pavor que percebi em seu rosto essa noite nem o medo constante que percebo em sua mente durante o dia-. Estava sentada na borda da poltrona com os dedos apertados. -Sholto está preocupado e nervoso. É incapaz de concentrar-se nas coisas que sempre lhe deram prazer, como a música, o teatro, os livros. Também rechaçou o convite para jantar com uns amigos de toda a vida.

-Poderia tratar-se de algum amigo em apuros?

-Não. -Lady Byam não se incomodou em elaborar a resposta. Possivelmente era consciente de que Drummond lhe estava fazendo perguntas simplesmente para atrasar o momento. -Não- repetiu, com tom mais suave, sem levantar a vista do chão. -Conheço-o bem. Não reagiria assim ante um problema dessa índole-. Mordeu o lábio. -Com isso não quero dizer que seja indiferente ao sofrimento de seus amigos, mas é um homem firme. Essa classe de problemas não o afetariam até o ponto de...- Levantou ligeiramente os ombros. Era mais magra e frágil do que Drummond tinha observado até agora. -Até o ponto de que o medo o impedisse de atuar. Você não lhe viu o rosto.

-Nesse caso devemos supor que ocorreu algo que ele sabe e nós não- reconheceu Drummond por fim. -Ou pelo menos acredita que ocorreu, e se nega a contar-lhe. Está certa de que quer sabê-lo?

Lady Byam fechou os olhos.

-Estou assustada. Acredito que tenho uma idéia do que pode ser. É uma hipótese aterradora...

-O que?

-Que alguém tenha encontrado a carta e os registros dos pagamentos entregues ao Weems e que essa pessoa esteja agora tentando fazer chantagem a Sholto. Provavelmente seja a pessoa que matou ao Weems, a menos que alguém chegasse quando este já estava morto e antes que a polícia encontrasse o cadáver.

Lady Byam o olhou dominada pelo medo e a dor.

Drummond ansiou poder lhe oferecer consolo, algo que mitigasse sua angústia ou, pelo menos, recordasse-lhe que não estava sozinha. Sabia por experiência que a solidão

intensificava a dor. Mas não sabia de nenhum consolo prático, nada que pudesse tirar veracidade ao que Eleanor havia dito. Por outro lado, o consolo pessoal estaria tão deslocado e provocaria nela tal sobressalto que só conseguiria aumentar sua desdita, e isso era a última coisa que Drummond desejava.

-Isso, pelo menos, demonstraria que é totalmente inocente- disse, agarrando-se a um último raio de esperança. -Se Pitt não consegue dar com o assassino, lorde Byam terá que contar sobre a segunda chantagem e delatar ao sujeito-. Inclinou-se para diante. -Além de tudo- disse com ardor, -o pior que este poderia fazer é publicar o assunto da morte da Laura Anstiss. Seria muito desagradável e possivelmente haveria alguns que culpassem a seu marido, mas também haveria outros que lhe dariam seu apoio. E estou certo de que seu marido está mantendo o assunto em segredo nem tanto por seu bem como pelo bem de lorde Anstiss. Seria um forte golpe para ele.

-Acredito que isso preocupa ao Sholto tanto como qualquer escândalo relacionado consigo mesmo- reconheceu lady Byam. -Sente grande admiração

pelo Frederick. Como já sabe, são amigos desde a juventude. Os velhos amigos

constituem um valor incalculável. Compartilharam muitas coisas, presenciaram como o tempo marcou-os e mudou-os, as esperanças feitas realidade e as esperanças frustradas, o esforço por materializar os sonhos, a dor ante os sonhos que se desmoronam-. Eleanor sorriu. -Se riram das mesmas coisas e desenvolveram um entendimento tácito porque levam muitos anos compartilhando. Conhecem o melhor e o pior do outro e não precisam dar-se explicações.

Drummond sentiu um abismo entre eles com uma intensidade tão dolorosa que foi incapaz de rir de si mesmo. Estava sendo excluído. Ele tinha um passado que ela desconhecia por completo: tudo o que a vida lhe tinha proporcionado até agora, os valores, os amores e as aflições, a morte da Catriona, suas filhas, tudo o que lhe era importante. Para a Eleanor ele não era mais que um policial.

E ela tinha uma vida que ele unicamente podia imaginar. Só conhecia uma mulher desesperada cuja única preocupação era ajudar a seu marido.

-Não estou de acordo- disse bruscamente, ouvindo como suas palavras saíam de sua boca enquanto seu cérebro lhe dizia que calasse. -Acredito que o importante é a qualidade da amizade, não a duração. Uma pessoa pode conhecer outra durante toda uma vida e não compartilhar com ela nem um só minuto de compreensão, ou tropeçar com uma pessoa estranha e compartilhar uma experiência tão formidável e profunda que não se possa descrever com palavras, e compreender quando seus olhares se encontram que ela

sente o mesmo.

Eleanor olhou-o, a princípio surpreendida e depois, à medida que sua mente assimilava a idéia, com admiração. Olharam-se fixamente por uns segundos, esquecendo-se da rua, do Weems e de seu assassino, inclusive da implicação de Byam. Só existiam os escassos metros quadrados da sala banhada pela luz ambarina que entrava pela janela, o sofá e as poltronas onde estavam sentados, e o vivo desenho do tapete.

Drummond percebeu o rosto da Eleanor de forma indelével, como se o tivesse gravado nas pálpebras, as finas sobrancelhas, os olhos firmes e cinzas, as longas pestanas, as diminutas rugas tecidas ao longo dos anos, a luz sobre o cabelo, a suavidade dos lábios.

-Talvez tenha razão- disse por fim. -É possível que confunda a familiaridade com a amizade.

Drummond estava confuso. Não sabia o que dizer. Quase tinha esquecido por que tinha falado de amizade. Tinha que ver com o Byam, sim, com o Byam e Anstiss, com a dor de expor ao Anstiss ao sofrimento de saber que a morte da Laura tinha sido um suicídio porque amava a outro homem.

-É horrível- disse. -Espero o hesite, trate-se de um velho amigo ou não. A amizade só intensificaria sua própria dor, não mudaria o sofrimento da outra pessoa.

-Do Frederick?- Lady Byam sorriu e olhou para outro lado. -Não, claro que não. Às vezes penso que Sholto protege muito ao Anstiss. Ainda se sente culpado pela morte de Laura e isso influi em seu comportamento-. Sorriu, mas era um sorriso triste e preocupado. -As dívidas de honra podem ter um efeito estranho sobre a pessoa, não lhe parece? Sobre tudo se não puderem satisfazer-se.

Drummond não disse nada, pois compreendeu pela expressão de seu rosto que não tinha terminado.

-Às vezes me pergunto- prosseguiu Eleanor –e se Frederick souber. É um companheiro excelente e muito divertido, mas nos momentos mais inesperados faz comentários extremamente cruéis que ferem profundamente ao Sholto. Logo a tensão passa e voltam a ser amigos da alma. Deu de ombros, como se considerasse absurda sua idéia. -Possivelmente só se deva a que Frederick seja menos sutil com as palavras. As pessoas que estão muito unidas cedo ou tarde acabam fazendo-se dano. Falamos com tanta facilidade que às vezes é inevitável ser um pouco torpe com as palavras ou lhes dar um significado errôneo. Eu mesma o faço às vezes, e logo me arrependo de ter sido tão estúpida.

Deteve-se, como se quisesse recuperar forças, e logo prosseguiu, com o olhar fixo na janela e nas árvores balançadas pela brisa do crepúsculo. -Se o que lhe tiver tão preocupado é a possibilidade de ferir Frederick, entendo-o. Mas pode ser que no final não tenha mais alternativa que delatar ao assassino do Weems e correr o risco de que este conte tudo no julgamento ou inclusive antes. Eu...- Encurvou as costas e apertou as mãos sobre seu suave vestido.

Drummond se inclinou instintivamente para ela e logo se deteve. Ignorava se Eleanor era consciente de sua presença.

-Pergunto-me se Sholto sabe quem foi- seguiu ela, -e se em lugar de tratar-se de um pobre devedor do Clerkenwell se trata de alguém a quem conhece, alguém a quem aprecia e não quer delatar. Isso explicaria sua angústia.- estremeceu. -Pobre Sholto. Que decisão tão difícil.-voltou-se para o

Drummond com os olhos muito abertos. -E se Weems fazia chantagem ao Sholto, provavelmente também o fazia a outras pessoas.

-Isso acreditam- respondeu ele, pensando no Addison Carswell.

Que forma tão triste e fútil de esbanjar a vida. E por que? Por um rosto bonito, por um corpo jovem, umas horas de desejo e sonhos que não vão durar.

Eleanor percebeu a angústia do Drummond e seu rosto se entristeceu.

-Sabe quem é? -sussurrou.

-Sei quem poderia ser.

A princípio ela havia dito "a possibilidade menos horrível". Nenhum dos dois tinha falado da mais horrível: que Byam tivesse matado ao Weems e que

fosse sua própria pessoa o que lhe tinha tão angustiado. Mas não o diria agora. Estava-se fazendo tarde. A luz começava a mudar, fazendo-se mais profunda, e

as sombras já cobriam o chão e subiam pela parede do fundo iluminando a tela da lareira. Drummond não queria que lady Byam partisse e por outro lado temia que se lhe oferecesse um refrigerio ela percebesse a hora e decidisse partir. Mas que mais podia lhe perguntar?

-Senhor Drummond...- Se voltou para ele enquanto se arrumava a saia.

-Não lhe ofereci nada- disse Drummond com um tom mais elevado de que pretendia.

-Não se incomode, por favor. Já tem feito bastante por mim me dedicando seu tempo e me recebendo a estas horas. Com certeza está cansado.

-Me permita que repare meu descuido.

-Asseguro-lhe que não é necessário. Foi muito paciente.

Drummond se levantou e puxou furiosamente a campainha.

-Fui terrivelmente negligente. Sim gosta de um refrigerio e é muito cedo para jantar.

Por favor, me permita expiar minha falta.

-Repito-lhe que não é necessário -disse ela com um sorriso, -mas se isso o faz sentir-se melhor, eu gostaria de uma xícara de chá.

-Excelente!- Drummond puxou de novo a campainha.

Goodall apareceu quase imediatamente.

-Chá.- lhe ordenou Drummond. -E algo...

-Sim, senhor.

O homem se retirou com semblante impassível.

Drummond retornou a seu assento enquanto procurava um tema de conversa.

A parte formal da visita tinha terminado e não tinha o mínimo desejo de prolongá-la. Queria saber coisas de Eleanor, mas seria uma grosseria lhe fazer perguntas diretas. Não se havia sentido tão incômodo com ninguém desde seus anos de solteiro, quando era um acanhado que nem sequer tinha baralhado a possibilidade de ingressar no corpo de polícia. Recordava os bailes e as festas em que se havia sentido coibido e desesperado por achar algo agradável que dizer.

Eleanor resgatou-o antes que o silêncio fosse muito opressivo. Para ela era fácil, pois sua relação com ele carecia de importância.

-Tem um salão muito agradável, senhor Drummond. Sempre viveu aqui?

-Não, não. Vivi no Kensington até que minha esposa faleceu.

-Sinto muito. Deve sentir muito sua falta.

-Passaram vários anos, mas as vezes ainda me aflige o silêncio e imagino como seriam as coisas se ela estivesse aqui- respondeu com sinceridade. -Ela estava...

Drummond olhou para Eleanor e só viu interesse em seu rosto. Tinha imaginado que não desejaria lhe falar da Catriona por considerá-lo uma deslealdade para com sua esposa, mas agora já não o sentia assim. De fato, era um ato muito natural.

-Estava cheia de vida. Olhava-me muito diretamente nos olhos.-Drummond sorriu. - Seu pai costumava lhe dizer que isso era impróprio de uma

mulher, mas para mim era um sinal de franqueza, de que todo lhe interessava e se negava a fingir o contrário. Gostava das cores vivas, como os vermelhos e os azuis intensos.- Sem pretendê-lo, seus olhos se posaram na tela da lareira decorada com perus



reais. -Recordo que em uma ocasião foi a um jantar com um vestido amarelo, tão forte que era o primeiro que se via ao entrar na sala.-Sorriu abertamente. Era muito mais fácil do que tinha imaginado. -Agora, quando recordo, compreendo que parecesse uma ostentação, mas essa não era a intenção de minha mulher. Simplesmente adorava essa cor e a fazia feliz contemplá-lo. Uma vez em casa nos rimos muito comentando o fato. Catriona adorava rir e desfrutava enormemente da vida.

-Um dom pouco comum e extremamente valioso- disse docemente Eleanor-. Grande parte de nossa felicidade se perde porque passamos muito tempo nos lamentando pelo passado e pensando no futuro, em lugar de nos concentrar no que nos oferece o presente. O dom de ser felizes é uma bênção. Tem alguma foto dela?

-Detestava as câmaras. Achava que só mostravam à pessoa por fora, e não gostava de seu próprio aspecto...

Eleanor olhou-o surpreendida.

-A mulher que me está descrevendo parece tão encantadora que a imaginei formosa.

-Catriona?- Drummond estava um pouco perplexo. -Era quando a conhecia. Tinha uns olhos lindos, muito escuros e grandes, e o cabelo brilhante, mas era uma mulher corpulenta. Depois do nascimento de nossas filhas ganhou ainda mais volume e nunca o perdeu. Acredito que ela era mais consciente disso que outros. Eu, certamente, não o era.

-Nesse caso, que importava?- disse Eleanor, tirando importância ao assunto. - Catriona é um nome incomum. Era escocesa?

-Sim, como meu pai. Eu nasci na Inglaterra.

Goodall retornou com uma bandeja de chá e sanduíches e a conversa se viu momentaneamente interrompida. Colocou as xícaras e partiu.

-Mas já falamos muito de mim- disse Drummond. Estava desejando saber coisas dela, mesmo que algumas lhe resultassem dolorosas: todo esse círculo de pessoas que conhecia e amava e no qual ele já não poderia penetrar quando o desgraçado caso se fechasse. -me fale de você, rogo.

Drummond esperava que lady Byam pusesse os reparos que ditava o decoro. Era uma reação automática nas mulheres implantada pela sociedade, e se alegrou quando Eleanor começou a falar com acanhamento, mas sem desculpas, como se desejasse que ele soubesse dela.

Tomou um pouco de chá.

-Meu pai era um homem de letras, um estudioso ao qual mal recordo.-

Esboçou um tênue sorriso provocado pela lembrança. -Morreu quando eu tinha nove anos e temo que lembro muito poucas coisas dele. Sempre tinha um livro aberto na mão e era muito avoado. Recordo-o como um homem magro e moreno que falava com voz muito baixa. Mas possivelmente não seja mais que a imagem que eu, de adulta, forjei-me a partir de uma foto que tinha minha mãe.

Drummond pensou nos apuros de uma viúva com uma filha que criar. Seu chá permanecia intacto.

-O que fizeram então?- perguntou. -Tinha família sua mãe?

-OH, sim. Meu avô era um arcediano e levava uma vida folgada. Minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu fomos viver com ele. Tinha uma casa de campo nos subúrbios de Bath com um jardim cheio de flores e uma horta onde

brincávamos.- Lady Byam tomou um pouco de chá e pegou um sanduíche. -Minha avó era bem estrita, embora às vezes lhe dava de nos mimar. Tinha-lhe um pouco de medo porque não conseguia averiguar que coisas lhe agradavam e que coisas lhe desgostavam, de modo que nunca sabia por onde ia sair. Agora, quando olho atrás, penso que provavelmente não tinha nada que ver comigo.- Sorriu e olhou fixamente ao Drummond. -Acho que as crianças se acreditam muito mais importantes do que em realidade são e assumem a culpa de coisas que não têm relação com elas. Não está de acordo?

Drummond nunca tinha pensado nisso. Suas filhas estavam casadas e não recordava ter falado com elas desse tema.

-Tenho certeza de que tem razão- mentiu sem vacilar. -Suas lembranças parecem muito claras.

-São. Foi uma época muito feliz de minha vida e acredito que inclusive então era consciente disso.- Sorriu e Drummond percebeu que tinha a mente muito longe.

-Acredito que era uma das coisas que mais gostei em Sholto quando o conheci- disse com naturalidade, como se Drummond fora um velho amigo.Finalmente ele bebeu um pouco de chá, principalmente para evitar olhar a Eleanor.

-Apreciava a beleza da terra- prosseguiu ela. -O sol na horta silenciosa

salpicando com sua luz os troncos das árvores e seus ramos em flor tão baixos que se enredavam com a erva. Meu avô sempre ordenava ao jardineiro que cuidasse das hortaliças, assim que o pobre homem nunca dispunha de tempo para podar as árvores. Tínhamos maçãs e ameixas para comer e dar de presente, embora não eram muito grandes. Geoffrey odiava o lugar. Dizia que era um desperdício,

-Quem era Geoffrey?

-Comprometi-me com ele quando tinha vinte e um anos. Era dragão. Naquela época o achava muito bonito.- Eleanor riu de si mesma. -Mas agora penso que em realidade era um pomposo e um presunçoso.

-Deixou-o por lorde Byam?- Drummond se deu conta de seu atrevimento muito tarde.

-OH, não! Meu avô se inteirou de que Geoffrey flertava com uma jovem de reputação duvidosa, de modo que decidiu que não podia me casar com ele e rompeu o compromisso. Mais tarde me contaram que se casou com a filha de um visconde.

Eleanor riu e Drummond compreendeu que a ferida tinha cicatrizado muito tempo atrás.

-Depois minha mãe morreu e me vi levando a casa e cuidando de meu avô.- prosseguiu. -Então já era bispo. Minha irmã morreu ao dar a luz e meu irmão perdeu uma perna no motim índio de cinqüenta e oito. Pouco depois conheci o Sholto e nos comprometemos em seguida. Meu avô gostava dele o que facilitou muito as coisas. Além disso, Sholto tinha uma conduta irreprochável e uma reputação irrepreensível. Meu avô se assegurou de fazer as indagações pertinentes. Eu estava tremendamente envergonhada, mas o pobre Sholto o suportou com um humor excelente. Teria amado-o já só por isso. Além disso, possuía um grande senso de humor, por isso sua companhia era tão agradável. A pessoa que é capaz de rir de si mesmo poucas vezes é insuportável, não acha? Às vezes tenho a sensação de que o senso de humor está estreitamente ligado com o sentido da medida. Você não?

-Sim- concordou rapidamente Drummond. -Quando o sentido da medida se vê ofendido é quando nos damos conta de seu lado absurdo. E seja a situação desagradável ou divertida, em ambos os casos sabemos que não devemos passar por alto. Não é possível sentir-se intimidado por algo que percebemos como absurdo, de modo que possivelmente também guarde uma relação com a coragem.

-Coragem?- Eleanor arqueou as sobrancelhas. -Não tinha pensado nisso. E falando de coragem, senhor Drummond, agradeço-lhe enormemente sua amabilidade e sua paciência para comigo e meu marido. Não deveria esgotá-la abusando de sua hospitalidade. Está escurecendo, de modo que será melhor que retorne a casa antes de provocar comentários. Seria uma forma muito desafortunada de corresponder a sua generosidade.

-Não se preocupe, rogo. Farei quanto esteja em minha mão.

-Sei.

-Pitt é um homem excelente, às vezes inclusive brilhante.

Eleanor esboçou um sorriso aberto e generoso, como se de repente todos seus medos se esumassem, embora Drummond sabia que isso era impossível.

-Obrigado. Sei que o assunto não poderia estar em melhores mãos.

Levantaram-se e Drummond alcançou o xale para lhe cobrir os ombros. Ela aceitou o gesto e, depois de uma leve hesitação, pôs-se a andar para a porta. Ele se adiantou para abri-la. Estendeu-lhe uma mão e logo partiu deixando ao Drummond no vestíbulo com um Goodall tão surpreso como lhe permitia seu posto.

-Uma dama muito distinta- disse desnecessariamente Drummond.

-Sim, senhor- respondeu, imperturbável, Goodall.

-Esta noite jantarei tarde- replicou Drummond, irritado com o Goodall e consigo mesmo.

-Muito bem, senhor.

Na manhã seguinte, Drummond partiu para o Bow Street invadido por um júbilo inexplicável que não analisou por medo a descobrir que o motivo era absurdo e a que explodisse a borbulha de bem-estar que cantarolava em seu interior. Caminhava sob o sol balançando a bengala e com o chapéu um pouco mais inclinado do que o normal, fazendo caso omissso do menino dos jornais que apregoava o último escândalo e de dois carreteiros que discutiam a gritos enquanto tentavam dirigir os cavalos, um para dobrar a esquina, o outro para entrar em um solar a fim de descarregar sua mercadoria. Até a melodia do realenjo tinha essa manhã um som agradável.

Tomou uma carruagem no Piccadilly e desceu no Bow Street. Seu bom humor obteve um triste recebimento quando viu o rosto do sargento da recepção. Sabia que chegava tarde, mas estava em seu direito e isso não devia ser causa de comentários e ainda menos de alarme. Talvez houvesse notícias desagradáveis sobre o caso Weems.

-O que ocorre?- perguntou bruscamente.

-O senhor Urban deseja vê-lo, senhor- respondeu o sargento. -Ignoro o motivo.

-Está o senhor Pitt?

-Não, senhor, mas se quiser podemos lhe enviar uma mensagem. Acredito que está no Clerkenwell. Ultimamente trabalha ali.

-Não é preciso. Era só curiosidade. Envie Urban a meu escritório.

-Sim, senhor.

Apenas se tinha sentado frente a sua mesa quando bateram na porta e Urban entrou, pálido e aparentemente zangado. Drummond nunca lhe tinha visto tão tenso no pouco tempo que levava no Bow Street.

-O que ocorre?

O inspetor tinha o rosto contraído e o cabelo desordenado.

-Acabam de me comunicar, senhor, que o diretor da Promotoria tem escrito ao chefe de polícia para lhe perguntar se os agentes Crombie e Allardyce cometeram perjúrio quando declararam contra Horatio Osmar no caso de conduta indecente, senhor.

-O que?- exclamou Drummond. Tinha esperado algo relacionado com o caso Weems, como a implicação de um novo personagem público ou, pior ainda, de outro membro da polícia. -Isso é absurdo!

-Sei, senhor.- Urban não alterou sua expressão. -Era uma carta formal, sem explicações. O diretor da Promotoria parece estar tomando o assunto muito a sério. Temos que dar uma resposta oficial, senhor, e logo suponho que abrirão uma investigação e, possivelmente, um expediente.

Drummond levou as mãos ao rosto.

-Se não fosse porque está ocorrendo, teria muitos problemas para acreditar. Que demônios se se acha esse homem?- Olhou ao Urban. -Está seguro de que Crombie e Allardyce não se precipitaram em suas conclusões?

-Totalmente, senhor- respondeu Urban sem vacilar. Falei com eles. Estão certos de que Osmar tinha as calças desabotoadas e ela a blusa aberta em frente, e que estavam tocando-se de uma forma que podia ofender às pessoas que passavam diante.

-É uma pena que a ninguém lhe ocorresse interrogar ao tipo que trouxe a maleta. Poderia ter corroborado a declaração dos agentes.

-Ou não.

-Nesse caso, teríamos retirado a denúncia- respondeu mal-humoradamente Drummond. -De acordo, farei-me responsável pelo assunto. Você esteve comprometido desde o começo, assim é preferível que se retire. Encarregarei-me de que enviem a alguém de outra delegacia de polícia.

-De acordo, senhor.

Urban ainda parecia zangado, mas aceitou o inevitável.

-Maldito seja!- exclamou Drummond quando o inspetor partiu. Por que desprezavam o tempo de homens competentes em assuntos tão absurdos quando havia crimes terríveis

que resolver e uma violência crescente que controlar? Este ano, por fortuna, não tinha ocorrido nada comparável ao horror e o pânico gerados pelos distúrbios da praça do Trafalgar de dois anos atrás e

conhecidos como O Domingo Sangrento. Contudo, ainda corriam rumores sobre a existência de anarquistas e traidores.

Drummond tratou de recordar quanto sabia do Horatio Osmar, embora não era muito. Sua carreira como subsecretário do governo tinha passado despercebida. Poucas vezes se relacionava seu nome com decisões legislativas importantes, e inclusive então unicamente como defensor ou adversário, nunca como inovador. Em realidade era um presunçoso ao qual só lhe interessava viver bem.

Como demônios pôde pensar que ia fazer o que queria? Que fazia o ministro do Interior envenenando ao diretor da promotoria e ao chefe da polícia e tentando provocar um escândalo de perjúrio policial? Por que fazia caso ao Osmar? A maioria da gente se declarava instintivamente inocente. E essa gente não conseguia chegar até onde tinha chegado Osmar. Por que ele sim? O que pensaria Eleanor Byam se soubesse que em lugar de investir seu tempo em perseguir o assassino do William Weems, tal como lhe tinha prometido, empregava-o em tentar averiguar, apesar de não existir dúvidas a respeito, se

dois de seus agentes tinham visto um ex-subsecretário do governo comportar-se indecentemente no banco de um parque ou se o homem simplesmente tentava abrir o medalhão que a jovem tinha pendurado do pescoço?

Byam tinha pedido ao Drummond que lhe ajudasse ante uma possível acusação de assassinato. Osmar tinha pedido ajuda ao diretor da promotoria em um caso de escândalo público. Tinha-o feito do mesmo modo, em nome da mesma irmandade?

Sentiu um calafrio. Para que lhe estavam utilizando? Tinha dado por sensato que Osmar era culpado, do mesmo modo que tinha dado por sensato que Byam não o era. Em sua opinião, o uso que fazia Osmar de sua influência era imoral. Ele, em troca, achava estar ajudando a um irmão que se achava em graves apuros.

Mas que mais fazia o Círculo Interno? Só conhecia dois casos. Do que tratavam outros? Quem decidia o que era imoral e que não? E quem estava na medula de tudo isto?

Pouco antes das três da tarde bateram de novo me seu escritório e, depois de dar sua permissão, entrou um homem de uns trinta e oito anos e beleza pouco usual. Seu rosto era comum, o nariz muito descarnado e proeminente, os olhos grandes, o cabelo fino

e espesso sobre uma boa testa e faces escassas. Era sua boca o que destacava, seus lábios delicados e sensuais que ao sorrir adquiriam um encanto extraordinário. Drummond em seguida receou desse rosto, e entretanto queria que lhe agradasse. Queria que fosse um rosto robusto, com esses ossos tão proeminentes, mas algo em seu equilíbrio o fazia duvidar.

-Sou o inspetor Latimer.- disse o homem. -Me enviaram a Scotland Yard para investigar o desventurado assunto dos agentes que dizem ter visto o Horatio Osmar comportando-se de forma indecente no banco de um parque.

-Latimer?- disse Drummond, preso de um calafrio. -Clarence Latimer?

-Assim é. Conhece-me?

Drummond engoliu em seco e se obrigou a sorrir.

-Só de ouvir- respondeu, e deu de ombros. -Se meus agentes assegurarem que o viram atuar desse modo, acredito neles - disse em tom ligeiramente afiado.-São homens de toda confiança e jamais afirmaram ter visto algo que não tinham visto.

-Pessoalmente não o duvido,- concordou Latimer, -mas oficialmente não fica mais remédio que investigar. O primeiro que farei será falar com eles. encontram-se na delegacia de polícia?

-Sim.- Drummond só era capaz de pensar no Pitt. Seu pior temor com respeito à lista do Weems acabava de materializar-se. -Estávamos esperando-o. Pode vê-los assim que o deseje, embora duvide que lhe digam algo novo.

-E eu, mas devo interrogá-los.- Latimer deu de ombros. -Quem sabe, poderiam mencionar algum detalhe que decantasse a balança para um lado ou outro. Depois eu gostaria de falar com a jovem. Como se chama?

-Beulah Giles.

-Isso. Poderia enviar a alguém a procurá-la?

-Certamente.

-Estupendo. Conforme me contaram, ninguém a interrogou ainda. É assim?

Drummond se esforçou por concentrar-se no caso.

-Sim. O magistrado a absolveu antes de que a moça subisse a declarar.

-Que lástima. Poderia ter esclarecido coisas.

-Exato, e provavelmente por isso não a chamaram- respondeu mordazmente Drummond.

Latimer lhe dedicou um amplo sorriso.

-Com certeza- disse, e partiu.

Drummond escreveu em uma folha o nome de Clarence Latimer, sua classe e seu paradeiro. Guardou-a em um envelope e a deu ao sargento de recepção para que o entregasse ao Pitt assim que chegasse.

Às quatro freou diante da delegacia de polícia um cabriolé que transportava à senhorita Beulah Giles. A jovem usava essa tarde um vestido estampado com um decote grandemente mais baixo que o do dia do julgamento. Já então as salas da delegacia de polícia do Bow Street estavam ocupadas por três assaltantes, um ladrão de carteira e seu cúmplice pilhados com as mãos na massa e um homem acusado de organizar uma briga ilegal de galos. Não ficava nenhum quarto disponível para interrogar à senhorita Giles e Latimer se negava a ficar esperando até que ficasse um livre. Decidiu que o melhor seria levá-la a Scotland Yard, onde dispunha de um escritório próprio e contaria com um entorno mais tranqüilo para levar a cabo o interrogatório. Nesse momento ninguém deu mais importância ao assunto.

Quando Pitt chegou ao Bow Street depois de uma penosa manhã no Clerkenwell, em seguida recebeu a nota do Drummond. Ao lê-la sentiu um nó no estômago, embora a notícia não o surpreendesse. Sempre tinha sabido que existia um Latimer na Scotland Yard, embora ignorava o nome de batismo. Agora não ficava mais remédio que investigá-lo.

Começou por sua casa, como tinha feito com outros. Sabia pela lista onde vivia, o problema estava em dar com uma desculpa que justificasse sua visita. A posição de Latimer era superior a de Pitt. Se agisse de forma torpe ou ofensiva, poderia achar-se em uma situação desagradável. Cedo ou tarde descobririam sua duplicidade, a menos que tivesse muita sorte e achasse provas que descartassem ao Latimer. A única opção que ficava era dizer uma grande parte da verdade deformando um pouco seu papel no caso.

Finalmente chegou ao Beaufort Gardens, no Knightsbridge, um bairro residencial e tranqüilo onde as criadas vestidas com vestidos de algodão e aventais engomados se preparavam para receber às visitas e as babás passeavam as crianças. As meninas, preciosas e tranqüilas, vestiam aventais brancos com babados. Os meninos, com seus trajes dê marinheiro, davam saltos, desejosos de poder pôr-se a correr.

Um peixeiro empurrava sua carreta assobiando alegremente enquanto um carteiro passava com a terceira remessa de correio. Pitt cruzou a rua justo antes de que um landó dobrasse a esquina transportando a uma dama que ia de visita uma casa em um bairro ainda mais elegante. O cocheiro e o lacaio vestiam jaqueta, colete com listas, cartola com distintivo de couro e botas lustrosas. Um cão dálmata que trazia uma lustrosa



insígnia de bronze seguia-os ao trote.

Pitt sorriu com tristeza.

Ao delegado Latimer tinham que ir muito bem as coisas para viver nesse bairro.

Havia a possibilidade, não obstante, de que tivesse herdado ou de que sua esposa fosse uma mulher enriquecida. Pitt devia averiguá-lo. As perguntas feitas na delegacia de polícia do Bow Street não tinham contribuído com nada interessante, o que era compreensível tendo em conta que Latimer trabalhava na Scotland Yard.

Tocou a campainha do número 43 e uma criada uniformizada abriu a porta. Pitt deduziu que era a criada porque atrás da mesa aparecia um espanador, como se tivesse deslocado a ocultá-lo a fim de trocar de papel e atender a porta. O de talhe, embora insignificante, indicava que à senhora Latimer importavam muito as aparências. Vivia em uma rua onde a maioria da gente podia permitir uma copeira, mas ela não.

-Que deseja, senhor?- perguntou cortesmente a criada.

Não aparentava mais de dezessete ou dezoito anos, mas provavelmente levava na casa quatro ou cinco e conhecia bem seu trabalho.

-Bom dia- respondeu o inspetor com formalidade. -Me chamo Pitt. Lamento incomodar à senhora Latimer em hora tão cedo, mas há um assunto de que preciso lhe falar. Importaria-se lhe anunciar minha presença?- Tirou seu cartão, em que tinha acrescentado à mão sua classe.

A moça avermelhou ao dar-se conta de que tinha esquecido agarrar a bandeja de prata onde as visitas depositavam seus cartões, pois não tinha esperado visitantes até meia hora mais tarde. A gente educada, e os amigos da senhora Latimer o eram, sabiam a que hora precisa podiam bater em uma casa. Agarrou o cartão.

-Muito bem, senhor. Rogo-lhe que espere aqui enquanto anuncio à senhora Latimer sua visita- disse com tom de desaprovação.

-De acordo.

Das duas uma: ou não havia sala para as visitas ou não estava disponível.

A moça se afastou e Pitt examinou o vestíbulo. Arquitetonicamente era espaçoso mas estava abarrotado de móveis e quadros. Da parede pendia a cabeça de um cervo. Sobre uma mesa descansava, à direita, uma urna de cristal com um arminho dissecado e, à esquerda, outra urna com dois pássaros também dissecados. Por último, havia um enorme cabide e uma magnífica mesa lavrada com espelho. Os tapetes também eram magníficos e estavam em bom estado. Não podiam ter mais de um ou dois anos.

Estava toda a casa tão exquisitamente decorada ou só a parte destinada às visitas?

Sabia por experiência que os vestíbulos e os salões mostravam como as pessoas desejavam ser percebidas, não a realidade.

A senhora Latimer apareceu na escada e Pitt reparou nela muito antes de que chegasse abaixo. Era uma mulher esbelta, com um cabelo tão loiro que quase parecia possuir luz própria. Sua pele, de uma palidez incomum, era tão impecável como a de um menino. Seus enormes olhos e suas sobrancelhas claras lhe davam um ar de inocência que surpreendia em uma mulher adulta, e Pitt pensou que as frases que tinha planejado dizer seriam muito bruscas e mundanas para uma criatura tão etérea.

A mulher se deteve a certa distância dele. Tinha um vestido de musselina em tons lilás e azuis sobre fundo branco. Era muito elegante e, em opinião de Pitt, pouco prático, desenhado unicamente para ser contemplado, como se a criatura que o usasse não fosse de todo humana. Ele preferia às mulheres de carne e osso.

-Bom dia, senhora Latimer. Lamento incomodá-la a estas horas e sem prévio aviso- começou, -mas o assunto que me traz é urgente e deve ser tratado com discrição.

-Seriamente?- disse a mulher com um interesse cortês.

Pitt percebeu em sua voz uma doçura deliberada. Os olhos lhe brilhavam e se perguntou se era um fulgor de inteligência ou um reflexo da luz.

-Me acompanhe ao salão e me conte do que se trata- disse. -A criada me disse que é policial.

-Assim é, senhora. Trabalho na delegacia de polícia do Bow Street.

-Nesse caso, não entendo por que recorre a nós.- Caminhava com elegância e segurança. Se estava assustada, dissimulava-o muito bem. -Não pertencemos a seu distrito, e meu marido, como bem saberá, é delegado da Scotland Yard.

-Sei, senhora, e não estou aqui por um delito cometido em seu distrito.

A mulher abriu as portas do salão e Pitt a seguiu. A sala era tão impressionante como o vestíbulo. Cortinas exuberantes e larguíssimas flanqueavam janelas georgianas que davam a um jardimzinho repleto de árvores. O tamanho ficava oculto por uma frondosidade que criava um baile contínuo de luzes e sombras. Ela concedeu a Pitt uns instantes para apreciar o resto da estadia e logo lhe convidou a sentar-se. O mobiliário era um pouco ostentoso para o gosto do Pitt, mas extremamente cômodo. Os tapetes não estavam desgastados, como tampouco o estava o estofado das poltronas e as toalhinhas. Havia adornos de flores secas, mais urnas com pássaros dissecados e fotografias em molduras de prata. Os quadros das paredes eram grandes, e vistosos, mas Pitt se percebeu que tinham pouco valor.

A senhora Latimer parecia muito agradada pelo interesse que mostrava aquele policial por sua casa, que interpretou como admiração, de modo que lhe deixou fazer.

Depois da prolongada contemplação, Pitt se sentiu obrigado a dizer algo cortês.

-Tem um salão muito bonito, senhora Latimer.

Ela sorriu, segura de que a admiração do Pitt encerrava um pingo de inveja. Sabia, pelo cartão, que não era mais que um inspetor.

-Obrigada. E agora me diga do que trata esse assunto no que acredita que posso ajudá-lo.

Estava-se mostrando mais formal do que o previsto. Seu ar pueril podia dever-se a um truque da maquiagem ou a uma arte que ela gostava de praticar, mas estava claro que não fazia parte de uma natureza indecisa ou tímida.

Pitt pôs-se a relatar a história que tinha preparada.

-Uma pessoa indesejável se empenhou em pôr em tecido de julgamento a reputação de alguns homens importantes de Londres.- Era verdade, independentemente de que fosse ou não Weems.

A mulher olhava-o impassível. O tema ainda não lhe afetava e o que ocorresse a demais pessoas trazia sem cuidado.

-O homem mencionou assuntos financeiros de natureza duvidosa- prosseguiu. - Dívida, usura e fraude.

-Que desagradável- comentou ela. -Não poderia acusá-lo de difamação para silenciá-lo? É um delito falar mal da gente do modo que você sugere.

-Por desgracia, não podemos.- esforçou-se por não sorrir.

-Se esse homem, quem quer que seja, difamou a gente importante, senhor Pitt, não pode estar por cima da lei- respondeu a senhora Latimer com uma paciência ligeiramente condescendente.

-Está morto- respondeu Pitt com satisfação. -Não podemos obrigá-lo a que explique ou negue suas acusações e peça desculpas.

A mulher parecia confusa.

-Que melhor silenciador que esse?

-Sei, senhora, mas as acusações estão aí, e a menos que se demonstre que são falsas, a calúnia permanece. Devo achar uma forma de demonstrar que são infundadas e maliciosas, mas devo fazê-lo com a máxima discrição e sem difundi-las pelo só fato de tentar provar sua falsidade.

Seus olhos azuis se abriram com surpresa.

-Mas por que, se o difamador está morto?

-Porque há gente que conhece as acusações e o rumor poderia estender-se. Estou certo de que compreende o prejuízo que suporia para as vítimas.

-Suponho que sim, mas não compreendo por que veio a mim. Pode ter certeza de que eu não comentaria um rumor malicioso, caso o tivesse ouvido.

-Um dos nomes mencionados por essa pessoa é o de seu marido.- Pitt observou atentamente o rosto da senhora Latimer, mas só leu incompreensão.

-Meu marido? Tem certeza?

-Totalmente. Também aparece o endereço.

-Mas meu marido é membro da polícia, como já sabe.

Olhou ao Pitt como se duvidasse de sua inteligência.

-Nem todo mundo acredita que a polícia está por cima da tentação ou da fraqueza senhora Latimer, e contra essa gente devemos nos proteger. Por isso vim. Dispõe seu marido de ganhos privados? Alguma herança?

-Não.- Havia desprezo em seu rosto. -Os delegados ganham um salário elevado, senhor Pitt. Possivelmente você não seja consciente disso...- A rabugice da pergunta a tinha ofendido e desorientado. As mulheres não falavam de dinheiro.

Pitt tinha previsto lhe perguntar se sabia se seu marido havia pedido alguma vez dinheiro emprestado, embora só fora brevemente, para fazer frente a algum gasto inesperado, mas o rosto da senhora Latimer fez ele abandonar a idéia. Seu marido jamais lhe teria falado de algo tão mundano ou desagradável como um problema econômico. Simplesmente teria dirigido o assunto só, como melhor lhe tivesse parecido, e depois lhe teria mostrado o resultado. Pitt tinha visto firmeza nos olhos da senhora Latimer. Apesar dessa feminilidade cuidadosamente cultivada, não era uma estúpida. Provavelmente possuía uma grande determinação e uma aguda percepção social, mas parecia carecer por completo de imaginação. A decoração do salão era uma amostra disso, como também suas respostas aos posteriores comentários do Pitt.

-Sei, senhora. Mas este homem assegura por escrito que tinha emprestado ao delegado Latimer importantes somas de dinheiro. É meu trabalho demonstrar que essa afirmação é falsa.

Ela piscou.

-O que tem que mau em pedir dinheiro emprestado se logo se devolve?

-Nada. Só é delito quando não pode devolver-se, e isso é o que sugere esse homem, entre outras coisas.

-Que coisas, senhor Pitt?

Ele não esperava que a mulher seguisse por aí, só que negasse o da dívida. Tinha razão, debaixo desse cabelo loiro e dessa pele rosada havia uma mulher de aço.

-Chantagem, senhora Latimer.

Isso sim a sobressaltou. Seus olhos se abriram um pouco mais e debaixo de sua conduta afetada, sua concentração se aguçou.

-Será melhor que fale disso com meu marido. Pelo que vejo, não só estamos falando de uma acusação maliciosa, mas sim de um delito.

-O delito está sendo investigado. O que me interessa é refutar as acusações. A reputação da polícia se viu seriamente prejudicada este ano. É de vital importância que a protejamos. Agradeceria-lhe profundamente sua ajuda.

-Ignoro o que posso fazer eu.

-Poderia falar com seus criados?- Pitt queria ver o resto da casa para avaliar a situação econômica dos Latimer.

-Se acreditar que pode servir de algo- cedeu ela com relutância. -Embora não imagino como.

-Obrigado, é muito amável.

Ele se levantou e ela fez outro tanto. Puxou a campainha e quando a criada apareceu, deu-lhe as instruções necessárias e se despediu.

Pitt passou a seguinte hora formulando aos criados pergunta absurdas sobre as visitas que recebiam os Latimer, o qual lhe permitiu ver quase todo o resto da casa. Seus temores se viram confirmados. O dinheiro se investira nas estadias principais. Os aposentos privados, aqueles vetados às visitas, estavam decorados com móveis velhos e estragados, tapetes gastos, abajures e poltronas com orlas desfiadas, paredes cujo papel estava descolorido por causa do sol, cortinas muito curtas e sem forrar. O serviço doméstico era o mínimo necessário para manter uma casa dessas características. Quando os Latimer ofereciam jantares, que era freqüentemente, contratavam criados e alugavam a baixela, as taças e o faqueiro.

Pitt partiu ao entardecer com o ânimo abatido. Ao que parecia a senhora Latimer era uma mulher com elevadas ambições sociais e uma forte determinação. De fato, Pitt teve que sair pela porta de serviço para evitar às visitas que nesse momento chegavam pela entrada principal.

Possivelmente Latimer tivesse as mesmas ambições, mas independentemente de quais fossem seus desejos, parecia disposto a chegar até o limite e inclusive ultrapassá-lo.

Talvez tivesse pedido dinheiro ao Weems para celebrar essa festa de mais, alimentar a seus convidados com o melhor e impressionar as pessoas devidas. Mas como esperava devolvê-lo? Tinha um salário fixo.

Pitt, naturalmente, incomodou-se em averiguar quanto ganhava um delegado. Custava-lhe acreditar que com isso se pudesse manter uma casa como a do Beaufort Gardens, por muito que se economizasse na cozinha, nos dormitórios e nas dependências do serviço. Nisso pensava quando retornou ao Bow Street abafado pela angústia, a preocupação constante, o temor à carta, à chamada na porta, a sensação de que tudo era temporário, sempre arranhando um bolso para pagar outro, sempre fazendo malabarismos, pensando, enganando, cobrindo uma mentira com outra.

Não tinha sentido falar com o Latimer pessoalmente. Se era falso, não poderia prová-lo, se era verdade, negaria-o. Necessitava provas. Pode ser que Latimer não matasse ao Weems, mas isso só constituía uma parte da questão, e neste momento não era a parte que mais preocupava ao Pitt. Deixando a um lado o assassinato do Weems, devia averiguar como esperava Latimer conseguir o dinheiro para devolver os empréstimos. Devia averiguar se pensava obter-lo de uma forma honrada, embora ao Pitt não lhe ocorria nenhuma.

Teria que pedir ao Drummond uma autorização para examinar os casos do Latimer. Estes se achavam na Scotland Yard, por isso seria preciso muitas explicações antes de que um inspetor de outra delegacia de polícia obtivesse a permissão para consultá-los.

Passou muitos dias confinado em um quartinho, sentado sobre uma cadeira de espaldar duro frente a uma mesa de madeira coberta de papéis. Um a um, foi examinando casos e mais casos de violência, avareza e fraude. Latimer tinha trabalhado em uma extensa gama de delitos, desde o assassinato e o incêndio doloso até a fraude organizada e a malversação de recursos a grande escala. Era um triste catálogo de conduta, mas provavelmente não mais triste do que Pitt acharia nos arquivos de um policial de posição similar em uma cidade do tamanho de Londres, a maior do mundo, o centro de um império que circundava a terra, a capital financeira, o coração industrial e comercial, o porto mais transitado, o eixo do transporte e comunicações, o pináculo social.

Deixou a um lado os casos que Latimer tinha dirigido conjuntamente com outros agentes e cujos resultados eram os que qualquer pessoa perita teria esperado. Também deixou a um lado os casos que contavam com provas contundentes e que culminavam com a detenção e a condenação de um delinqüente conhecido.

Leu e releu aqueles que terminavam com a absolvição do acusado, mas não achou nada estranho nem inexplicável. Cansado, com os olhos doloridos e farto de passar os dias encerrado entre papéis, concentrou-se nos casos não resolvidos. Havia três assassinatos ocorridos nos últimos cinco anos. A julgar pelas provas e as declarações, Pitt se disse que ele teria agido exatamente como Latimer. Nnimou-se ligeiramente. Talvez só se achava ante o caso de um homem que, apaixonado por uma esposa formosa e socialmente ambiciosa, tinha gasto mais da conta para tê-la contente.

Contudo, não havia motivos para supor que Carswell tinha pedido dinheiro emprestado e, em troca, os havia para acreditar que era vítima de uma chantagem. Existiam razões suficientes para pensar que Urban também o era. Lorde Byam o tinha confessado desde o começo. Significava isso que Latimer, o terceiro homem da lista, não era mais que um observador inocente?

Pertencia ao Círculo Interno? Era, certamente, a classe de homem que ingressaria em uma coisa assim: jovem, ambicioso e com aspirações sociais. Pitt saiu ao calor do meio-dia para almoçar. Sentou-se em uma taverna buliçosa, frente a um grosso sanduíche e um copo de cidra, e contemplou os rostos dos homens que iam e vinham reconhecendo-se uns aos outros, intercambiando sussurros e gestos com a cabeça ou fazendo entendimentos velozes e furtivos.

Tinha sentido recorrer a seus informantes do submundo? O Círculo Interno não era formado por trombadinhas, falsificadores, ladrões de carteira, receptadores e fanfarrões, mas sim por peritos em fraudes comerciais, advogados corruptos, homens que entregavam e aceitavam subornos, desfalcadores e malversadores a grande escala.

Olhou o rosto anguloso e matreiro do homem da mesa vizinha. Estava sujo e tinha os dentes estragados, as mãos gretadas e as unhas negras. Provavelmente roubava para fazer sua vida um pouco mais agradável. Certamente não se aproveitava das pessoas mais fracas e torpes que ele, e era muito possível que maltratasse a sua esposa, se tinha, ou a seus filhos.

Entretanto, para o Pitt constituía uma ofensa muito maior a dos homens ricos que, indiretamente, roubavam a pessoas desconhecidas para enriquecer-se ainda mais e corrompiam a outras para escapar das conseqüências.

Retornou a Scotland Yard e seu quartinho abarrotado de papéis e se concentrou nos delitos que envolviam a homens que se encaixavam como membros do Círculo Interno ou podiam ser de interesse para o mesmo.

Aqui, ao fim, achou o que estava temendo: investigações fechadas sem um motivo razoável, acusações que não progrediram mesmo que houvesse possibilidades de êxito, descuidos que eram suspeitos em um homem tão exigente como Latimer.

Cada resolução, tomada individualmente, poderia qualificar-se de um simples equívoco. Latimer não era mais infalível que outros homens e não seria justo esperar que jamais cometesse enganos. Podia, assim como outros, equivocar-se em suas hipóteses, sofrer uma fadiga excessiva, passar por cima uma conexão ou um elo na cadeia da prova, chegar a uma conclusão equivocada e ter seus preconceitos e suas debilidades. Não obstante esses mesmos casos, tomados conjuntamente, mostravam um padrão comum que, quanto mais o analisava, mais definido se tornava. Não havia forma de averiguar. A sociedade era secreta e severa o castigo por trair a um irmão. Isso havia dito Urban e em caso de ser certo, a lista do Weems o demonstrava. Pitt, entretanto, tinha a impressão de que todos os descuidos e os equívocos inexplicáveis do Latimer se produziam em casos que afetavam aos interesses do Círculo Interno, e que o delegado era um meio para os fins da irmandade.

Acaso se tinha produzido um delito muito ofensivo que Latimer se negara a ocultar? Acaso a irmandade lhe tinha castigado acrescentando seu nome à lista do Weems para que no final fosse descoberto afundo? Era um preço muito alto a pagar, e depois Latimer já não lhes seria de nenhuma utilidade. Pitt estremeceu. Os irmãos indecisos, conscientes do que significava trair ao Círculo Interno, reforçariam sua lealdade ao mesmo.

E Micah Drummond? Seu nome não aparecia na lista. Significava isso que alguma vez tinha desafiado-os? Prestou-se a ajudar ao Sholto Byam desde o primeiro momento, nada mais e nada menos que em um caso de assassinato.

Pitt sentiu náuseas. Apreciava ao Drummond e uma semana antes apostaria sua carreira que era um homem totalmente íntegro.

Possivelmente os ajudantes do Latimer sentiam o mesmo por seu superior.

Reordenou as pilhas de papéis, fechou a porta do escritório com chave e a entregou a um sargento.

-Encontra-se bem, senhor?- perguntou o homem. -Está muito pálido, se não lhe importar que o diga.

-Necessito um pouco de ar, isso é tudo- mentiu Pitt. Devia proteger sua informação. Não podia confiar em ninguém. -Odeio passar o dia lendo.

-Encontrou o que procurava?

-Não. Temo que estava seguindo uma pista equivocada. Terei que procurar em outro



lugar.

-Temo que para os detetives não existem atalhos- filosofou o sargento. -Antes queria ser detetive, mas agora já não estou tão seguro. Poderia averiguar muitas coisas que preferiria não saber.

-Certo- disse Pitt, e depois mudou de idéia. -Ou pode ser que não averiguasse nada.

-Só foi um mau dia, senhor. Possivelmente amanhã vá melhor.

-Possivelmente.

Pitt se obrigou a sorrir e lhe agradeceu antes de sair ao ar fresco da tarde. Cheirava a chuva. A brisa chegava do oeste do Canal, e transportava o som do rio dos moles. Ainda restavam algumas horas de luz e as pessoas passeavam de carruagem por Embankment. Um navio de recreio com bandeirinhas de vivas cores subia pelo rio em direção ao Windsor ou Richmond. Pitt podia ouvir as risadas dos passageiros. Perto da ponte do Westminster um realenjo tocava uma melodia popular e uma carreta escorada no outro lado do Embankment vendia bolos de caracóis e enguias.

Eram seis da tarde e Pitt estava preparado para voltar para casa e esquecer toda a miséria e corrupção que rodeava o caso Weems. Jantaria em sua cozinha, com Charlotte, e depois trabalharia um momento no jardim, provavelmente cortando a grama e arrancando ervas daninhas.

Esperaria a manhã para decidir o que ia dizer ao Drummond. Possivelmente então veria as coisas mais claras.

No final não choveu, só uma fina garoa que mal arqueou as pétalas das flores. Pitt ficou no jardim sentindo o frescor da água no rosto e admirando a luz que pouco a pouco se desvanecia no céu. Passou o dia encerrado em um quartinho e o odiava. Gostava de trabalhar com as mãos, e ver como o jardim embelezava com seus cuidados. Charlotte fazia as tarefas menos pesadas, como arrancar as cabeças mortas das rosas, e Gracie varria o caminho. Além disso, durante o dia tinham muito trabalho e a capinagem era, em qualquer caso, muito pesada para elas. Entrou em casa pouco depois das nove, pois o mau tempo tinha adiantado o anoitecer. Tirou a jaqueta molhada e as botas e se sentou em sua poltrona da sala, ignorando o fato de que as pernas das calças também estavam empapadas.

Charlotte, que se achava cerzindo um vestido da Jemima, abandonou a costura e inseriu a agulha em um lugar onde depois pudesse encontrar com facilidade.

-O que ocorre?- perguntou olhando a seu marido.

Pitt pensou por um momento em escapar à pergunta dando uma resposta corriqueira, mas em realidade desejava compartilhar o problema. Não queria tomar só a decisão e pelo menos em Charlotte podia confiar cegamente. Ao final passou a contar-lhe com palavras breves e dolorosas.

Escutou-o atentamente, com as mãos por uma vez quietas sobre o regaço.

-O que pensa dizer ao senhor Drummond?- perguntou quando Pitt terminou.

-Não sei.- Olhou a sua mulher procurando a certeza que lhe faltava. -Ignoro em que medida está comprometido nessa irmandade.

Ela refletiu uns instantes.

-Se não o diz significa que não confia nele.

-Não. O que acontece é que se tiver que continuar com o caso Weems, não quero pô-lo em uma situação em que tenha que desafiar ao Círculo Interno. Talvez Latimer não seja culpado de assassinato.

-Só de corrupção- respondeu Charlotte.

-Nem sequer estou certo disso. É só uma hipótese derivada dos informes dos casos. Possivelmente fossem meros enganos ou más interpretações. Se alguém examinasse meus casos certamente acharia muitos aspectos criticáveis, se for o que busca.

Charlotte poucas vezes se detinha pensar em detalhes como a arma, a oportunidade, as provas legistas, mas sabia muito de móveis, emoções, mentiras e todo o relacionado estritamente com a pessoa.

-Tolices- disse com um sorriso cheia de doçura e um olhar amável. -O delegado Latimer é um corrompido e teme que Drummond também o seja ou chegue a sê-lo. Entretanto não pode decidir por ele, Thomas, deve lhe dar a oportunidade de fazer o correto independentemente das conseqüências.

-As conseqüências podem ser muito desagradáveis,- Pitt se afundou na poltrona. -O Círculo Interno é secreto, poderoso e desumano.

-Admira-os?

-Não seja boba. Desprezo-os profundamente. São piores que os salteadores que matam na rua. Eles seduzem e corrompem mentes e convertem a homens ambiciosos e imprudentes em seres mentirosos e corruptores.

Pitt se deteve. A voz havia se tornado áspera e tinha as mãos presas aos joelhos por causa da veemência de seus sentimentos. Olhou a Charlotte e apreciou seu rosto com suma clareza sob a luz do abajur: suas maçãs do rosto altas, sua doce boca, os olhos fixos nele.

-Não acha que Micah Drummond também detestaria-os se compreendesse quem são em realidade? Pode ser que até os aborrecesse mais que você, pois também tentaram corromper a ele.

-Pode ser- disse Pitt.

-Nesse caso deveria lhe dar a oportunidade de enfrentá-los.- inclinou-se para diante. - Não pode protegê-lo nem acredito que deva tentá-lo. Eu não lhe agradeceria que me negasse a oportunidade de desculpar um engano que tivesse cometido.

Tomou uma mão.

-De acordo, não é preciso que procure mais razões. Entendi-o. Direi-lhe amanhã.

Ela levantou a outra mão e lhe acariciou o rosto docemente. Sorria e tinha o olhar brilhante. Não era preciso palavras.

Na manhã seguinte, entretanto, a intenção do Pitt se viu impedida por uma onda de indignação. Os jornais desfilavam pela delegacia de polícia do Bow Street e no vestíbulo e corredores só se ouviam gritos de raiva e irritação.

-É uma calúnia!- exclamou o sargento de recepção com o rosto avermelhado.

-Uma monstruosidade!- acrescentou acaloradamente um agente enquanto agitava o jornal frente a seu rosto. -Como conseguiram publicar semelhantes embustes?

-É uma conspiração!- disse outro agente. -Desde os assassinatos do Whitechapel nos perseguem como abutres!

-Não estranharia que fosse obra dos anarquistas- opinou o sargento da recepção.

-O que ocorre?- perguntou Pitt, arrebatando o diário a um agente.

-Olhe aí.- O agente apontou com o dedo indicador. -Leia.

"Brutalidade policial- leu Pitt. -A senhorita Beulah Giles, vítima da perseguição da polícia, foi ontem tirada a força de sua casa e conduzida a Scotland Yard, onde o delegado Latimer a interrogou em privado sem outra finalidade que tentar defender à polícia das acusações de perjúrio pelo caso do banco do parque."

Logo se falava, seguindo a mesma linha, da comoção e a consternação da inocente moça ao ver-se arrancada de seu lar e sua família para insultá-la e degradá-la com o fim desesperado de lhe fazer trocar sua declaração e incriminar a seu amigo.

Pitt pegou outro diário. O vocabulário variava ligeiramente, mas o significado era basicamente o mesmo. Beulah Giles tinha sido vítima da difamação e a intimidação policiais. As pessoas se elevariam para vingar semelhante atropelo. O que podia esperar-se deste novo corpo de polícia quando nem sequer uma senhorita estava livre de suas

agressões e abusos? Sua inteira existência deveria ficar em tecido de julgamento sem demora. Silenciosa e amargamente, Pitt blasfemou, algo muito estranho nele. Poucas vezes perdia o controle e ainda mais raramente utilizava palavras indecentes.

## Capítulo 8

---

No dia seguinte, quando Pitt partiu, Charlotte correu até sua escrivaninha, tirou pena e papel e escreveu:

*Querida Emily:*

*Confio em que tenha se restabelecido de tudo e que, por tal razão, não me necessite em seu próximo jantar. Entretanto, é de vital importância que eu vá a ele. Thomas me contou coisas de suma gravidade sobre seu caso atual e estou decidida a fazer o possível para ajudá-lo. Nunca o tinha visto tão angustiado e, por penosas razões, não tem ninguém a quem pedir ajuda.*

*Imagino que já haveria decidido a distribuição dos convidados na mesa, mas eu gostaria que a trocasse e me sentasse entre lorde Byam e Addison Carswell. Sei que representará um aborrecimento, mas me acredite, tenho muito boas razões para lhe pedir isso, pois os dois são vítimas de chantagem e suspeitos de assassinato. Sabe perfeitamente que não costumo exagerar sobre estas questões.*

*Contarei-lhe isso tudo quando nos virmos, mas será melhor que queime esta carta depois de havê-la lido.*

*Quero muito a você,  
sua querida irmã,  
Charlotte*

Introduziu a folha em um envelope, escreveu o endereço e lhe pôs um selo.

-Gracie- chamou.

Os pés da jovem ressoaram pelo corredor e sua cabeça apareceu pela porta.

-Senhora?

-Importaria-se levar esta carta ao correio? É muito urgente. Amanhã devo assistir a um jantar em casa da senhora Radley e é importante que me sente ao lado de certas pessoas, pois é possível que tenham cometido um assassinato... uma delas, quero dizer.

Qualquer outra criada teria desmaiado ao chegar a este ponto, mas Gracie estava mais que acostumada a este tipo de situações.

-Puxa, senhora!- disse com os olhos arregalados.

Charlotte sabia que Gracie estava desejando ajudar, mas ignorava que outra tarefa

lhe encomendar além da carta. Os juizes e os políticos não formavam parte de seu mundo. Provavelmente em sua vida nunca tinha visto um.

-A vítima era um agiota- acrescentou para suavizar o laconismo de suas instruções.

-Me alegro!- exclamou Gracie e em seguida avermelhou. -Sinto

muito, senhora, mas os agiotas são gente muito má. Uma vez lhe põem a mão em cima já não a soltam. Por muito pouco que lhes deva, nunca consegue-se devolver tudo. Mas, senhora, a gente que vai a casa da senhora Radley pede dinheiro aos agiotas?

-Não acredito, mas esse homem também era um chantagista. Não fale com ninguém disto. Seria muito perigoso que alguém pensasse que sabe algo. Cuidado com o que conta ao menino do açougueiro ou ao peixeiro.

Gracie olhou altivamente Á sua senhora.

-Jamais falo com os meninos dos recados a menos que queira lhes encarregar algo- disse. -Eu escuto para ver se posso ajudar em algo, pois esse é meu trabalho, mas nunca conto nada.

Charlotte sorriu.

-Sinto muito. Sei que não o faz. Só a avisava porque tenho esse costume.

Gracie a perdoou imediatamente, embora pegasse a carta ainda com certo orgulho, e instantes depois Charlotte ouviu a porta da rua.

Também falou com o Pitt essa mesma noite, depois de que chegasse a casa cansado, sufocado e faminto. Tratando de suavizar a situação, Charlotte simplesmente lhe contou que tinha intenção de ir ao jantar porque Byam e Carswell estariam ali. Tinha recebido a resposta de Emily em mão onde lhe comunicava que tinha trocado a distribuição dos convidados e que Charlotte se sentaria entre as duas pessoas que tinha solicitado. Não lhe mencionou as terríveis ameaças que a nota de Emily incluía se Charlotte se negava a lhe contar até o último detalhe do caso, fosse baseado ou infundado.

-Vá com cuidado- disse Pitt com o olhar afiado e a atenção acordada apesar do calor e da fadiga. -Se trata de gente muito poderosa. Não acredite que porque sempre se mostrem corteses de palavra também vão sê-lo de obra.

-Não se preocupe- respondeu Charlotte. -Me limitarei a escutar e observar.

-Ah! Quando o caso lhe interessa é incapaz de manter a boca fechada- respondeu ele com um sorriso. -E o mesmo acontece com Emily.

-Eu...- começou Charlotte, mas ao ver o olhar de seu marido decidiu calar. Pitt sabia perfeitamente que Emily, exigiria explicações e que Charlotte lhe contaria tudo o que sabia

entre forquilhas, anáguas e instruções a lacaios e criadas. –Não esquecerei que se trata de um assunto muito sério- foi quanto pôde dizer sem ser desonesta. Estendeu a seu marido um copo de limonada, que ainda se mantinha fresca apesar do calor, e uma parte de bolacha não muito grande para não lhe tirar o apetite do jantar. -Falou com o Drummond?

-Sim.- Pitt aceitou a limonada e a bolacha.

Charlotte olhou-o atentamente e reparou nas olheiras, as rugas causadas pelo cansaço e a tensão em torno da boca. Estendeu uma mão e lhe acariciou o cabelo. Necessitava desesperadamente de um corte. Beijou-o com doçura e não lhe perguntou sobre o Drummond.

Ele deixou a bolacha sobre a mesa, rodeou-a com os braços e a atraiu para si. Estavam de pé, ela com a cabeça sobre seu ombro, quando Jemima entrou e abraçou a seu pai sem saber por que. Simplesmente desejava ser incluída.

Na noite seguinte foi muito diferente. A carruagem de Emily recolheu a Charlotte muito cedo para que tivesse tempo de arrumar-se com a ajuda da criada de Emily e, o que era mais importante, para contar a sua irmã quanto sabia sobre o caso.

-Assim não sabe se lorde Byam o fez ou não!- exclamou Emily, aproveitando que a criada se ausentara temporariamente do aposento, enquanto dava os últimos retoques a seu cabelo.

-Não- reconheceu Charlotte. -Só temos sua palavra. Mas onde está a carta e os papéis que o incriminavam? Quem os tem agora?

-Caso alguma vez existissem- indicou Emily. -Mas se alguma vez existiram, por que lorde Byam atraiu a atenção do senhor Drummond solicitando sua ajuda? É possível que este assunto esteja relacionado com essa sociedade secreta e não tenha nada que ver com empréstimos e chantagens?

-Thomas nem sequer mencionou isso. Mas por que?

Charlotte se sentou frente ao espelho junto a sua irmã, fazendo-a ligeiramente a um lado. Estavam lindas. Emily tinha um vestido de seda de cor verde marinha com pérolas diminutas costuradas ao tecido, muito caro, mas se tratava de sua festa e queria impressionar. Além de tudo, esse devia ser seu objetivo atual. A relação com as amigas tinha uma importância secundária. Charlotte, por sua parte, vestia um traje de cor damasco que Emily tinha usado dois verões atrás mas que era muito mais favorecedor em sua irmã. Faziam toda classe de retoques para modernizá-lo e acrescentado dois ou três centímetros a fim de ajustá-lo à silhueta

de Charlotte.

-Quem sabe- disse Emily enquanto se olhava no espelho e decidia que já não podia fazer mais por seu rosto, fosse porque tinha conseguido o que queria ou porque já não lhe ocorria o que outra coisa fazer. - Os homens podem ser incrivelmente estúpidos. Adoram dar-se importância. Se algo lhes faz sentir-se realmente superiores é a posse de um segredo, e se não o têm são capazes de inventar. E outros quererão sabê-lo simplesmente porque não sabem.

-Mas não se assassina por isso- indicou Charlotte.

-Talvez sim, se não souber que o segredo não vale a pena- Emily alisou a saia. O vestido lhe caía perfeitamente e dissimulava por completo seu estado. -Se diria que neste assunto há muito dinheiro envolvido e, o que é mais importante, muito poder.

-O que realmente me inquieta é a corrupção da polícia- disse Charlotte. -Thomas está muito preocupado. Tomara pudéssemos demonstrar que não é verdade ou, pelo menos, que o assassino do Weems não pertence ao corpo.

A conversa se deteve porque nesse momento retornou ao aposento a criada de Emily. Depois apareceu Jack, que estava muito elegante. Beijou a Charlotte na face, como se fosse uma irmã, e olhou com preocupação a Emily.

-Está indisposta?

-Não, absolutamente- lhe tranquilizou Emily.

Jack olhou ansioso para Charlotte.

-Veio investigar- explicou Emily.

-Que eu saiba, ninguém da alta sociedade foi assassinado- indicou ele.

Emily se aproximou de seu marido com um olhar terno e um leve sorriso. Acariciou-lhe a gravata com um dedo.

-O morto era um chantagista e duas de suas vítimas jantarão conosco esta noite- disse docemente.

Charlotte sorriu para si mesma e simulou que se retocava o penteado frente ao espelho.

-Charlotte veio observar, isso é tudo.

Emily levantou a vista e olhou ao Jack com uma doçura encantadora.

-Nunca é tudo- respondeu Jack, mas sabia que não devia iniciar uma batalha perdida desde o começo.

Emily lhe deu um beijo.

-Obrigado- sussurrou, e saiu do aposento para receber a seus convidados.

Uma das primeiras a chegar foi Fanny Hilliard, que tinha um vestido lindo embora um



pouco passado de moda. Depois de recebê-la com genuíno prazer, Charlotte procurou uma oportunidade para examiná-lo discretamente. Também ela tinha alterado mais de um vestido, geralmente de Emily e tia Vespasia, para ajustá-lo a sua figura. Reparou nos pontinhos da agulha e na ligeira mudança de direção da malha para reduzir grandemente a cintura inicial. Nem o modista mais ardiloso teria conseguido dissimular por completo a alteração das anquinhas, mas só as mulheres que tinham feito o mesmo podiam notá-lo.

Charlotte sentiu pela Fanny Hilliard uma empatia instantânea e em silêncio lhe desejou o melhor.

James oferecia agora o braço a sua irmã para entrar no salão e Charlotte se voltou para saudar o Peter Valerius. Seu aspecto continuava sendo tão desalinhado como sempre por causa de seu formoso cabelo e dessa indiferença artística pelas gravatas convencionais. A sua não só era muito grande, mas em lugar de trazê-la ligeiramente afrouxada como os do movimento esteticista, levava-a muito apertada e torcida, provavelmente porque se vestira a toda pressa. Charlotte chegou à conclusão de que não se devia a um intento de ser boêmio, mas à falta de interesse por algo que considerava totalmente corriqueiro.

-Boa noite, senhor Valerius- disse com um amplo sorriso, pois o jovem lhe recordava de certo modo ao Pitt. -É um prazer voltar a vê-lo.

-Boa noite, senhora Pitt.

Peter Valerius a olhou com interesse. Em seguida seus olhos se posaram em Emily, repararam em sua visível recuperação e retornaram a Charlotte. Sorriu mas não disse nada, e Charlotte teve a sensação de que tinha interpretado sua presença como um assunto de interesse e não de obrigação.

Pouco depois chegou tia Vespasia. Estava radiante com seu vestido de cor marfim e seu colar duplo de pérolas. Eram tão formosas que pareciam ter brilho próprio. Vespasia mostrou uma surpresa benigna quando, depois de saudar a Emily e Jack, dirigiu-se à Charlotte.

-Boa noite, tia Vespasia.

-Boa noite, querida- respondeu a anciã com as sobrancelhas ligeiramente arqueadas. -Desta vez não me diga que Emily está indisposta. Até um idiota se daria conta de que se encontra perfeitamente.- Olhou fixamente ao Charlotte. -E suas faces têm um rubor que conheço muito bem. Veio investigar.

Vespasia não podia rebaixar-se a perguntar sobre o que. Charlotte, não obstante, sabia o que estava pensando e mordeu o lábio para ocultar um sorriso.

-Estou esperando...- disse Vespasia.

Charlotte fez cara de inocente.

-Temos dois possíveis assassinos na mesa- sussurrou.

-Uma conspiração?- perguntou Vespasia sem alterar o semblante. Só a traía o brilho dos olhos.

-Não. Refiro-me a que um dos dois poderia sê-lo- esclareceu Charlotte.

-Seriamente? trata-se ainda do agiota do Thomas, esse que vivia em um lugar desagradável?

-No Clerkenwell. Recorda que também era chantagista.

-Recordo-o muito bem! Não sou nenhuma velha caduca. Imagino que Sholto Byam é um deles. E o outro?

-Addison Carswell.

-Santo céu! Mas por que, se pode saber-se?

-Tem uma amante.

Vespasia ficou perplexa.

-Isso não é motivo de chantagem, querida. A metade dos homens ricos de Londres tem, teve ou terá uma amante, e acredito que me ponho a andar. Se a senhora Carswell for uma mulher com instinto de sobrevivência, tanto para consigo como para com sua família, assegurará-se de não averiguá-lo e seguir com sua vida como se nada ocorresse.- O rosto de Vespasia se escureceu. -Insinúa que gasta muito, dinheiro nessa pessoa?

-Não sei, Thomas não me disse isso.

-OH, querida, então poderia tratar-se de algo pior. Está ela casada com alguém que, se soubesse, perderia o controle e tentaria vingar-se?- Vespasia suspirou. -Que estupidez. Ninguém se acha a um nível tão elevado da hierarquia social para evitar que um escândalo o afunde. Lembre-se do Doll Zouche e esse desventurado

assunto com o Wilfred Scawen Blunt. Divertido, de certa maneira, mas de todo desnecessário. Há cartas no meio?

-Ignoro-o. Não acredito que o assunto tenha chegado tão longe, mas não o perguntei ao Thomas. É possível que não conheça o caso Zouche.

-Com certeza que sim. Todo mundo o conhece- afirmou Vespasia.

Charlotte piscou.

-Eu não.

-Não? Pois bem, lorde Fraser do Saltoun, o pai do Doll Zouche, e o atual lorde Zouche, marido desta, celebraram um torneio...

-Um torneio?- interrompeu-lhe Charlotte. -Mas de que época me está falando?

-Desde 1875- respondeu Vespasia. -Quer que lhe conte isso ou não?

-Claro que sim! É só que não sabia que em 1875 ainda se fizessem torneios.

Vespasia olhou severamente a Charlotte.

-Essa gente faz um torneio cada vez que lhe dá a veia romântica. Além disso, sobralhes o dinheiro e o tempo.

-Continue- insistiu Charlotte. -Doll Zouche?

-Tocou-lhe o papel de rainha da Abissínia. Propuseram fazer uma viagem a esse país no verão seguinte. O ponto culminante do torneio consistia em uma luta simulada em que Doll e outras mulheres vestidas de damas cristãs sofriam o ataque dos mouriscos. Blunt era um deles. Resgataram-nas dois cavalheiros, lorde Zouche e

lorde Maio. O que começou como algo divertido acabou muito mal. Por desgracia, Doll estava atada com o jovem Fraser, com lorde Maio, que desejava fugir com ela e no final o conseguiu e, naturalmente, com o Blunt.

Charlotte estava boquiaberta.

-O dia do torneio- terminou Vespasia -Doll discutiu com seu marido e fugiu a lombo de seu cavalo favorito. Blunt esteve a ponto de ser chamado a declarar no divórcio resultante.

Charlotte arqueou as sobrancelhas.

-Só a ponto?

-O que ouve, mas pode estar certa de que o senhor Carswell conhece bem o caso.

-Santo céu- disse Charlotte, imitando involuntariamente o tom da Vespasia. -Thomas teve a impressão de que o senhor Carswell estava muito apaixonado.

-Sabe quem é ela?

-Sim, mas não me disse isso. Seguiu um dia ao senhor Carswell e foram parar ao outro lado do rio.

A chegada de lorde e lady Byam obrigou-as a abandonar a conversa.

Charlotte notou que o calor lhe subia pelas faces à medida que sua cabeça se enchia de hipóteses descabeladas enquanto saudava cortesmente a lorde Byam e contemplava seus esplêndidos olhos. Assaltou-a o remorso, pois enquanto lhe assegurava o muito que se alegrava de lhe ver, por dentro se perguntava se tinha levantado a tampa dos miolos de Weems.

O que pensava lorde Byam atrás de seus comentários formais e esse rosto sensível e imaginativo? Algo igualmente desatinado e terrível? O que pensava Eleanor Byam, sua

esposa? Realmente se sentia tão sossegada e tranqüila como parecia? Vestia de negro, um tom que ressaltava a cor de seu cabelo e fazia que o pescoço e os ombros parecessem ainda mais brancos, e trazia um colar de ônix e

diamantes muito formoso e original. Nesse momento estava saudando o Micah Drummond ao tempo que um ligeiro rubor lhe subia pelas faces. Olhava ao homem com uma familiaridade imprópria de uma ocasião como esta. Embora provavelmente soubesse quem era e que seu marido lhe tinha pedido ajuda, com certeza debaixo de tantos cumprimentos corteses Eleanor Byam ardia em desejos de saber que mais tinha averiguado. Provavelmente também sabia que Drummond e seu marido eram membros do Círculo Interno, de modo que sua lealdade estava assegurada. Não, não podia sabê-lo: as mulheres eram excluídas. Assim, não tinha nem idéia de por que Drummond lhe ajudava e, portanto, tampouco tinha razão alguma para considerá-lo algo mais que um policial de sua mesma classe social. Possivelmente o mesmo fosse um exagero, mas pelo menos não tão inferior como a do Pitt e a maioria dos membros do corpo policial.

E no que estava pensando Drummond atrás dessa expressão cortês e esse rosto pálido e com olheiras? Provavelmente na confrontação do Pitt no referente à irmandade secreta e a corrupção policial, aspectos sobre o que Drummond ia ter que fazer algo porque Pitt sabia. E possivelmente em seu papel em tal irmandade. Charlotte

confiava em sua própria intuição com respeito ao Drummond. Não achava que fosse desonesto, e ainda menos o seria quando conhecesse a verdade. Possivelmente fosse um pouco ingênuo. Drummond possuía essa ingenuidade que Charlotte estava acostumada a perceber nos homens autenticamente bondosos, homens que confiavam em gente da qual nenhuma mulher se confiaria. E logo eram os homens quem julgavam ingênuas às mulheres. Charlotte sabia por experiência que atrás de tantas fantasias e adornos a mulher era um ser incrivelmente prático. Se não o fosse, a raça humana não teria sobrevivido. Os cavalheiros sobre corcéis brancos tinham seu lugar em sonhos que eram de todo necessários para adoçar alguns goles amargos, mas a maioria das mulheres eram capazes de distinguir a realidade da fantasia.

Ingênuo, essa era a palavra. Charlotte contemplou uma vez mais o rosto do Drummond. Não era um rosto excessivamente imaginativo, mas tampouco refletia mau gênio nem vaidade. Nesse momento estava olhando a Eleanor Byam com suma doçura e acanhamento, como se lhe importasse profundamente o que ela pensava e sentia. Que bondade a sua, tão preocupado por lady Byam e tão sensível a seus temores...

Céu santo! Como podia ser tão boba?

-O que ocorre?- perguntou Vespasia, olhando-a com curiosidade.

-Nada- mentiu Charlotte.

Vespasia soltou um suave grunido.

-Tolices! Acabo de dar conta de que seu senhor Drummond está apaixonado por lady Byam. Uma situação muito difícil para ele tanto se lorde Byam for culpado como se não.

-Pergunto-me se Thomas sabe- suspirou Charlotte.

-Duvido.- Vespasia sacudiu ligeiramente a cabeça. -Thomas é meu homem favorito, mas em assuntos de amores é tão pouco observador como outros.

Vespasia parecia alheia a sua incrível confissão. Lady Cumming-Gould sentia por Thomas Pitt, policial e filho de guarda-florestal, um carinho não superado por nenhum homem, nem sequer de sua classe e condição.

Emocionada, Charlotte notou que se ruborizava e um orgulho entristecedor. Engoliu em seco e fingiu indiferença.

-Eu também duvido- disse com voz rouca. -Será melhor que o diga. Poderia ser um detalhe importante.

E dito isso se dirigiu ao salão para falar com os convidados que tinham chegado durante esse tempo.

Pouco depois se achava intercambiando comentários absurdos com a Fanny Hilliard, absurdos porque nenhuma das duas estava especialmente interessada nos temas que exigiam boas maneiras: o tempo (assunto carente totalmente de interesse), a moda (que nenhuma das duas podia permitir-se seguir), as últimas intrigas (que nenhuma das duas conhecia, pois não pertenciam à classe social que

estava à corrente dos mesmos nem estavam nos lugares indicados para presenciar-los em direto) ou o teatro (ao que, por motivos também econômicos, iam em contadas ocasiões).

Em realidade, a conversa era meramente um veículo para expressar seu mútuo agrado. Não podiam permanecer de pé, olhando-se, sem trocar algumas palavras, por muito absurdas que fossem.

Charlotte não se incomodou quando percebeu que o olhar enternecido da Fanny se desviava para a esquerda e o rubor lhe subia pelas faces como se lhe tivesse acelerado o pulso. Charlotte se tinha percebido que Fitz Fitzherbert estava muito perto.

Por conseguinte, não se surpreendeu que pouco depois se unisse a elas para falar de temas igualmente corriqueiros. Seu belo rosto refletia humor e a aceitação plena de que

suas palavras careciam de importância enquanto que seus pensamentos a tinham toda.

-A senhora Radley foi muito amável me convidando pela segunda vez- disse, dirigindo-se a ambas por igual mesmo que Charlotte sabia que ela só estava atuando de acompanhante para tornar possível a conversa. -Está jogando muito limpamente, não acreditam?

-Certamente - concordou Fanny, mas Charlotte duvidava de que soubesse a que se referia Fitz. Ninguém tinha mencionado as escolhas ao Parlamento nem a rivalidade entre o Fitz e Jack.

-Falaram com lorde Anstiss?- prosseguiu Fitz. -É um dos homens mais interessantes que conheci em minha vida. Sempre consegue absorver toda minha atenção. É um prazer que as pessoas com as quais devo me mostrar particularmente educado e lisonjeiro sejam merecedoras disso.

Fitz estava olhando a Fanny, que sem dúvida era consciente disto apesar de ter o olhar cravado na taça de Charlotte.

-Só troquei com ele umas breves palavras - reconheceu. -Soube que é um perito em arte.

-E muito bom- respondeu Fitz. -Tomara pudesse recordar tudo o que disse para poder repetir-lhe. Suas opiniões eram muito instrutivas.

-Não, por favor- disse rapidamente Fanny, levantando a vista. -Preferiria muito ouvir as suas.

Percebendo seu atrevimento, e dado que nesta ocasião lhe importava muito o que Fitz pudesse pensar dela, corou e olhou para outro lado.

-É muito amável- respondeu ele com calma, -mas temo que meus conhecimentos são muito exíguos em comparação com os de lorde Anstiss.

-Eu não saberia o que responder a uma pessoa que sabe tudo-disse Fanny com um tênue sorriso. -Me afligiria.

-Seriamente?

-Embora, como é natural, tentaria dissimular isso- acrescentou.

Fitz se pôs-se a rir.

-Nesse caso, nunca poderei saber se a impressionei ou não.

-Isso espero.

E assim continuaram, a primeira vista falando de coisas sem importância, a segunda vista paquerando, e a terceira compreendendo quanto não se dizia através do olhar, o tom da voz e a expressão do rosto, passando da risada ao reconhecimento irônico da própria

fragilidade, da ternura pelo outro, da ilusão pelo novo e picante e do temor porque a ferida poderia ser muito profunda.

Quando Odelia Mordem se somou ao grupo, pálida e com as mãos frias e úmidas grudadas à taça, Charlotte sentiu, por ela uma pena que a surpreendeu. Ao princípio lhe tinha parecido uma mulher fria e satisfeita de si mesma. Agora via nela a impressão repentina da derrota, embora não necessariamente de fato, pois Fitz era seu noivo e romper o compromisso seria uma loucura tendo em conta suas ambições. Mas agora Odelia percebia nele um júbilo e uma magia que não tinha visto antes, e a dor era cortante. Por agora estava muito perplexa para lutar.

Em certo momento seu olhar tropeçou com o de Fanny, que, em seguida empalideceu, como se tivesse entendido. Olharam-se longo momento enquanto o bulício e as conversas de outros convidados desapareciam de suas consciências.

Até o rosto do Fitz se nublou. Ambos compreendiam o que estava ocorrendo. Pela primeira vez na vida, Fitz se via apanhado no mesmo encantamento que ele tinha exercido até agora em outros, esse encantamento que acordava toda classe de sonhos, a ternura e a possibilidade de não sentir-se nunca só, de ser apreciado pelo melhor da gente mesmo. Era uma sensação muito doce para deixá-la ir por

completo, mesmo que a realidade fosse outra.

Odelia, por sua parte, estava vendo algo que não tinha percebido antes, e assim que compreendeu o que era, soube que estava fora de seu alcance.

Fanny se dava conta de que estava apaixonada pelo noivo de outra mulher como, provavelmente, não chegaria a estar o de nenhum outro homem. Ele, por sua parte, pertencia a uma classe social superior e possuía umas ambições que faziam a união impossível. Se Fitz rompesse seu compromisso com a Odelia, não o perdoariam.

E Fitz também sabia mas não o aceitava. Só aceitava o remorso pelo que estava fazendo a Odelia, embora ele não tivesse escolhido sentir-se desse modo nem podia controlá-lo.

Charlotte começou a falar para mitigar a confusão e a dor, não porque imaginasse que iriam escutar ou a mostrar interesse pelo que dizia. Nesse momento Regina Carswell retrocedeu e esteve a um tris de tropeçar com eles. voltou-se para desculpar-se.

Por cima do ombro da mulher o olhar atônito da Fanny se encontrou com o do Addison Carswell.

-Quanto o sinto- disse Regina, recuperando o equilíbrio. -OH, não é você a senhorita Hilliard? Me alegre de voltar a vê-la.

Fanny engoliu em seco.

-Bo... boa noite, senhora Carswell.- Engoliu de novo e começou a tossir. –Boa noite, senhor Carswell.

-Bo... boa noite, senhorita Hilliard- saudou Carswell. -É um prazer voltar a vê-la.

Regina estava confusa. A situação não justificava tanto desconcerto. Procurou uma razão mas não achou nenhuma.

-Perdoe se lhe pisei no vestido, senhorita Hilliard. Sou uma torpe.

-Não se preocupe, asseguro-lhe que não o pisou- respondeu Fanny. –Não entendo o que me passou.

-Possivelmente seja o calor- sugeriu Charlotte, contemplando a diminuta cintura da Fanny e perguntando-se até que ponto se devia ao espartilho e a uma boa criada com um pé no poste da cama. -O jardim é lindo e ainda faltam uns minutos para o jantar.

-OH, quanto o agradeço- disse Fanny, olhando com gratidão a Charlotte e disposta a aproveitar a oportunidade de escapar. -Sim, acredito que necessito um pouco de ar.

-Acompanho-lhe?- disse Fitz, e em seguida reparou em seu atrevimento.

Ainda estava com a Odelia, se não de coração pelo menos de fato. Sua estupidez, tão imprópria o fez corar.

-OH, não, obrigado.

Fanny, pelo menos, teve a delicadeza de rechaçar o oferecimento apesar do muito que teria gostado de aceitar. Charlotte, entretanto, percebeu uma tristeza súbita em seus olhos e pensou que possivelmente não o desejava absolutamente.

Odelia abriu a boca para oferecer-se mas depois o pensou melhor e calou.

Regina Carswell, que tinha várias filhas e estava acostumada aos desvanecimentos repentinos, tomou as rédeas da situação.

-Eu a acompanharei- disse. -Não me importaria um pouco de ar. E dado seu estado será melhor que não vá sozinha, pois poderia tropeçar.

-Estarei bem, me acredite- respondeu Fanny. -Não quero incomodá-la com...

-Não é nenhum incômodo, querida- lhe assegurou Regina esboçando um sorriso que deu a seu rosto de tez comum um brilho pouco usual. –Já contribuí à conversa com quanto sabia e não me sentirão falta. Tomaremos um pouco de ar antes de passar à sala de jantar.

Regina pegou Fanny pelo braço e a conduziu com suavidade mas determinação para as portas do fundo da sala.

Carswell pigarreou e não olhou a ninguém em particular.



De repente Charlotte se sentiu furiosa com ele por ter uma amante e enganar uma mulher tão bondosa como Regina. O que eram umas risadas e um rosto bonito em comparação com os anos compartilhados, a compreensão e a lealdade de uma esposa? Talvez as vezes fosse muito caseira e inclusive aborrecida, mas Por Deus, certamente ele também.

-A senhora Carswell é muito amável- comentou com voz afiada olhando ao senhor Carswell. -Possui a mais valiosa das virtudes, não acreditam?

Odelia olhou a Charlotte sem compreender. A observação estava deslocada e a surpreendia a veemência da mesma.

-Isto... sim, certamente- respondeu com desconforto Carswell.

Charlotte se deu conta de que seu comentário carecia de sentido.

-Não estava a senhorita Hilliard na exposição da Academia Real?— perguntou para encher o silêncio.

-Assim é- respondeu Odelia. -Nós também estávamos.- E de repente compreendeu que o "nós" já não tinha o mesmo sentido e sua voz se apagou.

-Alguns dos quadros eram excelentes, não acham?- Charlotte não era insensível à dor da Odelia. De fato, sentia uma lástima por ela que a assombrava, e simplesmente queria ajudá-la a dissimular essa dor em público. -Havia um especialmente bonito que representava um vaso de lírios.

-Não o recordo- disse Fitz, esforçando-se por concentrar-se na conversa.

Não era de estranhar, pois Charlotte o tinha inventado para poder dizer algo, e procedeu a descrever o mítico quadro com todo luxo de detalhes até que todo mundo começou a repor-se e o bate-papo se reatou. Pouco depois anunciaram o jantar e os convidados se dispersaram em busca da pessoa que lhes tinha sido atribuída para entrar na sala de jantar. Entrar com a pessoa equivocada era uma derrapagem social imperdoável que provocaria um autêntico caos. O protocolo era extremamente estrito a este respeito, e Charlotte entrou pelo braço de Peter Valerius.

Emily tinha cedido aos desejos de Charlotte e a tinha sentado com o Addison Carswell à esquerda e lorde Byam à direita.

Em primeiro lugar, havia sopa. Em segundo, a escolher entre arenques e perús. Charlotte bicou com delicadeza. As damas não deviam terminar a comida do prato, o qual, de todo modo, era impossível tendo em conta a pressão do espartilho para adquirir a cintura exigida segundo a idade.

A conversa entre os comensais começou com temas corriqueiros como a moda, o

teatro e o tempo. Charlotte olhou de esquelha ao Carswell. Ainda estava pálido e percebeu que a mão que segurava o garfo lhe tremia ligeiramente.

Depois se fixou em lorde Byam, quem, ao menos por fora, parecia tranqüilo. Por muito perturbadores que fossem seus medos, dominava a arte de aparentar serenidade para que estranhas como ela não pudessem perceber sua angústia.

A seguir chegaram os pratos fortes: ovos ao curry, moelas e croquetes de coelho. E antes do prato de caça se serviram aspargos cristalizados.

A atmosfera mudou de súbito quando tia Vespasia levantou inocentemente a vista do prato e perguntou à mesa em geral:

-Alguém sabe como vai ao Horatio Osmar? Embora pareça mentira, acredito que tem intenção de processar à polícia por perjúrio. É isso possível?

Charlotte escorregou um aspargo no interior do prato e esteve a ponto de lhe manchar a taça.

Carswell tinha ficado paralisado, com o garfo suspenso no ar. Fitz ou não reparou na tensão reinante ou era muito mais ardiloso do que sugeriam seus gestos e seu sorriso encantador e ingênuo.

-Deus santo, não sabia que isso pudesse fazer-se. Não sentaria isso um precedente para que, a partir de agora, qualquer pessoa acusada de uma ofensa possa sugerir que a polícia minta? -Fitz arqueou as sobrancelhas. -Se isso ocorresse, os tribunais não poderiam ocupar-se de outros casos porque estariam muito atarefados tratando de averiguar quem diz a verdade e quem não.- Olhou ao Carswell. -Você é magistrado. O que opina?

-Temo- Carswell engoliu em seco -que não é um tema sobre o que deva opinar.

Drummond, que estava sentado em um extremo da mesa não podia ouvi-los.

-Mas sua opinião seria muito interessante e, sem dúvida, a mais fundada- replicou Fitz. Logo olhou a outros. -Além de tudo, quem de nós conhece a lei a respeito? Você, em troca, é um perito.

Fanny Hilliard se ruborizou e olhou ao Carswell. Em seus olhos havia inquietação e uma dor quase protetora.

-O que o senhor Carswell quer dizer é que não seria ético por sua parte fazer comentários- disse baixo, mas claramente, evitando o olhar do Fitz.

Este percebeu o tom afiado de sua voz sem compreender o motivo. Seu semblante nublou mas seguiu falando relajadamente.

-É por isso, senhor Carswell? Leva você o caso?

-Fui eu quem o viu.

-Céu santo!- disse Vespasia com as sobrancelhas arqueadas. -Significa isso que o citarão para que dê sua opinião sobre se a polícia mentiu ou não?

-Ignoro-o, lady Cumming-Gould.- Carswell começava a recuperar a serenidade. -Mas seria absurdo que o fizessem.

-Em realidade, ninguém pode saber salvo a polícia e o próprio Osmar- disse Peter Valerius com um sorriso torcido. -E ambos têm interesses pessoais no assunto. O que não entendo é por que Osmar decidiu contra-atacar. Por que não reconheceu que se comportou como um idiota, pagou uma pequena multa que sem dúvida teria estado ao alcance de seu bolso e prometeu ser mais discreto no futuro? Desse modo o caso teria passado despercebido.

-Por uma questão de honra- respondeu secamente Carswell. -O homem tinha sido acusado publicamente de conduta indecorosa. Não é uma acusação insignificante. Osmar está defendendo sua reputação, algo que todo cidadão inglês tem direito a fazer.

-Lamento dissennir, senhor- disse Valerius, educadamente, mas com o olhar aceso e o queixo tenso. -Ao contra-atacar só conseguiu que o assunto se fizesse público, e duvido que sua luta altere o parecer das pessoas.- inclinou-se ligeiramente para diante. -Quem pensava que a polícia está corrompida verão sua opinião confirmada, e o mesmo ocorrerá com quem acredita isso mesmo do poder judiciário.- Seu sorriso não podia ser mais mordaz. -A questão a partir de agora não será se Horatio Osmar se comportou de forma indecorosa no banco do parque com uma mulher que ninguém conhece, mas sim se nossa polícia, e nosso poder judiciário são órgãos íntegros e eficazes. Uma questão que, em minha opinião, seria preferível não expor.

-Senhor!- estalou Carswell com olhar aceso. -Está indo muito longe!

O semblante do Peter Valerius não se alterou e seu tom permaneceu imperturbável.

-Já que despertaria muitos temores infundados.- prosseguiu. -Temores que, entretanto, não poderíamos acalmar por carecer de provas para rebatê-los.

O jovem esboçou um sorriso apenas perceptível e olhou ao Carswell, que já não tinha motivos para prolongar sua indignação.

Precipitou-se e chegou a uma conclusão errônea, mas a ofensa continuava queimando-o por dentro. Charlotte se perguntou se era o sentimento de culpa o que tinha feito que Carswell se defendesse quando não tinha existido ataque.

Nesse momento descobriu que Peter Valerius a estava olhando com seus inteligentes olhos e em seguida soube que tinha visto nela o reflexo de uma nova idéia.

Charlotte se voltou para o Carswell.

-Acredita que o senhor Osmar ganhará o pleito contra a polícia? –perguntou com interesse.

O magistrado tratou de tranquilizar-se e respondeu com toda a boa educação de que foi capaz.

-Ignoro-o, senhora Pitt. É me impossível fazer uma avaliação.

-Osmar possui amigos poderosos que poderiam exercer sua influência em seu nome- interveio Vespasia com expressão de desaprovação.

Byam a olhou assombrado.

-Não lhe parece algo natural, lady Cumming-Gould? Qualquer pessoa na situação do Osmar procuraria quanta ajuda fosse possível obter.

-Não estou tão certa. Não conheci a ninguém em semelhante situação. Parece-me uma indiscrição pedir a um amigo que o defenda em um assunto dessa índole e uma injustiça tentar manchar a integridade das pessoas encarregadas de fazer que se cumpra a lei, um trabalho já de por si nada fácil.

-É uma opinião muito nobre- disse pensativamente Byam, não a modo de crítica, mas tampouco de aceitação.

Valerius olhou Vespasia com novos olhos. Era evidente que a mulher tinha adquirido um novo peso para ele, um peso digno de ter em conta e inclusive de admiração.

Carswell olhou para Byam e depois para Vespasia, mas não disse nada.

-Espero, pelo bem de todos nós, que sua opinião prevaleça-disse Charlotte voltando-se para a Vespasia. -Se seguimos desacreditando a polícia as pessoas acabarão lhe retirando a confiança e fará que sua eficácia e inclusive sua existência corram perigo.

-Estou certo de que seus temores são infundados, senhora Pitt– disse Carswell com rigidez. -Não se inquiete por isso, o rogo.

E a partir daí a conversa se tornou mais geral. Serviram-se as sobremesas e em seguida os sorvetes.

Depois das frutas- abacaxis, cerejas, damascos e melão,- as mulheres se retiraram ao salão para falar de trivialidades enquanto que os homens permaneciam na mesa a fim de beber Porto, fumar e falar de temas muito conflitivos ou intelectuais para ser tratados diante das damas.

Depois de reunir-se de novo com elas, Charlotte se achou escutando ao Peter Valerius. Tinham iniciado uma conversa sobre a usura estando Carswell presente. Charlotte tinha esperado alguma reação emocional por parte do magistrado, mas este lhes

tinha deixado muito em breve e a conversa se desviou para temas de economia internacional.

-Continua sendo usura- disse Valerius com uma intensidade que conseguiu reter a atenção de Charlotte apesar de sua falta de interesse no tema. –Uma indústria poderosa investe em um país pequeno e atrasado, por exemplo da África.- inclinou-se para Charlotte com o semblante aceso. -A gente do país começa a prosperar porque há muito trabalho. De repente são capazes de vender seus produtos e, desse modo, comprar artigos de luxo importados pelos quais não só desenvolvem uma apetência mas também uma dependência. Pode ser que entre esses artigos se achem as matérias primas ou a maquinaria necessária para sua nova indústria.

Charlotte não conseguia ver que relação guardava isso com a usura entre pessoas. Valerius deve ter notado, porque começou a falar de forma premente para atrair sua atenção.

-A companhia matriz estende a indústria e promete um comércio fabuloso. O país pequeno aceita e, de repente, encontra-se desfrutando de luxos com os que nunca tinha sonhado.

-E isso não é bom?- Charlotte se esforçava por compreender, embora a indignação do Valerius escapava a seu entendimento.

-O país depende prioritariamente da indústria e de quem a dirige- prosseguiu ele, alheio agora a todo o resto. Nem sequer o roçar do vestido da Odelia contra seu cotovelo ao passar por seu lado afetou-o, e tampouco ouviu a desculpa. Aproximou-se ainda mais à Charlotte. -De repente o preço muda. A indústria mãe paga menos pelos produtos que produz o país e cobra mais pelas matérias primas que facilita. Os interesses sobre o dinheiro emprestado aumentam. Começam os problemas para o país pequeno. Os benefícios desaparecem. Necessitam mais dinheiro para satisfazer suas necessidades e manter a indústria em funcionamento. Os créditos são cada vez mais caros. A estas alturas é possível que se rendam por completo e peçam capital de risco.

Valerius percebeu que Charlotte desconhecia esse conceito.

-Em lugar de lhes emprestar dinheiro a um juro de vinte por cento- explicou Valerius, -o prestamista aumenta essa percentagem e, para cúmulo, exige uma terceira parte do negócio para sempre.

-Mas isso é monstruoso!- protestou Charlotte. É usura!

Valerius esboçou um sorriso amargo.

-É claro!- concordou. -Não de homem a homem, mas sim de indústria a nação. Uns poucos homens se beneficiam e vários milhares sofrem as consequências.

Charlotte esteve a ponto de perguntar por que as pessoas deixavam que ocorressem essas coisas, mas a resposta se achava no relato do Valerius. Demorou vários minutos em digerir. Ele, enquanto isso olhava-a, sabedor de que não era preciso acrescentar nada mais.

Enquanto Charlotte conversava com o Peter Valerius, Micah Drummond se achava em um canto afastado, junto às enormes cortinas das portas-balcões que davam ao jardim. Era incapaz de concentrar-se em uma conversa e as intrigas lhe eram insuportáveis agora que sua mente se via assaltada por terríveis dúvidas, dúvidas sobre si mesmo, sobre suas ações e julgamentos passados, suas motivações pressentes, sua honestidade e seus medos futuros.

A sala transbordava de luz. Os cristaizinhos do lustre do teto cintilavam ao menor movimento de ar. Todos os spots estavam acesos. Os diamantes brilhavam em gargantas, braços, cabelos e inclusive pulsos agitados para recalcar uma observação. A luz se refletia na superfície lustrosa das mesas, na prata e no cristal.

O murmúrio de vozes se via interrompido pelas risadas e o tinido de taças. Tudo era alegria, mas Drummond só desejava um pouco de solidão, ocultar-se na escuridão do jardim onde ninguém pudesse lhe ler o rosto, onde ninguém lhe falasse de quem falou com quem.

Vacilou. Para falar a verdade, era incapaz de tomar a decisão de sair, pois temia que alguém o notasse. Para ele era uma experiência totalmente nova sentir-se tão atormentado pelo remorso, tão inseguro com respeito a seus próprios critérios.

Naturalmente que tinha cometido outros enganos em sua vida, mas os tinha compreendido e não haviam corroído sua fé em si mesmo. Agora se tratava de algo muito diferente. Por que tinha ingressado no Círculo Interno? Recordava com toda clareza o rosto do Pitt em seu escritório, o cansaço, as profundas rugas de tensão em torno da boca, a tristeza no olhar.

Drummond tinha compreendido desde o começo que a angústia do Pitt não era exclusivamente profissional, mas não estava preparado para o que tinha que lhe dizer. Pitt não só lhe falou da corrupção da polícia, dos delegados que pertenciam ao Círculo Interno e que tinham sido pressionados para que utilizassem seu poder profissional em benefício dos membros dessa irmandade secreta, mas sim, tranqüila, mas implacavelmente, perguntou-lhe se pertencia a essa irmandade e se era consciente de sua própria

submissão e dos castigos que se infligiam em caso de desobediência. Foi cortês, inclusive amável, mas tinha despertado em Drummond um rio de dúvidas impossível de evitar.

Drummond lhe respondeu com genuína inocência. Não, jamais tinha tomado uma decisão dirigida a satisfazer os desejos da irmandade. Mas seria sempre assim? Era o caso agora? Tinha ido em ajuda de Byam porque era um irmão. Intrometeu-se nos procedimentos da delegacia de polícia do Clerkenwell e encarregado ao Pitt o caso da morte do William Weems para ter conteúdo à irmandade. Que mais poderia ter feito sem compreender de onde provinha o pedido? Drummond espremeu os miolos, mas não conseguiu recordar nada mais. E que outras coisas seria capaz de fazer se descobrisse que Byam era culpado, possivelmente não da morte do Weems, mas talvez de cumplicidade, de encobrimento ou simplesmente de ocultação de provas? O que faria a irmandade se não obedecesse ordens? Drummond rememorou com um calafrio a iniciação secreta, um ritual que naquela época simplesmente lhe pareceu pitoresco e um pouco absurdo. Mas agora se dava conta de que dita iniciação encerrava ameaças dirigidas a quem traía a um irmão ou revelavam segredos do grupo. Sempre tinha considerado a seus membros, de certo modo, uns românticos: a classe de coisas que faziam os moços durante as longas férias do verão, quando mal havia algo com o que ocupar a imaginação salvo as histórias de aventuras.

Agora, depois de sua conversa com o Pitt, tinha a impressão de que o Círculo Interno impunha uma autêntica disciplina a seus membros desencaminhados, e o castigo era rápido e extremamente desagradável. Receberia ele o castigo? Por que não, se violasse o juramento. Mas mais terrível seria que lhe pedissem que impor um castigo a outro. Faria-o? Não!

Regina Carswell passou junto a ele e esteve a ponto de deter-se para saudá-lo, mas ao observar seu rosto decidiu seguir seu caminho. Uma mulher sensível.

Por que não estaria disposto a impor o castigo? Conhecia perfeitamente a resposta. Porque os homens devem seguir livremente os ditados de sua consciência. Nenhuma sociedade, por muito nobres que sejam seus objetivos, deve decidir o que um homem tem que considerar correto ou incorreto. Mas isso não era o que dizia o juramento. Eis aí o engano cometido e do que todos dependiam. Tinha jurado lealdade não a um ideal, mas aos membros da irmandade, a algo desconhecido que podia ir contra seus princípios. Isso era o que Pitt tinha ressaltado.

Byam e lorde Anstiss estavam conversando. Anstiss tinha uma taça na mão e o corpo relaxado, mas falta de elegância. Junto a ele, de perfil, estava Byam, muito diferente mas

preso de uma tensão que se apreciava no ângulo da cabeça e nos dedos grudados na taça.

Drummond não estava bastante perto para ouvir suas palavras, mas podia seguir o ânimo da conversa através de seus rostos. Anstiss estava falando vivazmente, com o olhar franco e aberto, e posou um braço afetuosamente sobre o Byam.

Este se pôs-se a rir e durante uns instantes a tensão e o cansaço desapareceram de seu rosto. Drummond pôde então ver o jovem que provavelmente tinha sido vinte anos atrás, antes da trágica morte da Laura Anstiss. Ele e Anstiss eram, simplesmente, dois amigos que se queriam, que desfrutavam da companhia do outro

com uma confiança e um companheirismo próprio dos irmãos mais unidos. Compartilhavam interesses, esperanças e alegrias, até que a esposa frágil e instável do Anstiss se interpôs entre eles e sua morte deixou dor e remorso.

Anstiss ergueu a taça e pronunciou umas palavras.

Byam respondeu e ambos riram.

De repente a expressão do Anstiss se endureceu e disse algo ao Byam. O tempo se deteve. Ficaram imóveis, e o sofrimento e a fadiga se apropriaram novamente do rosto do Byam. Deixou a taça sobre o aparador mais próximo, deu uma resposta e se afastou.

Anstiss, que estava pálido, abriu a boca para falar, mas em seguida mudou de parecer. Seu rosto, não obstante, reteve a fúria reprimida.

Byam caminhou em direção ao Drummond, que agora conseguia vê-lo com clareza. Mais que de ter discutido, tinha aspecto de ter retomado uma velha responsabilidade depois de desfrutar de uma breve pausa. Parecia cansado, não ferido.

Drummond ignorava do que tinham falado, mas podia imaginá-lo. Sentia lástima pelo Byam. Por ter julgado erroneamente a personalidade de uma mulher, algo que podia lhe acontecer a qualquer um, especialmente a um homem jovem, achava-se agora em uma situação horrível. Fazia o que achava ético e isso tinha desembocado em uma tragédia que em nenhum momento imaginou possível. E o remorso devorava-o depois.

Agora, como consequência desse engano, enfrentava à possibilidade de que o julgassem por assassinato. Se Pitt não achasse o assassino, Byam poderia inclusive acabar na forca. Solicitaria então ajuda à irmandade? Sem dúvida, e muito antes do julgamento. Como reagiria então Drummond? O que podia chegar a pedir Byam? Até agora tinha agido de forma honesta, embora o perigo fosse ainda incerto. Quando se tornasse real e iminente e a sombra do Newgate e do banquinho se abatesse sobre ele, seria capaz de pedir algo de tudo imoral?



Exerceriam outros membros da irmandade sua influência em nome do Byam? Drummond tinha evitado fazer-se essa pergunta desde sua conversa com o Pitt. Até onde seria capaz de chegar o Círculo Interno para proteger aos seus? Tinham-lhes falado de elevados valores morais e, ao mesmo tempo e acima de tudo, da lealdade entre os irmãos. A ninguém lhe tinha ocorrido perguntar que princípio devia prevalecer quando não era possível satisfazer ambos. Drummond tinha a dolorosa impressão de que era o segundo.

E o que faria então?

Só existia uma resposta possível: trair ao Círculo Interno. Respirou fundo. Sentia-se melhor agora que se fizera a pergunta.

Um laçao menos delicado que Regina Carswell lhe tirou de seu

Ensimesmamento para lhe oferecer uma taça. Drummond a rechaçou com um sorriso forçado. No outro extremo da sala, Eleanor Byam falava agora com o Anstiss. Seu porte era rígido e formal. Drummond se perguntou se lhe agradava ou não o homem. Tinha ciúmes de um passado tão carregado de sentimentos do qual ela não era parte? Estava ressentida com o Anstiss pelo fato de que sua esposa fora a causa de tanta dor e de que sua mera existência recordasse constantemente ao Byam sua culpa? A falta de informação fazia que Drummond se sentisse em desvantagem.

E sua última causa de remorso, e possivelmente a mais profunda, eram seus sentimentos por Eleanor, tremendamente pessoais e muito mais poderosos do que estava disposto a reconhecer. Uma parte dele desejava proteger ao Byam pelo bem da Eleanor, outra parte desejava vê-lo fora de cena, desacreditado, a fim de que ela estivesse livre para, com o tempo, amar a outro homem.

"Amor." Essa era a palavra que tinha evitado pronunciar-se inclusive a si mesmo.

Saiu para o terraço. Não só precisava estar a só, mas fora da vista de outros. Seu rosto podia delatá-lo e neste momento era incapaz de envolver-se em uma conversa.

Ignorava quanto tempo levava contemplando o suave resplendor da noite que desprendiam as luzes da rua como uma fileira suspensa de luas. No final lhe interrompeu uma voz que, embora indecisa, possuía um apressado que nem a vergonha nem o temor a incomodar teriam conseguido frear.

-Senhor Drummond...

Em seguida reconheceu a voz. Era Eleanor Byam. Diria-se que a tinha atraído com o pensamento. Sua presença lhe turvava, como se temesse que pudesse adivinhar o que pensava ou pior ainda, o que sentia. Voltou-se lentamente, esforçando-se por acalmar seu acelerado pulso.

-Lady Byam?

-A... lamento incomodá-lo. É evidente que deseja estar só...-disse. Parecia estar passando tão mau momento como ela.

-Não se preocupe. Só desejava um pouco de ar- mentiu Drummond para tranquilizá-la.

-É muito amável- disse Eleanor Byam com uma ternura que lhe chegou ao coração. - Rogo que não faça cumprimentos comigo. Neste momento devo ser honesta com você, por muito doloroso que me resulte.

Drummond fez gesto de interrompê-la, mas não lhe deu tempo.

-Ocorreu algo que me preocupa muito.

Drummond ansiava poder dizer ou fazer algo para consolá-la. Seu instinto lhe teria levado a acariciá-la, mas isso teria sido um ato imperdoável.

-Sir John Scaforth, um velho amigo e colega do Sholto veio a minha casa ontem noite. Só o vi chegar. Parecia zangado, mas ao mesmo tempo esperançado, como se acreditasse que Sholto podia arrumar o que lhe tinha tão perturbado.

Eleanor titubeava. Estavam tão perto um do outro que Drummond podia cheirar o suave perfume de gerânios e ouvir o frufrú do tafetá cada vez que respirava.

-Diz que o viu chegar?- perguntou.

Ela o interpretou como uma forma de lhe pedir que se explicasse.

-Assim é. Sholto estava em cima, assim o laçao acompanhou a sir John ao salão e logo subiu para informar ao Sholto de sua chegada. Mal troquei com ele umas palavras. Conheço sir John há anos e sabia que não estava de humor para falar. Assim que o laçao retornou para lhe dizer que Sholto lhe receberia na biblioteca, dirigiu-se a ela.

-Contou-lhe lorde Byam o motivo dessa visita?

-Não. Negou-se a falar disso. Sei que tiveram uma conversa muito acalorada, pois vinte minutos depois cruzei o vestíbulo para subir ao primeiro piso e ouvi suas vozes. Só captei algumas palavras e falavam em um tom tão desagradável que temi que abrissem a porta e me vissem. Não queria que soubessem que tinha ouvido a violenta discussão. Sir John mencionou as palavras "engano" e "traição"...- Eleanor engoliu em seco várias vezes antes de continuar. -Não consegui ouvir a resposta do Sholto, mas a julgar pelos gritos que soaram imediatamente depois, deduzi que sir John não tinha gostado.

-Disse que era um colega- comentou Drummond, procurando em vão algo que pudesse aquietar os temores da Eleanor. Agora só a verdade podia servir de algo, e quanto mais coisas ouvia menos consoladora parecia. -Do ministério?

-Não. É membro do Parlamento, e está muito envolvido nos assuntos comerciais e financeiros.

-Ouvindo algo mais?

-Não. Quando desci de novo sir John estava se preparando para partir. Não queria lhe ver nesse estado e sei que ele, depois de sua amarga briga com o Sholto, tampouco teria querido. Esperei no alto do patamar a que meu marido o despedisse. Ambos estavam muito tensos e acredito que se o laçao não tivesse estado presente, nem sequer se teriam dado boa noite.

-Perguntou a lorde Byam sobre o motivo da discussão?

-Sim, mas mais tarde. Naquele momento estava muito alterado e...- A voz de Eleanor se apagou até ser pouco mais que um sussurro. -E eu temia a resposta.

Drummond, finalmente, esqueceu-se de suas boas maneiras. Tomou a mão da Eleanor e notou a pressão de seus dedos como se ele fosse um salva-vidas e ela temesse afogar-se em sua angústia.

-O que respondeu?

-Disse-me que tinham diferenças políticas em certos temas econômicos.

-E você acreditou nele?

-Não. Senhor Drummond, suspeito que ao fim aconteceu isso que Sholto tanto temia. Tenho a sensação de estar traindo-o, mas já não posso me enganar. Temo que sir John conhece a implicação do Sholto na morte da Laura Anstiss e o fato de que Weems o fazia chantagem.

Ela engoliu em seco e tratou de serenar-se antes de prosseguir. -Embora não me cabe dúvida de que se equivoca, acredito que pensa que Sholto matou Weems. Não me ocorre outra razão pela que pudesse enfurecer-se tanto e pela qual Sholto fosse incapaz de defender-se. Meu marido ainda se sente culpado pela morte da Laura, mesmo que ignorasse que era uma mulher tão autodestrutiva. -Olhou muito séria a Drummond. - Sholto jamais imaginou que alguém, e ainda menos ela, poderia apaixonar-se por ele até o ponto de preferir a morte a viver sem ele. É... é uma loucura, não acha? Como é possível chegar a esse extremo quando mal conhece a pessoa, quando não compartilhou com ela nenhum momento de intimidade?

-Não acredito que seja uma loucura- disse ele. -Mas possivelmente seja...- Procurou uma palavra que não fosse muito cruel, que refletisse uma emoção que ele mesmo sentia e estava tentando compreender. -Uma amostra de debilidade. Às vezes nos sentimos incapazes de seguir vivendo, mas com coragem é possível fazê-lo e terá que fazê-lo.

Possivelmente seja algo que Laura Anstiss nunca aprendeu.

-Pobre Laura- sussurrou Eleanor. -O expressou você muito bem. Diria-se que conheceu...- Engoliu ar e desviou o olhar. -O sinto, sou uma indiscreta. Obrigado por sua paciência, senhor Drummond.-Retirou a mão. -Me sinto melhor agora que o disse.

-Farei quanto esteja em minha mão, o prometo- disse ele com calma. -Temos outros suspeitos com móveis de mais peso que lorde Byam e que não podem provar onde estavam quando se produziu o fato.

-É isso certo?- Sua voz soou animada pela primeira vez.

-Sim. Existem razões para abrigar esperanças.

-Obrigada- disse ela, e se afastou em direção ao salão.

Finalizada a noite, e uma vez que o último convidado partiu, Charlotte, Emily e Jack se sentaram no salão. Os criados tinham baixado o gás e empilhado os últimos copos e pratos a fim de retirá-los e lavá-los antes de deitar-se.

Emily se voltou para o Jack. Interessavam-lhe os assuntos de Charlotte, mas os de seu marido gozavam de prioridade.

-Teve êxito esta noite?- perguntou com impaciência. -Passou muito tempo na biblioteca com lorde Anstiss. Fez-lhe muitas perguntas?

Jack sorriu e a fadiga se apagou de seu rosto como por arte de magia.

-Sim- respondeu com satisfação. -E me contou muitas coisas que ignorava. É um homem extraordinariamente...- tentou procurar a palavra justa -magnético. Seus conhecimentos são vastos, mas o que mais eu gosto dele é a vitalidade e a inteligência com que fala. E acredito que sua influência é maior do que achava.

-Mas gostou?- pressionou-lhe Emily. -O que disse? Jack, não nos tenha em brasas!

Ele sorriu ainda mais.

-Convidou-me a ingressar em uma muito seleta sociedade que se dedica a fazer boas obras, freqüentemente em segredo. Facilitam recursos a numerosas sociedades beneficentes e lutam contra a desigualdade e a injustiça, inclusive nos círculos mais perigosos do mundo delitivo.

-Que maravilha!- Emily estava entusiasmada. -Pensa ingressar?

-Não!- exclamou Charlotte com uma veemência que os deixou atônitos. -Não -disse mais serenamente. -Tem que averiguar mais coisas sobre essa sociedade antes de te unir a ela.

-Charlotte! É uma sociedade dedicada por inteiro às boas obras- indicou Emily. -O

que tem isso de mau?- voltou-se para o Jack. -Não é assim?

-Claro que sim. E de acordo com lorde Anstiss, seria o passo mais importante que poderia dar para me assegurar o apoio das pessoas que realmente importam no âmbito da política.

Charlotte tentou achar um bom argumento, mas só podia pensar nos temores do Pitt pelo Drummond e era o desventurado que se sentia pela corrupção que tinha descoberto e por uma corrupção muito mais profunda cuja existência, até agora, só suspeitava.

-E o que querem de você em troca?- perguntou. -Que classe de lealdade? Que sacrifício de sua independência e, com tempo, de sua consciência?

-Nada. Jack estava surpreso e um pouco divertido. -É uma sociedade altruísta, Charlotte.

-E secreta.

-Secreta não, discreta. Acaso não é assim como devem fazer as boas obras, modestamente e sem procurar o reconhecimento público?

-Sim- admitiu ela com relutância, não porque não acreditasse mas sim por medo. - Mas Jack, poderia haver outras coisas. Thomas está investigando uma sociedade...

Emily olhou a sua irmã com ceticismo.

-Disse-me que estava investigando o assassinato de um agiota.

-Sim, mas ao mesmo tempo descobriu uma sociedade...

Não soube como continuar. Não podia lhes falar da corrupção da polícia. Ainda era algo muito incerto e muito doloroso. De certo modo sentia que isso desprestigiava ao Pitt e sua profissão, e preferia não contar se não fosse estritamente necessário.

-Londres está cheio de sociedades- disse Jack já mais tranquilo, compreendendo que a preocupação de sua cunhada por sua segurança era autêntica. -Esta é muito honesta, prometo-lhe isso.

-Como se chama?

-Ignoro-o. Anstiss não me disse isso.

-Tome cuidado.

-Terei-o, dou-lhe minha palavra. Emily já deveria estar deitada e estou certo de que você também. Quer que a carruagem te leve a casa agora ou prefere ficar até manhã? Sabe que aqui sempre é bem-vinda.

-Obrigada, mas prefiro ir agora. Quero estar em casa quando Pitt se levantar amanhã.

Jack sorriu e tomou a mão de Emily.

-Nesse caso, boa noite, querida.

Durante o café da manhã Pitt escutou o relato do Charlotte sobre a noite em casa de Emily. Falou unicamente de suas impressões sobre conversas, emoções e medos, e sobre seu convencimento de que Drummond se apaixonara por Eleanor Byam, com toda a dor e o conflito que isso comportava. Não mencionou o convite do Anstiss ao Jack a ingressar na sociedade. Não queria preocupá-lo com isso.

Ele não disse nada, mas sabia que sua esposa compreendia seu silêncio. Beijou-a, longa e docemente, e saiu à rua poeirenta e sufocante a fim de tomar o ônibus que tinha que levá-lo a Scotland Yard para continuar investigando os casos do Latimer.

Passou o dia indo de uma de suas fontes do submundo a outra, entre becos imundos, casas de degraus podres onde os ratos fugiam precipitadamente ao ouvir seus passos, chiando e com as garras martelando as tábuas, os olhinhos vermelhos na penumbra. O lixo se amontoava em montículos cada vez mais afundados e os deságües cheiravam por causa do calor. Tentou esmagar algumas moscas e deu toda sua caldeirinha aos meninos que mendigavam.

Finalmente, em uma taverna pequena e buliçosa chamada O Rato Sorridente, sentou-se frente a um homenzinho que tinha um braço maltratado. Tinha fraturado-o em menino quando, trabalhando de limpador de chaminé, caiu por uma enorme lareira. Não o curaram bem e voltou a romper-lhe ao cair do telhado de uma igreja enquanto

roubava chumbo, e agora estava irremediavelmente deformado. Ganhava a vida vendendo informação.

-Joey- disse Pitt a seu informante, que estava olhando a um homenzarrão que tinha uma jarra de cerveja em cada mão e uma enorme barriga que lhe pendia por cima das calças.

Joey olhou a contra gosto ao inspetor.

-Sim, senhor Pitt, sei o que quer ouvir. Não é um mau tipo, só um pouco seletivo com a gente. Entende?

-Não. Explique-se e lhe darei meio guineu.

-Meio guineu?- O rosto de Joey se iluminou.

-A verdade- advertiu Pitt, -não o que acha que quero ouvir. Você não tem nem idéia do que quero e não quero. Se me inteirar de que me mentiu, juro-te que voltarei para lhe pedir contas.

Joey soltou um uivo de indignação.

-Cale-se!- replicou-lhe Pitt. -Quer que todo mundo te olhe?

-É você um tipo duro.

-Sou-o. E agora fale.

E lentamente Joey contou o que Pitt mais temia escutar. Não havia razões que explicassem por que Latimer tinha optado por desprezar alguns casos e por não chamar certas testemunhas. Joey ignorava se tinha aceito dinheiro por isso, mas supunha que sim, pois em sua opinião não havia outra explicação. A pessoa fazia essas coisas basicamente por medo, mas segundo Joey os policiais da categoria do Latimer não tinham motivos para ter medo. Eram os poderosos, os inatacáveis, protegidos.

-Obrigado- disse Pitt com amargura.

Entregou-lhe o meio guineu e saiu da taverna. Amanhã voltaria para o Clerkenwell, com o sargento Innes.

Naturalmente, ainda havia os devedores da primeira lista do Weems. Possivelmente Innes obtivera provas contra algum deles. Uma parte do Pitt o desejava, mas não o esperava. E possivelmente outra mais consciente e penetrante detestaria que se demonstrasse que um homem que lutava desesperadamente por sobreviver tinha atirado em Weems.

-Nada- disse tristemente Innes com o rosto fatigado e sem indício de esperança.

-Nada sobre a vida privada do Weems?- pressionou inutilmente Pitt. -Não tinha amigos? E mulheres?

-Não encontrei nada- respondeu Innes. Parecia angustiado e incômodo.

-O que ocorre?- perguntou-lhe Pitt.

Achavam-se no pequeno escritório onde Innes guardava suas notas e papéis sobre o caso Weems. O sargento estava sentado no parapeito da janela e tinha deixado a única cadeira disponível ao Pitt, seu superior e convidado.

-Sei como o senhor Latimer consegue o dinheiro. Não o pedia emprestado ao Weems.

Pitt se teria alegrado se a expressão de Innes tivesse sido outra. Fosse qual fosse a resposta, estava claro que não era preferível à usura.

-E?- disse com brutalidade involuntária.

-Com as apostas, senhor. Pelo visto tem muita sorte.

-Como sabe?

-Descobri-o por acaso. Estava investigando a um dos devedores do bairro muito dado

às apostas. Aparentemente Latimer gosta de apostar forte e quase sempre ganha. Conhece bem o boxe sem luvas.

O rosto do Innes se entristeceu. Além da brutalidade que comportava, o boxe sem luvas era uma prática ilegal e tanto eles como Latimer sabiam.

-Compreendo.

Não se incomodou em perguntar ao Innes se estava totalmente certo disso. Se não tivesse estado, não o teria mencionado. O sargento o olhava com suma seriedade. Sobrava explicar as implicações deste achado. Latimer estaria fundo sobre suas apostas e o fato de que tolerava um esporte ilegal saíssem à luz. Era esse o motivo pelo que Weems o fazia chantagem? Isso explicaria a aparição de seu nome na segunda lista. Achavam-se ante um poderoso motivo de assassinato.

-O que vamos fazer, senhor?- perguntou Innes. -Quer que eu seja quem o conte ao senhor Drummond?

Era um oferecimento generoso e Pitt sentiu uma faísca de ternura por dentro.

-Não, obrigado- disse com um sorriso desolador. -Eu o farei.

-Como quiser, senhor.



## Capítulo 9

---

Pitt não fez imposições quando Charlotte lhe comunicou que desejava ir à noite musical que ia celebrar se na casa de Emily no fim de semana. Em realidade, quando lhe comentou, como se desse por assentado que ele já sabia, que os Carswell estariam ali, alegrou-se muito.

Não dispunham de tempo para falar do assunto porque Pitt devia chegar logo ao Clerkenwell. Ele e o sargento Innes tinham que ocupar-se dos poucos devedores da primeira lista que ficavam por investigar. Innes tinha reduzido pouco a pouco o cerco, mas ainda ficava uma dúzia de pessoas que não estava fora de toda suspeita. Qualquer uma delas poderia ter entrado na casa de Weems, carregar o trabuco e disparar. Mas nem Pitt nem Innes achavam isso. Talvez Weems desprezasse seus clientes, mas reconhecia o desespero assim que o via e estavam seguros de que com os anos tinha aprendido que a gente desesperada era perigosa.

Hoje tinham previsto interrogar de novo ao Windy Miller, o mensageiro do Weems, embora esperassem obter pouco dele, e logo à mulher da limpeza, se por acaso tinha passado por cima algum detalhe. Mas tanto Pitt como Innes estavam convencidos de que o assassino do Weems ou se achava na segunda lista ou era o próprio Byam, embora este último não o tinha insinuado Innes porque ainda desconhecia a existência do Byam, fato que pesava desagradavelmente sobre a consciência do Pitt.

Charlotte se despediu com um beijo e mergulhou rapidamente nas tarefas domésticas pendentes a fim de partir pela tarde com a mente limpa e a consciência tranqüila.

Às seis estava sentada na cadeira Hepplewhite do salão de Emily com um vestido rosa elegantemente desdobrado, rodeada de outras trinta pessoas sentadas de frente ao piano de cauda onde um jovem fervoroso interpretava uma peça bela e triste do Franz Liszt. De fato, era tão formosa que Charlotte lhe tinha dedicada isso toda sua atenção e se esqueceu de olhar sequer ao Addison Carswell, Regina ou a senhorita Carswell, Herbert Fitzherbert e Odelia Mordem ou Fanny Hilliard. surpreendeu-se de ver esta última, mas em seguida caiu na conta de seu valor político na possível queda de Herbert Fitzherbert e na sutil intervenção de Emily.

Ao chegar o primeiro intervalo Charlotte recordou o motivo pelo qual estava ali, deixou a um lado seu egoísmo e começou a observar às pessoas. A primeira pessoa em quem se fixou foi a senhorita Carswell. Ignorava seu nome, pois era

difícil diferenciar uma irmã de outra. Devia ter dezessete ou dezoito anos e era uma moça convencionalmente bonita, de tez clara, cabelo loiro e um rosto amável mas pouco peculiar. Sem dúvida quem a conhecia tinha achado nela as crenças e as emoções que a faziam única, o humor, os sonhos, as pequenas atenções.

Desta vez se achava a vários metros de sua mãe, falando animadamente com um moço que Charlotte não recordava, mas que sem dúvida a senhora Carswell sim. A jovem mostrava um profundo interesse e não essa expressão tola que, muitas moças adotavam a primeira aproximação de um homem solteiro e atraente. E o homem, por sua parte, irradiava ternura e parecia ter posta toda sua atenção.

Charlotte sorriu. Era uma situação muito prometedora, capaz de desembocar em uma relação feliz, a principal ambição de uma moça. E melhor se fosse acompanhada de um carinho genuíno, e a julgar por seus rostos, parecia que assim era.

Regina Carswell sabia o que fazia abstendo-se de interromper ao casal com desculpas desnecessárias.

Como os Carswell eram os únicos convidados que Charlotte podia qualificar de suspeitos, decidiu entabular conversa ao menos com um deles, pois era a única forma de averiguar algo mais do que permitia a mera observação. Por conseguinte, abriu passagem entre os círculos de gente que expressavam seu entusiasmo pelo pianista e chegou junto à Regina Carswell.

-Boa noite, senhora Carswell- disse com um sorriso. -É um prazer voltar a vê-la. Como vai?

-Muito bem, obrigada- respondeu Regina. -E você, senhora Pitt?

-Estupendamente. Não lhe parece que estamos tendo um verão encantador? Fazia anos que não recordava um clima tão agradável, embora suponha que o inverno nos faz esquecê-lo.

-É verdade- concordou Regina.

Dispunha-se a fazer outro comentário corriqueiro quando uma corpulenta dama com um generoso peito coberto de diamantes passou junto a elas levantando a saia ligeiramente para não pisá-la. Olhou a Regina com um sorriso extranhamente forçado, voltou-se rapidamente e pegou pelo braço à mulher que a acompanhava.

-Pobrezinha- disse em um sussurro audível para a meia dúzia de pessoas que havia perto.

-Pobrezinha? -perguntou sua companheira. -Por que? Está doente? Sei que tem três filhas, mas me disseram que está fazendo um bom trabalho com elas.

-OH, já sei- disse a dama, tirando importância ao comentário. –Pobre criatura- murmurou de novo. -Deve ser muito difícil, especialmente quando todo mundo sabe.

-Sabe o que?- Sua amiga, vestida com um tom verde muito na moda mas particularmente repulsivo, estava-se fartando de tanta incerteza. -Eu não ouvi nada.

-Já o ouvirá- lhe assegurou a dama corpulenta. -Não de minha boca, é claro, mas com certeza ouvirá.

Regina se tinha ficado sem fala e as faces lhe ardiam. Charlotte não sabia se fingia que não tinha ouvido a conversa ou dizia algo que lhe tirasse importância. Observou a Regina com o fim de averiguar que opção resultaria mais benigna, mas só viu confusão em seu rosto. Possivelmente o comentário estivesse relacionado com o estúpido caso Osmar. Charlotte decidiu dar por sensato que assim era.

-Está visto que o senhor Horatio Osmar só sabe causar problemas- disse com voz animada. -Se fosse você não faria conta. A gente tende a fazer comentários sem estar informada. Esquecerão-se disso assim que surja um novo escândalo.

Regina não saía de seu assombro.

-Não entendo por que têm que compadecer-se de mim- disse com os olhos muito abertos, esforçando-se por sorrir. -Tenho certeza de que meu marido agiu corretamente. Se absolveu ao Osmar teve que ser porque a polícia carecia de provas contra ele. E isso não tem nada que ver comigo.

-Provavelmente escasseiem os escândalos- respondeu Charlotte. -São umas estúpidas. Não acha que esse verde lhe sente mal? Fazia tempo que não tropeçava com uma cor tão desagradável.

Regina se relaxou e sorriu ante a determinação do Charlotte de tirar importância ao assunto.

-Mal- disse afetuosamente. -Se sua criada tivesse um dedo de testa lhe teria aconselhado outra cor.

-Esses verdes amarelados são muito desfavorecedores, sobre tudo em uma pele tão cítrica- prosseguiu Charlotte. -Não me cabe na cabeça que alguém possa fazer um vestido dessa cor. Eu teria escolhido um azul suave. Para começar é uma mulher bastante insípida.

Regina lhe roçou ligeiramente o braço.

-Querida senhora Pitt, a autêntica ofensora era a mulher corpulenta. Acredito que é ela a quem deveríamos arrancar a pele.

-Tem razão- concordou Charlotte com entusiasmo. -Por onde começamos? Não

deveria levar diamantes com um peito tão grande. Com tanto brilho só consegue atrair a atenção para algo já de por si muito claro.

-Cristais- disse Regina com um risinho. -Não são diamantes.

-OH, é claro- se corrigiu Charlotte. -Cristais. Seria preferível uma pedra mais escura...

Pela extremidade do olho reparou em uma mulher que olhava a Regina com uma doçura que raiava a compaixão. A dama, ao ver-se descoberta, avermelhou e desviou rapidamente a vista, como se a tivessem surpreendido contemplando alguém indevidamente vestido, um costume pouco aceito.

Charlotte esqueceu o que ia dizer.

-O que ocorre?- perguntou Regina, consciente de sua confusão.

-Nada- mentiu Charlotte. Depois optou por uma mentira mais acreditável. -Vi a alguém com quem tive uma ligeira briga em uma ocasião. Não tem importância- disse, e se apressou a comentar uma fofoca que lhe tinha contado Emily.

Retornou a seu assento para o segundo ato, do qual não gostou tanto. Não conhecia o compositor e à obra faltava sentimento. Ou talvez se devia a que era incapaz de concentrar-se. No segundo intervalo se aproximou de Emily, a quem até fazia pouco tinha visto falando com Fitz.

-Parece preocupada- comentou Emily. -Descobriu algo?

-Não. O que sabe do Horatio Osmar? É um homem politicamente influente?- sussurrou Charlotte.

Emily enrugou a testa.

-Acredito que não tem nenhum poder. Por que o pergunta?

-Diria-se que a gente fala dele.

-A que te refere com "se diria"? Falam dele ou não?

-Não sei. Observei que algumas pessoas olham à senhora Carswell de forma estranha e me perguntava se está relacionado com o Horatio Osmar.

-Tolices- replicou Emily. -O que tem que ver Regina Carswell com o Horatio Osmar?

-Addison Carswell foi o magistrado que determinou sua absolvição- explicou Charlotte com impaciência. -Thomas acredita que foi uma decisão injusta.

Emily franziu o sobreenho.

-Quem olhava extranhamente a Regina Carswell?

-Não sei. Uma mulher gorda com o decote coberto de cristais.

-Lady Arnforth, o que é absurdo. Não só não sabe nada de justiça, mas não se importa com isso. Deve tratar-se de algum rumor, provavelmente sobre amor ou

imoralidade, ou ambas as coisas.

-E Regina Carswell?- perguntou Charlotte.

-Não sei. Possivelmente o interpretou mau.

Nesse momento se uniu a elas Fitz, que se tinha afastado um momento para cruzar umas palavras corteses com um homem muito influente na esfera política. Esse mesmo homem tinha estado falando seriamente com o Jack uns minutos antes. Fitz tinha tentado ficar a sua altura e agora parecia decepcionado, como se acreditasse que não o tinha conseguido. Só parte de sua atenção estava com Emily. O resto a tinha posta na Fanny Hilliard, que se achava a uns metros dele. A jovem tinha o rosto rosado e o olhar brilhante. Levava sua formosa cabeleira presa no alto da cabeça e adornada com flores de seda.

Um homem alto, de olhos azuis e queixo fugidio, aproximou-se do grupo com passo diferente. Inclinou-se ante Emily e Charlotte com uma elegância exagerada e posou uma mão sobre o ombro do Fitz.

-Como está, velho amigo?- disse animadamente. Pensa ser nosso próximo membro no Parlamento? A partir de agora terei que ser mais resseioso com você.- Dirigiu o olhar para onde Fitz o tinha tido uns segundos antes e viu a Fanny Hilliard.

-Bonita, não é?- comentou com admiração. -Mas não é uma garota que lhe convenha, moço, e ainda menos se quer ingressar no governo de Sua Majestade. Já sabe que deve ser prudente e estar acima de toda suspeita.

Fitz ficou rígido e um vislumbre de indignação apareceu em seu rosto em geral afável e indolente.

-Vigia sua língua, Ferdy. A reputação da senhorita Hilliard está fora de toda dúvida.

Ferdy lhe olhou com incredulidade.

-Brinca? Devo reconhecer que parece uma dama, mas em realidade é a amante do velho Carswell. Uma aventureira. Tem-na em uma habitação situada ao outro lado do rio. Grande idiota. Teria esperado maior discrição de um magistrado.

Fitz empalideceu.

- Mente- resmungou. -E se não estivéssemos em casa alheia e rodeados de gente, faria-o comer suas palavras.

-Tranqüilize-se, amigo- respondeu Ferdy desconcertado. -Lamento que a garota seja de seu agrado, mas estou certo do que digo. Contou-me isso meu tio lorde Bergholt, uma fonte de todo fidedigna. Não há dúvida de que é a amante do Carswell. A mim quem dá pena é a senhora Carswell. Esse velho imbecil deveria ter sido mais discreto. Não importa o que faça desde que seja discreto, mas está muito isso mal de envergonhar à esposa,

muito mal.- E sem esperar uma resposta, afastou-se sacudindo a cabeça.

Fitz estava estupefato e a própria Charlotte se sentia como se alguém em quem confiava a tivesse esbofeteado.

-Não acredito- murmurou Emily. Por uma vez, tampouco ela sabia o que dizer. -Que rumor tão malicioso.- voltou-se para a Charlotte e reparou em seu rosto. -Charlotte?

A mente do Charlotte girava a uma velocidade vertiginosa. Pitt lhe contou que tinha seguido ao Carswell até o outro lado do rio e que o tinha visto encontrar-se com uma jovem. Não havia dito que fora Fanny Hilliard. Mas por que ia dizer? Naquele momento não sabia que Charlotte a conhecia.

-Charlotte- disse Emily, desta vez com certa brutalidade. -O que lhe ocorre?

Indignada pelo engano e cheia de fúria e dor pelo Fitz, Charlotte tratou de repor-se.

-Possivelmente seja um engano- disse fracamente. -As pessoas tendem a repetir os comentários mais absurdos e no final acabam deformando-os.

Mas antes de que pudessem seguir procurando desculpas, a atenção se desviou para o grupo situado a uns metros de distância, onde estava Fanny, que se achava quase ao lado da Odelia Mordem.

As faces lhe ardiam de abatimento e humilhação, mas no terrível silêncio não negou nada, não disse absolutamente nada.

-Senhorita Hilliard?- sussurrou Odelia. Não havia triunfo em si mas, um estranho atordoamento, como se já soubesse que sua vitória ia ser amarga.

Fanny levantou lentamente a vista e olhou ao Fitz, como se a opinião de outros fosse insignificante em comparação com sua terrível ferida.

Fitz estava paralisado, não pela revelação ou o desconcerto das pessoas que os rodeavam, mas sim pelo silêncio da Fanny. O rosto da moça refletia um sofrimento insuportável, todo mundo podia vê-lo, mas não negou nada nem procurou desculpas.

Por um momento Fitz fez gesto de aproximar-se dela. O silêncio se estava prolongando tanto que até as luzes pareceram vacilar. Podia ouvir o ruído do tafetá acompanhando a respiração das mulheres dentro de seus apertados espartilhos. Ao longe soavam os saltos de uma criada que caminhava pelo corredor sem tapete.

Fanny deu meia volta e abriu passagem entre os convidados até chegar ao vestíbulo.

Emily deu um passo à frente.

-Eu irei- deteve rapidamente Charlotte, e pôs-se a andar antes de que sua irmã pudesse protestar.

Pelo caminho esteve a ponto de tropeçar com a mulher corpulenta dos cristais, pisou

no pé do Ferdy no momento, em que este se dispunha a abrir a boca para dizer algo e chegou ao vestíbulo justo quando o laçao estendia a Fanny sua capa. James Hilliard, pálido e abatido, achava-se a uns metros dela, emocionado, transladando o peso de um pé a outro.

Charlotte não sabia o que dizer para suavizar a situação, pois tinha sido o coração e não a razão o que a tinha empurrado a sair. Foi direta a Fanny. A moça se voltou para ela com as faces brancas e uma dor cegadora no olhar.

-Sinto muito- disse com um sussurro rouco. -Abusei de sua hospitalidade.

-Não vim em busca de desculpas- disse Charlotte. -Ignoro o que está acontecendo , mas é evidente que está muito abatida e desejaria achar uma forma de ajudá-la...

-Não pode! Ninguém pode. Por favor, me deixe partir antes de que saia...- Não teve ânimo para pronunciar o nome do Fitz, mas Charlotte sabia que se referia a ele.

-Entendo-o, mas lhe rogo que aceite reunir-se comigo em algum lugar onde possamos falar a sós.

-Você não pode fazer nada- disse a jovem com desespero, temerosa de que aparecesse Fitz pela porta, ou inclusive Odelia.

-Amanhã- insistiu Charlotte. -Reúna-se comigo no parque próximo ao Rotten Row.

-Não tenho cavalo.

-Eu tampouco, mas vá.

-É inútil. Você não pode fazer nada.

-Espero-a às nove em ponto- a pressionou Charlotte. -Do contrário, irei procurá-la, e sei onde encontrá-la.

Não era de todo certo, teria que perguntar a Pitt.

-Não pode fazer...- começou de novo Fanny, mas nesse momento se aproximou James Hilliard.

Seu desconcerto, por fim, diluiu-se o bastante para sair em defesa de sua irmã contra o que achava uma perseguição.

-Senhora Pitt...- disse com brutalidade.

-De acordo- aceitou Fanny. -Amanhã- voltou-se rapidamente para seu irmão. - Obrigado, James. Por favor, me leve a casa.

A música soava de novo e os convidados tinham retornado a seus assentos. Parecia que estavam escutando, mas debaixo de seus semblantes atentos a imaginação voava e se preparava para transmitir o escândalo assim que surgisse a oportunidade. Amanhã toda a alta sociedade saberia, e as pessoas com telefone se sentiriam tremendamente

superiores a seus amigos mais atrasados.

-O que lhe disse?- perguntou Emily assim que Charlotte se sentou a seu lado.

-Nada, marquei com ela para nos ver amanhã.

-Que pena- Emily estava perturbada. -Tinha começado a tomar carinho e realmente confiava em que se casasse com o Fitz, por muito rival que seja de Jack. Sei que é incongruente, mas gosto de Fitz.

-Não é nenhuma incongruência. Por muito que lhe agradem Fitz e Fanny, e realmente acredito, esse sentimento não pode comparar-se com seu amor por Jack e sua certeza de que seria um excelente membro do Parlamento. E se Fitz rompesse seu compromisso com Odélia pela Fanny, mesmo que a reputação desta fosse irrepreensível, estaria cometendo um dos poucos enganos que podem provocar sua derrota.- Apesar do olhar consternado de Emily, Charlotte prosseguiu. -Não acredito que fizesse nada para provocar essa união, mas não me diga que lamentaria que Fitz arruinasse sua carreira política.

Emily parecia desconfortável.

-É claro que não faria nada- se defendeu, embora não havia indignação em sua voz. - Se desejo a união do Fitz e Fanny é porque acredito que o amor em um matrimônio é muito mais importante que esta oportunidade em concreto de apresentar-se ao Parlamento. Não sou tão manipuladora como acha.

Charlotte sorriu, mas não disse nada. Depois dirigiu o olhar à frente e concentrou sua atenção na música.

Era uma manhã ensolarada, banhada por uma brisa enérgica e limpa, e Charlotte se alegrou de ter trazido consigo uma capa. Aguardava no extremo sul do Rotten Row, a longa avenida de terra flanqueada de árvores que se estendia do Royal Albert Memorial até o Hyde Park Corner. Aqui as damas da boa sociedade, tanto de reputação excelente como péssima, passeavam a cavalo para exibir suas habilidades, seus trajes e seus encantos pessoais.

Enquanto esperava passou junto a ela um grupo de mulheres, todas vestidas com o traje adequado para a ocasião, isto é, jaquetas de cintura marcada, de gola alta ou com lapelas, e formosos broches que representavam a cabeça de um cavalo ou um estribo. Uma delas trazia um broche com forma de corneta de caça sobre uma gravata de um branco resplandecente. Naturalmente, todas levavam luvas longas de montar e chicotes com cabos finamente lavrados.

Os cavaleiros viraram e, avançando ao galope, cruzaram-se com um grupo que



cavalgava em sentido oposto. A cabeça trocou a rédea e o chicote de mão para saudar uma conhecida, uma manobra bastante ousada a essa velocidade. Outra se inclinou para acariciar o pescoço de seu cavalo, outro gesto desnecessário realizado unicamente para exibir suas habilidades.

Charlotte sorriu para si mesma e ficou caminhando para não ter frio.

Quando finalmente divisou a Fanny ao longe, por um momento pensou que não era ela. Parecia outra. Seu andar carecia de elegância e de seu rosto se esfumara a alegria. Deixando a um lado o que tivesse feito e os motivos, Charlotte só podia sentir por ela uma profunda lástima.

Correu a seu encontro e tomou sua mão com força.

-Não entendo por que veio- disse Fanny, com uma voz tão rouca que Charlotte soube que tinha estado chorando até destroçar a garganta.

Recordava ter sofrido essa mesma dor muitos anos atrás, antes de conhecer Pitt, por amores e rechaços que a feriram terrivelmente. Seus rostos, entretanto, esfumaram-se de sua memória.

-Porque quero conhecer a verdade- disse sem mais. -Possivelmente possa fazer-se algo, e embora não seja assim, continuarei sendo sua amiga.

As faces de Fanny se encheram de lágrimas, como se a amabilidade de Charlotte fosse mais do que podia suportar. Fizera-se forte contra a censura, mas se sentia indefesa ante a doçura.

Tratou de tranquilizar-se.

Charlotte tirou um lenço de todo inadequado e o estendeu, logo procurou outro e o entregou também.

Fanny assoou o nariz e fungou.

-Quer ao senhor Carswell?- perguntou Charlotte.

Um leve sorriso cruzou os lábios da moça ao mesmo tempo que as lágrimas caíam por suas faces. Tinha os olhos avermelhados, a pele salpicada, e Charlotte com muita dificuldade a relacionava com a formosa jovem que tinha conhecido, mas isso carecia agora de importância.

-Sim- titubeou. Depois, com uma risada convulsiva, acrescentou. - Sim, quero-lhe.

Charlotte ficou desconcertada, mas tinha chegado muito longe para dar marcha ré.

-Teria jurado que estava apaixonada pelo Fitz.

-Estou.- Fanny fungou. -Estou.- Engoliu em seco convulsivamente e recorreu de novo ao lenço empapado.

Charlotte abriu sua bolsa em busca de outro lenço mas não achou nenhum.

Lamentando a extravagância, mas sentindo a dor da Fanny com muita intensidade para negar-lhe introduziu discretamente uma mão por debaixo de suas saias e arrancou uma parte de anágua.

-Assoe-lhe ordenou, -e depois se explique.

Sentiu que falava como Vespasia, mas alguém tinha que tomar as rédeas da situação.

Fanny estava muito cansada e abatida para resistir.

-Quero-os aos dois, mas de forma diferente- sussurrou.

-Isso é absurdo- replicou Charlotte, -a menos que seja uma autêntica boba. Sonha se acha que está em condições de receber a ajuda econômica de um homem como Addison Carswell enganando a sua esposa, uma mulher estupenda que não merece isso, e ao mesmo tempo dizer que quer ao Fitz.

-É certo!- exclamou Fanny com desespero, como se temesse que sua única amiga fosse abandoná-la. Corou terrivelmente e tomou uma última decisão. -Não da forma que você acredita. Addison Carswell é meu pai.

Charlotte ficou momentaneamente sem fala. Depois pouco a pouco, começou a compreender.

-É ilegítima? Quanto o sinto! Deve ser muito duro para você.

-Não, não o sou. Eis aí o problema. -Agora que Fanny se decidiu a dizer a verdade, estava desejando falar. -Meu pai se casou primeiro com minha mãe.- Olhou angustiada a Charlotte.

-Então sua mãe está morta.

-Não.

-Divorciada?- Charlotte estava atônita. Os divórcios eram muito estranhos e constituíam um escândalo maiúsculo. Os homens só repudiavam a suas esposas por razões realmente atrozes, como o flagrante adultério. Se sua esposa lhe desagradava, simplesmente se buscava uma amante e passava em casa o tempo estritamente necessário, embora devesse continuar mantendo a sua mulher e filhos e conservar sua posição social intacta. Tais acertos se levavam a cabo discretamente e eram aceitos.

Uma mulher só repudiava a seu marido se este a abandonava ou a maltratava além do razoável. Certa disciplina, se merecida, considerava-se aceitável. E, naturalmente, o adultério não era causa de divórcio se o cometia o homem.

-Não- respondeu Fanny com voz abafada.

-Então não o entendo.

-Não houve divórcio. Minha mãe e meu pai ainda estão casados.

-Mas e a senhora Carswell? Quero dizer Regina...- Finalmente, Charlotte compreendeu. -OH, isso significa que não está casada! O...?

-Não, não sabe- disse Fanny. -Por isso ontem não revelei a verdade. Por isso meu pai tampouco pode dizê-lo. Seu matrimônio é bígamo e seus filhos são bastardos.

-Santo céu! Pobre criatura.

-Não posso delatá-lo- prosseguiu Fanny. -Afundaria-o e, o que é pior, afundaria a toda sua família. Viu ontem Mabel com esse jovem? Que probabilidades teria de casar-se com ele ou com quem é se chegar a saber?

-Nenhuma- reconheceu Charlotte. -Mas e você?- de repente desejou não tê-lo dito. Fanny sabia muito bem o futuro que a esperava. -Sinto- disse.

-Sei.- Suas mãos apertaram as de Charlotte. -Me acredite, não pensei em outra coisa desde ontem. Devia imaginar que cedo ou tarde se saberia, mas papai era muito prudente e vinha ver-me sempre em segredo. Ignoro quem o averiguou ou, como, mas suponho que estava destinado a ocorrer.

-E seu irmão? Não parecia sabê-lo.

-E não sabe. É menor que eu e não se lembra de nosso pai. Hilliard é o nome de solteira de minha mãe e começou a usá-lo depois de separar-se. Jamais contou ao James a verdade e eu tampouco vi razão para fazê-lo. Meu irmão não sabe que durante os dois últimos anos estive vendo nosso pai. Quando minha mãe adoeceu, não só física mas mentalmente, necessitamos de ajuda. Procurei meu pai e lhe expliquei a situação. Em seguida se mostrou disposto a nos ajudar, em parte, suponho, porque se sentia um pouco culpado. Estipulou uma pensão para minha mãe e utilizou suas influências para conseguir um posto ao James no distrito bursátil, embora meu irmão o ignore.- Sorriu levemente. - Papai é muito amável e doce comigo. Nunca o interpretei como outra coisa salvo carinho.

-Jamais contou nada a seu irmão?

-Não, e tampouco penso fazê-lo agora. Poderia delatar ao papai para me defender e não estou disposta a permitir que isso ocorra.

-É uma postura muito louvável por sua parte- disse Charlotte com súbita admiração.

Fanny sorriu tristemente.

-E realista. Quero a meu pai e eu jamais me perdoaria se levasse a desgraça a sua família atual. Mas embora o fizesse, quem me admiraria por isso? Possivelmente as pessoas o vissem como um ato justo, mas não é justiça o que quero. Quero ao Fitz e não

posso tê-lo. Ele não me amaria se fizesse isso, e tampouco posso lhe dizer a verdade.

Seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas e virou o rosto para tentar serenar-se.

-Eu gostaria que me deixasse ser sua amiga- disse Charlotte de coração. -Isto é, se depois de me conhecer melhor ainda o desejar.

Fanny estreitou fortemente a mão de Charlotte.

-Será um prazer- sussurrou com voz rouca.

Drummond se achava em seu escritório do Bow Street, passeando de um lado a outro, muito inquieto para sentar-se. O caso Osmar o deixava furioso. Não podia acreditar que esse miserável tivesse recorrido a sua velha amizade com alguns ministros para pôr em ridículo ao poder judiciário e impugnar a honestidade da polícia.

Não tinha dúvida de que o Círculo Interno tinha algo que ver com o assunto. Osmar, por si só, carecia de poder. O fato de que tudo fora obra da irmandade o fazia sentir-se ainda mais culpado por ser membro da mesma, e temeroso de seu poder e seus fins.

Caminhava em direção à janela quando alguém bateu na porta. Voltou-se rapidamente, como se lhe tivessem surpreendido cometendo um delito.

-Adiante.

A porta se abriu e apareceu Urban. Parecia contente, embora seu sorriso ainda continha certa irritação.

-O que ocorre?- perguntou Drummond com uma secura pouco usual.

Urban não lhe prestou atenção. Estava muito exaltado com a nova notícia.

-Ganhamos- disse.

Drummond ignorava a que se referia.

-O que?- inquiriu com tom irritado.

-O caso contra Osmar.

-Impossível. Foi absolvido.

-Não refiro a esse assunto- explicou decepcionado Urban. -Me refiro ao caso contra a imprensa por suas calúnias no referente ao interrogatório ao Beulah Giles.

-Ah!- Drummond deveria perceber desde o começo, pois o assunto não era nenhuma tolice. Olhou ao Urban e tentou compensar seu descuido. Obrigou-se a pôr cara de satisfação. -Graças a Deus. Temia que tivéssemos que lhes levar a julgamento.

-Pois não será necessário. Chegaram a um acordo para nos indenizar por danos e prejuízos e retiraram a acusação, de brutalidade.

-Nesse caso, a que se deve a reserva que adverti em seu rosto quando entrou? - perguntou Drummond. -Não lhe satisfaz a soma?

-Sim, sim, mostraram-se muito generosos, tal como devia ser. Foi uma horrível calúnia e citaram coisas que não dissemos-respondou Urban acaloradamente. -Fomos vítimas de um jornalista histérico e irresponsável, e outros jornais que o utilizaram nem sequer se incomodaram em comprovar os dados.

Drummond esperava com os olhos bem abertos.

Urban sorriu para si mesmo.

-Esse Osmar segue livre para ir dizendo por aí que é inocente. – meteu as mãos nos bolsos. -O certo é que não é nenhum delinqüente perigoso, só um velho idiota que fornicava nos parques públicos-. Sua voz se agravou. -Mas também é um homem que utiliza sua influência para saltar a lei quando lhe convém, e esse é um delito contra a sociedade muito sério. Em certo sentido é pior que o assassinato.

E com essas apaixonadas palavras, virou sobre seus calcanhares, saiu do escritório e fechou suavemente a porta.

Drummond ficou no meio do aposento, sob o sol que entrava pela janela, tremendo com veemência e percebendo os sons da rua como se de insetos longínquos se tratassem.

Quando deram as cinco já tinha decidido o que devia fazer e às nove e meia viajava em um cabriolé em direção a Belgravia. Desceu no Belgrave Square e bateu no número 21. O laçao lhe convidou a passar sem pôr reparos. Só comentou que lord Byam não estava em casa mas não demoraria para chegar.

-Esperarei- disse Drummond.

-Informo a lady Byam de sua presença, senhor?

O laçao o fez passar à biblioteca.

-Seria o correto, mas é a lord Byam a quem desejo ver-respondou Drummond.

A luz do crepúsculo envolvia a tranqüila estadia e as sombras das folhas se projetavam na janela.

-Muito bem, senhor- disse o laçao. -Lhe trago algo de beber? Uísque, brandy?

-Não, obrigado.

Incomodava-lhe a idéia de aceitar a hospitalidade de um homem a quem estava decidido a exigir explicações sobre seu problema e sobre a tragédia e os temores conseguintes.

-Bem, senhor.

O laçao se retirou e fechou a porta.

Drummond estava muito nervoso para sentar-se. Tinha repassado uma e outra vez o que ia dizer, mas ainda não lhe convencia. Tão logo soava excessivamente resseioso e pouco direto como muito estridente, como se ele mesmo se sentisse assustado e inseguro.

Invadido cada vez mais pela dúvida, cinco minutos mais tarde a porta se abriu e apareceu Eleanor. Trazia um vestido de um tom cinza azulado, como seus olhos, com um decote muito aberto e duas voltas de pérolas que lhe chegavam quase até a cintura. A primeira coisa que pensou Drummond foi que estava linda. De pé junto à porta, a tez rosada e a mão sobre o trinco, aparecia como uma criatura cálida, elegante e gráciosa, tudo o que um homem amava em uma mulher, aquilo que era doce e forte, vulnerável e terno.

De repente reparou na elegância do vestido e temeu que os Byam esperassem convidados ou tivessem previsto sair. Se fosse assim, Byam não disporia de tempo para uma entrevista longa.

Provavelmente Eleanor tinha entrado para explicar-lhe e lhe pedir que viesse outro dia.

-Senhor Drummond- disse a mulher com obrigação enquanto fechava a porta, -Sholto demorará pelo menos meia hora em chegar. Posso falar com você?

Nervosa, tinha as faces acesas e olhava ao Drummond com uma intensidade perturbadora.

-Certamente.

Eleanor se deteve em meio da estadia, frente a ele. Também ela parecia incapaz de sentar-se.

-Há... ?- começou. Então o olhou diretamente nos olhos. -Descobriu algo novo? Por isso veio?

Drummond temeu que fosse lhe perguntar se tinha vindo prender o Byam. Lhe tinha ocorrido em algum momento a Eleanor que seu marido podia ser culpado? Ou acaso seu medo se devia à falta de confiança na justiça?

-Nada importante. E nada que implique a lorde Byam.

-Senhor Drummond...- Lady Byam respirou fundo e as pérolas cintilaram com a ascensão de seu peito. -Senhor Drummond, está me dizendo a verdade ou tenta me proteger de uma má notícia que cedo ou tarde terei que conhecer?

-Estou-lhe dizendo a verdade. Vim porque preciso saber mais, não porque saiba mais.

Ela fez gesto de insistir, mas mudou de idéia e se dirigiu para a cornija da lareira,

ficando de costas ao Drummond. Estava apagada, pois era uma noite quente, mas permaneceu ali como se estivesse acesa.

-Veio em um momento muito oportuno- disse com voz baixa, contemplando os cabos finamente lavrados das tenazes. -Preciso lhe contar algo.

Drummond aguardou. Ansiava ajudá-la, mas não podia fazer nada. Ela mantinha o olhar cravado nas tenazes.

-Averigüei o motivo da discussão que escutei, entre meu marido e sir John- prosseguiu, triste e assustada. -Averigüei por acaso, durante um jantar, através de um jovem chamado Valerius. O cargo do Sholto no Ministério de Fazenda está relacionado com a concessão de empréstimos a certos países do império. Meu marido tem autoridade para aceitá-los ou recusá-los. Sempre se mostrou muito disposto a ajudar, mas de repente, sem um motivo aparente, revogou anos de política...- Eleanor se deteve e olhou angustiada ao Drummond.

Limitado pelos convencionalismos, por seu próprio acanhamento e insegurança, enfurecia-lhe não poder consolá-la. Amava a Eleanor, tinha que reconhecê-lo. Era absurdo continuar chamando-o de outro modo. Mas seria um ato imperdoável confessar-lhe inclusive dar-lhe a entender embora fosse sem palavras. Eleanor se achava em um estado extremamente vulnerável. A vida de seu marido corria perigo e ela tinha recorrido à única pessoa que podia salvá-lo. Confiava no Drummond. Abusar dessa confiança levado pela paixão teria constituído um ato desprezível. Drummond corou só ante a idéia.

E estava furioso com o Byam pela dor e o medo que estava causando a sua esposa, por negar-se a explicar a situação, por ter ido a ele e lhe haver envolvido em tão confuso e turbador dilema. E por cima de tudo lhe queimava o remorso, pois um irmão que se achava em uma situação desesperada lhe tinha pedido ajuda e ele não só tinha falhado, mas tinha se apaixonado por sua esposa. Por outro lado, estava profunda e terrivelmente assustado. E se Byam fosse culpado? E se descarregava a pressão do Círculo Interno sobre o Drummond para ocultar sua culpa? Se a irmandade era tão desumana como Pitt sugeria, havia essa possibilidade. Como o explicaria a Eleanor? Não poderia fazê-lo. Soaria pomposo, egoísta e covarde. Desprezaria a ele, e a ferida seria dolorosa. Mas que outra alternativa tinha? Permitir que um homem inocente fosse enforcado ou, se o caso não se resolvesse, arruinar sua própria reputação e carreira.

Pitt o desprezaria por isso, pois cedo ou tarde saberia. E isso também lhe doeria. Em certo sentido, doeria-lhe tanto como o rechaço da Eleanor. Provavelmente lhe odiaria, mas pelo menos saberia que Drummond agia de acordo com sua consciência. Pitt, em troca,

desprezaria-lhe por haver-se traído a si mesmo e rebaixado até um nível que só merecia isso, desprezo. E de que modo o castigaria o Círculo Interno? Porque não lhe cabia dúvida de que o faria.

Como pôde ser tão confiante, tão ingênuo, tão incrivelmente estúpido? Porque se havia sentido adulado, porque não parou a pensar e só tinha visto o que queria ver, sem olhar debaixo da superfície. A aversão que sentia por si mesmo o enfureceu ainda mais.

Tinha que concentrar-se.

Eleanor o olhava com seus olhos cinzas à espera de uma resposta sensata e convincente. O que podia dizer ele? Devia deixar a paixão a um lado e concentrar-se.

-Está certa de que não existe uma boa razão política para essa revogação?- perguntou, fazendo tempo para esclarecer a mente e deixar a um lado as emoções.

-Estou- respondeu ela com tristeza. -Por isso discutiram, porque não existia uma razão política. Se tivesse existido, sir John, embora decepcionado, o teria compreendido e não se teriam despedido com tanta tensão. São amigos e aliados políticos a muito tempo.

Drummond mencionou a única outra causa que se atrevia a pronunciar, mas tinha que ser rejeitada.

-Tem certeza de que a decisão não se deve a motivos econômicos?- Temendo sugerir que estava chamando o Byam desonesto, apressou-se a prosseguir. -O digo unicamente para poder descartar isso. Acredita que sir John pôde pensar isso?

-Não.- Franziu o sobrecenho. -Estranharia muito.- Sua voz continha um vislumbre de esperança. Por muito desagradável que resultasse a idéia, era preferível a que pesava como uma pedra sobre sua cabeça. Não, Sholto nunca teve interesses pessoais que pudessem prejudicar sua imparcialidade política. Não seria ético nem achando-se nas piores circunstâncias.- Desviou o olhar para a janela. -Sua fortuna provém das terras que sua família possui no Huntingdonshire e de outras propriedades no Gales e Irlanda. Nunca teve nada que ver com o mundo dos bancos e do comércio, e ainda menos com o das importações e exportações.

-Compreendo.

Eleanor baixou a vista e seu rosto se contraiu, como se esperasse uma bofetada, possivelmente autoinfligida.

-Não, senhor Drummond, não tenho nenhuma resposta honorável e, me acredite, tenho espremido os miolos procurando-a. E o pior é que Sholto está muito mudado.- Olhou ao Drummond com tal

intensidade que este sentiu como se lhe houvesse tocado fisicamente. -Tem medo,



tanto medo como eu. A única diferença é que ele conhece a causa desse medo e eu só posso supô-la.

Era impossível evitar a pergunta e, ao mesmo tempo, conservar a honestidade, e Drummond desejava, acima de tudo, ser honesto com lady Byam. Era a única intimidade que tinha permitida. Armou-se de coragem.

-E o que é o que supõe?

-Que alguém tem a carta e os registros dos pagamentos que Sholto entregou ao Weems, e que esse alguém lhe está fazendo agora chantagem do mesmo modo que antes se o fazia Weems. Imagino que se trata do próprio assassino.

Drummond não podia negá-lo.

-Não me ocorre ninguém mais.

Eleanor desviou novamente o olhar.

-Mas por que Sholto se nega a me contar isso Não o entendo. Sei tudo sobre Laura Anstiss. Foi uma loucura, um engano de juventude, mas se agora me contasse que ainda lhe estavam fazendo chantagem, não teria nada que perder. Nunca o culpei pelo que aconteceu.- Deslizou um pé pelo suave cobre da grade, como se isso a serenasse. - Durante um tempo me perguntei se ainda estaria protegendo ao Frederick Anstiss. Os laços da amizade podem abafar e ainda se sente culpado...- Olhou ao Drummond com expressão carrancuda. -Mas não vejo por que. Se Sholto contasse a você que estava em mãos de outro chantagista, isso favoreceria a investigação, não? De que modo poderia ferir isso ao Frederick? Ele já sabe mais que nós sobre a morte da Laura Anstiss. Sabia que estava obcecada com o Sholto, ou temporariamente louca por ele, se prefere chamar assim.

-Eu tampouco o entendo. Mas às vezes os velhos remorsos, por muito ilógicos que sejam, podem nos levar a proteger às pessoas...- A voz do Drummond se apagou. Desnecessário dizer tudo isso. Ela já sabia e não apaziguava seus temores. -Acredita que seu marido sabe quem lhe está fazendo chantagem?

Lady Byam fez uma careta de dor mas não desviou o olhar.

-Pensei nisso e só existe uma razão pela qual Sholto o ocultaria-. Sua voz perdeu força. -Porque tem intenção de enfrentar pessoalmente a esse homem. Senhor Drummond, tenho muito medo de que o faça e um dos dois morra.

Esquecendo do decoro e de sua consciência, Drummond tomou as mãos da Eleanor entre as suas.

-Querida, não deve pensar isso. Não tem sentido. Se lorde Byam descobrir quem é,

dirá-me isso, prenderemos o homem discretamente e não lhe permitiremos falar com ninguém antes do julgamento. Até então o teremos convencido de que não lhe convém falar.

-Seriamente pode fazer isso?- sussurrou lady Byam.

-Certamente.- Drummond lhe segurava as mãos com suavidade. -Por isso lorde Byam recorreu a mim- prosseguiu. -Ele jamais agrediu ao Weems. E agora que sabemos sobre a morte de Laura Anstiss e devemos resolver o assassinato do Weems, seu marido tem menos razão ainda para enfrentar seu chantagista pessoalmente. Se fosse um homem violento não teria esperado até agora para agir.

Não havia esperança nos olhos dela. De fato, parecia mais atemorizada que antes.

-Eleanor!- exclamou Drummond sem dar-se conta de que tinha utilizado seu nome de batismo. -Eleanor... dispunha-se a lhe perguntar o que a angustiava tão quando a resposta o assaltou de repente com toda sua força. Lady Byam tinha admitido a possibilidade de que Byam tivesse assassinado ao Weems e a chantagem atual não tivesse nada que ver com algo tão simples e relativamente inocente como sua conexão com a morte da Laura Anstiss. Realmente Byam era vítima de uma chantagem que não podia confessar ao Drummond. Alguém o tinha visto, alguém sabia. Ou possivelmente Weems tinha tomado mais precauções do que Byam tinha mencionado e seu protetor estava vingando sua morte. -É possível, verdade?- sussurrou Eleanor, o rosto pálida. Baixou o olhar, liberou suas mãos das do Drummond e as cruzou. -Que Deus me perdoe por havê-lo pensado sequer.

Desesperado, Drummond procurou algo ao que agarrar-se, algo que lhe impedisse de abraçá-la e abusar assim de sua confiança e sua angústia. Afastou a idéia de sua mente e deu um passo atrás.

-Sei que pensa que estou sendo desleal- disse ela, -e não o culpo.

-Não, querida minha...Eu...

Drummond não sabia o que dizer, não sabia como expiar sua falta sem confessar a insuportável verdade. Olhou-a impotente.

Olhou por sua vez e seus olhos se encheram de surpresa.

Ele corou, sabedor de que se traira a si mesmo. Não havia lugar para palavras, para desculpas. Quão único que podia fazer era lhe assegurar que não se aproveitaria da situação. Mas como fazê-lo e conservar seu respeito?

O rosto lhe ardia.

Ela sorria.

Com soma doçura, Eleanor tomou uma mão com seus dedos quentes e, depois de segurá-la durante uns instantes, soltou-a.

Drummond se sentiu incrivelmente unido a ela, como se lhe tivesse beijado, mas era uma sensação mais doce ainda, mais duradoura. Procurou os olhos da Eleanor e neles não viu medo nem remorso, só pesar. Era possível? Não se atrevia a pensar nisso sequer. Devia afastar isso de sua mente.

-Há... há outras razões- titubeou Drummond. -Coisas a ter em conta...- prosseguiu, tratando de achar uma idéia sensata e coerente. -Se matou ao Weems, por que não levou a carta e os papéis? E se não os achou, o lógico é que não nos tivesse falado deles e teria confiado que tampouco nós os encontraríamos. Antes de tudo, sabia que estavam ali e com certeza os teria procurado, nós nem sequer sabíamos que existiam.

-Talvez os levou mas ignorava que Weems tinha entregue uma cópia a outra pessoa.- Eleanor estava fazendo-se de advogado do diabo porque era necessário.

-Mesmo assim, é absurdo. Se Byam pensava que todos os indícios o assinalavam, não teria recorrido a mim. Jamais lhe teríamos relacionado com o Weems. Por que íamos fazê-lo? E em qualquer caso, do que servia ao misterioso aliado do Weems ter provas se ninguém sabia que existiam? Não acredito que Weems fosse a classe de homem que deseja ver sua morte vingada, mas sim tem sentido que se protegesse para que não o matassem. O que unicamente serviria sempre e quando todas as pessoas que constituíam um perigo para ele conhecessem a existência desse amparo e soubessem que seria utilizada em caso de que o agredissem.

-Possivelmente achava que Sholto não representava um perigo para ele.

-Nesse caso, que sentido tinha dar uma cópia dos papéis a um amigo? E que sentido tinha que os conservasse ele mesmo, o qual sabemos que fazia porque lorde Byam nos disse isso?

-Mas se a polícia não os achou, onde estão?

Ele estava confuso.

-Não sei. Possivelmente o assassino os levou, embora não entendo por que não fez o mesmo com a outra lista.

-Que outra lista?- perguntou ela, franzindo o sobrecenho.

Drummond tinha cometido um engano, mas já não podia voltar atrás e nem sequer estava certo de querer fazê-lo. Detestava ter que lhe ocultar tanta informação.

-OH, claro, você não sabe. Havia outra lista onde figuravam pessoas de boa posição econômica que, supostamente, pediram ao Weems grandes somas de dinheiro

emprestado, e todas elas o negam.

Eleanor olhava-o com os olhos muito abertos.

-Também elas eram vítimas de chantagem?

-Isso parece.

-E... e ainda o são?

Seu medo era agora ainda mais afiado e Drummond sabia por que. Não se viu com forças para responder.

-Não...- sussurrou ela. -Não é preciso que o diga, posso lê-lo em seu rosto. Sholto é o único.

Fez-se o silêncio. Não era preciso dar explicações. A única resposta que martelava na cabeça de ambos era que Byam tinha matado ao Weems e alguém o tinha visto, e esse alguém estava fazendo chantagem não pela morte da Laura Anstiss mas sim pelo assassinato do Weems. E se só Byam sabia quem era, poderia facilmente assassiná-lo a ele também. Por que não. Não tinha nada que perder e sua liberdade a ganhar. Era a única possibilidade que explicava tudo.

Estavam ainda olhando-se quando ouviram a porta da rua e as vozes do mordomo e lorde Byam.

Eleanor fechou os olhos por um instante e logo se dirigiu para a porta. Olhou ao Drummond e saiu ao vestibulo deixando a porta entreaberta. Drummond podia ouvir sua voz.

-Boa noite, Sholto.

-Boa noite, querida.

A clareza e a imediatez das palavras do Byam aproximaram sua presença ao Drummond com uma brutalidade assombrosa. Durante o tempo que tinham falado dele a existência de seu ser, de sua mente, sua inteligência e sua vontade se reduziu quase a um problema alheio. A voz do Byam lhe devolveu súbitamente à realidade.

-O senhor Drummond veio vê-lo- explicou Eleanor.

As palavras não tinham nada de especial salvo pelo fato de que pareciam ditas a modo de advertência, antes de que ele pudesse dizer algo, falar do dia que tinha tido, explicar seus temores ou preocupações.

-Micah Drummond?- Byam parecia surpreso. -Disse o que queria?

-Não...- Hesitou.

-Seriamente? Será porque temo que não seja nada bom. Se tivesse detido a alguém me haveria dito.

-Nesse caso, será melhor que o veja.- Possuía sua voz o nervosismo que achava perceber Drummond? Continha temor ou só irritação pelo fato de que um homem a quem só conhecia ligeiramente se apresentasse em sua casa a uma hora tão inoportuna. -Onde está?

-Na biblioteca.

Drummond não ouviu a resposta. Os passos do Byam ressoaram contra as lajes do chão e a porta se abriu.

-Soube que deseja ver-me.

Byam fechou a porta atrás de si. Não lhe ofereceu nenhum refrigerio nem a oportunidade de trocar cumprimentos corriqueiros. Das duas uma: ou pensava que Eleanor já o tinha feito ou não o considerava necessário.

Estava pálido e tinha olheiras. Vestia, como sempre, de maneira impecável, mas seu ar era distraído e Eleanor estava certa quanto à tensão que havia nele. Seus movimentos eram nervosos, torpes, e tinha os músculos rígidos.

-Assim é- disse Drummond, indignado e ao mesmo tempo triste pelo homem.

Neste momento o fato de que fosse o marido da Eleanor, e portanto o homem que se interpunha irrevogavelmente entre ele e a mulher que amava, era imaterial, tão secundário que se desvaneceu de sua mente.

-Devo supor que se produziram novos achados?- Byam cruzou a estadia e se deteve junto à cornija da lareira, justo onde Eleanor tinha estado pouco antes.

-Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas- foi a resposta evasiva do Drummond.

Não devia permitir que Byam se desse conta de que Eleanor tinha falado com ele. Não podia evitar vê-lo como uma traição, mesmo que compreendesse que ela o fazia porque estava muito preocupada com seu marido e desejava ajudar.

-Seriamente?- Byam arqueou suas negras sobrancelhas. -Nesse caso, será melhor que as faça, embora não sei que mais posso lhe contar.

Drummond começou pelo que tinha planejado dizer antes de falar com a Eleanor.

-Têm que ver com esse círculo ao que os dois pertencemos.

Byam contraiu o rosto.

-Não acredito que seja o momento nem o lugar para falar dos assuntos do Círculo...

-Você recorreu a mim em nome do Círculo- interrompeu-o Drummond. -portanto, este se acha incluído em tudo o que façamos.

Byam fez uma careta de dor, como se o comentário fosse de mau gosto.

-Eu, por minha parte- prosseguiu Drummond, -fui a você como irmão dessa

sociedade a que os dois pertencemos para que me ajudasse em certo assunto.- Sua voz se endureceu. Depois de mostrar-se surpreso, Byam fez expressão de alívio, mas não teria que durar. -O caso do Horatio Osmar.

-Horatio Osmar? Não conheço esse homem. Não pertencemos ao mesmo âmbito.

-Mas sabe que é um irmão do Círculo- insistiu Drummond.

-Sei. O que quer dele? Esse homem está desacreditado. Não abertamente, certamente, mas todos sabemos que era culpado de seu comportamento indecoroso e de que o prendessem.

-E de pedir à irmandade que lhe tirasse do apuro e ridicularizasse a polícia.

-Acusar à polícia de perjúrio foi um ato desnecessário- respondeu Byam irritado. - Osmar foi absolvido e deveria deixá-lo aí. É um indesejável.

-Estou de acordo- concordou Drummond. -Contudo, a irmandade o ajudou com o processo. Houve perguntas no Parlamento e o próprio ministro do Interior moveu alguns fios.

-Sei. Estava ali quando ocorreu. Pensei que Osmar era um estúpido, mas eu não podia fazer nada.

-Claro.

Drummond observava ao Byam atentamente. O tema não parecia perturbá-lo, mas era claro que tinha medo. Seu corpo estava tão rígido que ao Drummond doía só de vê-lo. E parecia terrivelmente cansado, como se levasse semanas sem dormir.

-E então?- perguntou Byam com impaciência. -O que quer de mim? Esse assunto não me concerne.

-Se a irmandade for capaz de intervir em um caso tedioso e corriqueiro como o do Osmar formulando perguntas no Parlamento e pondo em dúvida a honestidade da polícia, que liberdades poderia tomar-se com a honra e a integridade de uma pessoa, se se tratasse de um assunto mais sério?

-Não o entendo.- A voz do Byam era cada vez mais seca. -Por Deus santo, fale claro! Drummond respirou fundo e contemplou o olhar fundo do Byam.

-Se eu descobrisse provas incriminatórias contra você, defenderia-o a irmandade contra a polícia? Esperaria que eu fizesse o mesmo?

Byam empalideceu e o olhou como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. Drummond aguardou.

-Nunca... nunca me tinha exposto isso- titubeou Byam. -Talvez a polícia encontre provas perigosas, mas lhe asseguro que não serão incriminatórias. Eu não matei ao

Weems.- Fez gesto de acrescentar algo mais, mas ao final calou.

-Nesse caso, por que mudou sua decisão com respeito aos empréstimos africanos?

Byam ficou tão atônito, ficou tão branco, que Drummond temeu que fosse desmaiar. A luz do crepúsculo envolvia agora a estadia. Os últimos raios de sol se esfumaram do teto. Um pássaro cantava em um ramo do outro lado da janela.

-Como sabe?- perguntou Byam ao fim.

-Contou-me um jovem chamado Valerius.- Não era de todo mentira.

-Peter Valerius foi vê-lo para lhe contar isso? Por que, maldito seja? Não tem nada que ver com você.

-Não me contou isso diretamente- Respondeu Drummond. -Disse a alguém e este alguém me contou.

-Quem?

-Não posso dizer-lhe.

Byam se voltou e cravou o olhar no suporte de livros.

-Suponho que tampouco importa muito. São assuntos que você desconhece, relacionados com dinheiro e negócios.

-E chantagem?

Byam ficou imóvel, como se lhe tivesse alcançado um raio.

-O que está ocorrendo, Byam?- perguntou Drummond com voz baixa, quase amável.

-Achou alguém os papéis do Weems? Sabe quem o matou?

-Não, não sei!- Foi um uivo de dor e desespero. -Ignoro isso por completo.

-Mas quem quer que seja, tem os papéis do Weems e lhe está fazendo chantagem.

Byam relaxou ligeiramente os ombros e se voltou com um tênue sorriso nos lábios, doloroso e irônico, como se conhecesse uma terrível piada sobre sua pessoa.

-Não. Os papéis do Weems parecem haver-se esfumado. Estou começando a acreditar que nunca existiram, que o dizia só para proteger-se. Algo que não precisava fazer, pois eu nunca lhe teria agredido fisicamente nem de nenhum outro modo. Quando muito, lhe teria mandado ao inferno. Foi outra pessoa quem o matou e não tenho nem idéia de quem é.

-E a mudança de parecer sobre o dinheiro africano?

Byam ainda estava pálido.

-É um favor que estou fazendo à irmandade- disse com a boca tensa. -Não posso lhe explicar por que. Há muitos aspectos envolvidos, dos quais não posso falar, que têm que ver com finanças internacionais, riscos e situações políticas.

Suas palavras eram uma imitação das do Drummond, mas não havia sarcasmo nem triunfalismo nelas.

-Pediram-lhe o favor sem ter em conta sua reputação e sua consciência?- Drummond estava horrorizado, mas já nada o surpreendia. -É uma monstruosidade. O que lhe ocorreria se se negasse a ajudá-los?

-Não sei. Não estou em condições de comprová-lo.

-E sua honra?- perguntou impulsivamente Drummond. -E sua consciência? Acaso a irmandade acredita que comprou sua alma por um juramento estúpido? Por Deus santo, envie-os ao inferno! Não é uma viagem muito longa tendo em conta que lhe pediram que atue contra sua consciência.

Byam desviou o olhar.

-Não posso- disse com voz desesperançada. -Há muitas coisas que você não sabe. Deram-me a conhecer outras razões e fatores que desconhecia. Não vai tanto contra minha consciência como acredite, só contra minhas velhas opiniões e o que as pessoas esperam de mim.

Mas Drummond não acreditava nele. Sentia lástima e repulsa pelo Byam, e um medo tenebroso pelo círculo no que tinha ingressado tão cegamente tantos anos atrás. Pitt o considerava uma sociedade perniciosa e mal tinha arranhado a superfície. Como era possível que o filho de um guarda-florestal percebesse muito melhor o mal e seus rostos sorridentes e prometedores?

Um calafrio lhe percorreu o corpo.

-Sinto muito- disse sem saber por que. Só sentia um peso enorme, um profundo remorso e o presságio de uma tragédia. Aproximou-se até a porta.

-Agradeço-lhe sua franqueza.

Byam lhe olhou como uma criatura encurralada, os olhos cheios de sofrimento, mas não disse nada.

Drummond partiu. Depois de receber do mordomo a capa, o chapéu e a engala, saiu ao ar balsâmico da noite, mas não foi capaz de apreciar sua fragrância.



## Capítulo 10

---

Foi em uma festa ao ar livre, com extensões de grama, maciços de flores, criadas e lacaios, champanha frio e mulheres com sombrinhas, onde Charlotte presenciou o acontecimento seguinte relacionado com a campanha do Jack. Charlotte tinha ido com a esperança de ver lorde Byam, mas nem ele nem lady Byam estavam presentes apesar de terem sido convidados. Fazia uma tarde esplêndida embora um pouco quente, e todo mundo conversava com entusiasmo sobre a iminente regata do Henley e da partida de críquet que disputavam todo ano Eton e Harrow, os dois colégios mais importantes do país para moços de excelente família.

As pessoas faziam toda classe de especulações sobre qual seria a equipe ganhadora, pois muitos dos cavalheiros tinham frequentado a um ou outro colégio e a sensibilidade estava a flor da pele.

-Meu querido amigo- disse um homem com a cartola um pouco inclinada, inclinando-se ligeiramente sobre sua bengala e olhando a seu companheiro. -O fato de que Eton ganhasse o ano passado não significa que vá ganhar este ano. Hackfield era o melhor rebatedor de sua história e acaba de ingressar em Cambridge. A equipe inteira se desintegrará sem ele.

Estavam junto a um maciço de delphinios.

-Tolices.- O amigo sorriu com indulgência e se fez a um lado para deixar passar uma dama portadora de um enorme chapéu. A pena que adornava a aba lhe roçou o ombro, mas a mulher se achava examinando a alguém situado na outra direção e não se deu conta.

-Hackfield era o mais espetacular- prosseguiu, -mas a autêntica estrela era Nimmons.

-Nimmons!- riu com paternalismo o homem da cartola. -Se não recordo mau, apenas apontou vinte corridas.

-A vontade lhe deforma a memória- respondeu o amigo com satisfação. -Nimmons apontou vinte corridas e jogou em cinco de seus rebatedores. E este ano continua jogando com a equipe. Não ingressará na universidade até noventa e um.

-Porque é um idiota- disse o homem, mas sua expressão se nublou ao ver refrescada sua memória. Deixou distraidamente sua taça vazia sobre a bandeja de um laiaio e pegou outra.

-Menos quando tem a bola, velho amigo- lhe replicou seu companheiro.

Charlotte podia imaginar a partida, o público nos bancos ou perambulando pela erva, os jogadores de branco, o couro da bola rangendo contra o taco de beisebol, os gritos de ânimo, o sol no rosto, as vozes entusiasmadas dos meninos, os sanduíches de pepino. Gostava de imaginar, mas não sentia autêntico desejo de assistir. Sua mente estava absorta em assuntos mais sérios e prementes. Além disso, fazia parte de um mundo ao qual ela nunca tinha pertencido realmente e onde não havia lugar para Pitt. Perguntou-se se tinha jogado a críquet de pequeno. Podia imaginá-lo não em um grande colégio de vários séculos de antigüidade empapado de tradição, mas no parque do povoado, possivelmente junto a um lago de patos, com anciões sentados fora da taverna e um cão ou dois deitados ao sol.

Regina Carswell estava ali com duas de suas filhas. A terceira se achava com o jovem com quem Charlotte a tinha visto falando animadamente durante a noite musical. Nesta ocasião estavam passeando e intercambiando sorrisos e olhares tão ternos que, dada a sociedade atual, equivaliam a uma proposta de matrimônio. Teria que ocorrer algo muito inusitado para alterar o curso do inevitável. Charlotte sorriu, contente pela jovem.

Emily, que estava a seu lado, parecia igualmente satisfeita. Tinha experimentado uma profunda solidão não fazia muito e era muito sensível a ela.

-Tem Jack intenção de ingressar na sociedade secreta?-perguntou bruscamente Charlotte.

Emily franziu o sobreenho. Uma mulher passou por seu lado sustentando um prato de morangos e sorrindo a seu acompanhante, um homem baixo, vestido de militar, que caminhava com um rebolado exagerado.

-Por que a senhorita Carswell te levou a pensar nisso?- perguntou.

-Porque está muito feliz, como você- explicou Charlotte. -E desejo de todo coração que continue sendo-o.

Emily sorriu com ternura.

-E a quero por isso, mas se cre que minha felicidade depende de que Jack seja eleito candidato ao Parlamento, equivoca-se.- Seu rosto se nublou. -Deveria me conhecer melhor, Charlotte. Reconheço que antes tinha aspirações sociais e que ainda me diverte tê-las, mas minha felicidade não depende disso, asseguro-lhe.

-Levantou a saia da grama para evitar que a pisoteasse um cavalheiro míope que avançava com ajuda de uma bengala. -Como é natural, desejo que Jack chegue a triunfar em algo. Quero-lhe, e ele não seria feliz perdendo o tempo em objetivos inúteis. Mas se não conseguir essa nomeação, haverá outras.

-Me alegro- respondeu Charlotte emocionada, -porque penso que não deveria unir-se a nenhuma sociedade que seja secreta. Essa gente exige a seus membros juramentos de lealdade que limitam a liberdade de consciência. Thomas conhece uma dessas sociedades e lhe asseguro que é extremamente perigosa e poderosa.- Decidida que sua irmã lhe acreditasse, agravou a voz. -Emily, tem que fazer quanto esteja em sua mão para dissuadir ao Jack, embora provoque entre vocês uma briga.

Emily estava muito quieta.

-Sabe algo importante que não quer me dizer e suspeito que tem que ver com o assassinato do agiota. Será melhor que me conte isso.

Charlotte contemplou o olhar judicioso de Emily. Se queria convencê-la, unicamente o conseguiria com a verdade.

-Só de forma indireta- respondeu enquanto se fazia a um lado para deixar passagem a um garçom, que transportava uma bandeja cheia de taças de champanha.

Baixou a voz.

-Enquanto Pitt investigava a outras possíveis vítimas de chantagem, que, por certo, negam-no, descobriu que todas pertenciam a uma sociedade secreta. Dita sociedade exige a seus membros uma lealdade que tem que estar acima da honra ou da consciência, embora com isso atuem contra a lei.

-Como é possível?- perguntou preocupada Emily, embora não conseguia compreender.

-A polícia- sussurrou Charlotte com veemência. -Alguns membros são policiais, e a sociedade os obrigou a fazer a vista grossa em alguns delitos...

-Deveria ser uma escolha pessoal- replicou Emily, levando inconscientemente uma mão à parte baixa das costas. -O que faria a sociedade se se negassem? Chantagem? Nesse caso deveriam alegrar-se de ser expulsos. Além disso, a sociedade corre o risco de que a denunciem por tentativa de corrupção.

-Está de pé há muito tempo.- Charlotte tinha observado o gesto de Emily. Conhecia muito bem as dores de costas que tinham lugar durante a gravidez. – nos sentemos naquele banco.

E sem lhe dar a oportunidade de negar, pegou Emily pelo braço e pôs-se a andar para o banco.

-Temo que o castigo é mais desagradável que isso- prosseguiu Charlotte enquanto sorria a uma dama bojuda, cujo nome não recordava. -Não perdoam a traição.- Tomaram assento e se arrumaram as saias. -Não esqueça que a pertença é secreta, desse modo

não sabe se seu superior também é membro da sociedade ou não, e quem diz seu superior diz seu banqueiro, seu médico, seu advogado ou o policial seguinte que conheça. Alguns sócios, cuja identidade Thomas ignora, encarregam-se de impor os castigos, que podem ser terríveis. São capazes de colocar provas incriminatórias onde a polícia possa as achar para que estale o escândalo e a acusação.

O rosto de sua irmã se agravou.

- Tem certeza?

-Tenho. Thomas está muito angustiado.

-Possivelmente não seja a mesma sociedade- indicou Emily. –Há organizações totalmente filantrópicas, e segundo Jack, esta se dedica só às boas obras. Seu secretismo é uma questão de humildade. Além disso, certa classe de justiça só pode exercer-se se os inimigos ignoram quem está lutando contra eles. Lorde Anstiss, por exemplo, é sócio, pois foi ele quem propôs ao Jack que ingressasse.

-Possivelmente não se trate da mesma sociedade que tem tão preocupado ao Thomas. Mas lhe basta um possivelmente?

-Não...

Emily se dispunha a dizer algo mais quando uma dama de voz potente que trazia um chapéu de magnólias a saudou efusivamente, como se fossem íntimas amigas. Depois de apresentar-se a Charlotte com um sorriso radiante, procedeu a monopolizar a conversa com lembranças de um ato social ao que ela e Emily tinham assistido recentemente.

Charlotte olhou a sua irmã, desculpou-se e se despediu da dama das magnólias com uma cortês inclinação de cabeça. Depois pôs-se a andar para o mirante e o magnífico maciço de azaleas.

Nesse momento divisou a tia Vespasia e, feliz de poder falar com ela, pôs-se a andar pela erva recolhendo o vestido para não manchá-lo. Achava-se a três metros dela quando percebeu que ia produzir um encontro e decidiu não interrompê-lo.

Vespasia estava de pé com as costas erguidas, os ombros magros e rígidos sob a seda rosa de seu vestido e um delicioso colar de pérolas de três voltas que lhe chegava até a cintura. Levava o cabelo perfeitamente penteado e um chapéu quase tão grande como a roda de uma carreta.

A mulher que se aproximava nesse momento era igualmente alta, embora de figura exuberante, pele cremosa e cabelo negro como o azeviche. Suas feições, de estilo clássico, eram formosas e o vestido ressaltava os surpreendentes atributos com que lhe tinha dotado a natureza. E a julgar pela expressão de seu rosto não era alheia ao rebuliço

que provocava a seu passo. Desprendia uma grande confiança em si mesma e, embora não fosse arrogante, parecia desfrutar enormemente de seu poder.

O homem de meia idade que estava ao lado da Vespasia, de rosto corado perfeitamente barbeado e fronte larga, encarregou-se de fazer as apresentações.

-Lady Cumming-Gould, me permita que lhe apresente a senhora Lillie Langtry...

Vespasia abriu os olhos, arqueou as sobrancelhas e seu nariz ligeiramente comprido e magro se inchou de maneira imperceptível.

-Um pouco tarde para pedir permissão- replicou com um tom um pingo afiado e um pouco divertido.

O homem corou.

-Eu... verá...- balbuciou. Quase todo mundo invejava sua amizade com Lírio de Jersey. De fato, até se gabava disso.

Vespasia olhou à senhora Langtry e inclinou a cabeça com uma elegância exagerada. Tinha sido a mulher mais bela de sua época e ninguém ganhava a esse respeito.

-Como vai, senhora Langtry?- disse friamente.

Era uma arrivista. Por muito que fosse a amante do Príncipe do Gales, e a saber de quem mais, e possuísse beleza e engenho, Vespasia não tinha intenção de permitir que a apresentassem como se pudesse em uns anos aspirar a uma posição que ela tinha demorado toda uma vida em alcançar. Isso também exigia inteligência, paciência, dignidade e discrição.

-Espero que esteja desfrutando da temporada social londrina-acrescentou.

A senhora Langtry a olhou desconcertada.

-Como está, lady Cumming-Gould? Assim é, obrigado, mas não é minha primeira temporada, longe disso.

Vespasia arqueou as sobrancelhas ainda mais.

-Seriamente?- disse com desinteresse. A julgar pela expressão de seu rosto, diria-se que- se nunca tinha ouvido falar de Lillie Langtry. Olhou-a de cima abaixo e seus olhos se detiveram no pescoço e cintura, os dois lugares que delatavam a verdadeira idade de uma mulher. -Não, já vejo que não. Será que nossos caminhos não se cruzaram.

Não acrescentou "nem é provável que voltem a cruzar-se", mas o comentário flutuava sutilmente no ar.

Lillie Langtry era, de entre as belezas de Londres surgidas por arte de magia, a mais famosa. Tinham-na desprezado em outras ocasiões e as tinha superado todas com

elegância. Não ia permitir que uma anciã a derrotasse.

Sorriu com tolerância.

-Provavelmente- concordou. -Janta freqüentemente no Marlborough House?- referia-se, obviamente, ao Príncipe do Gales e seus amigos.

Vespasia tampouco ia deixar se vencer. Sorriu com igual frieza.

-Não são de minha geração- murmurou, insinuando com isso que eram da idade da senhora Langtry, embora tinham, pelo menos, dez anos mais.

A senhora Langtry corou, mas não tinha intenção de abandonar a batalha.

-Muita dança, possivelmente?- Contemplou a bengala de sua interlocutora.

Os olhos da Vespasia refulgiram.

-Eu gosto da valsa, dos lançadores e das equipes, mas que alguns bailes de hoje em dia não são de meu agrado, como por exemplo o cancan...

A senhora Langtry apertou os lábios. Todo mundo conhecia a escandalosa reputação do cancan. Só o dançavam as prostitutas e outras mulheres de ocupações inqualificáveis, em cidades como Paris, e inclusive ali era ilegal.

-Janta alguma vez com Sua Majestade?- sugeriu a mulher sem deixar de sorrir.

Ambas sabiam que desde a morte do príncipe Alberto, acontecida vinte e oito anos atrás, a rainha já não dava festas. Seu luto era tão profundo que tinha sido abertamente criticada por não ocupar-se de seus deveres monárquicos.

Vespasia levantou as sobrancelhas.

-OH, não, querida minha. Sua Majestade está de luto. Surpreende-me que não saiba. Embora claro...- Deixou o resto do comentário no ar, pois era muito desumano para dizê-lo em voz alta.

A senhora Langtry engoliu em seco e forçou um sorriso gelado, apoiando-se em sua beleza e sua juventude, duas cartas sempre seguras. E, sem dúvida alguma, era uma mulher excepcionalmente bela.

Vespasia estava encantada com a forma como tinha enchido seu tempo e não lamentava o ocorrido. Inclinou a cabeça com elegância.

-Foi muito... interessante conhecê-la, senhora Langtry- disse, e se afastou antes de que a vitória pudesse tornar-se em derrota, deixando que Charlotte, se assim o desejasse, fechasse a marcha.

Quando chegou junto à Vespasia abriu a boca para dizer algo, mas em seguida mudou de parecer e adotou um ar de total inocência, como se não tivesse ouvido nada, e trocou com ela alguns comentários corriqueiros enquanto se esforçava por não rir.

Depois, com uma taça de champanha em uma mão e lamentando sua incapacidade para dirigir elegantemente um pedaço de bolo com a outra, foi ver Emily, que estava falando animadamente com o Fitzherbert e lorde Anstiss. Odelia Mordem se achava um pouco afastada. Levava um vestido rosa e uma sombrinha tão delicados como a flor da macieira, fitas brancas no chapéu e luvas imaculadas. Seu aspecto era ainda mais feminino que o de Emily. Charlotte sentiu lástima por ela. Parecia esquecida de todos e insegura quanto a que dizer ou fazer.

Somou-se ao grupo e Fitz lhe fez lugar, como se lhes tivesse resgatado de um repentino silêncio.

-É um prazer voltar a vê-la, senhora Pitt. Acredito que já conhece lorde Anstiss.

-Assim é.- Charlotte fez uma muito leve reverência. -Boa tarde, lorde Anstiss.

-Boa tarde, senhora Pitt- respondeu ele com um sorriso.

Parecia mais dinâmico do que Charlotte recordava. Em seus olhos percebeu não só uma inteligência aguda, mas uma grande energia interior, uma fome insaciável de conhecimento e experiências, e um humor afiado. Não era a classe de homem a quem Charlotte ousaria desafiar. A idéia de o ter como amigo lhe era atraente, mas a possibilidade de o ter como inimigo lhe inspirava certo temor.

Aparentemente tinha interrompido uma conversa, que foi reatada sem mais cumprimentos. Charlotte em seguida se viu apanhada nela, o que já era um cumprimento.

-Fomos ver a em grupo- contava Fitz com um sorriso. -Devo reconhecer que eu adorei. Madame Bernhardt tem uma excelente reputação...

-Acredito que o ano que vem interpretará a Joana D'Arc -disse Anstiss com o olhar brilhante. -Em francês- acrescentou, e olhou Odelia.

-Será estupendo vê-la-se apressou a comentar Odelia. -Acredito que meu francês é bastante bom.

-Não me cabe dúvida.- Anstiss inclinou ligeiramente a cabeça. -Além disso, todos conhecemos a história, e é um autêntico prazer ver uma obra bem interpretada que cavalga para um final que já conhecemos. Tem seu lado picante.

Odelia pareceu perceber que o comentário encerrava um significado mais profundo, mas ignorava qual.

-A semana passada vi o Henry Irving- comentou Fitz. -Esteve genial. Meteu o público no bolso.

-Seriamente?- Anstiss não parecia muito convencido. -E você, senhora Pitt, viu algo interessante ultimamente?

-Não no teatro, senhor.- Charlotte reprimiu um sorriso, mas percebeu uma faísca de humor nos olhos do Anstiss.

O homem se voltou em seguida para Fitz.

-Suponho que vocês dois não demorarão para casar-se.- voltou-se para a Odelia. - Pensam fazer a grande volta em sua lua de mel? Poderiam partir dentro de um ou dois meses e, mesmo assim, estar aqui antes das eleições gerais.- Anstiss deu de ombros. -Por desgrça, terá que pensar nessas coisas. Lamento ter trazido o assunto. Possivelmente lhes pareça inoportuno, mas por muito distintos e aficionados que queiramos parecer, a política é uma profissão que devemos exercer com seriedade se desejamos triunfar.

Suas palavras tinham sido amáveis e seu tom ligeiro, mas imperceptivelmente resistente, e Fitz não foi o único em notá-lo. Estava obrigado a dar uma resposta se quisesse que Anstiss o tivesse em conta para a seleção.

Emily conteve a respiração.

Fitz ergueu lentamente a cabeça. Seu rosto tinha perdido a serenidade que lhe caracterizava. Odelia aguardou sem mover mais músculos que os de seus dedos seguros ao cabo da sombrinha.

- Certamente- disse finalmente Fitz. -A arte está em fazer que o trabalho pareça uma afeição, um interesse empreendido por puro prazer, e que a habilidade pareça uma arte, algo que um cavalheiro faria para encher o tempo.

-Certo- concordou Anstiss com um leve sorriso. Seus olhos não piscaram.- Mas já temos muitos políticos aficionados. Necessitamos homens comprometidos.

O olhar de Fitz acabou de nublar-se. Sabia que não podia adiar por mais tempo a necessidade de dar uma data para as bodas, independentemente de seus sentimentos ou os da Odelia.

Anstiss aguardava.

Emily abriu a boca para ajudar ao Fitz, mas compreendeu que o assunto era muito sério para aceitar comentários alheios.

-Eu...- começou Fitz, e se deteve.

Pálido, olhou a Odelia. Foi um olhar longo, doloroso, de vergonha e desculpa.

Ninguém se moveu. Anstiss franziu o sobrecenho e apertou a mandíbula.

Fitz respirou lentamente. Seus lábios esboçaram um sorriso apenas perceptível, mas era um sorriso forçado.

-Valorizo minha carreira e desejaria me dedicar à política com empenho se me der a oportunidade, mas não permitirei que dite meus planos pessoais ou os de minha família.



Casarei-me quando melhor convenha às pessoas implicadas.- Olhou fixamente ao Anstiss, embora em sua voz ainda havia pesar. -Espero não ter sido descortês, pois não é essa minha intenção.

Anstiss enrugou a testa e apertou os lábios.

Emily olhou para Fitz, depois para Odelia e de repente seu rosto se encheu de compaixão e angústia e, percebeu Charlotte, também de remorso. Tantas coisas pendiam de um fio: a coragem do Fitz para renunciar a tudo aquilo que estava tão perto de conseguir, a reação do Anstiss, a da Odelia. E de tudo isso dependia, também, o futuro do Jack.

Evitando o olhar de Charlotte, Emily deu um passo à frente e tomou Odelia pelo braço.

-Deixemos que discutam de política. Me fale de você. Gostaria de fazer a grande volta? Eu a fiz e vi coisas fascinantes, mas devo reconhecer que às vezes os desconfortos eram tremendos. Dava-me conta de que não estava feita para a aventura. Na África vi...- E o horripilante relato do que tinha visto se foi perdendo à medida que as duas mulheres se afastavam e deixavam ao Fitz a sós com o Anstiss e Charlotte.

-Muito diplomática- disse secamente Anstiss sem olhar a Emily. -Uma mulher com muito aprumo, algo muito necessário para um homem que espera sobreviver no mundo da política.- Não havia transigência em seus olhos duros e inóspitos. -Significa sua vacilação que não está seguro de querer casar-se com a senhorita Mordem? Não estará pensando ainda nessa Hilliard? Será muito bonita, mas um desastre como esposa.

O rosto do Fitz se acendeu de indignação.

Anstiss o ignorou. Não tinha necessidade de andar-se com pés de chumbo. Ele possuía a influência política e sabia.

-Seja qual for sua moralidade, sua reputação caiu em desgraça.

-Sinto diferir- disse Fitz com glacial cortesia. -Só houve alguma ou outra falação, principalmente difundida por gente ociosa e mau informada.

-Pela alta sociedade- replicou Anstiss. -E seja qual seja sua opinião sobre a mesma, não esqueça que será ela quem o introduzirá no Parlamento ou o deixará fora.

Fitz corou, mas permaneceu inquebrável em suas convicções.

-Não é meu desejo dever meu êxito às pessoas que, ao mesmo tempo, destroem a reputação de uma mulher da qual não sabem nada.

-Meu querido Fitzherbert, sabem que foi acusada publicamente de ser a amante do Carswell e que ela não só não o negou, mas sim fugiu, o que é o mesmo que confessar-se

culpada. Até um idiota sabe isso.

Fitz se manteve inflexível, mas carecia de réplica.

Independentemente do que ele acreditasse, os fatos eram tal como Anstiss os havia descrito. Embora aflito, manteve o queixo alto e os lábios apertados.

-Pode me dar uma data para suas bodas com a senhorita Mordem?- perguntou Anstiss. -Mantenha à senhorita Hilliard como amante se quiser, mas isso sim, seja discreto. E espere alguns anos. Com certeza ainda estará no negócio.

-Isso iria contra meus valores morais, senhor- respondeu Fitz, que ao dar-se conta do pomposo e ofensivo que tinha parecido seu comentário se ruborizou. Contudo, era incapaz de deter. -Me surpreende que alguém como você me sugira uma coisa assim.

Anstiss sorriu amargamente.

-Também vai contra meus, Fitzherbert, mas eu não tenho um interesse amoroso na senhorita Hilliard. Você, em troca, deu a impressão de o ter. O que quero dizer é que esse seria o único acerto que a sociedade aceitaria.

-Isso já o veremos- disse Fitz, e se despediu com uma ligeira inclinação de cabeça. - Bom dia, senhor.

-Adeus- respondeu Anstiss sem baixar o queixo. A despedida era inequívoca e absoluta.

Charlotte se desculpou com o olhar e seguiu ao Fitz, que se abriu passagem entre a multidão pisoteando vestidos e roçando pessoas que faziam equilíbrios com suas taças e pratos. Finalmente se deteve junto a uma linda roseira.

-Espero que não me tenha seguido para me fazer mudar de opinião. Mas não, claro que não. Você é a irmã da senhora Radley.

-Também sou amiga da Fanny- respondeu friamente Charlotte.

Fitz se ruborizou.

-Sinto muito, fui um grosseiro. Ninguém tem a culpa do que aconteceu salvo eu. E tratei Odelia de maneira abominável. Espero que seu pai rompa oficialmente nosso compromisso com a desculpa de que saí com uma mulher inadequada e que isso me faz desmerecedor de sua filha. Do contrário, sua reputação...- deixou o resto no ar.

Ambos sabiam os desagradáveis comentários que se produziam quando um homem rompia seu compromisso com uma mulher. Correria o rumor inevitável de que tinha descoberto que a conduta de sua noiva não era irrepreensível.

-Isso prejudicará sua própria reputação- indicou Charlotte, -injustamente.

-Injustamente não. Saí com mulheres de todo inadequadas.

-Seriamente?

-Com Fanny...

-Você não saiu com ela. Só a viu em atos sociais, como todos outros.

-Terei saído com ela então, se tiver a bondade de me dizer onde posso encontrá-la.

Você disse que vivia do outro lado do rio.

-Ignoro onde exatamente, mas posso averiguar se realmente tem certeza do que faz.

Já sabe que Fanny não negou sua relação com o senhor Carswell.

Fitz estava muito pálido.

-Sei.

A uns metros deles um robusto cavalheiro que vestia um uniforme de húsar soltou uma gargalhada e deu uma palmada nas costas de um jovem adoentado portador de um enorme bigode. Atrás deles duas damas riam tolamente.

-Lorde Anstiss tem razão- prosseguiu Charlotte com cautela, mas cada vez mais esperançada, algo que ia totalmente contra o bom senso.

Que felicidade podia existir para o Fitz e Fanny Hilliard? Embora ele fosse bastante imprudente para casar-se com ela e Fanny aceitasse, isso não a elevaria ao nível social de seu marido. Os amigos do Fitz nunca a considerariam um deles. Certo ou não, não esqueceriam a acusação nem o fato de que Fanny não a desmentisse.

Era uma mulher fácil e ele um idiota por casar-se com ela. E Anstiss tinha deixado bem claro que a possibilidade do Fitz de ser selecionado para o Parlamento se esfumaria. Fanny seria consciente do preço que ele estaria pagando e não aceitaria casar-se. Charlotte assim achava.

O húsar saudou alguém que havia ao longe e se afastou dando gritos.

-E olhe-o do ponto de vista da Fanny- continuou, Charlotte. -Se a ama, não aceitará a esse preço. Como poderia ser feliz se o fizesse?

Fitz olhou a Charlotte, não com o escárnio que ela esperava, mas com olhos repentinamente francos e brilhantes.

-Acredita que me ama? Acredita. E não só isso, senhora Pitt, você considera Fanny uma mulher de honra, uma mulher que a fim de proteger meu bem-estar e minha reputação seria capaz de renunciar à segurança que lhe contribuiria o matrimônio.- Fitz colocou suas mãos sobre os ombros de Charlotte e lhe deu um beijo na face. -Que Deus a abeçoe, senhora Pitt, por sua astúcia e sua pouca formalidade. Agora averiguará onde vive Fanny, pois tendo chegado até aqui, não pode me abandonar. Além disso, desse modo fará um favor a seu cunhado, porque é um tipo excelente e será um estupendo membro do

Parlamento, totalmente aceitável e com uma mulher inteligente, diplomática, encantadora e suspeito que extremamente preparada. E para cúmulo, de reputação irrepreensível.

-Averiguarei-o- concordou Charlotte com um triste sorriso. -Mas perguntarei a Fanny se deseja vê-lo.

-Não, não faça isso, ou se negará. Me deixe que lhe faça uma oferta de matrimônio. Dou-lhe minha palavra de que não a perseguirei. Além disso, tem um irmão que pode protegê-la. Só me diga onde vive. Por todos os Santos, senhora Pitt, sou muito cavalheiro para oferecer minhas atencões a quem não as deseje.

Charlotte mordeu o lábio para reprimir um sorriso.

-Ocorreu-lhe alguma vez, senhor Fitzherbert?

Fitz recuperou seu rubor natural. Era consciente de que Charlotte estava zombando dele.

-Poucas- reconheceu com humor. -Mas acredito que se ocorrer me darei conta. Prometa-me isso.

-Prometo-o. Agora devo retornar junto à Emily. Enviarei o endereço a casa de minha irmã e poderá recolhê-lo ali.

Fitz se tranqüilizou e lhe agradeceu. Charlotte retornou ao lado de Emily, que estava falando sobre o clima com um coronel aposentado de bigode arrepiado e opiniões estentóreas a respeito da Índia.

Enquanto Charlotte se achava na festa Pitt reatou a odiosa tarefa de investigar ao Samuel Urban. Era um trabalho que não podia evitar, por muito que lhe agradasse o homem e desejasse que não fosse culpado mais que de um julgamento errôneo e de procurar ganhos complementares de um modo que seria totalmente legal se não fosse policial. Em sua opinião, seu método era muito preferível às apostas do Latimer nas brigas sem luvas. Mas a experiência lhe tinha ensinado que a gente que respeitava a lei era, em muitos aspectos, afável e podia, se estivesse bastante assustada ou não tinha tempo para deter-se refletir, assassinar. E que freqüentemente os homens cruéis, indiferentes à dor ou a humilhação de outros, eram capazes de pensar com uma frieza que os afastava da violência. Não porque a aborrecessem, mas sim porque eram conscientes das terríveis consequências pessoais.

Não tinha sentido repassar os velhos casos do Urban enquanto não soubesse o que devia procurar. A primeira vez que os examinou não achou nenhuma irregularidade e já sabia onde obtinha seus ganhos extraordinários. Se tinha utilizado ou não seu cargo para

apoiar a causa do Círculo Interno era um assunto que podia esperar. Pitt não acreditava. Recordava a indignação do Urban ao falar do caso

Osmar e sua certeza de que o Círculo estava comprometido. E o fato de que tivesse traído à irmandade revelando a Pitt sua existência, e sua pertença à mesma, demonstrava de que lado estava.

Quanto mais pensava no Urban, mas gostava dele e mais convencido estava de que o Círculo não tinha conseguido corrompê-lo. A desobediência era o motivo pelo qual seu nome figurava na lista.

Assim, por que aparecia também o nome do Carswell? Ele sim se deixara corromper. Tinha absolvido ao Osmar. E Latimer? Pitt necessitava mais informação.

Onde encontrá-la?

Começou pelos teatros de variedades aos que Urban poderia ter ido a noite do assassinato do Weems em busca de um trabalho melhor remunerado, se realmente dizia a verdade. Os tais locais perdiam toda sua dignidade à luz do dia. O feitiço da música, as sombras e os focos desapareciam deixando uma curiosa nudez, cenários poeirentos e panos de fundo falsos. Passou o dia inteiro indo de um teatro a outro, interrogando a gerentes que asseguravam ser um modelo de retidão e honradez. Certamente que indagavam sobre o passado das pessoas que contratavam.

Desgraçadamente, viam-se obrigados a empregar pessoal que mantivesse a ordem, pois assim era a natureza humana, mas só aceitavam homens de bom caráter. Era uma tremenda injustiça que alguém sugerisse o contrário.

Pitt rejeitava os argumentos. Desta vez não estava interessado na venerabilidade do local, a não ser em se tinham entrevistado ultimamente a um homem que respondia à descrição que lhes dava.

Por desgraça, três gerentes asseguraram havê-lo feito, mas as descrições eram tão vagas que poderia haver-se tratado do Urban e de outros mil. Esse aspecto unicamente reafirmava a impossibilidade de demonstrar sua inocência, a menos que os gerentes o vissem pessoalmente e gozassem de uma memória bastante boa para poder identificá-lo.

No final retornou ao teatro do Stepney, onde sabia que Urban tinha trabalhado, e perguntou pelo gerente. Um homem corpulento de cabelo espaçado e têmporas cinzas saiu para recebê-lo. Vestia-se com elegância e Pitt em seguida supôs que não só era o gerente do local, mas também o dono.

-Sou Áspera Caulfield. No que posso lhe servir, inspetor?- perguntou com voz suave e dicção ligeiramente sibilante. -Sempre estou disposto a ajudar à polícia. O que ocorre?

Não será outra vez esse guarda de segurança? Colocou-se em alguma confusão? A polícia esteve aqui perguntando por ele.

-Exato- respondeu Pitt observando ao homem. Havia algo nele que o inquietava.

-Vá Por Deus.- Caulfield se esfregou as mãos, como se tivesse frio. -Temo que não posso lhe ajudar. Não retornou por aqui depois. É arrepiante por assim dizer, que já é suspeito.

Pitt se esforçou por compreender o que o inquietava. Tinha falado com muitos gerentes de teatros de variedades. Todos se mostravam corteses, mas a polícia não era santo de sua devoção e sempre se alegravam de o ver partir. Caulfield, pelo contrário, parecia quase contente. Sob as loiras sobrancelhas, seus olhos olhavam intensamente ao Pitt. Estava esperando algo e não era a partida do Pitt. Queria algo. Receber informação? Dá-la?

Dá-la. Pitt não podia lhe dizer nada que Innes não lhe tivesse explicado já.

-O que posso lhe contar, inspetor?- insistiu-lhe Caulfield com uma atitude entre orgulhosa e diferente, como se não estivesse seguro de seu papel. -Não sei nada desse homem, salvo que fazia bem seu trabalho. Jamais me deu problemas, embora fosse um pouco estranho.- Sacudiu a cabeça e ao ver que Pitt permanecia calado, prosseguiu com sua diatribe-. Fazia amigos estranhos, ou melhor deveria dizer conhecidos. Suponho que os teatros de variedades são um bom lugar para conhecer gente de forma clandestina, já me entende.

Pitt percebeu que o gerente o desagradava e tentou que a razão prevalecesse sobre o instinto. Estava sendo injusto. Provavelmente ao homem lhe preocupava seu sustento. Já tinha vindo um policial fazendo perguntas sobre seus empregados. Se agora suspeitava que em seu local tinha tido lugar alguma atividade delitiva, era lógico que estivesse preocupado. Assim atuavam os homens inocentes.

Caulfield observava atentamente ao Pitt.

-Quer ver o aposento que utilizava?- perguntou, e umedeceu os lábios.

-Que utilizava? Para que?- perguntou estranhando Pitt.

-Bom, possivelmente exagere um pouco.- O homem deu de ombros. -Em realidade é um quatinho. Pediu-me permissão para guardar coisas nele de tanto em tanto.- Olhou ao Pitt de soslaio e desviou a vista. -E, como é natural, o dava. Não tem nada de mau fazer um favor.

Caulfield parecia sentir a necessidade de explicar-se enquanto conduzia ao Pitt por um corredor estreito e mau ventilado. Girou a chave e abriu a porta de um quatinho,

mobiliado com uma mesa de madeira, um espelho sem emoldurar, duas cadeiras também de madeira, vários armários apoiados contra a parede do fundo e uma janela sem cortina que dava ao muro do edifício contíguo.

-Serve de camarim para os artistas de passagem- explicou Caulfield.

Pitt não disse nada.

Caulfield estava cada vez mais vermelho.

-Seu homem utilizava o armário do fundo.- Assinalou-o com uma mão bem cuidada.

Pitt contemplou o armário mas não se aproximou.

Caulfield respirou fundo e voltou a umedecer o lábio.

-Deseja lhe dar uma olhada?

-Há algo dentro?

-Pois não sei.

Caulfield estava desconcertado. Por que? Tratava-se de seu armário e o homem a quem o tinha emprestado partiu sem avisar. O mais normal era que tivesse olhado dentro para ver se tinha deixado algo. Um ato assim não exigia nenhuma explicação e ainda menos uma desculpa.

Pitt olhou ao Caulfield sem pestanejar e o homem corou ainda mais.

-Não sei- disse. -Só me ocorreu que talvez quiereria comprová-lo.

-Assim é- respondeu Pitt, convencido agora de que acharia algo dentro.

Não era justo por sua parte zangar-se com o gerente. Deveria estar zangado com o Urban. Era Urban quem cobiçava quadros e se dedicava ao multuso para poder pagá-los. Ninguém lhe tinha obrigado a arruinar sua carreira, e ainda menos este homem de rosto acalorado e mãos nervosas.

-Por certo- prosseguiu Pitt, -por que mantém o quarto sob chave? Não parece que contenha nada de valor.

Caulfield transladou o peso de seu corpo de um pé a outro.

-Pois... eu... por costume, suponho. Às vezes a gente deixa coisas e... Quer olhar dentro do armário? Não quero lhe parecer mal educado, senhor, mas tenho outras obrigações que atender...

-Compreendo.

Pitt se aproximou do armário do canto e abriu a porta. Dentro havia um pacote de uns sessenta centímetros de altura por um metro de largura e apenas sete centímetros de grossura, envolvido em papel marrom amarrado com uma corda. Não precisava desembrulhá-lo para saber o que era.

Por uma vez Caulfield permaneceu calado. Nem sequer deixou escapar uma exclamação de surpresa.

-Guardava quadros aqui freqüentemente?- perguntou Pitt.

Caulfield titubeou.

-E então?- insistiu Pitt.

-Costumava guardar pacotes desse tamanho- balbuciou o homem. -Nunca me disse o que continham e eu nunca o perguntei. Pensei que talvez fosse pintor e que por isso necessitava do emprego.

-Um pintor que leva os quadros ao teatro de variedades onde trabalha?

-Pois sim. Às vezes vinha com um quadro e partia com outro.

-Como sabe que são quadros? A princípio os chamou "pacotes".

-Eu... quero dizer que o tamanho do pacote com que chegava era diferente do tamanho do pacote com que se ia. Supus que eram quadros pela forma.- Caulfield falava com um tom cada vez mais irritado. -E... e porque os dirigia com muito cuidado. E como me pediu um lugar seguro, supus que se tratavam de pacotes valiosos. Que outra coisa podiam ser a não ser quadros?

Pitt puxou a corda e o papel e desvelou uma moldura dourada ricamente lavrada que só continha um fundo de madeira.

-Molduras?- disse com certa surpresa.

-Puxa!- A reação do Caulfield resultou pouco convincente. -por que faria isso? Pergunto-me o que terá sido do tecido, porque eu diria que o tinha, não acha?

-Sim- respondeu Pitt a contra gosto.

A moldura era antiga e o fundo estava escurecido pelo tempo. Provavelmente pertencia a uma valiosa obra de arte antiga. Passou os dedos pela suave superfície. Não tinha certeza, mas tinha a impressão de que era pó de ouro.

-Acredita que é roubado?- perguntou Caulfield.

-Uma moldura?- respondeu surpreso Pitt.

-É evidente que continha uma tela. Talvez a pessoa a quem o vendeu não estava interessada na moldura.

-Ou possivelmente achou uma moldura antiga para alguém e o trouxe- sugeriu Pitt sem acreditar no que dizia.

-Enfim, é seu caso- disse Caulfield com resignação. -Se quer levar a moldura, faça-o e darei o assunto por resolvido.

Pitt levantou a moldura e a embrulhou de novo.



-Sim, levo isso.

-Necessitarei um comprovante. Já sabe, para me proteger.-advertiu-lhe Caulfield lhe olhando nos olhos. -Não quero que apareça por aqui outro policial dizendo que fiquei com ele ou que o vendi.

De repente, o inspetor compreendeu. O que Caulfield queria dizer era que desejava um comprovante de que Pitt tinha encontrado o pacote para que se visse obrigado a informar disso a seu superior. Em outras palavras, queria assegurar-se de que Urban ficava envolvido. Mas no que? No roubo ou na falsificação de obras de arte,

no encobrimento de obras roubadas, no suborno com quadros a policiais dispostos a fazer a vista grossa em certos delitos? Pitt sentiu um calafrio. Outra vez o Círculo Interno? Urban lhes tinha desafiado pela segunda vez ao insistir na culpa do Osmar e com isso ganhou um castigo mais severo que a simples aparição de seu nome na lista do Weems. Era isso?

De repente Pitt sentiu um profundo desprezo pelo gerente, embora soubesse que não era razoável. Provavelmente o Círculo Interno lhe tinha entre a espada e a parede.

-Parece-me justo- disse Pitt com um sorriso. -Retornarei à delegacia de polícia do Bow Street e informarei do assunto ao senhor Urban. É o chefe da polícia uniformizada. Direi-lhe que você se mostrou muito disposto a colaborar. Atrevo-me a dizer que ninguém voltará a incomodá-lo.

Caulfield engoliu saliva. Dispunha-se a protestar quando recordou que, supostamente, desconhecia a identidade de seu empregado. Tinha estado a ponto de delatar-se. Pouco a pouco apagou sua expressão de assombro e se obrigou a sorrir com um ligeiro brilho de triunfo no olhar.

-Agradeço seriamente. Agora, se não se importar, o comprovante. Devo me proteger, como compreenderá.

-OH, certamente- disse Pitt-, entendo-o perfeitamente. Nesse caso, será melhor que me traga papel e pena.

Caulfield inclinou a cabeça.

-Não falta mais, inspetor.

Enquanto Pitt se achava no Stepney dando voltas ao assunto do Urban e o Círculo Interno, Charlotte encontrou o endereço de Fanny e o enviou ao Emily. Logo, depois de todo um dia dedicado a fazer pão e bolachas e engomar quanto achava em sua passagem, tomou uma decisão. No dia seguinte contou a Gracie seus planos e saiu de

casa com seu melhor vestido do verão e um casaco para proteger-se de um vento cada vez mais inclemente. Alugou um cabriolé e se dirigiu-se ao palácio de justiça onde Addison Carswell tinha seu escritório.

Tinha-lhe escrito uma nota muito elaborada onde, depois de lhe recordar quem era, contava-lhe que tinha travado amizade com a Fanny Hilliard, por quem sentia um grande carinho, e que a jovem lhe tinha confiado alguns de seus atuais problemas. Assim, estaria-lhe muito agradecida se, em nome da compaixão, aceitava almoçar com ela para falar da melhor forma de ajudar a essa encantadora e desventurada moça que os dois pareciam apreciar.

Não era uma ameaça- se se tivesse tratado de outro assunto Charlotte não teria traído a confiança de Fanny- mas não queria que Carswell se limitasse a lhe enviar uma nota lhe dizendo que lhe desejava o melhor, mas que, desgraçadamente, não dispunha de tempo para almoçar com ela.

Charlotte tinha tido o descaramento de pedir a Emily o dinheiro para pagar o cabriolé e o almoço no caso de que Carswell aceitasse a proposta e não se oferecesse para convidá-la. A nota, que Gracie se encarregou de enviar, dizia o seguinte:

Querida Emily:

Estou certa de que deseja tanto como eu que as coisas entre o Fitz e Fanny Hilliard se solucionem, mesmo que seus motivos e meus não sejam exatamente os mesmos. Eu adoraria que Jack ingressasse no Parlamento, e tenho certeza que, uma vez dentro, teria um grande êxito. Contudo, sabe tão bem como eu que, durante o processo, Fanny sofreu grandemente. Asseguro-lhe que é inocente do fato que lhe culpam, mas por agora terá que lhe bastar minha palavra. Possivelmente algum dia possa lhe contar a verdade, a qual é bastante extraordinária. Enquanto isso, estou decidida a fazer quanto esteja em minha mão para solucionar o assunto e para isso necessitarei uma pequena soma de dinheiro, o bastante para alugar um cabriolé

e convidar a certo cavalheiro a almoçar a fim de que contribua a esclarecer a verdade, pelo menos ao Fitz.

Não me cabe dúvida de que estará disposta a me ajudar, de modo que tomarei o dinheiro de minha atribuição para os gastos da casa e confiarei em que você o reponha.

## Sua querida irmã Charlotte

Subiu à carruagem, convencida de que pelo menos a estratégia do plano ia funcionar. Pelo que já não estava tão segura era de se acharia as palavras justas para persuadir ao Addison Carswell de que pusesse em perigo quanto tinha a fim de ajudar Fanny, sobre tudo tendo em conta que não estava claro que isso fosse o que a jovem desejava.

De fato, pelo caminho começou a duvidar de que estivesse atuando devidamente. Não podia prever os resultados, mas estava certa de que Fanny amava ao Fitz, que desejava que este conhecesse a verdade sobre ela e Carswell e que não tinha intenção de contar-lhe.

Quando chegou ao palácio de justiça ainda não estava preparada para o encontro e depois de pagar ao cocheiro teve que decidir entre entrar ou ficar na rua e correr o risco de ver-se acossada por vendedores ambulantes, meninos que gritavam o último escândalo ou mendigos aos quais não podia permitir-se ajudar.

Embrulhou-se instintivamente em seu casaco, não porque tivesse frio mas sim porque se sentia vulnerável, e subiu a escadaria.

O interior do palácio de justiça era ruidoso e impessoal. Mulheres nervosas e pálidas, segurando seus casacos e xales, observavam a tudo o que passava temerosas de falar, mas desejosas de fazê-lo. Também aguardavam homens desalinhados e de olhar furtivo com as mãos metidas nos bolsos. Os oficiais e secretários corriam de um lado a outro transportando pilhas de papéis com perucas que lhes davam um ar importante ou ridículo segundo sua determinação ou seus medos.

Charlotte se dirigiu a um que não parecia ter tanta pressa.

-Perdoe, senhor...

O homem virou sobre seus calcanhares e a olhou com arrogância.

-Senhora?

-Tenho uma carta urgente para o senhor Addison Carswell- disse sem mais preâmbulos. -A quem posso entregá-la para me assegurar de que lhe chegue antes do almoço?

-Está em um julgamento, senhora!

-Suponho-o, por isso não tentei dar-lhe pessoalmente.

Charlotte lhe sustentou o olhar sem pestanejar e o secretário se desconcertou. Não esperava semelhante comportamento de uma moça, para falar a verdade não o esperava de nenhuma mulher.

-É importante- disse Charlotte com firmeza.

-É pessoal?- perguntou o homem.

-É pessoal para o senhor Carswell- respondeu ela em um tom um pouco afiado, -não para mim.

-Nesse caso a entregarei pessoalmente.

-Antes do almoço- insistiu Charlotte.

-Certamente.

O secretário guardou a carta no bolso e, com uma leve inclinação de cabeça, prosseguiu seu caminho.

Charlotte não podia fazer nada salvo procurar um assento e tranquilizar-se enquanto esperava uma resposta. Geralmente desfrutava observando às pessoas, seus rostos, sua indumentária e sua conduta, e gostava de imaginar como eram, o que faziam e que relações tinham. Mas esse lugar abrigava tanta angústia, desesperança e medo que a experiência era espantosa. Assim, dedicou-se a matar o tempo perguntando-se que relação existia entre lorde e lady Byam e Micah Drummond, que classe de pessoa era lorde Anstiss como amigo- não como o homem que inspirava temor e respeito-e como o tinha visto Laura Anstiss.

Estava absorta em seus pensamentos quando o secretário retornou e se deteve frente a ela com uma atitude mais cortês que a princípio.

-Senhora Pitt, o senhor Carswell me pediu que lhe entregue este envelope.

-Obrigada.

Charlotte comprovou assombrada que os dedos lhe tremiam. Quando o advogado partiu com seu ar arrogante, tirou as luvas e rasgou o envelope.

Querida senhora Pitt:

Temo que pouco posso fazer para contribuir à felicidade da senhorita Hilliard, mas será um prazer falar com você e confio em que aceite meu convite para almoçar neste meio-dia. Solicite a um secretário que a acompanhe até meu escritório e dali a levarei a um restaurante onde poderemos falar com tranquilidade. Rogo-lhe que seja pontual, pois, como já terá observado, tenho o tempo muito limitado.

Atentamente,

Addison Carswell

Charlotte guardou a nota em sua bolsa. Trazia consigo o relógio que seu pai lhe dera de presente anos atrás se por acaso se via obrigada a ir pontualmente a um encontro e

não achava nenhum relógio público.

Às doze menos cinco procurou um secretário que a acompanhasse até o escritório do Carswell e às doze em ponto o magistrado entrava na estadia com expressão serena mas extremamente pálido. Ao ver Charlotte endureceu o queixo e esticou os lábios.

Charlotte não se surpreendeu, embora não fosse uma sensação agradável. A forma em que tinha redigido a nota podia fazer pensar que tinha intenção de lhe fazer chantagem. E se William Weems o tinha feito já, os temores do Carswell não tinham nada de estranho.

-Bom dia, senhora Pitt- disse. -Agradeço sua pontualidade. Há um excelente restaurante ao dobrar a esquina onde o serviço é rápido e poderemos falar sem que ninguém nos ouça. Vamos?

O magistrado não lhe ofereceu o braço.

-Parece-me bem- respondeu Charlotte, estupidamente perturbada pela hipótese do Carswell que ela acabava de qualificar de razoável. Saiu com a cabeça alta e exatamente à mesma altura que ele.

O restaurante era tal como Carswell o havia descrito: ruidoso e cheio de gente, em sua maioria homens com trajes escuros e sóbrios. Os garçons transportavam habilmente as bandejas sobre os ombros e com igual agilidade depositavam nas mesas os pratos e as jarras de cerveja. Uma vez que tomaram assento e pedido, o magistrado foi diretamente ao ponto e Charlotte teve que deixar de olhar a seu redor, uma atividade que lhe estava resultando muito interessante. Nunca tinha estado em um restaurante como esse, cheio de advogados e clientes que falavam com suma seriedade e as cabeças inclinadas.

-Senhora Pitt, em sua nota mencionava que conhecia a senhorita Hilliard- disse friamente Carswell, -e que lhe tinha tomado carinho. Conheço o desagradável comentário que se há dito sobre ela e que não tenho intenção de discutir com você. Lamento muitíssimo o ocorrido. -Seu olhar era triste mas direto. Charlotte não piscou. -Mas ignoro o que poderia fazer eu para repará-lo. Compreenderá que não conseguiria nada desmentindo-o.

Charlotte sentiu pena do homem. Contudo, mais lhe importava Regina, e conhecia muito bem a situação de suas filhas, suas esperanças de contrair matrimônio e, de fato, a necessidade de fazê-lo. Mas também lhe importava Fanny, que tinha sido empurrada a uma situação onde só ela sofria.

Charlotte se encheu de coragem e deu o passo irreparável.

-Não esperava que fosse fácil negá-lo, senhor Carswell- disse com um pequeno

sorriso. -É um rumor desprezível, sobre tudo porque machucará a sua esposa e filhas e afastará a senhorita Hilliard da alta sociedade, embora saiba que isso não é tudo. O círculo de pessoas que conhecem o rumor é reduzido e talvez com o tempo encontre outras alianças...

Respirou fundo e prosseguiu.

-E embora o rumor seja extremamente desagradável, é preferível à verdade.

Carswell empalideceu, mas seus olhos não abandonaram os dela. Charlotte compreendeu, pela dureza de seu olhar, que temia que fosse a lhe pedir dinheiro. Quase podia sentir seu desprezo por cima da toalha branca e do faqueiro. Dispunha-se a continuar quando o garçom lhes serviu a comida.

Carswell lhe agradeceu e o despediu.

- Tenho certeza de que quer chegar a algum lugar, senhora Pitt. Agradeceria-lhe que o fizesse de uma vez.

Charlotte sentiu uma ligeira irritação.

-Sei que Fanny é sua filha, senhor Carswell, e não espero que vá difundindo aos quatro ventos. Isso destruiria a sua esposa atual e a suas outras filhas. E Fanny jamais desejaria uma coisa assim e você sabe muito bem, pois partiu a casa com a vergonha nas costas em lugar de explicar a verdade. Nem sequer o disse ao Herbert Fitzherbert.

O magistrado a olhava sem pestanejar. Na mesa vizinha uma mulher agitava um documento legal. Um garçom passou com duas jarras de cerveja.

-O que quer de mim, senhora Pitt?- perguntou Carswell.

-Quero que considere a possibilidade de contar a verdade ao Herbert Fitzherbert. Ama a Fanny e está disposto a casar-se com ela apesar do escândalo, mas ela não tem intenção de lhe contar a verdade e defender-se. Seria terrível que ele a tivesse sempre por uma mulher de moralidade lassa, e com o tempo poderia lhe perder o respeito e começar a suspeitar dela. Fitzherbert deixou perder a oportunidade de ser eleito para o Parlamento porque para ele tem mais valor seu amor pela Fanny. Mas temo que ela resolva lhe ocultar a verdade a fim de proteger a você, e não se casará com o Fitzherbert enquanto este acreditar que é sua amante.

Charlotte ergueu sua taça de vinho e depois a devolveu à mesa.

James também merece conhecer a verdade- prosseguiu. -Por que tem que suportar Fanny também seu desprezo? A este passado a gente que realmente lhe importa a considerará uma imoral, e tudo para proteger a você e a sua outra família. Poderia viver feliz sabendo isso, senhor Carswell?

O magistrado estava abatido. Ao final adiou a decisão mais dolorosa fazendo frente a outra menos horrível.

-E quais são suas intenções, senhora Pitt? Por que lhe interessa tanto este assunto? Não faz muito que conhece a Fanny. Custa-me acreditar que lhe tenha tomado tanto carinho.

-Sei o que está pensando, senhor Carswell, e dada sua conexão com o Weems não o culpo.

Viu que o magistrado empalidecia e seu olhar se enchia de incredulidade. Logo, pouco a pouco, o homem compreendeu.

-Pitt? Não será você...?

Suas palavras não pronunciadas continham todo um mundo de diferenças sociais: o abismo entre Charlotte como a irmã de Emily que dançava, jantava e ia à ópera com a alta sociedade, e Charlotte como a esposa de Pitt, um policial que ia pelas casas fazendo perguntas sobre o assassinato de um agiota.

Charlotte engoliu a afiada defesa que lhe subia pela garganta. Com uma dignidade férrea, agora menos que nunca ia permitir que Carswell a acreditasse capaz de lhe fazer chantagem.

-Sou- disse. -E sim, estou do lado da Fanny. Alguém tem que estar. Você não está. Carswell corou.

-Isso é injusto, senhora Pitt! Deveria compreender o que suporia para minha família atual que se soubesse a verdade. São tão inocentes como Fanny. Tenho quatro filhas e um filho. Arruinaria-lhes você a vida pelo bem da Fanny?- Sua voz tremia e Charlotte compreendeu de súbito quão difícil devia ser para ele ter que contar detalhes tão íntimos de sua vida a uma pessoa que não só era uma estranha, mas além disso não o apoiava.

-A culpa é só minha- prosseguiu, o olhar cravado no prato. Nenhum dos dois podia comer. -Me casei com a mãe da Fanny quando eu tinha vinte anos e ela dezessete. Acreditávamos que nos queríamos. Era muito bonita e alegre, sempre estava rindo...- Sua expressão se suavizou por um instante. -Como Fanny- suspirou. -Os primeiros quatro anos fomos bastante felizes. Primeiro nasceu Fanny

e depois James, mas quando este era ainda um bebê Lucy começou a mudar. Apaixonou-se nada mais e nada menos por um professor de dança. Suponho que eu estava muito absorvido por meu trabalho. Naquele tempo era um advogado em florações e aceitava todos os casos que me caíam. Contudo, custava-me tirar minha família adiante e era um homem ambicioso.

Charlotte levou uma porção à boca sem desviar sua atenção nem um instante.

-Reconheço que a tinha abandonada e que não possuía o nível social nem os ganhos necessários para lhe oferecer o entretenimento que merecia.- Carswell deu de ombros. -No final pegou as crianças e partiu com o professor de dança.

Charlotte estava atônita. Conhecía a lei no concernente às esposas errantes com filhos.

-Não lhe pediu que pelo menos lhe deixasse os filhos?-perguntou surpreendida.

Carswell corou.

-Não. Pensei nisso, e também pensei na vergonha que supunha para mim reconhecer que minha esposa se foi com um professor de dança. Doía-me perder a meus filhos, mas o que podia lhes oferecer? Uma babá que se ocupasse deles enquanto eu trabalhava. Lucy os queria e era uma boa mãe.

-E o professor de dança?

-Não durou muito. Morreu de tifo dois anos mais tarde. Possivelmente foi preferível a que a abandonasse. Viviam na casa que ele possuía junto ao Kennington Road e Lucy a herdou.- Carswell corou de remorso. -Sei que deveria me divorciar dela, mas temi o escândalo. Sendo advogado, meus amigos se teriam informado cedo ou tarde e eu não teria sido capaz de suportar sua compaixão. Não podíamos nos permitir dar festas e com dois bebês Lucy não desejava aceitar convites que não podíamos corresponder. Portanto, meus amigos não sabiam que estava casado e não disse nada.

-E os pais dela?

-Lucy era órfã. Seu protetor, um tio ancião, não quis saber nada dela depois de que nos casássemos. Achava que o fato de que sua sobrinha tivesse encontrado marido liberava-o de suas obrigações para com ela.

-Por que não a aceitou de novo?

-Nem Lucy nem eu tínhamos desejo de viver sob o mesmo teto e seria uma crueldade por minha parte lhe arrebatrar os meninos. Eu não tinha a ninguém que pudesse cuidá-los e, como já reconheci antes, não queria que as pessoas conhecessem minha desafortunada relação.- Carswell levantou a vista. Seu olhar era doce apesar da dor. -E então tinha conhecido a Regina e aprendido a amá-la como não tinha amado a Lucy. Não podia permitir que averiguasse sobre meu

matrimônio se queria que seus pais me aceitassem. Já tinha bastante lhes demonstrando que podia mantê-la devidamente...- Se deteve e olhou ao Charlotte. Não era uma história bonita e ele sabia. Não obstante, Charlotte podia compreender como tinha



acontecido. Contada em uns minutos não conseguia comunicar a comoção, o sentimento de humilhação e solidão, o jovem temeroso de fazer o ridículo chegando à casa onde até fazia pouco tinha sido recebido por sua esposa e seus filhos e agora só achava criados educados e distantes.

Finalmente Carswell decidiu apagar de sua mente essa parte de sua vida. Depois, quando a felicidade bateu a sua porta na pessoa da Regina, apressou-se a agarrá-la pagando o preço necessário. E agora, vinte e três anos mais tarde, o preço tinha aumentado de repente. Não só tinha que pagar ele, mas também Fanny ou Regina e seus outros filhos.

-Pagou ao Weems?- perguntou de repente Charlotte.

Ele a olhou desconcertado.

-Não. Deus sabe que nem sequer conhecia esse homem.

-Mas absolveu Horatio Osmar sem chamar para declarar, à Beulah Giles.

-Isso não tem nada que ver com a Fanny nem com meu primeiro matrimônio... Tampouco com o assassinato do Weems.

-Já.- Charlotte se dispunha a acrescentar que tinha que ver com o Círculo Interno quando se lembrou da advertência do Pitt sobre o perigoso poder dessa sociedade. Isso achava, mas tinha que perguntar-lhe O que pensa fazer com respeito à Fanny e Herbert Fitzherbert?

-O que pensa fazer você, senhora Pitt?

-Nada. Já tenho feito quanto podia. A decisão é sua.

-Fitzherbert poderia me trair pelo bem da Fanny e pelo seu próprio.

-Poderia, mas ele sabe que Fanny deixaria de querê-lo.

-Devo pensar nisso.

-Rogo-lhe que não se atrase. Se Fanny rechaçar ao Fitzherbert, este poderia acreditar nela e resignar-se.

-Sabe pressionar, senhora Pitt.

Charlotte sorriu pela primeira vez.

-Trata-se de um assunto muito sério. Atrevo-me a dizer que à senhora Carswell custaria muito aceitar que você fosse bígamo.- Apesar da careta de dor do magistrado, prosseguiu. -Mas mais lhe doeria que tivesse uma aventura amorosa com uma moça da idade da Fanny. Ante tão terríveis alternativas, é preferível a verdade.

-Seriamente acredita? Como se sentiria você se soubesse que seu marido não é seu marido e que seus filhos são ilegítimos?

-Não posso nem imaginar indignada, confusa e traída que me sentiria, senhor Carswell, mas acredito que me seria mais fácil perdoar isso que o fato de que meu marido tivesse tido uma relação íntima com uma moça pouco maior que minha própria filha.

Carswell sorriu com tristeza.

-Que grande exemplo para os bem nascidos, e até me atreveria dizer que para a classe trabalhadora. Uma dama aceitaria uma coisa assim como um aspecto mais de sua vida e não lhe daria importância desde que o marido atuasse com discrição e o assunto não se fizesse público. De fato, uma dama de gostos refinados poderia inclusive alegrar-se de que seu marido satisfizesse seus indesejáveis apetites em outro lugar para que não tivesse que incomodá-la nem obrigá-la a criar uma família mais extensa do que ela desejava ou do que sua saúde poderia suportar.

-Nesse caso, é evidente que pertenço a uma classe muito inferior, senhor Carswell- respondeu Charlotte com certa satisfação, -se esse for o critério determinante. E não me surpreenderia que a senhora Carswell também. Mas a decisão é sua.

E dito isso, inclinou-se para comer um pouco de sua chuleta de porco quase fria e beber do excelente vinho.

-Falarei com o Fitzherbert e com o James- disse o magistrado justo quando se dispunham a partir.

-Obrigada- respondeu prosaicamente Charlotte, como se o homem lhe tivesse passado o sal. Por dentro, não obstante, sentia-se tremendamente feliz.

Durante os dias posteriores à festa em que Fitz tinha deixado entrever que não ia casar-se com a Odelia e desafiado a lorde Anstiss, Jack Radley se percebeu pouco a pouco o preço de semelhante ato.

Ninguém fez nenhum comentário claro e Jack não escutou nenhuma observação por parte do Anstiss durante os diferentes atos sociais em que se encontraram. A primeira impressão lhe chegou quando se achava em seu clube e, casualmente, ouviu dois conhecidos falarem sobre o Fitz e lamentar o fato de que tivesse sido rechaçado sem mais de outro clube ao que um deles pertencia.

-Puxa, George, tem certeza?- O homem arqueou suas sobrancelhas loiras até o mais alto. -Por que? Herbert Fitzherbert sempre me pareceu um tipo muito decente, um dos nossos.

-E eu- concordou seu amigo. -Por isso me surpreendeu tanto.

-Está certo de que era Fitzherbert?

-Naturalmente. Toma-me por um idiota, Albert?

-Mas por que? Não será porque a Mordem reprovou-o, não é? Não está bem rechaçar um colega por uma coisa assim. Deus santo, se lhes desse de seguir essa política, ficaríamos muito poucos.

-Claro que não é por isso. O motivo é outro, embora o ignoro. Mas lhe direi uma coisa: o seguinte será White e logo lhe seguirão todos outros.

-Seriamente acha isso? Pergunto-me o que terá feito.

-Pouco importa isso. Os clubes não precisam sabê-lo, simplesmente se limitam a seguir o exemplo de outros. Pobre moço. Gostava dele. Era muito amável e generoso.

-Não será pela garota Hilliard?

-Não seja burro. A quem importa que um companheiro se veja com uma dama de reputação duvidosa? Enquanto não ofenda a sua esposa nem espere que a gente decente a trate como uma mais da família...

-Seriamente? Sabe o príncipe do Gales?

-O que? Ah, diz-o por causa da senhora Langtry. O certo é que o que se faça no Marlborough House não pode nos servir de exemplo. O fato de que eles se façam das suas não quer dizer que nós também possamos. Em qualquer caso, quão único Fitzherbert fez, conforme me contaram, foi flertar um pouco com ela, e isso não tem nada de mau. Tem que haver algo mais.

Jack não sabia que era obra do Anstiss, mas o temia. Recordou a fúria refletida em seus olhos, a tensão repentina dos lábios, como seu rosto amável e inteligente se tornou cruel e implacável.

Escutou outras observações e se fixou nas mudanças de expressão das pessoas cada vez que mencionavam o nome do Fitz.

-É um comentário curioso sobre um conhecido- disse a Emily e Charlotte uma tarde que se achavam no jardim desta última. Tinham ido vê-la para lhe contar sua mudança de planos. -Acredito que poderia dividir às pessoas em duas classes: as que admiro e as que não, de acordo com suas reações. É uma experiência amarga descobrir quanta gente está disposta a condenar a um homem sem saber sequer o que se supõe que tem feito, e ainda menos se o tiver feito ou não.

-Não deveria surpreendê-lo, querido- disse Emily com uma careta de tristeza. -A alta sociedade se rege pela influência e moda. Alguém influente deu as costas ao Fitz e, de repente, este deixou de estar na moda. Todo mundo, ou quase todo mundo, tenta desesperadamente chegar um pouco mais acima. E como ninguém sabe aonde vai,

precisam seguir às pessoas adequadas.

Charlotte olhou a sua irmã para comprovar se sua expressão era tão cínica como suas palavras, mas ao ver o humor em seus olhos compreendeu que era um comentário tolerante que não encerrava autocompaixão nem ódio.

-O que pensa fazer?- perguntou ao Jack.

-Direi ao Anstiss que prosseguirei com minha campanha, mas que não ingressarei na sociedade- respondeu Jack com súbita seriedade.

Charlotte percebeu em seu cunhado certo medo. Então se deu conta de que Jack suspeitava que Anstiss estava atrás dos desprezos que sofria Fitz. Eram conscientes de seu autêntico poder, não do dinheiro, da filantropia, do mecenato ou da hospitalidade, mas sim dessa influência que erguia ou afundava às pessoas segundo sua vontade. Era um amigo imprescindível, mas também um inimigo que ninguém podia permitir-se.

-Não gostará- comentou Charlotte, embora por dentro se sentia aliviada.

As ameaças do Anstiss não eram nada comparadas com o terror infligido aos membros do Círculo Interno, o controle das consciências, a ruptura de lealdades, o secretismo e a incerteza, não saber em quem confiar e ao final ter que desconfiar de todos, e, por último, a solidão.

-Sei- respondeu Jack. -E ignoro se é a mesma sociedade secreta que mencionou Thomas, mas no caso de ser, prefiro não ingressar.

-Mesmo assim, seguirá com a campanha?

-Certamente, mas de maneira independente se for preciso.

Jack sorriu com tristeza. Possivelmente já sabia que, certamente, assim ia ser e que no final, sem a ajuda do Anstiss e de gente como ele, teria tantas possibilidades como Fitz.

Charlotte estranhou pelo que Jack tivesse podido conseguir e uma grande satisfação por que não estivesse disposto a obtê-lo a esse preço. Olhou Emily e em seus olhos viu orgulho e uma felicidade que brilhava mais que a ambição.

-Me alegro- disse Charlotte. -É impossível agradar a todo mundo. O importante, no final, é saber de que pessoas vale realmente a pena sua aprovação.

## Capítulo 11

---

Pitt se achava de pé no escritório do Micah Drummond. Entardecia e tinha chegado à conclusão de que não podia continuar adiando a necessidade de interrogar Drummond a respeito do Byam. Estava-se afundando em muitos fatos e hipóteses aos quais mal conseguia dar uma ordem coerente. Nem sequer sabia como tinha morrido Weems exatamente, e até menos a identidade do assassino. Alguém tinha ido vê-lo nessa noite, achou o trabuco e a pólvora, viu ou trouxe consigo as moedas, carregou a arma e disparou. Por que Weems não fez nada para evitá-lo? De acordo com o descoberto até agora, Weems parecia um homem precavido e conhecia o perigo que corria com tantos clientes desesperados.

Drummond se achava junto à janela, como era seu costume. Pitt estava ao lado da escrivaninha com as mãos nos bolsos e a cabeça lhe dando voltas.

E certamente o fato de que fosse também um chantagista tinha levado-o a aumentar as precauções. Os barrotes do portal eram prova disso. A quem permitiu Weems a entrada a essas horas da noite e com que fim?

Se soubessem, pensou Pitt, estariam muito mais perto de descobrir quem o matou.

Mas por quê? Por uma dívida? Essa possibilidade parecia cada vez menos provável. Por chantagem? Nesse caso, havia Byam, ou Carswell ou Urban ou Latimer, vivendo um duplo engano? Pitt não achava que fosse Urban, mesmo que tivesse um excelente motivo. Pensava-o porquê gostava dele? Ainda não tinha contado a ninguém sobre a moldura achada no teatro de variedades.

Charlotte estava convencida de que não era Carswell e ele estava disposto a aceitá-lo. Latimer, pois? Byam? Ou acaso o móvel não era a chantagem, mas uma razão pessoal relacionada com o Weems, muito mais profunda e desagradável? Possivelmente a morte do agiota não era mais que parte de um plano e a autêntica vítima era outra pessoa. Se fosse assim, poderiam achar-se tão longe da solução como quando Byam foi a eles. A idéia era aterradora.

-O que ocorre?- perguntou Drummond com o rosto deformado pela inquietação. Este caso lhe preocupava como poucos o tinham feito e de uma forma muito diferente. Pitt sabia, mas não podia fazer nada para tranquilizá-lo. E provavelmente se o tentasse só conseguiria piorar as coisas.

Sentou-se na escrivaninha. Era uma postura pouco respeitosa, mas nenhum dos dois

reparou nisso. Drummond estava sentado no parapeito, de costas ao sol.

-E se o móvel não tivesse nada que ver com dívidas nem chantagens?- perguntou Pitt. -E se se tratasse de um assunto pessoal?

Drummond enrugou a fronte.

-Você me disse que tinha investigado esse aspecto e que não tinha encontrado nenhuma relação pessoal. Weems não tinha família nem esposa, e seus únicos empregados eram o mensageiro e a mulher da limpeza, nenhum dos quais parece suspeito. Quem podia sentir tanta raiva por ele para chegar a matá-lo? Nem sequer existe um herdeiro.

-Tinha que ter um colaborador- indicou Pitt. -Weems não averiguava pessoalmente a informação com a que fazia as chantagens. Alguém a facilitava.

Drummond levantou rapidamente o olhar.

-Um chefe? Possivelmente Weems só era a pessoa que ficava em contato com as vítimas e recolhia o dinheiro, o qual logo entregava a outra pessoa.- Esperançado, Drummond endireitou ligeiramente as costas. -E essa pessoa o matou. Talvez Weems quisesse cada vez mais e o ameaçou de algum modo.

-Talvez quisesse cada vez mais- disse Pitt. -Seria uma estupidez pressionar a essa pessoa com ameaças e não tenho a sensação de que Weems fosse um estúpido, pois não teria durado muito neste negócio.

Drummond mordeu o lábio.

-Tem razão. Contudo, tinha que ser muito avaro para estar neste negócio.

Pitt sorriu.

-Sem dúvida.

-Mas se, como você diz- prosseguiu pensativamente Drummond, -Weems obtinha a informação de outra pessoa, temos que descobrir quem era. De fato, deveríamos averiguar isso de todos os modos, pois certamente essa pessoa tomou a substituição da chantagem...- Se deteve e durante um muito breve instante houve um vislumbre de compreensão em seu rosto.

-E a vítima está sendo chantagelada de novo- terminou Pitt por ele.

Drummond vacilou.

Pitt compreendia seus sentimentos por Eleanor Byam e a mescla de emoções que lhe provocava Byam, mas não podia permitir que isso se interpusesse na busca da verdade.

-Byam- disse.

-Acredito nisso.

Pitt refletiu antes de continuar.

-Pergunto-me por que ele e não outros.

Drummond levantou a vista.

-Lhe ocorre alguma idéia?

-Possivelmente.

-O que? Maldito seja, não me venha com rodeios. Não é seu estilo e não nos leva a nenhuma parte.

Pitt sorriu.

-E se Anstiss não tivesse perdoado ao Byam de forma tão aberta e generosa como este supunha? E se, em realidade, alguma vez superou a morte da Laura e, o que é mais importante, sua infidelidade, e se está vingando do Byam de forma sutil e perversa?

-Por que a estas alturas?- perguntou Drummond com o sobrecenho franzido. -Laura Anstiss está há vinte anos morta e Anstiss soube a verdade durante todo este tempo.

-Ignoro-o- reconheceu Pitt. -Possivelmente ocorreu algo que não nos contaram.

-Como o que? Se houvesse produzido uma briga, Byam não teria recorrido a nós.

-Possivelmente se inteirou de que Anstiss estava atrás de tudo isto- disse Pitt. -Talvez Weems foi utilizado como coberta para impedir justamente isso.

-Achou alguma conexão entre o Anstiss e Weems?- perguntou Drummond.

-Não, mas tenho a impressão de que procuramos o móvel do assassinato do Weems no lugar equivocado.

Drummond ficou pensativo.

Pitt esperou um momento antes de falar.

-Continua sendo por dinheiro?

-O que?

-A razão pela que Byam está sendo chantageado desta vez?

-Acredito que não. Acredito que desta vez lhe pediram que troque de parecer sobre certos investimentos e empréstimos no estrangeiro. De acordo com o que conta lady Byam, é uma possibilidade.

- Perguntou a ele?

-Certamente.- Drummond corou ligeiramente. -Disse que era uma decisão política que lhe exigiam membros do Círculo Interno por razões que não podia me explicar. Disse que era uma questão de persuasão, não de chantagem.

-E não acreditou nele.

-Não tenho certeza. Mas terá que achar uma conexão entre o Anstiss e Weems para que seja mínimamente acreditável. Não imagino lorde Anstiss fazendo-se de chantagista atrás de um desgraçado como Weems. Além disso, como pôde dar sequer com um tipo assim?

Pitt se acomodou-se um pouco mais na escrivaninha.

-Possivelmente Weems achou a ele. Além de tudo, tinha a carta que Laura Anstiss escreveu ao Byam. Possivelmente tentou vender-lhe primeiro ao Anstiss.

-Nesse caso, se Anstiss pretendia matá-lo, o teria feito então-indicou Drummond. - Não, Pitt, não o vejo claro. Estou de acordo em que há alguém atrás do Weems além da criada que apareceu com a carta, alguém que lhe proporcionava suas outras informações.- Levantou súbitamente a vista. -Possivelmente um devedor desesperado que satisfazia suas dívidas mediante informação.

Era uma boa hipótese.

-Um devedor importante- prosseguiu Pitt. -Alguém que sabia sobre Fanny Hilliard e Carswell, que Urban estava trabalhando no teatro de variedades do Stepney e que Latimer apostava em brigas a punho descoberto.

-Não tem por que ser uma só pessoa.- Drummond estava mais animado. - Possivelmente Weems propôs a vários devedores a possibilidade de satisfazer suas dívidas com informação. Isso teria suposto para ele uma fonte permanente de ganhos, pois só o aceitaria como pagamento dos interesses, não do capital.

-Pergunto-me como é possível que não o matassem antes- disse Pitt.

-O problema está em como dar com esses informantes ou, pelo menos, como demonstrar que existem.- Fez uma careta. -Isso não significa que estaríamos mais perto de descobrir quem matou ao Weems. Há momentos em que me dá vontade de abandonar o caso. Em realidade não me importa quem matou a esse porco.

-Importou-nos alguma vez? Desde o começo só nos propusemos demonstrar que não foi Byam.

Drummond distendeu o rosto, mas de remorso, não de indignação. Não tinha sentido negá-lo. Olhou ao Pitt.

-O que pensa fazer?

-Visitar o Byam e tentar averiguar mais coisas sobre essa carta e sua procedência.

-Acredita que isso importa?

-Talvez. Devia lhe prestar mais atenção a princípio. Eu gostaria de achar à criada que entregou a carta ao Weems, assim como averiguar se havia alguém mais que conhecia



sua existência e por que não a encontramos entre as posses do agiota. Era muito valiosa para haver-se desfeito dela.

-Talvez a vendeu- sugeriu Drummond. -Poderia pedir muito por ela. Mas o mais provável é que o assassino a levasse junto com os registros dos pagamentos do Byam. Certamente Weems guardava ambas as coisas juntas, pois eram parte do mesmo negócio.- mordeu o lábio. -Sei, isso aponta de novo ao Byam.

-Se não fosse porque, se tivesse Byam esses papéis, não lhe teria pedido ajuda.

Quem lhe está fazendo chantagem agora e por que?

-Pelo assassinato do Weems, naturalmente- respondeu Drummond.

Pitt se levantou e o olhou da porta.

-Me mantenha informado.

-Farei-o- prometeu Pitt.

Pouco depois das seis Pitt se apresentou no Belgrave Square e o laçao deixou-o entrar. Byam lhe recebeu ao cabo de uns minutos sem dar a impressão de ter coisas mais importantes que fazer.

Achavam-se na biblioteca, Pitt junto à janela, de costas a luz, e Byam apoiado na cornija da lareira. Nem sequer a luz dourada do entardecer conseguia suavizar suas profundas olheiras fruto do medo e cansaço.

-O que averiguou?- perguntou com voz cortês, mas tensa. Tinha o corpo rígido e tinha emagrecido.

-Muito, senhor.- Pitt sentiu pena de Byam porque seu sofrimento era tremendamente evidente apesar dos esforços por ocultá-lo, e mesmo que soubesse que podia ser o responsável pelo mesmo. -Mas me faltam alguns detalhes para poder encaixar todas as peças.

-Não sabe quem matou ao Weems?- perguntou Byam com um raio de esperança na voz.

-Não tenho certeza, mas acredito que me acho mais perto de descobri-lo que antes.

Byam contraiu o rosto.

-O que posso fazer para ajudá-lo?

-A princípio contou ao senhor Drummond que a arma que Weems utilizava contra você era uma carta que lady Anstiss lhe tinha escrito e que, por desgraça, tinha caído em mãos de uma criada aparentada com o Weems.

-Assim é. Presumivelmente mostrou-a ou lhe falou dela, e ele viu a possibilidade de

tirar dinheiro.

-E Weems se fez com a carta, pois você sabia que a tinha-prosseguiu Pitt.

Byam estava pálido.

-Sim. Tinha meia carta. Ele mesmo me mostrou isso.

-Não a encontramos.

-Sei. Do contrário não me estaria fazendo estas perguntas. O que posso lhe dizer agora que seja útil?

-Sabe como se chama essa criada?

Byam não se moveu mas suas pálpebras se abriram ligeiramente.

-Não. Acaso importa?

-Poderia.

-Por que?

-Acredita que a pessoa que roubou a carta o fez por acaso?

Byam empalideceu. Balançou-se ligeiramente, como se fosse desmaiar, e umedeceu os lábios.

Pitt aguardou que dissesse algo, algo que revelasse a terrível possibilidade que acabava de ocorrer-se, mas os segundos passaram sem que abrisse a boca.

-Possivelmente a criada o contou a alguém- disse Pitt. -Possivelmente se casou e seu marido era um homem avaro e cruel.

-Ignoro- respondeu por fim Byam. -Passaram vinte anos. Terá que perguntar em casa de lorde Anstiss. Possivelmente o mordomo ou a governanta guardem uma relação dos criados que passaram por ali. De verdade acredita que poderia ser isso? Me parece... pouco provável.

-É pouco provável que um homem como Weems tivesse a informação necessária para fazer chantagem a uma pessoa de sua classe e posição.- Não estava sendo honesto, mas não queria nem por um momento que Byam pensasse que suspeitava do Anstiss.

Byam sorriu amargamente, mas pareceu aceitar a resposta.

-Nesse caso, será melhor que fale com o mordomo de lorde Anstiss- disse, como se de repente o cansaço o tivesse vencido. -Conhece o endereço?

-Não, senhor. Suponho que acharei ao mordomo na casa de campo.

-Nesta época do ano, não. Parte do serviço permanece na casa de campo, como a governanta, as criadas e algum cozinheiro, mas o mordomo e valete viajam com lorde Anstiss. Encontrará ele em Londres.

-Obrigado.

-Por favor, descubra algo útil de uma vez. Este assunto é...- Byam calou, bem porque não queria pronunciar as palavras ou porque não achava uma expressão capaz de refletir seus sentimentos.

-Obrigado, senhor- disse o inspetor com calma.

-É isso tudo?

-Por agora sim.

Pitt se desculpou e deixou ao Byam junto à lareira apagada, contemplando o jardim e a suave luz do crepúsculo.

Preferia visitar a casa do Anstiss durante o dia, pois haveria mais probabilidades de que lorde Anstiss se achasse ausente. Não era um homem fácil de enganar nem disposto a aceitar uma explicação pela metade.

Desta vez, não obstante, embora fossem as dez da manhã, Anstiss se achava em casa e recebeu Pitt na sala de visitas de sua elegante e imponente mansão. Era de estilo rainha Ana, diferente e sólido, mas com todo o brilho desse período. As cortinas eram de veludo verde escuro, a madeira de mogno, e o único adorno que Pitt teve tempo de examinar era um cálice de prata irlandês extremamente simples e de uma beleza tão excepcional que foi difícil deixar de admirá-lo apesar do assunto tão sério que devia tratar e a insegurança que lhe provocava Anstiss.

Anstiss se achava de pé junto a uma mesa de mogno sobre a que descansava uma enorme escultura de cavalos de bronze. Observava ao Pitt com certa curiosidade.

-O que posso fazer por você, inspetor?

Seu olhar era resoluto e divertido. Não havia receio algum nele. Anstiss não era mais que um espectador nesta pequena tragédia.

Pitt tinha que tratar ao Anstiss como se este não soubesse do assunto mais que o que pudessem contar os jornais.

-Estou investigando o assassinato de um chantagista, senhor- explicou.

-Que horror. Não obstante, suponho que esta gente sempre acaba sofrendo uma morte prematura.

O interesse do Anstiss ainda era superficial. Provavelmente sua cortesia não duraria muito a menos que houvesse algo mais interessante por chegar.

-Essa gente está acostumada a tentar sua sorte até o ponto de pôr em perigo sua vida- respondeu Pitt. Por absurdo que parecesse, tinha a boca seca. -Esse chantagista trabalhou com êxito durante bastante tempo. Obtinha a informação de criados que

conheciam detalhes pessoais sobre seus senhores e decidiam tirar proveito disso.

Anstiss fez expressão de desprezo.

-Se espera que me compadeça, inspetor, aguarda-lhe uma decepção. Essa gente merece que lhe saia o tiro pela culatra.

-Não o espero, senhor.- Pitt sacudiu a cabeça. -Também não me importa quem o matou, mas é meu dever averiguá-lo. Além disso, não podemos permitir que as pessoas tomem a justiça por sua mão por muito forte que seja a tentação. Provavelmente desta vez estejamos de acordo com o resultado, mas e a próxima?

-Compreendo aonde quer chegar, inspetor, não é preciso que se estenda. O que tem que ver tUdo isso comigo?

-Um desses criados trabalhou em sua casa de campo.

Pitt observou seu rosto em busca de alguma confusão, mas não a achou.

-Tem certeza? Ninguém me está fazendo chantagem, inspetor. – Parecia divertido em lugar de preocupado.

-Me alegro- sorriu Pitt. -A vítima é alguém que esteve trabalhando em sua casa.

-Seriamente? Quem?

Tratava-se do primeiro engano de Anstiss, mas não era sério.

-Tenho certeza, senhor, de que compreenderá meu silêncio-disse suavemente Pitt. - Se trata de informação confidencial.

-Entendo.- Anstiss deu de ombros. -Não devia perguntar-lhe. Suponho que me deixei levar pelo sentimento de culpa. Faz-me sentir responsável o fato de que meu convidado sofra semelhante ofensa.-apoiou-se primeiro em um pé e depois no outro e relaxou, mas não convidou Pitt para sentar-se. Não estava bem tratar à polícia como às visitas sociais. - Como posso ajudá-lo? Quando ocorreu?

-Vários anos atrás. Possivelmente seu mordomo guarde uma relação do pessoal. Pode ser que até saiba onde posso achar a esse criado agora.

-É possível- concordou Anstiss, -mas não abrigue muitas esperanças. Alguns criados ficam na mesma casa toda a vida, enquanto que outros trocam continuamente de casa. E a pessoa de quem você fala é provável que seja da classe que salta de uma casa a outra e ao final termina na rua ou morta. Contudo, não tenho nenhum inconveniente em que fale com o Waterson. Chamarei-o.

E sem esperar resposta puxou a campainha.

Waterson era um homem diferente, com um rosto que refletia um humor agudo e pessoal, e Pitt simpatizou com ele desde o começo. Obedecendo as ordens de seu senhor,

acompanhou ao Pitt até sua sala e ali lhe ofereceu uma xícara de chá com bolachas, um tratamento incomum para um policial. Depois tentou fazer recontagem de todos os criados que tinham trabalhado na casa de campo vinte anos atrás.

Era alto e magro, com uma cabeça elegante e grisalha. Se não fosse por sua atitude respeitosa e discreta, Pitt lhe teria confundido com o dono da casa. Suas feições possuíam um refinamento do qual Anstiss carecia, mas este ganhava em força e inteligência. Vistos o um ao lado do outro era claro que Anstiss era o líder, designado tanto pela natureza como pela sociedade.

-Provavelmente foi uma criada ou uma copeira- concretizou Pitt depois de tomar um pouco de chá. Possuía um aroma muito delicado e era servido em baixela de porcelana.

-Estamos falando da época em que lady Anstiss morreu- disse Waterson, reclinando-se na poltrona e dirigindo o olhar ao teto. -Uma época difícil de esquecer. Me deixe ver... tínhamos a jovem Daisy Cotterill, que segue conosco e agora é chefe de lavanderia. E Bessie Markham. Casou-se com um laçao de outra casa e nos deixou. Agora temos a uma de suas filhas. -Enrugou a fronte enquanto se esforçava por recordar. -A outra que lembro é Liza Cobb, foi pouco depois da tragédia. Por questões familiares, disse. Ocorre às vezes, mas poucas moças podem permitir-se renunciar a uma boa casa porque sua família as necessita. Geralmente o trabalho é mais importante, pois é o único que lhes garante uns ganhos. Não era uma garota especialmente trabalhadora. Sempre estava pensando em conseguir algo melhor. Sim, Liza Cobb poderia ser sua garota.

-Muito obrigado, senhor Waterson. Sabe onde poderia encontrá-la?

Waterson arregalou os olhos.

-Agora?

-Se não for muito trabalho.- Pitt pegou a última bolacha. Eram deliciosas.

-Me deixe pensar...- Olhou o teto e se concentrou. -Ignoro, mas é possível que a senhora Fothergill, a governanta do número vinte e cinco, saiba. Acredito que é uma prima longínqua. Se o desejar, escreverei-lhe uma nota de apresentação.

-Agradeceria muito- disse Pitt, gratamente surpreso.

Esteve outro quarto de hora compartilhando intrigas inofensivas com o Waterson, quem parecia possuir um interesse pouco digno de um cavalheiro, o qual o envergonhava mas não conseguia minar seu deleite. Depois Pitt se dirigiu à casa situada do outro lado da rua. Ali achou à senhora Fothergill, quem, depois de muitas dúvidas e hesitações, enviou a outra pessoa que podia lhe informar sobre o atual paradeiro da Liza Cobb.

De fato, não a achou até a manhã seguinte, e foi atrás do mostrador de uma peixaria

insalubre perto do Billingsgate. Tratava-se de uma mulher gorda e arrogante, de mãos avermelhadas e rosto ordinário. Pitt em seguida soube que era a pessoa que procurava. Tinha algo que lhe recordava à parte do rosto do Weems que as moedas de ouro tinham deixado mais ou menos intacta.

Deteve-se frente ao mostrador, onde descansava a balança, a tabela de madeira e a faca para cortar o peixe, e pensou na forma de abordar à mulher. Se se mostrasse muito direto, afugentaria-a. A porta que dava ao interior da loja estava justo atrás dela.

Possivelmente fosse tão avara como seu parente.

-Boa tarde, senhora- disse, esforçando-se por ser cortês.

-Olá- disse ela com suspicacia. Não estava acostumada a que as pessoas lhe falassem desse modo.

-Represento à lei- explicou Pitt, e ao ver sua careta de desgosto, prosseguiu: -Estou procurando o herdeiro ou a herdeira de um cavalheiro recentemente falecido.

-Sim, eram seus olhos os que se pareciam com os do Weems. -E, se não lhe importar que o diga, senhora, guarda tal semelhança com o cavalheiro em questão que acredito que minha busca termina aqui.

-A mim não me morreu ninguém- disse a mulher, embora sua voz se suavizou. - Quem morreu?

-O senhor William Weems, do Clerkenwell.

A mulher esticou o rosto de novo e contemplou com irritação a fila de freguezas curiosas que começava a formar-se detrás do Pitt.

-Foi assassinado- disse acusadoramente.

-Quem demônios é você? Eu não sei nada. Não me serve de nada morto.

-O senhor Weems tem uma casa- explicou Pitt. -Possivelmente você seja seu único familiar, senhora... senhora Cobb?

A mulher refletiu durante uns instantes e a imagem da casa se fez muito visível em sua mente.

-Sim, sou Liza Cobb.

-Como é natural, tenho várias perguntas que lhe fazer.

-Não sei nada de sua morte.- A mulher olhou furiosa a suas freguezas. - Né, não se metam onde não lhes chamam!- gritou.

-Não tenho nada que lhe perguntar sobre a morte do senhor Weems- respondeu suavemente Pitt, -a não ser sobre algo que ocorreu faz muitos anos. Poderíamos falar em privado?

-Mais nos vale. Muita gente por aqui com a orelha posta no que não lhe importa.

-Não me importa sua relação com o morto- disse uma fregueza –mas como não vigia essa língua, Liza Cobb, comprarei o peixe em outra parte.

-Vem aqui porque sou a única em quem confia, Maisie Stillwell, não o esqueça!- replicou Liza Cobb.

E depois de pedir a gritos que alguém a substituísse no mostrador, conduziu ao Pitt até um quarto sufocante e pestilento.

-E então?

-Vinte anos atrás você estava servindo na casa de campo de lorde Anstiss.

-Sim, deve ter sido naquela época. Por que?

-Encontrou uma carta de lady Anstiss dirigida a lorde Byam, um convidado da casa?

-Não exatamente- respondeu Liza com cautela. -Mas e se a tivesse encontrado?

-O que aconteceu exatamente?

-Quando lady Anstiss morreu, Rose, a criada da senhora, ficou com algumas coisas. Deram-nas, não vá a pensar que as pegou. E há três anos, quando Rose morreu, fiquei com elas. Estavam enroladas e dentro encontrei uma carta de amor muito apaixonada. - Liza sorriu com desprezo. -Não sabia que a gente fina se escrevesse essas coisas.

-Por que a deu ao Weems?

Liza o olhou com olhos afiados.

-Não a dei toda. Havia duas folhas, assim que lhe vendi uma e fiquei com a outra.

Pitt sentiu uma pontada de excitação.

-Tem-na ainda?

A mulher o olhava com suspicácia.

-Sim. Por que o pergunta? Quer vê-la? Pode fazer uma cópia, mas lhe custará cinco guineus.

-É isso o que lhe pagou Weems?

-Por que quer sabê-lo?

-Por curiosidade. É um preço justo. Me deixe vê-la e se acreditar que vale a pena lhe pagarei cinco guineus.

-Primeiro me mostre o dinheiro. Não tem pinta de ter cinco guineus.

Pitt tinha vindo preparado para comprar informação, embora não esperava gastar tudo em uma só pessoa. Contudo, estava seguro de que essa carta era a chave do caso. Procurou em seu bolso e achou um guineu de ouro, seis meios guineus e um punhado de coroas, xelins e peniques. Ergueu a mão entreaberta para que a mulher pudesse vê-las,

mas não as tocar.

-Vou buscá-la- disse Liza com entusiasmo.

Pouco depois retornou com uma folha de papel em uma mão. Estendeu a outra para receber o dinheiro.

Pitt o deu, contando-o com atenção, e pegou rapidamente a carta. Desdobrou-a e leu, escrito com letra forte e apaixonada, o seguinte:

Meu amado Sholto:

Compartilhamos uma paixão poderosa e peculiar que ninguém neste mundo conhecerá como nós. Não devemos perdê-la nem nos privar dela. Quando penso nas horas compartilhadas, dou-me conta de que encerram quanto o corpo e a alma podem desejar. Não permitirei que ninguém me arrebate isso.

Seja valente! Não tem nada que temer. Guarda nosso segredo no coração e pensa nele, uma e outra vez, como faço eu nas longas horas de solidão. Sonha com o tempo passado e o tempo que está por chegar.

Não estava assinada. Pelo visto existia outra folha, no mínimo, mas tinha desaparecido.

Era uma carta apaixonada e orgulhosa. Estava claro que Laura Anstiss era uma mulher de sentimentos apaixonados, segura de si mesma e obstinada, uma mulher que nem por um momento lhe ocorreu que seu amor não fosse correspondido.

Pitt compreendia agora que o rechaço tivesse podido desequilibrá-la mentalmente e conduzi-la a um estado de melancolia. Se Byam tivesse chegado a receber a carta, lhe teria surpreendido muito menos seu suicídio.

-Devolva-me isso replicou-lhe Liza Cobb. -Já a leu.

Tinha vivido Laura Anstiss em um mundo de fantasia? A carta insinuava que tinham sido amantes fisicamente. Quem quer que a lesse chegaria a essa mesma conclusão. Tinha-a lido Anstiss?

-Não- respondeu tranquilamente Pitt. -É uma prova em um caso de assassinato. Ficarei com ela no momento.

-Porco ladrão!- Liza se lançou sobre o Pitt, mas ele era mais alto e pesado que ela. Estendeu um braço com o punho fechado e a mulher retrocedeu.

-É minha- disse entre dentes.

-Nunca foi enviada, de modo que pertence a lady Anstiss-contradiu Pitt. -E, como está morta, presumivelmente a seus herdeiros.



A mulher o olhou com desprezo.

-Pensa mostrá-la a lorde Anstiss, não é? E certamente lhe pedirá dinheiro. Grande idiota! Acredita que se fosse tão fácil não o teria feito já? Conheço-o e você não. Nunca lhe pagará. Antes lhe daria uma surra.

-Entregarei-a à polícia- disse Pitt com um sorriso. -E eu sou a polícia. Inspetor Pitt do Bow Street. Quando o caso ficar fechado, poderá apresentar-se a delegacia de polícia para tentar reclamá-la.

Dito isto, virou sobre seus calcanhares e partiu seguido de uma enxurrada de epítetos e maldições.

Caminhou energicamente, abrindo passagem entre a curiosa multidão, feliz de que a esquina de uma praça pequena e quadrada aparecesse frente a ele. As folhas desenhadas contra o céu constituíam uma imagem limpa e simples depois da avareza e a raiva da mulher da peixaria. A leitura da carta lhe dava uma idéia muito mais clara por que Byam tinha pago ao Weems durante dois anos. Não se tratava de uma paixão inocente como ele tinha insinuado, pelo menos não para a Laura Anstiss, e nenhuma pessoa imparcial o interpretaria desse modo.

Se Frederick Anstiss odiasse ao Byam, não seria de estranhar. Era preciso uma capacidade de perdão sobre-humana para não sentir-se traído.

Um atalho cruzava diagonalmente a praça. Por ele passeavam dois casais com as cabeças unidas, enquanto que uma terceira parecia imersa em uma discussão. O homem, avermelhado, apertava com fúria sua bengala, que brandia de tanto em tanto. A mulher se achava igualmente acalorada, mas parecia ligeiramente divertida, o que só fazia que exacerbasse a raiva de seu companheiro. De repente o homem virou sobre seus calcanhares e pôs-se a andar, e ao passar frente a um arbusto de flores levantou a bengala e fatiou um raminho. A ação foi tão imprevista que Pitt se sobressaltou.

Nesse momento lhe assaltou a imagem de lorde Anstiss de pé, frente à escrivaninha do Weems, enquanto este, com supremo sarcasmo, lia em voz alta a maldita carta e exigia dinheiro. Então, sem prévio aviso, uma bengala se erguia no ar e golpeava ao Weems na têmpora, deixando-o sem conhecimento e tempo suficiente para que Anstiss agarrasse o trabuco, carregasse-o com moedas de ouro e disparasse.

Ou pôde ser outra pessoa, qualquer cavalheiro que costumasse levar bengala, e outra a provocação. Contudo, a imagem da carta e o rosto do Anstiss permaneceu gravado na mente de Pitt.

Talvez Weems, depois de dois anos de satisfatória chantagem ao Byam, tinha-o

tentado com o Anstiss e tropeçado com um caso muito diferente. Um homem a quem não lhe queimava o remorso mas a dor, a humilhação e um ódio oculto durante muito tempo.

Mas que sentido tinha ocultar esse ódio se realmente o sentia? Os amigos se separaram. Byam o teria compreendido sem necessidade de uma explicação. Jamais contaria a ninguém a verdade, se não pelo bem do Anstiss, pelo seu próprio.

Pitt acelerou o passo.

Ou acaso era esta a primeira vez que Anstiss se dava conta da culpa de sua esposa? Possivelmente até agora tinha aceito a palavra do Byam assim como a inocência da relação, uma relação em que só ela tinha imaginado amor.

A ninguém tinha ocorrido perguntar ao Anstiss onde se achava na noite que assassinaram ao Weems. Nunca foi considerado suspeito. Ele era a parte ofendida, não o ofensor.

A parte ofendida.

Inconscientemente, Pitt diminuiu o passo. Certo. Anstiss era a pessoa ofendida. Em nenhum momento fez nada que demonstrasse que odiava ao Byam ou que desejasse outra coisa que não fosse esquecer o assunto. Não parecia a classe de homem capaz de atuar sob uma raiva tão incontrolada para cometer um assassinato.

Não. Se era ele quem tinha golpeado e atirado em Weems, tinha que haver um motivo muito mais poderoso que o desejo de evitar pagar uns quantos guineus pela chantagem de uma carta que marcava sua falecida esposa como uma adúltera.

Tinha deixado a praça atrás e caminhava com passo rápido em direção à parada do ônibus para voltar para casa. Era cedo, mas queria falar com Charlotte.

O ônibus demorou uma eternidade em chegar e quando o fez estava abarrotado de gente. Pitt se sentou entre duas enormes damas que levavam cestas de compra, mas mal reparou nelas, pois continuava pensando no Anstiss e seu orgulho terrivelmente ferido por causa da obsessão de sua esposa pelo Byam. Era uma carta apaixonada e impudica. Havia algo teimoso, quase dominante nela. Sua percepção da Laura Anstiss tinha mudado por completo. Tinha-a imaginado como uma mulher frágil, deliciosamente feminina, de uma beleza obcecante, e seu suicídio como um sofrimento em solitário.

Na carta, entretanto, parecia muito mais enérgica, quase controladora, como se esperasse ser obedecida. Realmente era uma beleza tão crédula? Pitt pensou que, se a houvesse conhecido, não teria gostado dela.

Possivelmente Byam ficara perplexo e decidiu rechaçá-la depois de sucumbir à tentação física. Isso explicaria seu remorso inclusive depois de tantos anos. Tinha traído

Anstiss ao fazer amor com Laura, e quando conheceu melhor o caráter desta, rechaçou-a sem olhar.

Chegou a casa ainda absorto em seus pensamentos. Chamou por Charlotte, mas ao não obter resposta cruzou a cozinha e saiu ao jardim.

-Thomas!- exclamou ela. Estava podando uma roseira. -O que ocorre? Está bem?

Pitt olhou ao redor.

-E as crianças?

-No colégio. São só três horas. O que ocorre?

-Claro, tinha esquecido. Queria falar com você.

Charlotte lhe estendeu o cesto e ele o segurou enquanto ela prosseguia com sua tarefa.

-Sobre o que?

-Sobre lorde Anstiss.

Ela captou seu nervosismo e, deixando as mãos suspensas sobre a seguinte rosa, olhou-o.

-Pensa que está atrás da sociedade secreta?- Deixou as tesouras na cesta e abandonou a tarefa. -Acredito que tem razão. Será melhor que falemos dentro.

-Não, não acredito- respondeu Pitt, mas ao dizê-lo trocou de opinião. -Acredito que poderia ser o assassino do Weems, mas não posso lhe dizer bem por que. Tenho alguns motivos possíveis, mas nenhum parece suficiente.

Charlotte enrugou o sobrecenho.

-Duvido que recorresse ao assassinato simplesmente para que a polícia encontrasse provas incriminadoras contra Carswell e certos cargos policiais, mesmo que quisesse levar-se quanto fazia referência a lorde Byam, seu amigo e presumivelmente membro da sociedade. Anstiss é um homem bastante inteligente para idealizar uma melhor forma de conseguir isso.- Charlotte sacudiu negativamente a cabeça. -Uma forma menos extrema ou perigosa para ele. O assassinato do Weems parece mais produzido por um arrebatamento, e Anstiss é um homem frio e com um grande controle de si mesmo, não lhe parece?

-Sim, mas poderíamos estar equivocados. Às vezes sob uma fachada de serenidade se ocultam emoções muito fortes.

Charlotte entrou na cozinha e deixou o cesto na mesa. Logo, pôs água a ferver e tirou o jogo de chá.

-Lorde Byam seria capaz de perder os nervos- disse, -mas continuo acreditando que

Anstiss não, embora saiba que isso não demonstra nada. Necessitaria uma razão muito boa para fazer algo tão perigoso.

-Sei.- Pitt se sentou.

-Almoçou?- Charlotte tirou do armário pão, manteiga, queijo e fruta em conserva.

-Byam ainda está sendo chantageado- continuou ele.

-Por dinheiro?- perguntou ela enquanto passava manteiga no pão.

-Diretamente não. Segundo lady Byam alterou radicalmente a política de empréstimos a certos países africanos. Um velho amigo e colega foi vê-lo não faz muito e tiveram uma forte discussão. Acusou ao Byam de ir contra seus princípios. Byam está passando um mau momento. Mal dorme e parece um fantasma.

-Peter Valerius- disse Charlotte.

-Peter Valerius é o chantagista?- perguntou desconfiadamente Pitt.

-Não! Peter Valerius é o que me falou do capital de risco.

-Do que está falando? Por que está interessada no capital de risco? E o que é isso?

Charlotte retirou a água do fogão e encheu o bule.

-O tema não me interessa, mas Valerius me falou dele porque acredito que o teria contado a qualquer um que tivesse tido a amabilidade de lhe escutar ou a impossibilidade de escapar. O capital de risco é um dinheiro que pode obter sob um tipo de interesse elevadíssimo quando se acha em uma situação desesperada e ninguém mais está disposto a lhe emprestar isso Estou falando de indústrias e países, não de pessoas.- voltou-se para olhar ao Pitt. Não lhe era fácil explicá-lo porque ela mesma mal o entendia. - Imagina que tem uma grande indústria e lhe acabou o dinheiro. Os gastos aumentaram e os benefícios diminuíram, e seu banqueiro, alguém como Byam, nega-se a ajudá-lo. Dada a situação, pode recorrer a alguém que lhe empreste capital de risco a um interesse muito elevado e em troca de um terço da companhia, e aí é onde poderia entrar Anstiss. Se está desesperado e pode perder tudo, se for um país pequeno e todo seu negócio depende da exportação e sua gente morre de fome...

-Ah-a interrompeu Pitt. -Compreendo. Mas ignoro se Anstiss está relacionado com o capital de risco.

-Se essa for a razão pela qual alguém está fazendo chantagem ao Byam, alguém tem que está-lo.

Pitt começou a comer, faminto apesar de tudo.

-Preciso saber mais coisas sobre o Anstiss- disse com a boca cheia.

-Onde estava quando Weems foi assassinado?- perguntou Charlotte enquanto lhe enchia a xicara de chá.

-Não sei, mas deveria averiguar-lo faz muito.- Pitt terminou o pão e alcançou a xícara. Assim que terminasse de almoçar iria ver esse Peter Valerius. Precisava averiguar se Anstiss se beneficiara da decisão do Byam.

-Onde trabalha Valerius? Porque suponho que trabalha.

-Não tenho nem idéia, mas provavelmente Jack saiba. Pergunte a ele.

Pitt se levantou.

-Farei-o.- Beijou-a. -E obrigado.

Chegou a casa de Emily em um cabriolé e teve a sorte de que Jack estava ali e lhe explicou onde podia achar ao Peter Valerius. Às cinco menos quarto se achava passeando com ele pelo Piccadilly, esquivando-se de transeuntes, saltando por cima de deságües e salvando-se de carretas.

-É o primeiro que me veio à cabeça- acautelou Valerius. -Suponho que quererá alguma prova documentada.

-Se tiver razão, sim- respondeu Pitt, acelerando o passo para não ficar atrás.

Valerius saltou ao meio-fio com presteza. Um cavalo se desviara bruscamente e o cocheiro soltou uma réstia de maldições.

-Sinto muito!- gritou Valerius por cima do ombro. Sorriu ao Pitt. -Anstiss se acha detrás de muitos entendimentos financeiros e é o principal acionista de alguns bancos mercantis. Ele e seus sócios têm possibilidades de ganhar uma enorme fortuna se as indústrias africanas recorrerem ao capital de risco. O interesse de um só ano bastaria para nos manter a muitos de nós durante toda uma vida, para não mencionar a cessão de um terço da companhia e seus benefícios a perpetuidade.- Valerius retesou o rosto e seus olhos se encheram de uma indignação que raiava o ódio. -Não se importam que estejam roubando a um pequeno país apanhado em um círculo vicioso de empréstimos, fixação de preços e guerras comerciais, que

carece do poder e os meios necessários para lutar.

Pitt puxou Valerius quando este estava a ponto de cair à sarjeta e ser atropelado por uma carruagem.

-Obrigado- disse distraidamente. -É um dos crimes mais monstruosos de hoje em dia, mas ninguém parece se importar.

Pitt carecia de argumentos consoladores e detestava os tópicos. Olharam a um lado

e outro da rua e cruzaram justo antes de que uma carruagem passasse a uma velocidade temerária.

-Idiota- replicou Pitt entre dentes.

-Conseguirei-lhe provas- disse Valerius, absorto em seus próprios pensamentos.

-Obrigado- disse sinceramente Pitt. -Me poderia trazer isso à delegacia de polícia do Bow Street?

-Certamente. Até que hora estará ali?

-Esta noite?

Valerius sorriu.

-É claro. Pensava que tinha pressa.

-Assim é.

-Nesse caso nos veremos no Bow Street.

E agitando uma mão, Valerius pôs-se a andar pela rua Half Moon até desaparecer.

Pitt se dirigiu ao Bow Street com uma nova sensação de esperança.

Uma vez ali foi ao escritório de Drummond e bateu na porta. Ao entrar soube que algo ia mau. Drummond parecia tremendamente infeliz. Estava pálido e havia fúria em cada ângulo de seu corpo.

-O que ocorre?- disse Pitt. -Byam?

-Não, o canalha do Latimer. É um autêntico indesejável.

Vindo de um homem como Drummond, não podia haver pior condenação. Ser um indesejável significava que uma pessoa já não tinha remédio.

-O que fez?

Pitt pensou em todas as possibilidades, mas nenhuma lhe pareceu bastante terrível para justificar semelhante desprezo.

Drummond tinha o olhar aceso.

-Onde estava?

-Acredito que estou a ponto de resolver o caso Weems-respondeu Pitt. -Não tem nada que ver com o Latimer.

-Sei.- Drummond se voltou para a janela. -Maldito canalha!

-Diz isso por causa das brigas sem luvas?

Drummond se voltou com uma faísca de esperança na voz.

-Que brigas?

-Latimer aposta nas brigas a punho descoberto. Daí obtém seus ganhos

extraordinários, não do Weems. Não o disse?

-Não, não me disse isso! Não se faça de ingênuo, Pitt. Tampouco me disse que Urban trabalhava em um teatro de variedades do Stepney e que provavelmente roubava obras de arte.

Pitt sentiu um calafrio.

-Então, como sabe?

-Porque Latimer me contou isso, evidentemente.

-Contou-lhe sobre Urban? Mas por...?- Não precisou terminar a pergunta para compreender a resposta.

O Círculo Interno. Latimer tinha demonstrado sua obediência cega delatando ao Urban, convertendo-se em seu verdugo em nome da irmandade. Drummond sabia e essa era a razão de seu aborrecimento.

-Compreendo- disse Pitt.

-Seriamente?- respondeu Drummond lançando faíscas pelos olhos. -Seriamente? Esse maldito Círculo Interno.

-Sei.

Ficaram quietos, olhando-se, até que os olhos do Drummond se apagaram.

-Naturalmente que sabe.- sentou-se em frente à sua escrivaninha e indicou uma cadeira. -Tenho uma boa notícia. Esse idiota do Osmar tornou a fazê-lo e esta vez o pilharam além de toda dúvida. Estava em um vagão público da linha Waterloo.- Seus olhos brilharam com uma faísca de humor. -Descobriu-os uma anciã de reputação e honestidade irrepreensíveis. Ninguém duvidará da viúva lady Webber quando disser que a conduta do Osmar era imperdoável e sua indumentária inadequada para trazer em público. E o mesmo opinava da jovem dama, de profissão muito evidente. Desta vez ninguém o defenderá.

Pitt se teria posto-se a rir em outras circunstâncias. Agora mal foi capaz de esboçar um sorriso.

-A que veio?- perguntou Drummond.

Pitt lhe contou quanto sabia ou achava saber sobre lorde Anstiss, suas suspeitas a respeito do Weems e da carta, a informação de Charlotte relativa ao capital de risco e sua conversa com o Peter Valerius.

-Tem a carta?

Pitt a extraiu do bolso e a estendeu.

Drummond a leu lentamente com o sobrececho franzido e o rosto muito sério. Levantou a vista, perplexo e extranhamente decepcionado.

-Não imaginava Laura Anstiss desse modo.- Sorriu brevemente. -O certo é que pouco importa.

-Eu tampouco- concordou Pitt. -É uma carta enérgica, inclusive brusca.

-Exato. E se diria que Byam não foi muito honesto conosco. A carta faz pensar que eram amantes, mas ele o negou. Não me surpreende que ainda se sinta culpado.

Pitt olhou ao Drummond. A carta descansava sobre a escrivaninha, entre os dois, e sabia que também lhe criava certa rejeição.

-Acredito que depois de seu êxito com o Byam, Weems também o tentou com o Anstiss- disse Pitt.

Drummond escutava-o.

-Mas desta vez tropeçou com um homem de caráter muito diferente- prosseguiu Pitt. - Anstiss perdeu a calma e o golpeou com sua bengala. Se formos a casa do Anstiss e encontramos a bengala, acredito que poderíamos achar restos de sangue ou cabelo dele.

Drummond apertou os lábios, mas seu olhar era de consenso.

-E uma vez que Weems ficou inconsciente- continuou Pitt, -viu a oportunidade de matá-lo. Provavelmente Weems já lhe tinha comunicado que estava chantageando ao Byam, de modo que Anstiss carregou o trabuco e disparou. Logo pegou os papéis que incriminavam ao Byam e a carta, provavelmente ignorando que existia outra folha. Em seguida deixou a lista que incriminava aos membros dissidentes do Círculo Interno, do qual ele é um cabeça, para castigá-los.

Atrevo-me a dizer que descobriu seus segredos através da irmandade. Anstiss tomou a substituição na chantagem ao Byam para obrigá-lo a modificar suas decisões em matéria de financiamento internacional, o qual lhe permitiria entrar com seu capital de risco. O benefício tinha que ser enorme.

Drummond permaneceu calado uns instantes. Logo levantou um olhar pouco convencido.

-Temo que está indo muito longe, Pitt. São muitos os motivos atribuíveis ao Anstiss e muito insignificantes para induzir a um homem inteligente e sereno a cometer um assassinato, sobre tudo tendo em conta que já possui riqueza e poder. Posso acreditar que aproveitasse a morte do Weems e a vulnerabilidade do Byam para prolongar a chantagem e obrigá-lo a trocar suas decisões políticas sobre os empréstimos africanos, mas me custa imaginar o cometendo um assassinato a sangue frio para consegui-lo. E, francamente, embora tivéssemos provas de que se beneficiou, duvido que conseguíssemos convencer ao jurado. De fato, nem sequer acredito que conseguíssemos que o promotor levantasse



um expediente contra ele.

Pitt não queria dar-se por vencido.

-Talvez Anstiss não tinha visto a carta até que Weems a mostrou.- sugeriu. -E ignoramos o que dizia a outra folha, mas se seguia a linha da que temos nós, pode ser que fosse às nuvens e decidisse vingar-se do Byam, sobre tudo se também lhe contou que nunca foi o amante de Laura, que ela sofreu uma teimosia repentina e que ele a rechaçou assim que se deu conta de que ia a sério. Se Anstiss tinha acreditado nele e perdoado durante tantos anos, é possível que ao ver a letra da Laura expressando seu amor por...

Pitt se deteve. Não era necessário terminar a frase. Uma coisa era a teimosia e outra que pusessem um a um os chifres em sua própria casa.

-Isso é mais acreditável- disse Drummond. -Se Anstiss sempre

acreditou na inocência do Byam e na virtude de sua esposa, embora não em seu amor, deve se supor um golpe muito forte para ele descobrir a verdade. O bastante para lhe fazer perder o controle o tempo suficiente para golpear o rosto sorridente do Weems, matá-lo e depois destruir ao Byam. Mas pode prová-lo?

-Não sei.- Pitt meneou a cabeça. -Valerius me trará provas sobre a conexão financeira que bastarão para poder interrogar ao Anstiss. Logo poderíamos procurar a bengala ou demonstrar que perdeu uma não faz muito. Não acredito que demos com o trabuco nem que Anstiss conserve a carta do Weems.

-O primeiro é ver se podemos demonstrar que Anstiss esteve na Rua Cyrus- indicou Drummond, -ou se ele pode demonstrar que esteve em outro lugar. A que hora virá esse Valerius?

-Esta noite.

-Não precisou a hora?

-Não. Disse que não demoraria muito, mas não quis pressioná-lo.

Drummond se levantou lentamente, como se tivesse o corpo intumescido.

-Nesse caso, irei ver o Byam para lhe dizer que já não é suspeito. Levará uma forte impressão se o assassino for Anstiss. São amigos de toda a vida.

-Não tão forte quando souber que leu a carta da Laura- respondeu secamente Pitt.

Drummond se limitou a recolher seu chapéu e sua bengala do cabide junto à porta.

Caminhou perto de um quilômetro e meio antes de deter um cabriolé para que o levasse ao Belgrave Square. Do rio chegava uma brisa fria e a névoa era cada vez mais espessa. Necessitava tempo para pensar, embora nem todo o tempo do mundo alteraria

os fatos. Dispunha-se a dar a Eleanor o que mais desejava: a inocência de seu marido, inclusive sua liberação da segunda chantagem. Drummond conhecia o conteúdo da carta, a prova de que a relação do Byam com a Laura Anstiss não tinha sido tão inocente como ele assegurava, mas isso não o diria a Eleanor.

Passou junto a um grupo de damas e tocou o chapéu ao mesmo tempo que elas inclinavam a cabeça.

O que Byam decidisse contar a Eleanor era seu problema, e se ela descobria que lhe tinha mentido, continuava sendo seu problema. Provavelmente o perdoaria e trataria de esquecê-lo. Tinha ocorrido vinte anos atrás e antes de que ele a conhecesse. E depois disso Drummond já não voltaria a vê-la, salvo em algum ou outro ato social, mas nem sequer sabia se desejava isso. Decidiria-o mais adiante.

Um conhecido passou em uma carruagem aberta e Drummond lhe saudou distraidamente. Por que se cruzava com tantos conhecidos quando mais desejava estar só?

Deteve um cabriolé e subiu.

Chegou ao Belgrave Square muito rápido. Desceu e pagou ao cocheiro. Não havia nada mais que decidir, nada mais que pensar. Subiu os degraus e puxou a campainha.

O mordomo abriu a porta e supôs, pela grave expressão de seu rosto, que trazia más notícias.

-Aviso a lorde Byam, senhor?- perguntou.

Drummond se obrigou a adotar uma expressão mais alegre.

-Sim, por favor. Tenho boas notícias para ele.

-Muito bem, senhor.- O homem arqueou as sobrancelhas. -Me alegro.- E depois de conduzir Drummond até a biblioteca, afastou-se.

Nessa noite a lareira estava acesa apesar de que era verão e restavam muitas horas de luz. A névoa tinha espessado e o ar era úmido. Agradecendo o resplendor do fogo, Drummond se dirigiu para ele.

Byam chegou quase imediatamente. Drummond se alegrou, em parte, de que Eleanor não o acompanhasse. Desse modo lhe ia ser mais fácil falar.

-O que descobriu?- perguntou Byam sem mais preâmbulos. Tinha o rosto pálido e as faces ligeiramente avermelhadas, e seus olhos pareciam febris. Tinha fechado a porta atrás de si, isolando os dos criados, Eleanor e o resto da casa. -Sabe quem matou ao Weems?

-Acredito que sim- respondeu Drummond.

Surpreendia-lhe que Byam o tivesse perguntado tão diretamente. Tinha vindo com intenção de ser ele quem controlasse a conversa.

Byam fingia despreocupação, mas sob sua elegante indumentária se adivinhava um corpo tenso. Respirava com dificuldade, como se algo lhe pressionasse os pulmões e a garganta.

-É... é alguém que conheço?- clareou a garganta: -Estava fazendo chantagem a alguém mais? Ou foi um de seus devedores?

-Foi alguém a quem Weems estava fazendo chantagem-respondeu Drummond. -Mas ainda não o prendemos, assim preferiria não lhe contar nada mais. Vim lhe dizer que já não tem que preocupar-se com sua segurança e sua reputação.

-Estupendo. Estou-lhe muito agradecido.- Byam engoliu em seco. -Se comportou com suma consideração, Drummond. Aprecio sua generosidade.

Drummond se sentia dolorosamente envergonhado, consciente de seus sentimentos e de seus atos, coisas que confiou em que Byam não conhecesse.

-Suponho que o prenderão- prosseguiu Byam, mais para encher o silêncio que por interesse.

-Amanhã- respondeu Drummond. -Ainda nos faltam provas documentais.

Byam fez gesto de falar, mas logo calou. Não parecia muito contente, tendo em conta a importância da notícia que Drummond acabava de lhe comunicar. Diria-se que não tinha nada que ver com sua angústia.

-Sabemos que você não é culpado- repetiu Drummond se por acaso Byam não tinha compreendido que seu sofrimento tinha terminado. -E já não lhe farão mais chantagem-acrescentou.

-Claro. Se Weems estiver....

-Refiro-me ao segunda chantagem, que lhe fez alterar a política de empréstimos às indústrias do império africano a fim de obrigá-las a recorrer ao capital de risco. Era o mesmo homem e sua detenção acabará contudo.

Byam tinha ficado imóvel.

-Pensava... pensava que era um sócio do Weems- disse com voz muito baixa. -A pessoa a quem lhe deixou os papéis para proteger-se.

-Não, era seu assassino. Depois de matar ao Weems levou a carta e lhe fez chantagem com ela, só que desta vez não por uns guineus, mas sim por uma decisão política que tinha que lhe reportar enormes benefícios.

Drummond compreendeu nesse momento que Byam necessitava de algo mais além

para se saber livre de toda suspeita. Nunca poderia corrigir as decisões tomadas desde seu cargo nem o remorso por ter dado prioridade a sua reputação pessoal frente a sua honra política.

-Sinto muito- disse Drummond. Não era uma desculpa.

Byam estava pálido, como se não ficasse uma gota de sangue nas veias.

-E diz que Weems também fazia chantagem ao assassino?

-Sim.

-Por dinheiro?

-Provavelmente, mas não funcionou. O homem o matou.

Byam cambaleou. Empurrou as palavras entre seus lábios secos.

-E levou a carta?

-Sim.

Drummond temeu que Byam fosse desmaiar.

-Como... como descobriu...?- bradou Byam.

-A partir da carta- respondeu. -Pitt achou uma das folhas. Quer que lhe traga algo?

Um pouco de brandy?

-Não! Por favor, vá ...lhe estou...- Byam tossiu e respirou com dificuldade. -Lhe estou muito agradecido.

Drummond permaneceu quieto por um instante e logo saiu da biblioteca.

Encontrou ao mordomo.

-Acredito que lorde Byam não se encontra bem- disse. -Será melhor que entre e veja se pode ajudá-lo.

-Sim, senhor.

E o homem, depois de fazer um sinal ao lacaio, obedeceu. Drummond aceitou o chapéu e a bengala que lhe estendia o lacaio e saiu na noite úmida e fria.

Pitt se reuniu com o Drummond às oito da manhã do dia seguinte. A névoa ainda não tinha diminuído e as ruas estavam molhadas. Seus passos ressoaram ao descer do cabriolé e subir os degraus da casa de lorde Anstiss. Drummond puxou a campainha.

Passaram uns intermináveis minutos até que o lacaio abriu. Surpreendeu-lhe tropeçar com duas pessoas que não conhecia estas horas da manhã.

-Sinto muito, senhor- se desculpou. -Lorde Anstiss ainda não recebe visitas.

Pitt lhe mostrou sua placa de polícia.

-Receberá-nos- disse, passando junto ao homem.

-Não o fará, senhor! A estas horas certamente que não.

Drummond entrou atrás dele e instintivamente dirigiu o olhar ao cabide onde descansavam duas bengalas e um guarda-chuva. Pitt levantou ambas as bengalas e examinou as pontas.

-Ouça!- replicou o lacaio. -Não pode fazer isso! São do senhor. Dê-me isso.

-São as bengalas de lorde Anstiss?- perguntou Pitt. -Tem certeza?

-Claro que tenho certeza! dê-me isso.

Drummond aguardava, desanimado. Tinha começado a pensar no descrédito e na vergonha que passariam se no final se demonstrasse que estavam equivocados.

Pitt, entretanto, parecia muito seguro do que fazia.

-Tranqüilize-se- disse com suavidade ao lacaio. -É uma prova, pelo menos esta.

-Seriamente?-perguntou Drummond.

Pitt não alterou a gravidade de seu rosto, mas seus lábios relaxaram ligeiramente.

-Há uma mancha avermelhada incrustada na madeira. -Olhou ao lacaio. -Temos que ver lorde Anstiss. Não se preocupe com o que possa lhe dizer. Somos policiais e não tem mais opção que avisá-lo. Esperaremos aqui embaixo.

-Maldito seja, Pitt!- exclamou Drummond entre dentes. -Nem que fosse a pôr-se a correr!

Pitt olhou-o com teimosia, sem mover-se de seu lugar.

-Será melhor que suba para despertá-lo- ordenou finalmente Drummond. A sorte estava lançada.

O lacaio subiu e ao cabo de três minutos desceu com o semblante nervoso e acalorado.

-Não posso entrar e tampouco consigo que me responda. Ocorre algo, senhor? Aviso ao senhor Waterson?

-Não, nós subiremos- disse Pitt sem dar ao Drummond a possibilidade de sugerir outra alternativa. -É um moço robusto. Será melhor que suba conosco se por acaso precisarmos forçar a porta.

-Não poderei fazê-lo!

-Sim poderá.- Pitt iniciou a ascensão subindo os degraus de dois em dois enquanto Drummond e o lacaio se esforçavam por segui-lo.

-Por onde?- perguntou ao chegar acima.

-À esquerda, senhor.- O lacaio se adiantou e se deteve na primeira porta da ala leste.

-Aqui é, senhor, mas a porta está fechada com chave.

Pitt virou o trinco. Era verdade.

-Lorde Anstiss!- gritou.

Não houve resposta.

-Vamos!- ordenou.

Ele, Drummond e o laçao aproximaram o ombro e se jogaram contra a porta com todas suas forças. Na quarta tentativa a fechadura estalou e irromperam no dormitório dando tropeções. O laçao cruzou o escuro aposento e abriu as cortinas. Depois, quando se voltou para contemplar a cama com dossel, soltou um grito e caiu desacordado ao chão.

-Deus Todo-poderoso!- balbuciou Drummond.

Pitt sentiu um salto no estômago, mas se aproximou até a cama.

Sholto Byam e Frederick Anstiss jaziam nus um junto ao outro. Anstiss estava coberto de sangue, com um corte ao longo na garganta, a cabeça extranhamente inclinada e o olhar cheio de terror. A seu lado jazia Byam, mais comedido, como se soubesse que ia morrer e quase o agradecesse, e a angústia se esfumara de seu rosto. Uma faca de folha longa descansava a seu lado e tinha um corte em ambos os pulsos. Estava rodeado de sangue, como se, uma vez finalizado o ato, tivesse permanecido imóvel e em paz enquanto a vida ia.

Frente à porta uma criada gritava histéricamente, mas o laçao era incapaz de ajudá-la. Soaram uns passos pelo corredor.

Sobre o travesseiro, junto à cabeça do Byam, havia uma carta dirigida não ao Drummond, mas ao Pitt. Este a pegou.

A estas alturas é provável que já saiba a verdade. Micah Drummond me contou que tinha encontrado a outra metade da carta dirigida a mim, e você sabe que não foi Laura quem a escreveu, mas Frederick. Laura, a pobre, não me amava. Nunca esquecerei a noite na qual achou ao Frederick e a mim na cama.

Outras mulheres teriam decidido calar-se, mas ela não. Frederick e eu a matamos e dissemos que tinha sido um acidente. Concebemos a idéia do suicídio se por acaso alguém não achasse que tivesse escorregado. Era preferível à verdade e, claro está, foi o que contei ao Drummond quando o maldito Weems começou a me fazer chantagem.

Mas quando o tentou com o Frederick, a coisa foi diferente. A carta estava escrita com a letra do Frederick, e quando Weems se deu conta disso-

possivelmente dispunha de outra carta como referência, Frederick, naturalmente, teve que matá-lo. Weems conhecia a verdade sobre nós e provavelmente também sabia que tínhamos matado a Laura.

Ignoro se Frederick me teria delatado depois que a polícia o tivesse detido, e possivelmente tampouco importa já. Amei-o durante todos estes anos e ele afirmava que me queria. O fato de que me tivesse feito chantagem com os empréstimos africanos e corrompido minha melhor obra me é impossível de suportar e de perdoar.

Frederick me afundou e afundou todo aquilo no que acredito: o amor e a honra. Vou assegurar-me de que morra de uma forma tão escandalosa que Londres não o esqueça jamais.

É quanto tenho que dizer. Aqui termina tudo.

Sholto Byam

Pitt passou a carta ao Drummond.

Drummond a leu lentamente e levantou a vista. Estava pálido.

-Puxa!.

Waterson estava junto à porta, paralisado. Alguém tinha levado a criada. O laçao continuava no chão.

-Será melhor que fale com lady Byam- disse Pitt. -Você é a pessoa idônea. Eu me encarregarei disto.

Drummond vacilou um instante, preso do remorso e da pena.

-Aqui já não podemos fazer nada- lhe assegurou Pitt. -Agora devemos nos ocupar dos vivos.

Drummond lhe pegou uma mão e a estreitou, com tanta força que deixou uma marca na pele. Depois virou sobre seus calcanhares e partiu.

Pitt se voltou para a cama e, com suma delicadeza, puxou o lençol para cobrir o rosto dos finados.

Fim





O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

---

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

---

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

**Venha participar da nossa Equipe!**

**Esperamos que sua leitura  
tenha sido ótima!**